

MÁRIO
FERREIRA
DOS SANTOS



*Dicionário de Pedagogia
e Puericultura*



AG



COG 64

**Dicionário
de
Pedagogia e Puericultura**

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

Dicionário de Pedagogia e Puericultura

PUERICULTURA

de autoria de

YOLANDA BURGUETE SANTOS

I Volume

A - G

EDITORA MATESE

Av. Irerê, 832 (Planalto Paulista) — SÃO PAULO — BRASIL

INTRODUÇÃO NECESSÁRIA PARA O BOM MANUSEIO DESTA OBRA

AOS PAIS E MESTRES

Quando nos debruçamos sobre a História, notamos que, em todos os ciclos culturais, há sempre algo da cultura que ascende, ao lado de algo que declina. A um fluxo de ascensão, há um refluxo de degenerescência. Ou, em suma, há sempre um mundo que nasce ao lado de um mundo que morre, um progresso ao lado de um retrocesso, alternância inevitável de toda a vida biológica e de toda vida social. Contudo, por entre essas fases de alternância, observam-se graus maiores de ascensão ou de declínio, sendo raros os momentos em que nos parece que o que se eleva e o que recua se equilibram, pois o mais observável é que um lado prepondera sobre o outro, ou, então, a par da mais alta ascensão, observa-se o mais acentuado declínio.

Se tivermos o critério de bem observar a História, tais aspectos da alternância são evidentes. Muitas vezes nos ofusca o brilho do que ascende, o que nos leva a não percebermos, nitidamente, o que declina, e essa é a razão porque erramos tantas vezes ao apreciar os acontecimentos históricos. Quando olhamos o século de Péricles, notamos, facilmente, os aspectos ascensionais de um período brilhante, e não notamos a precipitação acentuada do que morria e terminaria por deteriorar todo aquele ciclo de tantas magníficas obras e orgulho da humanidade. Assim, também, ao vermos a ascensão do período de Augusto, em Roma, pouco notamos que o império romano estava ferido mortalmente já pelo que o levaria a desaparecer, como ao notar a pujança da fase de Luís XIV, na França, não é fácil sentir a decadência da nobreza, que precipitaria a vitoriosa revolução burguesa, da qual a Tomada da Bastilha é o grande símbolo. E assim aconteceu com todos os povos do mundo, em todas as eras da História.

Aquêles que observam hoje o desenvolvimento da técnica aliada à ciência, o progresso inegável do maquinismo, a vitória

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Impresso na Gráfica e Editôra MINOX Ltda. para a Livraria e Editôra LOGOS Ltda. — Rua 15 de Novembro, 137 — 8.º andar
— Tel.: 35-6080 — Distribuição da EDITORA MATESE —
SÃO PAULO — BRASIL

do homem sobre as forças brutas da natureza, não percebem senão o que é ascendente, e não vêem que se deteriora um sentido mais qualitativo da vida, para ser substituído por um mais quantitativo, um sentimento nobre ceder a uma visão meramente utilitária, uma segurança de crença a uma insegurança universal, o alargamento das angústias, a ameaça do desespero, e uma redução da cultura mais profunda, que cede lugar a uma disseminação mais rápida do conhecimento, contudo sem profundidade. Pode-se sentir que se multiplicam as escolas, proliferam as universidades, mas o nível médio das elites decai assustadoramente. Desviados os estudiosos de hoje do que de grande realizou, no campo da cultura, a humanidade em seu passado, empolgados por um falso espírito de novidade, de modismos inconsistentes, o novo, o inesperado, o inaudito pode surgir, como surge, aos olhos de muitos desavisados, como a *última palavra do saber*, um degrau mais alto do conhecimento, e que o conhecimento humano se desenvolve numa espiral ascendente, preconceito ingênuo e supinamente falso de que o progresso humano só é feito de vitórias, e que ao lado dessas não conheça derrotas. Esse engano, fruto da ingenuidade e da pouca advertência, e sobretudo da ignorância do que de maior foi realizado pelos homens, leva muitos a julgarem que o que é apresentado como novidade cultural seja mais elevado do que o proposto pelos antigos, sem, no entanto, saberem que muitas vezes se incide em velhos erros, já refutados com séculos e até milênios de antecedência, mas que encontram em "colombos retardados", em "falsos profetas", um novo resurgir, velhos fantasmas do passado, que são esgrimidos como brilhantes realizações da mente humana, quando, na verdade, não passam de meros desfalecimentos, de frutos da nesciência, muito embora revestidos de uma autopromoção pretensiosa de mentes improvisadas e auto-suficientes.

É o que se observa, por exemplo, na *Psicologia*, e, como consequência, nas disciplinas que com ela se entrosam, como a *Pedagogia*.

Assim como há uma *Filosofia especulativa*, que se move num mundo de formas, refletidas pela mente humana, na qual se buscam os nexos eidéticos, que constituem o *nexo de idealidade*, que *há na realidade*, há, também, uma *Filosofia prática*, cujo objetivo principal é a *praxis* humana, e que se move num mundo de observações e de experiências sobre o que o homem realiza no decorrer da sua dramaticidade (de *drama*, em grego, que quer dizer: ação).

Desprezar uma pela outra foi um erro de consequências graves. Erro é desprezar a *praxis* para permanecer apenas na eideti-

cidade dos conceitos, como erro é desprezar a eideticidade para considerar apenas a prática. Que haja aqueles que se preocupam apenas com um ou outro setor, nada se tem a alegar em oposição, porque é mister os que observam apenas, que apenas anotam, que apenas acumulam dados. Mas permanecer somente numa ciência protocolária, que apenas ficha acontecimentos, seria fazer obra de acumulação, de agregação de fatos. Esse mister é nobre, sem dúvida, mas se apenas permanecermos nêles, longe estaremos de realizar o entrosamento de tais fatos, e dêles descobrir os nexos que os ligam, fonte das leis, sem as quais não é possível a construção de um saber superior. Também seria um erro se permanecêssemos apenas especulando sobre as idéias, desprezando a riqueza que nos oferecem os fatos.

O verdadeiro cientista, pelo menos o maior, aquele que está num degrau mais alto do conhecimento, não pode permanecer no campo apenas do protocolário, da anotação dos fatos apenas fichados. É mister que também saiba reunir, conjugar, conexionar, realizar ilações superiores, que construam as normas gerais de um saber culto, de um saber epistêmico.

No entanto, se se souber navegar por essas águas, em que há o multifário de um lado e o homogêneo do outro, o conhecimento humano, só então pode alcançar níveis mais altos e realizar, verdadeiramente, um progresso.

Aquêles que julgam que nada temos a buscar no passado revelam a sua ignorância do passado. Também erram aqueles que julgam que no passado está tudo, e que o presente é apenas erro, que é a semente de um futuro que devemos temer. Na verdade, a cultura é algo que se fundamenta no passado, para, por meio do presente, construir o futuro. Uma visão bifrontal, capaz de saber utilizar o que de grande nos legaram nossos avós para projetar o pensamento do presente para devassar o amanhã, é a tarefa que está a exigir homens de mente forte, de mente saudável, de um querer poderoso.

Não podemos, para o campo de ação em que se desenvolve esta obra, menosprezar o que de grande nos oferece a Psicologia especulativa como contribuição extraordinária para a Pedagogia. E esta não pode ser apenas uma ciência prática, embora seja mais intensamente prática que teórica. Assim como a Psicologia prática, a Psicologia experimental só pode dar bons frutos se souber fundar-se no que há de seguro e firme do passado, do mesmo modo se dá e se dará com a Pedagogia.

Ao volvermos os olhos para as grandes contribuições da Psicologia moderna, não evitamos um estarrecimento em face de tanta afirmação precipitada, de tanta variedade de teorias e dou-

trinas inconsistentes, que se apresentam através de um vocabulário multifário e impreciso, em que psicólogos menores, desassistidos de mente mais forte, contribuem com suas precipitadas afirmativas, mais para criar confusão que esclarecimento, influyendo alguns inadvertidos a práticas psicológicas e pedagógicas, que têm sido mais prejudiciais do que benéficas, contribuindo para perturbar as mentes jovens e despreparadas para um futuro melhor que todos desejamos. Quanta infâmia, quanta desesperação, quanta delinquência no mundo moderno não têm suas raízes nas precipitadas normas de uma pedagogia falha e mal orientada! Quanta desgraça se tem semeado neste mundo, nestes últimos trinta anos de tanto progresso na Psicologia. Quantos pais, levados por uma leitura precipitada, e confiando em psicólogos, protegidos por uma publicidade criminosa por exagerada, e por não haver validade em suas precipitadas conclusões, ministraram a seus filhos conselhos, normas, e até tomaram providências, que mais contruíram para destruir mentes e personalidades, criando infelizes e angustiados, do que auxiliar os filhos para uma *inclusão na humanidade*, que os tornasse exemplares dignos de imitação? Quantos crimes semeados pela falsa cultura, pela falsa ciência! Quantas conclusões, frutos de análises imperfeitas, tornaram-se verdades definitivas, e influíram sobre inadvertidos bem intencionados? Tudo isso se deve debitar à nossa época apressada, estimulada pela velocidade, ansiosa de alcançar as metas precipitadamente. Se se fizesse, no campo da medicina, um exame dessa espécie, quantas terapêuticas, que pareciam as mais acertadas, não seriam hoje vistas como criminosas formas que mais geraram males do que bens?

Quando resolvemos fazer este Dicionário de Pedagogia e de Puericultura, estávamos perfeitamente cômicos da grande responsabilidade que assumíamos. Era mister que nosso trabalho se orientasse por dois critérios seguros:

- 1) Tínhamos de selecionar as mesmas;
 - 2) que as normas que indicássemos fossem coadunadas à nossa índole, ao nosso povo, pois havia conselhos válidos para outros povos de outras culturas, mas inaproveitáveis ao nosso.
- Orientados por essas duas finalidades, nosso trabalho de escolha, de seleção, tinha de ser cuidadoso, para que nossa obra fosse fértil. Havia de ter o máximo cuidado para evitar as precipitadas conclusões costumeiras.

Teríamos, em primeiro lugar, de nos cercarmos de obras sérias, bem escolhidas e também de contribuições nossas, fundadas em estudos de brasileiros, verdadeiramente bem orientados. Reunimos os dados mais importantes, coligimos o que de mais se-

guro havia nas obras estrangeiras. O que hoje oferecemos ao público brasileiro, temos certeza, é o que poderíamos fazer de melhor e de mais útil, evitando o excesso de tecnicismo, empregando um vocabulário mais acessível, de modo que esta obra possa ser compulsada com benefícios por mestres e, sobretudo, por pais, pois a pedagogia não pode separar, abissalmente, o lar da escola, nem estas do mundo em que vive a criança também. Ademais, teria de dirigir-se a uma meta superior: *a incorporação da criança ao mundo da humanidade, porque não podemos mais voltar à animalidade*. Temos de seguir o rumo do que é humano, e, neste, do que lhe é superior. Por tôdas essas razões, somos forçados a um rápido, mas preciso discurso sobre a Psicologia humana, que é uma justificativa da orientação que presidiu a formação desta obra, e para a qual chamamos a especial atenção dos pais e mestres.

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO — É comum confundir-se *educação* com *instrução*, mas entre êstes dois conceitos há uma nítida distinção, que devemos considerar.

A *instrução* é um conjunto de conhecimentos adquiridos pelo estudo. Pode alguém ser instruído, ter instrução, e, no entanto, não ter *educação*.

A *educação* (do latim *educatio*, de *educere*, conduzir) é o que adquirimos através dos hábitos de conduta. É a *educação* o meio de desenvolver, de forma harmoniosa, as qualidades da criança; é através do processo educativo que se forma um carácter, e a formação de um carácter é obra educacional.

Para alcançarmos um fim, precisamos estabelecer um ponto de partida, e também os meios para lá chegarmos.

Se queremos estabelecer um *método* (do grego *meth'odos*, o caminho reto, o bom caminho) precisamos partir de uma posição previamente escolhida.

Podemos classificar em três as posições pedagógicas (do grego *paidos*, criança *gogia*, condução, arte de conduzir crianças):

A *primeira* é a que chamaremos de "rousseauiana" (do nome do filósofo e escritor suíço Jean Jacques Rousseau). Parte êle do postulado de que todo ser humano é bom, de que todos os seus impulsos são benevolentes, a sociedade é que é má, e o homem torna-se mau porque a tanto é forçado pelas condições sociais.

A *segunda* é uma posição oposta a esta, porque parte do postulado de que o ser humano é mau, e que os impulsos malevolentes são os dominantes.

E a *terceira* é uma posição sincrética, o ser humano é bom e é mau. Ao nascer, traz em si tôdas as possibilidades dispostas, todos os impulsos, tanto benévolos como malévolos, e dependerá da educação que receber o dar expansão a uns ou a outros.

Aceitamos a última, e afirmamos, portanto, que a posição que um indivíduo toma na sociedade humana, está condicionada pela educação de seu carácter.

E quem é responsável pela formação de um carácter?

Primeiramente, os pais, e depois os mestres.

Consideramos sobretudo a mãe, e por isso dedicamos êsse trabalho a tôdas as mulheres que compreendem, e que sentem a grande responsabilidade que lhes cabe na educação dos homens e das mulheres do futuro.

ESQUEMAS (como se formam)

O que são os esquemas e como se formam?

Esquema vem da palavra grega *skheleton*, *skhema*, figura. Ao pensarmos num esquema, sempre temos em mente um conjunto, ou um todo, composto de partes, cujas partes funcionam para e com, êsse todo.

O esquema do corpo humano é um todo em funcionamento, um todo orgânico, composto de órgãos, os quais funcionam ordenadamente em cooperação.

Consideremos que êsse organismo não é fechado, e vive em contato com o meio exterior. Ele é vivo, e tem necessidades que precisa aplacar, que precisa satisfazer.

Para tal, tem de se acomodar ao ambiente e se acomoda segundo é organizado. Realiza o ato de *acomodação* e *assimila* o que lhe convém, o que lhe é *assimilável*, o que se pode tornar semelhante, e dejecta o que não lhe serve.

Assim temos o funcionamento de *acomodação* e o de *assimilação*, que se chama, na Biologia, de *adaptação*.

Adaptação	{	assimilação	{	equilíbrio maior ou menor
		acomodação		

O que caracteriza a *adaptação* são os elementos do mundo exterior que são ingeridos e assimilados, que são incorporados, são integrados ao organismo.

Possuímos esquemas fisiológicos, que se dão independentes de nossa consciência, como o *esquema da respiração*.

A *organização* é o conjunto do corpo humano com seus esquemas, que se coordenam.

Organização	{	esquemas hereditários
		esquemas psíquicos
		esquemas neuro-musculares

* * *

No aspecto psicológico, que é o que nos vai interessar, porque são os *esquemas psicológicos* que influem diretamente na educação, vemos que se apresenta uma grande diferença; enquanto no funcionamento biológico dá-se uma incorporação, no psicológico não se dá pròpriamente uma tal incorporação.

Na adaptação biológica, os elementos assimilados são integrados ao organismo, tornam-se partes do organismo. Na adaptação psicológica tal não se dá, e os esquemas psicológicos, embora estejam relacionados aos biológicos, diferenciam-se dêstes nesse ponto.

Há esquemas que podemos chamar de "esquemas de ligação" do biológico ao psicológico, o que esclareceremos melhor com um exemplo.

Oferecem-nos, em certa ocasião, uma fruta, de côr verde amarelada, a qual saboreamos com prazer, mas se passam os anos, e esquecemos por completo a fruta; tempos depois, ao comermos um doce daquela côr, lembramo-nos, repentinamente, daquela fruta; como se *ligássemos* o novo alimento por intermédio da côr, com o antigo, do qual já nos havíamos esquecido do paladar.

Então, o que permaneceu em nós? O que memorizamos foi sòmente o "esquema visual" da côr.

Na psicologia temos muitos exemplos, e entre êles podemos citar o da criança, que passou por um momento desagradável ao ser sustentada por uma enfermeira num exame médico. Passam-se os anos, e a criança esquece aquêle acidente desagradável, mas não suporta pessoas vestidas de branco e ao ver alguém, todo de branco, repele-o, sem saber porque.

Assim como êstes, encontramos inúmeros "esquemas psicológicos", que se fixam na infância, e que vão formar no lastro de nosso psiquismo.

A educação, podemos dizer, consiste em criar bons esquemas e também evitar os maus, mas como os esquemas podem combinar-se para formar novos, podemos transformar os maus em benéficos, e é o que se chama propriamente de *sublimação*.

Quando uma criança manifesta certo prazer em mexer nas fezes, levamo-la à modelação, dando-lhe o material próprio para que ela possa desviar seu interesse para algo sublimado.

Essa providência consiste em *sublimar* uma atividade considerada prejudicial, e assim como esta muitas outras, que possam surgir, podem ser sublimadas, não só na criança, como também no adulto.

ASSIMILAÇÃO E ACOMODAÇÃO NO SENTIDO PSÍQUICO

No sentido psíquico, a adaptação é uma combinação mais ou menos harmoniosa entre *assimilação* e *acomodação*, e para que se dê essa adaptação, é necessário existir um *equilíbrio* entre a função de assimilar e a de acomodar-se.

É através dessa função que nosso organismo, esse todo composto de órgãos, adapta-se ao mundo exterior.

A criança adquire, aos poucos, o equilíbrio fisiológico, as funções vegetativas, como a respiração, a nutrição e a eliminação.

A inteligência desenvolve-se através de um longo processo, e esse desenvolvimento está no exercício, na *complicação* (Usamos a palavra complicação no sentido filosófico de *estar implicado*, estar dentro, dos *esquemas sensório-motrizes*).

REFLEXOS FUNDAMENTAIS

O reflexo de sucção é hereditário, mas a criança, muitas vezes, não se adapta logo. É necessário o exercício. Depois, a acomodação aumenta e ao tocar nos lábios, ela já succiona, seja o que for que nêles se colocar.

Mas, para que o "esquema" se complete, são necessários a *deglutição* e o *apacamento da fome*.

Então temos: *sucção... deglutição... apacamento da fome* e fixa-se o esquema; daí em diante, quando a criança sentir fome e se der qualquer objeto, ela repele. Pode aceitá-lo no início, porque ainda não sabe diferenciar. Entretanto, ao sentir que não se realiza a deglutição, nem o apacamento da fome, ela repele o objeto e continua reclamando, até receber o seio ou a mamadeira, que lhe irão apacar a fome, e só a completação do esquema é o que a satisfaz.

Para formar esse esquema, que é o mais rudimentar de todos, a criança exige um certo tempo.

No início, dá-se a sucção em seco, os gestos são ainda desordenados. Ao tocar-se com a mão em seus lábios, pode-se provocar o reflexo de sucção, e a criança sugar os dedos, mas não sabe mantê-los nos lábios.

A coordenação dos movimentos só é adquirida a pouco e pouco. Há uma procura, um tateamento, succiona, muitas vezes, o dorso da mão, até que, através do exercício de acomodação, ela consegue equilibrar a função e, então, dá-se a consolidação do esquema por seu funcionamento.

Pode haver, também, uma auto-excitação na sucção. Ao tocarem-se nos lábios, desperta-se o reflexo, e começa a sugar os dedos.

Com a idade de cinco meses, mais ou menos, levará à boca todos os objetos que puder. Aí já se dá o succionar por succionar, o prazer, a agradabilidade da função.

A *visão* também exige algum tempo para seu desenvolvimento. A criança revela satisfação ante a luz não muito intensa.

A luz é um excitante, pode-se dizer um alimento funcional. Dá-se a assimilação, e há um tateamento para encontrá-la. Ela procura a luz.

Os movimentos vão coordenando-se. Ao chegar aos quatro meses, ela já pode fixar o olhar, vai distinguindo aos poucos quem se aproxima.

Com quatro semanas, o campo visual é de noventa graus, mas ao chegar aos três meses já é de cento e oitenta graus.

Os reflexos fundamentais são hereditários, mas as coordenações pertencem à experiência.

Os *esquemas auditivos* também necessitam exercícios. No início, a criança reage a um ruído forte. Aos poucos vai diferenciando um som, uma campainha, uma voz, etc., as coordenações auditivas também se processam a pouco e pouco.

A coordenação da visão com o ouvido se forma quando já reconhece uma voz, um som. Quando coordena a visão com o movimento das mãos forma novos esquemas.

Consideremos a diferença entre *reflexo* e *reação*. O reflexo pode-se dizer que é automático, mas a reação não o é. É a reação um movimento de resposta a um estímulo, a uma ação exterior, composta de reflexos combinados.

A boca, os olhos, os ouvidos, as mãos, são instrumentos essenciais para a construção da inteligência.

O *esquema tátil* desenvolve-se:

a) primeiros movimentos impulsivos de puro reflexo, fechamento da mão; segura, solta, manifesta interesse.

b) primeiras reações circulares relativas aos movimentos das mãos, coordena os movimentos dos olhos com os das mãos, o que irá preparando para o futuro a possibilidade da criança tomar os objetos no espaço. A mão leva os objetos à boca. Mas antes havia movimentos no espaço, vazios, como os de sucção em sêco. Neste estágio, o polegar se opõe, a pouco e pouco, aos outros dedos.

c) Coordenação entre a preensão e a sucção; leva os objetos à boca.

d) Preensão, logo que perceba, simultaneamente, a mão e o objeto desejado. Já segura os objetos que vê e não somente os que toca.

Já é uma coordenação da preensão, mais desenvolvida, com os olhos. Olha e pega.

e) A criança apanha o que vê sem limitações relativas à posição da mão. Apanha os objetos sem necessidade de ver as mãos. Leva-as já coordenadamente em direção ao objeto.

As coordenações já se completaram, o que quer dizer que os esquemas já estão formados.

Com as coordenações dos esquemas, vão surgir as reações primárias, secundárias e terciárias.

Chamam-se reações primárias as imitativas, quando, por exemplo, há o succionar por succionar; as secundárias, quando a criança começa a diferenciar meios de fins, já há a intenção e, finalmente, as terciárias, quando há a busca de algo novo. Estas três espécies de reações são constitutivas dos três estágios da inteligência.

Com a *preensão*, que é a atividade principal da mão, surgem as reações secundárias, as quais vão caracterizar as primeiras formas da ação intencional.

Estamos aptos agora a estudar a

Inteligência primária, secundária e terciária.

A primeira fase chamamos de inteligência primária, quando os atos não são intencionais, mas apenas imitativos. Com o de-

envolvimento da preensão, surge, então, a ação intencional, e forma-se a inteligência secundária, que é caracterizada pela função de saber afastar obstáculos para alcançar um fim.

Quando a criança afasta um impecilho para agarrar um objeto que deseja, sem o auxílio de ninguém, ela está em plena fase da reação secundária. E aqui se forma o esquema da confiança em si mesma. Ao estimulá-la a afastar, por si mesma, o obstáculo, facilita-se a fixação de um esquema benéfico, que vai lhe dar, mais tarde, a força que necessita para vencer os obstáculos que acaso possam antepor-se às suas realizações, o que lhe vai dar a capacidade de possuir plena confiança nas suas possibilidades.

Na reação secundária, já há o esforço que vai preparando o desenvolvimento da terciária, que é caracterizada pela busca de algo novo, que a criança atinge quando começa a investigar por si mesma.

É comum, no decorrer dessa fase, procurar alguma coisa atrás de móveis, de cortinas, debaixo de mesas, etc. É a idade das "explorações", e manifesta-se, geralmente, quando começa a caminhar.

Pode-se e deve-se auxiliá-la indiretamente, permitindo que faça suas "descobertas", colocando, sem que ela o perceba, um brinquedo, ou qualquer outro objeto, que possa interessá-la, atrás de um móvel, etc., para que o encontre por si mesma, o que lhe dará grande satisfação e, conseqüentemente, ligará o agradável à atividade e ao esforço de investigar por si mesma, formando um esquema de grande valor, pois a inteligência terciária, como já dissemos, caracteriza-se pela procura de algo novo, e todos os grandes cientistas, todos aqueles que investigam, tanto na ciência, como na arte, na filosofia, etc., possuem-na em alto grau.

Os pais, não raras vezes, não entendem o porque desses comportamentos, e em vez de auxiliarem a criança na consolidação dessas fases, que devem ser normalmente desenvolvidas, e em algumas ocasiões até estimuladas, procedem diferentemente, procurando evitá-las, e impedindo, assim, que a criança firme uma base segura para o posterior desenvolvimento de uma inteligência equilibrada.

O LUDUS

A adaptação psicológica, o equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, processa-se em grande parte pelo "ludus" (o brinquedo).

O "ludus" é uma atividade vital da criança. No início, essa atividade é puramente funcional, agradável, é um simples exercício que ela executa com movimentos de pernas, mão, etc., é o *ludus de exercício*. Mais tarde, através de acomodações e assimilações, alcança o *ludus simbólico*, ao chegar aos três e quatro anos, no qual já contribui a parte afetiva, onde já influem os sentimentos de simpatia e antipatia, já em pleno desenvolvimento da afetividade. Combina-os depois com o "ludus" de ficção, quando inventa histórias, quando imita os gestos e as atitudes das pessoas que a cercam, e temos aí as raízes da arte de representar.

Adaptação	{	acomodação	{	Equilíbrio — Inteligência
		assimilação		

Para facilitar a compreensão, vamos dispor da seguinte maneira: na parte corpórea, no sensorio-motriz, na sensibilidade, portanto, incluem-se a afetividade e a intelectualidade.

Afetividade	Sensibilidade	Racionalidade
Simpatia-Antipatia.	Prazer-Desprazer	Intelectualidade
	Estados de agradabilidade e desagradabilidade.	

<i>Ludus</i> simbólico	<i>Ludus</i> de exercício	<i>Ludus</i> de regras
<i>Ludus</i> de ficção	<i>Ludus</i> de construção	

Os estados de agradabilidade e desagradabilidade dão-se na sensibilidade, mas não somos apenas um organismo que funcione somente por agradabilidade e desagradabilidade. Nosso espírito polariza-se em afetividade, quando funcionam os sentimentos de

simpatia e antipatia, e intelectualidade, quando funciona a racionalidade, quando aprende a diferença, a separar o *eu* do *não-eu*; em suma, a comparar, a entender o bem e o mal.

Intelectualidade, afetividade e sensibilidade formam um *todo*, não se separam. É o organismo vivo do ser humano, manifestando-se, atuando, influenciando, interagindo com outros semelhantes.

O "ludus" de regras dá-se em pleno desenvolvimento da racionalidade, quando a criança começa a estabelecer regras que devem ser obedecidas por todos, e os brinquedos em grupos, que obedecem a regras, são os mais apreciados.

No "ludus" de construção já constrói algo de que se orgulha e, geralmente, inicia-se na fase em que a areia, os dados para armar, a massa de modelar são os brinquedos preferidos.

Embora estejamos separando, para melhor analisar, não quer dizer que essas atividades da criança se manifestem separadas, em intervalos regulares. Não; elas obedecem a um desenvolvimento da parte corpórea, e estão entrelaçadas, fazem parte de um todo, que é a criança e, portanto, estão sujeitos aos fluxos e refluxos naturais do crescimento.

Pode haver atrasos em algumas manifestações, e precocidade em outras, dependendo das condições predisponentes.

O meio-ambiente é que vai facilitar ou impossibilitar a emergência do que já está latente na criança.

Se considerarmos que a semente necessita de uma boa terra, do ar, da umidade, do sol, das chuvas, etc., para que possa desabrochar num arbusto, mais tarde numa árvore e, finalmente, encher-se de frutos saborosos, também não devemos esquecer que a criança necessita de um ambiente rico em substâncias nutritivas, onde elementos nocivos não proliferem, impedindo o seu pleno desenvolvimento.

O grupo da família, a situação econômica, a sociedade, a situação geográfica, etc., são fatores predisponentes, formados de elementos diversos, mas que se interatuam, predispondo a emergência do que a criança traz, do que herdou de seus antepassados.

Se os fatores predisponentes merecem toda atenção, não menos merecem os emergentes, pois se não podemos impor a uma planta um crescimento diferente daquele que já está virtualmente na sua semente, se não podemos transformar um símio em uma pessoa, apesar de contarmos com todas as condições predisponentes para isso, precisamos considerar que os fatores emergentes têm tanto valor como os predisponentes.

Como os fatores são complexos, são eles sempre formados de vários elementos com atuação recíproca. E a nossa maneira de ver, ou de analisar qualquer problema, se não se ativer ao estudo da interatuação de todos os elementos que o compõem, será sempre deficiente.

ATO HUMANO — Embora muitos não o aceitem, e outros em suas atitudes ponham-no em dúvida, o ser humano distingue-se *essencialmente* dos animais. Possui aquêle uma inteligência, que o leva a realizar atos que os animais não são capazes de fazê-los. A racionalidade, no sentido clássico do termo, distingue, essencialmente, o homem dos animais, e só, e apenas, se pode chamar de *ato humano* aquêle que não é animal.

O *ato humano*, para ser tal, é mister que seja deliberado pela vontade, do contrário não se distingue do ato irracional, próprio dos animais. A vontade pode deliberar realizá-lo ou permiti-lo. E essa deliberação consiste na escolha fundada numa cognição. Constituem-no, portanto, a voluntariedade, a cognição e a liberdade. A cognição dá-lhe as notas, o saber sobre a matéria do ato; a vontade, a capacidade de escolha e de resolução, e a liberdade, a capacidade de *pôr ou não* em execução o ato.

Caracteriza o ato propriamente humano a cognição que voluntariamente realiza ou não um ato frustrável. A frustrabilidade é um aspecto de máxima importância. Ora, o que também caracteriza o ato ético é a frustrabilidade. Se observarmos os fatos físico-químicos, nêles não encontramos frustrabilidade espontânea qualquer. Não vemos o hidrogênio, ora proceder dêste modo, ora daquele, quando as condições circunstanciais são as mesmas. Não há frustrabilidade nos fatos da Físico-química. Mas, os há nos fatos éticos. A frustrabilidade permite-nos até construir uma divisão das ciências: aquelas em que há frustrabilidade, o que é próprio das ciências culturais, pois estas, tendo como objeto material os atos humanos, incluem-na; e as ciências da infustrabilidade, que são as naturais, como a Físico-química, a Biologia, a Fisiologia, etc. Há frustrabilidade onde o homem se realiza como homem, porque pode êle, pela sua vontade, impedir a atualização de possibilidades.

Quando um animal opõe uma barreira à água que corre, e a represa, para seu benefício, realiza um ato instintivo e animal, mas a construção de uma barreira num rio, a construção de uma catedral, o erguimento de um arranha-céu, são atos de vontade e testemunham a vontade.

Deve-se distinguir o ato humano, como foi definido acima, do não deliberante, realizado pelo homem, como os fisiológicos

em geral e o ato *incapaz de deliberação* por parte do homem, como o de um ébrio.

Chama-se, na Ética, de *ato elícito* aquêle que se realiza imediatamente pela vontade como sua causa. Diz-se que um ato humano da vontade é *perfeito*, se procede do homem agente com a cognição correspondente, acompanhada da disposição da vontade; *imperfeito*, quando falta a plena deliberação da vontade ou do conhecimento da coisa.

É importante, no ato humano, o *elemento cognoscitivo*, sem o qual o referido ato não é completo, por lhe faltar o que é essencial, que é a nota da cognição prévia do que é deliberado pelo intelecto. No elemento cognoscitivo, incluem-se a *advertência*, que é a atenção da mente à coisa, a *deliberação*, pela qual se inquire qual o ato que deve ser proposto e, finalmente, o *império*, o poder, a *ordem de executá-lo*.

No ato humano, é essencial uma cognição prática antecedente, que pode ser ora formal, ora judicativa, ora reflexa.

Assim, tal é evidente, porque o ato humano é o que decorre do apetite (*petere ad*, pedir para) racional, uma deliberação sobre a conveniência ou desconveniência da sua realização. Essa cognição deve ser *formal*, porque o objeto desejado deve ser formalmente conhecido; deve ser *judicativa*, porque deve ser julgada a conveniência ou desconveniência da prática do referido ato; *reflexa* (refletir) porque o agente é cômico da sua ação, e sabe que escolhe realizar o que está sob o domínio da sua vontade.

Na judicação, há também apreciação de valores, valorações de várias espécies.

Para que o ato humano se realize plenamente, não é mister que haja um conhecimento perfeito da coisa, pois de um conhecimento confuso pode-se realizar um *ato humano perfeito*. Uma cognição confusa, que é vencível, não impede uma deliberação perfeita da vontade, como também uma atenção meramente virtual não impede o ato humano.

Examinemos, pois, os elementos essenciais dêste ato:

1) o elemento *voluntário*. Voluntário é o que procede de algum modo de princípio intrínseco, sob o conhecimento intelectual do fim. Esta é uma definição clássica, cuja justificação é a seguinte: ela procede de algum modo, e pode ser indireta, imediata, e formalmente, ou mediata, e denominativa, positiva ou negativamente; se não é de origem intrínseca, seria extrínseca, de outro que não o agente; sem a cognição intelectual do fim, o ato seria cego e não humano, como o expusemos.

Para que algo seja voluntário, é mister que seja conhecido e realizado pelo intento próprio do agente.

Diz-se que o *ato de vontade é livre*, quando esta é determinada sob a razão indiferente, com poder de não agir o que age, ou de agir de outro modo de o que age. *Liberdade não significa absoluta espontaneidade de ação, de indeterminação*, como querendo dizer que para ser livre um ato é mister que não tenha uma causa, um motivo, uma razão, um porquê. Essa maneira de considerar a liberdade é própria de autores modernos, que nunca compreenderam devidamente os estudos realizados pelos grandes filósofos do passado, sobre matéria de tanta importância. *Liberdade não significa desvinculamento total*, mas apenas a capacidade, a potência de indiferentemente agir ou não agir, ou de agir de modo outro que o que se realiza. Mas, no agir como se age, encontra-se toda a conexão de causa e efeito, que dá a necessidade hipotética ao ato realizado. Assim, em quem atua, decidindo-se a fazer isto em vez daquilo, encontraremos, em sua causação, os motivos causais de tal ação, como encontraríamos, também, motivos causais, se o seu ato fôsse outro, pois este homem, que delibera agora aproveitar seu tempo para estudar, ou para distrair-se, estudando mais tarde, permite que encontremos, em seus motivos, suficientes razões para ambas resoluções. A liberdade está em poder ele deliberar de um ou de outro modo, de aceitar, por um ato deliberativo e de vontade, as razões que julgou deveriam predominar, pelo sopesamento de razões que o levaram a seguir este e não aquele caminho.

É a *coação* que impede a realização da vontade, e também a *necessidade* do conseqüente determinado previamente.

Mas, o ato só é humano quando livre.

Contudo, o ato humano pode estar sujeito a defeitos. E estes decorrem de determinadas causas, que influem na cognição. Temos, por exemplo, a *ignorância*, que é o defeito habitual da ciência no sujeito capaz, uma privação de ciência, uma simples nesciência, ou uma ciência não devida. Mas, a ignorância pode ser *venível* ou *invencível*. A primeira ainda pode ser *absoluta* ou *relativamente invencível*, pois a criança, enquanto tal, ignora, invencivelmente, em relação à sua idade e capacidade, mas essa ignorância é venível pelo adulto, também relativamente. Diz-se venível, aquela que o pode ser no determinado estado em que é considerado o sujeito, que dela padece.

Influi, ainda, na volição humana, a *concupiscência*, que é a desordenada habitualidade do apetite humano dirigido ao ato contra a razão, que pode aumentar o poder executivo do ato ou não. Temos ainda o *mêdo*, que é a trepidação do ânimo ante o

que lhe sucede de mal ou possa suceder, que, por sua vez, exerce um poder de desviar o ato humano.

Temos, ainda, as *paixões*, que são os movimentos apetitivos da virtude em busca do bem, ou adversativos, do mal, que tendem para o maléfico. As paixões podem exercer um papel muito grande na vontade humana, diminuindo o seu poder de liberação. Também os *hábitos* exercem uma influência importante na realização dos atos humanos, porque são eles uma constante inclinação para determinados atos, podendo aumentar ou diminuir a vontade.

Por causas extrínsecas, o ato humano pode sofrer restrições pela *violência*, que é a moção procedente de princípio extrínseco, que sustém a vontade. O exercício da violência pode ser vário e também a sua ação pode sofrer graus, influndo, por sua vez, gradativamente, na vontade.

Há, também, o obstáculo à execução do ato humano, tais como os que oferecem o carácter e o temperamento de uma pessoa, como nos mostram os atuais estudos da Caracterologia, que podem amínorar ou exaltar o impulso da volição. Há, ademais, outros obstáculos de ordem patológica, que decorrem de uma anômala disposição da natureza humana, quer de ordem psíquica, como o histerismo, a epilepsia, a psicastenia, a neurastenia, etc.

Não pode haver um ato moral sem que seja ele um ato humano. Só o homem, ou só um ser inteligente e livre, pode ter uma vida moral.

Ora, o ato ético é um ato humano, que deve ser cumprido por razões de conveniência em bases justas, ato frustrável pela vontade humana como realizável por ela.

Uma verdadeira pedagogia tem de dedicar-se a pôr o *ser humano na Humanidade*, e não querer transformá-lo ou num animal ou numa mera coisa, como a visão deformada de muitos pedagogos, influídos pelos graves erros do parco filosofar moderno, e que tanto mal tem disseminado. Realizar o homem plenamente é realizar a plenitude do *ato humano* em cada um. Só uma Pedagogia que se oriente assim, merece ser considerada *humana*.

CONCLUSÃO

Em face de tudo quanto examinamos sobre o *funcionar psíquico*, o *ato humano* e a *educação* e a *instrução*, temos de concluir:

A Pedagogia é a ciência prática e teórica que, dedicando-se ao estudo do funcionar psíquico do homem, tende a preparar o

ser humano para a sua incorporação à humanidade, pelo fortalecimento do ato humano, tornando-o capaz de realizar-se tanto mais plenamente quanto possível.

Partindo-se dessa finalidade, temos de considerar que a criança é um ser que é animalidade atual, e humanidade virtual. Está ela desafiada pela circunstância ambiental, e deve estruturar-se de modo a viver em sociedade, sem qualquer desvalimento de sua personalidade. A esse desafio do ambiente circunstancial, a criança, inevitavelmente, terá de atualizar uma resposta.

Se considerarmos o ser humano, teremos de salientar que é ele o resultado da cooperação de uma série de fatores, que podem ser classificados da seguinte forma: fatores intrínsecos e fatores extrínsecos.

Os fatores intrínsecos são os que *emergem* da natureza do homem. E estes são o seu *corpo* e o seu *psiquismo*.

Seu corpo é genericamente animal, mas seu psiquismo é virtual e atualmente humano.

Entre os fatores extrínsecos, que são os que não emergem da sua natureza, mas que o antecedem, o acompanham, temos o ambiente circunstancial-histórico, incluindo o biológico, pois é um ser, cujo surgimento, normalmente, parte de um par humano, os pais, e vive num ambiente circunstancial ecológico, no qual se incluem o grupo social em que vive (ambiente histórico-social), e o ambiente ecológico especificamente considerado, que é o ambiente geográfico, meteorológico, econômico, cultural em geral, etc.

Os primeiros fatores são emergentes, e os segundos predisponentes.

A emergência encontra-se em face da predisponência. Esta, não só é a causa da primeira, já que a natureza de um ser humano depende, real e diretamente, do segundo, como o segundo acompanha sempre a primeira, atuando sobre aquela como desafio, provocando uma resposta.

Na emergência, temos de considerar o *temperamento* (vide), que se fundamenta no somático, e o *caráter*, que se fundamenta, sobretudo, nos esquemas e nos hábitos adquiridos. As respostas dessa emergência aos desafios da predisponência são proporcionais ao temperamento e ao caráter virtual (em formação) da criança. Por outro lado, o temperamento (que é variável, segundo os graus da idade) e o caráter (também variável até sedimentar-se, posteriormente) são modificados pela atuação do meio ambiente (fatores predisponentes). Conclui-se, portanto, que a Pedagogia tem de interessar-se pelos fatores predisponen-

tes, sem esquecer os emergentes, para saber qual a atuação benéfica ou maléfica que a predisponência pode exercer na construção da emergência, já que o ser humano sofrerá modificações várias por ação daquela.

Ora, a criança é um ser frágil, um ser que exige ser conduzido. A Pedagogia, em seu aspecto genérico, é a condução da criança na vida social para a qual ela é destinada.

Ora, sendo a criança um ser frágil, que por si só não é capaz de conduzir-se, exigirá o *amparo*, a direção, que é dada pelos adultos mais experimentados e mais sábios.

A criança pode, então, ser devidamente protegida ou indevidamente desprotegida, abandonada.

Temos, assim, uma polaridade: *abandono* e *proteção*.

Em torno destes dois temas, girará toda a Pedagogia.

O *abandono* poderá ser *exagerado* ou *atenuado*. Também a *proteção* poderá ser *atenuada* ou *exagerada* (*superproteção*).

Esse *abandono* e essa *proteção* serão *desafios*, aos quais a criança responderá.

Ao *abandono*, ela responderá:

ou por um sentimento de *insegurança*;

ou de *rebeldia* (revoltando-se contra a injustiça do abandono);

pela *insegurança* (sentindo-se desprotegida);

ou pela *agressividade*, que surge da *rebeldia* em face do abandono;

ou pelo *ressentimento* (sofrendo outra vez o estado de abandono);

ou gerando-se um estado de *ensimesmamento*, tornando-se a criança *esquisita* (*esquizóide* e até *esquizofrênica*);

em suma, *insatisfeita*, *injustiçada*.

À *proteção*, reagirá:

ou pela *passividade* (aceitando-a sem reações maiores);

ou pela *agressividade*, pelo anseio de prestigiar-se, de auto-afirmar-se;

ou pela *rebeldia*, irritada pelo excesso de proteção, desejosa de autonomia;

ou pela *insegurança*, quando essa proteção fôr exagerada, e caso sinta uma falha, sentir-se-á abandonada indevidamente;

ou *insatisfeita*, porque a proteção não lhe deixa manifestar-se por si mesma;

e *ressentida*, também, porque sofrerá muitas vezes pelo excesso de proteção, que lhe atenua a *autonomia* desejada.

Vê-se, assim, que as respostas da criança, embora várias, podem apresentar, nos resultados, uma semelhança no que se refere ao *abandono*, como no que se refere à *proteção*.

E essas respostas dependem do temperamento e do caráter, embora sofram a influência do grau de abandono ou de proteção. O ímpeto de afirmação (o *prestígio social*), o anseio de *autonomia*, é normal no ser humano, e corresponde ao grau de desenvolvimento de sua *encefalização*. Não adianta querer impedir o desenvolvimento normal, sobretudo numa sociedade como a nossa, que é democrática, e que, portanto, se funda na maior afirmação da personalidade humana. Numa sociedade totalitária, que pretende fazer homens apenas autômatos, obedientes às palavras de ordem dos chefes, apenas instrumentos de um grande maquinismo social, essas normas não são obedecidas. Mas nós, que lutamos pela humanidade e que desejamos que seja o homem um ser humano, e não uma engrenagem, uma coisa, um "troço", como se diz na linguagem popular, temos de lutar pela maior afirmação do ser humano, pelo fortalecimento da sua *autonomia*, base também de sua *liberdade*.

Conseqüentemente, considerando a heterogeneidade humana, as normas pedagógicas têm de ser heterogêneas, e o que é válido para um tipo caracterológico não o é para outro. Assim, o que pode dar um equilíbrio entre o *abandono* e a *proteção* a um tipo, pode ser insuficiente para outro, gerando-lhe um sentimento de abandono, de inferioridade, ou de superproteção e, conseqüentemente, de insegurança.

Preferimos, na *caracterologia* (vide), a classificação de Corman. Não que seja ela a última verdade, mas porque é mais prática e tem a suficiente validade para que as normas pedagógicas sejam bem aplicadas.

Partindo da classificação dos dilatados e dos retraídos, como polaridades dos tipos humanos, tanto os primeiros como os segundos oferecem tipos *astênicos* (fracos, passivos) e *estênicos* (fortes e ativos). A reação de um tipo astênico é tendentemente dirigida para a passividade, para o retraimento, ensimesmamento, para a esquizofrenia. A reação de um tipo estênico, é

para a agressividade. Ante a frustração, *cada um reagirá diferentemente, pela polaridade passividade-agressividade*.

Na classificação dos *retraídos*, temos os *retraídos laterais*, os de *base* e os *bossuados*, sendo comum os dois primeiros às crianças. Os *retraídos laterais* são sempre ativos, não, porém, os de *base* e os *bossuados*, por isso as reações destes são marcadas, sobretudo, pela passividade, quando astênicos, mas pela agressividade, quando estênicos.

Não é difícil a classificação da criança nesses tipos, embora as modificações que ela sofre sejam muitas, até atingir o tipo mais fixo, o que consegue na vida adulta.

Dêste modo, a orientação pedagógica deve considerar os casos particulares e até individuais, para que as normas sejam traçadas, segundo o que é conveniente à criança (1).

MARIO FERREIRA DOS SANTOS

(1) Aconselhamos, assim, a quem vai fazer uso desta obra, que leia, em primeiro lugar, os verbetes que abaixo apontamos:

Caracterologia, Temperamento, Personalidade, Frustração, Abandono, Proteção, Superproteção, Criança abandonada, Autonomia, Liberdade, Passividade, e os que são indicados nesses verbetes.

A

ABANDONO — Tem diversas acepções e vêmo-lo significando desamparo, negligência, descuido, etc.

Em geral, são chamadas de abandonadas as crianças que não têm pais. Convém estender-se tal conceito a todas aquelas que os têm, e não recebem destes a devida atenção. Assim, tanto no aspecto material como no moral, pois além de ser obrigação dos pais proporcionar a alimentação, a moradia e as vestimentas, também é obrigação deles ouvir, dirigir e educar o filho. Vide **Criança abandonada**.

ABCESSOS — Vide **Puericultura**, 10.º cap., § 2.

ABNEGAÇÃO — Sacrifício voluntário de si mesmo em benefício de outrem ou outros. (Vide: **Altruísmo**, **Simpatia**, **Compaixão**).

Em latim *abnegatio*, ação de sacrifício.

a) Podemos analisar sob dois sentidos:

s. lato — renúncia, sacrifício de alguém a tudo quanto tenha de egoísta, de individual nos seus desejos;

s. restrito — sacrifício voluntário de uma tendência natural em benefício de outrem.

b) Psicologicamente: estado de espírito, que consiste numa disposição ao sacrifício de si mesmo; também, tendência natural, às vezes; temperamento tendente ao sacrifício; redução do afetivo; "sacrifício é uma abnegação que começa no coração... e abnegação é a forma intelectual do sacrifício" (Boisse).

ABORRECIMENTO — Estado **páthico** (afetivo) de desagradabilidade, provocado pela prolongação de uma situação desinteressante do sujeito. Sinônimo de **tédio**.

ABÔRTO — a) Para a lei, é a interrupção criminosa da gravidez, nos primeiros meses em que esta se manifesta.

b) Para a Med., é a separação ou expulsão, ou ambas, do ovo fertilizado ou do feto, antes de ser êle capaz de uma vida independente (26 ou 28 semanas). Após êste período, até o final da gravidez, a expulsão é chamada **nascimento prematuro**.

O abôrto é medicamente classificado como: **espontâneo**, expulsão do provável feto por condições ou estados fora do controle das funções normais fisiológicas, causas patológicas ou por um acidente; **motivada**, artificial interrupção da gravidez, geralmente por meio de uma operação.

Em algumas culturas admite-se o abôrto deliberado, a fim de não perturbar a ordem econômica estabelecida. Encontram-se tais práticas em tribos primitivas, quando não há reservas econômicas que supram as necessidades decorrentes por um aumento da população.

ABÔRTO CRIMINOSO — Destruição do feto por meio de drogas ou instrumentos.

AB-REAÇÃO — a) É a reação pela qual o organismo descarrega-se de uma impressão ou de uma excitação, que causaria perturbações duradouras se não tivesse êsse derivativo.

b) Na **Psicanálise**: descarga ou supressão de uma emoção reprimida ou uma experiência desagradável ao vivê-la outra vez em palavras, atos ou sentimentos na presença do psicanalista. Vide **Catártico** (método).

ABSTRAÇÃO — (do lat. *abs-trahere*) — a) Gramaticalmente, é o ato pelo qual nosso espírito separa, num objeto, uma qualidade particular para considerá-la isoladamente de todas as outras, e com exclusão do próprio sujeito. b) Filosoficamente, *abstrahere* consiste em separar (*abstrahere* = arrancar, desligar) pelo pensamento, ou considerar separadamente, o que não pode ser dado separadamente, na realidade.

A **abstração insula**, pelo pensamento, o que não pode ser insulado na representação. c) A absorção no pensamento, com inatenção aos acontecimentos exteriores. (Note-se a sinonímia com **ausência**). d) Processo mental, pelo qual certos caracteres, atributos ou relações são observados, independentemente de outros, que são negligenciados. (As acepções **b**, **e** e **d** são da Psicologia). e) Definição ontológica: **Abstração** é separar mentalmente o que, na realidade, não está separado. f) **Abstração** não deve ser confundida com a **análise**. A **análise** considera igualmente todos os elementos da representação analisada, e divide em partes uma coisa composta; considera, isoladamente, uma qualidade comum a uma multidão de compostos. Assim, reconhecer a brancura de uma rosa determinada é fazer análise; conceber a brancura em si-mesma, como qualidade peculiar a um grande número de objetos, é proceder à **abstração**. A **abstração** é, portanto, a base da formação das idéias gerais. g) No sentido vulgar, considera-se **abstração** separar elementos que nos desinteressam.

Abstração experimental é aquela em que o observador se limita ao tema (*Ausgabe*, em al., *instructions*, em ing.), para fixar um aspecto parcial de uma situação perceptiva.

Abstração material é a que cria idéias de qualidade. Nesta se considera a idéia abstrata como atributo do sujeito; quer dizer, como um dos termos de que se compõe a matéria de um juízo.

Abstração formal é a que cria idéias de relações. É a que se dá entre um atributo e um sujeito; portanto, esta relação é a que se denomina a **forma do juízo**.

Nome abstrato é o nome de uma qualidade (branco, suavidade, etc.), ou de uma relação (dimensão, etc.).

Número abstrato é o que designa, quantitativamente, sem a designação qualitativa da natureza das unidades (exs.: 30, 2, 4, etc.).

Número concreto é, portanto, o contrário, o que é seguido de uma designação qualitativa. (Exs.: 10 metros, 20 casas.)

ABULIA — (do gr.: a, privativo, e *boulé*, vontade) — Conjunto de fenômenos psicológicos anormais, que se manifestam na ausência ou impotência da vontade. Há *abulia de decisão* e *abulia de execução*. Na primeira, há indecisão ou incapacidade de decidir a escolha ou a ação; na segunda, há a concepção do ato, mas falta a vontade para praticá-lo, embora nada o impeça.

ACAMPAMENTO AO AR LIVRE — Durante o período de férias, é muito aconselhável que a criança ou o jovem participem de um acampamento. Em nosso país, tal hábito não está desenvolvido e são raras as associações, ou até colégios, que os realizam. Tal hábito é muito comum e amplamente divulgado em outros países, principalmente nos europeus, e nos E.E.UU.

Além de encontrar um ambiente saudável, com ar puro e passeios ao ar livre, o jovem leva uma vida em comum, com participação nos jogos e cooperação no trabalho. (Vide *Escoteiros* e *Camping*).

ACATAFASIA — Deficiência da linguagem, que consiste na incapacidade de relacionar as palavras para a construção de frases.

ACEITAÇÃO — a) Este termo empregado na educação infantil, refere-se à aceitação da criança por seus pais, expressando uma atitude positiva e construtiva, que contribui para desenvolver o sentimento de segurança na criança. A aceitação paterna manifesta-se através das atitudes e da conduta, no prazer que os pais demonstram ao participarem dos diversos estágios de crescimento do filho.

b) Emprega-se, também, para designar o contrário de *abandono*. Os pais, que aceitam o filho, quase sempre propendem a ser bem equilibrados, e as crianças, desde a infância, apresentam personalidades normais.

ACELERAÇÃO — Considera-se acelerado o aluno que completou um determinado curso antes da idade correspondente, sem se considerar como o efetuou. A aceleração foi aplicada nos Estados Unidos durante a guerra, devido às necessidades. Contudo não se pode assegurar com precisão as reais vantagens deste processo.

A escola moderna, não se atém apenas a um "currículo", mas tenciona dar um desenvolvimento total à criança; física, mental, social e emocional. Por isso, a conveniência do sistema para um indivíduo depende da medida em que este contribui para a sua adaptação geral e para o cultivo de aptidões desejáveis.

Nas escolas, em que há cursos especiais para crianças, intelectualmente dotadas (de Q. I. superior a 125 ou 130, por exemplo) estas têm a oportunidade de encarregar-se de trabalhos do tipo e do ritmo adequados às suas aptidões, junto a crianças de sua mesma idade cronológica e mental. Não se encontrou nada que assinale ser a aceleração prejudicial ao desenvolvimento físico, à saúde ou à visão da criança. A maior objecção a uma criança menor entrar num grupo de maior idade, baseia-se no temor de provocar um desequilíbrio social.

É um risco que realmente se corre. Entretanto, as estatísticas provam que os casos de indivíduos, cuja adaptação foi melhorada, são mais numerosos que aqueles em que a adaptação foi prejudicada.

A seleção das crianças para promoção especial deve levar em conta a saúde e o desenvolvimento físico, assim como também os testes de rendimento e o trabalho escolar.

Enquanto se aguardam melhores provas estatísticas, o consenso atual se afirma em oposição à aceleração de mais de 5 semestres escolares.

ACESSO EPILEPTIFORME — Convulsão ou ataque semelhante ao epilético, mas proveniente de uma causa específica outra, como irritações, produzidas por feridas, enfermidades cerebrais, etc.

ACIDO ESCÓRBICO — (Vide *Vitaminas*).

ACIDOSE — Vide *Puericultura*, 10.º cap. § 3.

ACNE — É comum aparecer durante o período da puberdade (cravos inflamados). Origina-se da inflamação das glândulas sebáceas, e é chamada pelos médicos de "acne vulgaris". Não se conhece ainda com segurança o que a produz, assim como também não há cura medicinal para ela.

Quando ela é benigna, não há necessidade de preocupar-se demasiado, mas há casos em que convém consultar o médico. Abaixo reproduzimos uma série de conselhos que são oferecidos pelos médicos, que servem para diminuir a sua intensidade:

- a) **limpeza** — lave o rosto com água quente e sabonete, mas suavemente, e sem esfregá-lo.
- b) **Dieta** — não coma chocolate, côco, bebidas, mariscos, nozes, castanhas, queijos e, sim, bastante frutas, verduras e alimentos não-gordurosos.
- c) **Exercício, ar puro e sol.**
- d) **Repouso.**
- e) **Evacuações normais** — os transtornos intestinais e a prisão de ventre são, algumas vezes, a causa da acne.

ACOMODAÇÃO — a) Processo pelo qual um organismo procura sua adaptação funcional.

b) O estado alcançado pelo processo a. (As acepções a e b foram propostas por J. M. Baldwin).

c) Ajustamento do olhar para os objetos colocados em diferentes distâncias.

d) Usado freqüentemente em conexão com a interpretação bíblica. (Vide: **Acomodatício** (sentido)).

e) Soc., é o processo pelo qual há, consciente ou inconscientemente, certas alterações nas relações funcionais entre as pessoas humanas ou grupos sociais, com o intuito de evitar oposições, conflitos, e no intuito de promover um recíproco ajustamento, uma harmonização entre opostos. Chama-se também de **acomodação** o que resulta desse processo. Entre os processos de acomodação, podemos citar os seguintes: arbitramento, conciliação, tolerância, subordinação, etc.

Crítica: Filosóficamente, emprega-se o termo **acomodação** analogicamente ao seu conteúdo biológico, pois este consiste na disposição dos esquemas biológicos aos fatos do mundo exterior, com a intenção biológica de torná-los **ad commodo**, isto é, ajustando-os ao ambiente. Psicologicamente, há acomodação dos sentidos para os estímulos do meio exterior.

A **assimilação** psíquica processa-se após a acomodação da esquemática sensório-motriz. Para melhor inteligência dêste ponto (vide **Adaptação psicológica e Introdução**).

ACONSCIENTE — Usado na Psicologia para indicar a ausência de consciência, quando se trata de seres inanimados. O termo **inconsciência** seria empregado somente para designar ausência de consciência nos seres vivos.

ACROMATOPSIA (ACROMASIA) — Incapacidade total ou parcial na distinção das cores. Quando total, chama-se **cegueira cromática**, embora permaneça a sensação luminosa, isto é, a percepção do branco e negro, uma visão puramente fotográfica do mundo. A parcial ou **discromatopsia**, em sentido mais geral **daltonismo**, incapacidade de distinguir uma cor de outra, ou perceber uma determinada cor. Usado mais raramente o termo **acromasia**.

AÇÚCARES — (Vide **Nutrição**).

ACULTURAÇÃO — Vide **Cultura** (incorporação à cultura) e **Cultura** (conflitos).

ACUSMA — Forma de alucinação auditiva, acompanhada de defeitos sensoriais.

ADAPTAÇÃO — é um processo pelo qual a acomodação de um ser se realiza com a assimilação das condições que o rodeiam. Pode-se falar de uma **adaptação biológica** (quanto à temperatura, umidade, luz, diferentes alimentos, etc.), uma **adaptação psicológica, emocional, social**, etc. A maneira como a criança se adapta a cada nova fase depende da necessidade que sinta de acomodar-se a ela, da afinidade com os pais, de sua própria experiência e de sua personalidade em geral.

Cada criança apresenta a sua maneira diferente de adaptar-se. Quando se encontra num período de adaptação, não é muito aconselhável um **excesso de apoio** por parte dos pais. É preciso que a criança aprenda a realizar as coisas por si só, e a fortalecer a sua capacidade, a pouco e pouco, com as vitórias que irá obtendo. A **falta de apoio**, por sua vez, também é maléfica, pois deixa a criança duvidosa, vacilante tornando o seu carácter indeciso. (Vide **Adaptação psicológica**) (Vide **Introdução**).

ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA (auxílios que se podem ministrar) — A adaptação da criança ao “nosso” mundo é difícil, porque a “nossa” ordem não é a dela. Nós arrumamos as coisas em casa, segundo a ordem de nossa intencionalidade, não segundo a da criança. É natural que ela “desarrume” o que nós queremos “arrumado”. Não pode ela compreender a nossa ordem. Mas nós devemos compreender a “dela”, e, sobretudo, compreender que é diferente da nossa. Mas a criança se desenvolverá para o “nosso” mundo, porque o dela terá de deixar para traz. Essa adaptação poderá processar-se por uma disciplina rigorosa, como se fez em certa época da humanidade, mas é preferível a do carinho e a da persuasão. A criança pode ser persuadida com certa firmeza, desde que a esta se ligue o carinho e o amor. Só assim ela aceitará a ordem dos pais sem temor nem ressentimento. A criança tende a confiar nos pais e nos mestres, e se estes se mostrarem disciplinados, mas com uma dose sempre grande de carinho e compreensão, aceitará a ordem que não é a dela.

Nunca se esqueça que a agressividade e a hostilidade nas crianças é natural, como o é na própria índole da humanidade. Se os adultos não sabem dominar seus impulsos, como poderão influir nas crianças para que dominem os seus? Nunca devem os pais e mestres se impressionarem com as manifestações de agressividade e de hostilidade infantil. Devem considerá-las normais, mas superáveis. O que se deve fazer é canalizá-las para ações sublimadas. Se a criança quer bater, ponha-lhe às mãos um martelo e ensine-na a usá-lo de modo regular. Quer amassar, dê-lhe massa plástica para fazê-lo. Quer romper, ensine-se a cortar. Estudem-se as regras e normas práticas que são oferecidas nos diversos artigos.

ADAPTAÇÃO PSICOLÓGICA — Todo organismo vivo é um ser de máxima heterogeneidade, onde a intensidade prepondera sobre a extensidade, e que se heterogeneiza ante o mundo ambiente, onde está imerso, outro e oposto a ele, mas do qual, naturalmente, depende. Mostra-nos a biologia que esse ser vivo, organizado, mantém trocas com os elementos ambientais; que ora os incorpora ao organismo por assimilação, ora dejecta-os quando não lhe é permitida essa assimilação, ou também por oferecer perigo.

Suas necessidades vitais são aplacadas por essa incorporação de bens, que lhe permitem, assim, que se torne apto à vida, que perdure. O aplacamento de suas necessidades se processa, para tornar-se apto ao meio ambiente, pelas trocas que terá de efetuar, isto é, por sua adaptação, que é um estado de adequação, de equilíbrio dinâmico com o meio ambiente, bem como o que atua sobre ele. Como organismo, múltiplo em suas funções, estas, porém, não são de uma rigidez invariável, pois admitem, dentro do seu campo funcional, uma escalaridade, que lhe permite pôr-se de acordo, acordar-se, no todo ou em parte, com o meio, quer por modificações internas, quer por modificações externas, a fim de sobreviver. Essas adaptações, cujo tema pertence sobretudo à biologia e ciências afins, se dão dentro de uma escala limitada, além da qual o organismo não pode ultrapassar, por sobrevir-lhe, inevitavelmente, a morte. A adaptação é assim restrita às disponibilidades do organismo.

Constrói a Biologia, desta forma, um esquema funcional da adaptação, que se processa pela acomodação (*ad commodum*), conformação, dar a forma *ad*, para, o meio ambiente. E acomoda-se o ser vivo ao meio ambiente com o que tem, com o conjunto de seus esquemas biológicos, tornando-se como as coisas. E em face delas, e segundo esses esquemas que se acomodam, e dentro do seu âmbito, retira do meio ambiente o que lhe é assimilável, de *ad simul*, de semelhante a..., que é a assimilação. Dêste modo funciona a adaptação: a) acomodação — exteriorização dos esquemas *ad*...; b) assimilação — tornar semelhante, segundo os esquemas, ao que se assemelha aos esquemas, *ad simul*.

Na adaptação biológica, há:

1) incorporação dos elementos assimilados pelas funções metabólicas do organismo;

2) criação de novos esquemas globais, que se estruturam, segundo as experiências por que passam, que lhes dão nova ordem, os quais, enriquecidos das novas experiências, vão, por sua vez, acomodar-se, já incluindo, memorizadas, as experiências anteriores, o que explicaria as adaptações adquiridas, distintas das fixas, que seriam as normais dos esquemas biológicos.

Discute-se, aqui, se há adaptações adquiridas ou não, e se elas são apenas possibilidades atualizadas das adaptações fixas, isto é, do conjunto dos esquemas biológicos, previamente dados.

Como os seres vivos são mais ou menos complexos, entre eles conhecemos os que em seu funcionamento revelam uma diferenciação tal de funções, que são portadores de um sistema psíquico complexo, como os animais superiores e, entre eles, o homem, que deles se diferenciou ainda mais por ser portador de um espírito (*nous*), que é criador.

É esse sistema psíquico, como se observa, funciona dentro do campo da biologia, por adaptações, que levam à incorporação de elementos do mundo exterior assimilados, mas se distingue por construir seus próprios esquemas, esquemas psíquicos, que não funcionam por incorporação biológica, mas por assimilações de outra ordem, o que leva a distinguir a psicologia das ciências naturais, quanto a este ponto, e torná-la, por sua vez, irredutível à biologia, em oposição a todos os que se deixam empolgar pelas interpretações biológicas (como no *bicologismo*), que pretendem explicar os fatos psíquicos, reduzindo-os a meras manifestações biológicas.

Os esquemas naturais, bio-fisiológicos, de que dispomos, nos permitem uma adaptação (acomodação + assimilação), condicionada ao seu alcance e que, para conhecermos além ou aquém, precisamos de outros esquemas, que a eles agregamos, como aparelhos técnico-científicos, etc.

Vemos, assim, que nossos meios de contato com o mundo exterior são de âmbito limitado. Além disso, sabemos que os nossos órgãos dos sentidos não alcançam todos os campos dos fatos, mas apenas um muito limitado, e que, graças à construção de outros esquemas, nos é permitido traduzir aos que nos são naturais.

ADOÇÃO — A adoção de uma criança por parte de casais sem filhos é uma medida usada em vários países, e deve ser feita através de uma forma autorizada, de modo que se possa ter certeza de terem os pais renunciado legalmente aos seus direitos e que não reaparecerão mais tarde para reclamá-los. A adoção deve ser encarada como um assunto muito sério e para toda a vida.

A lei protege a criança e estabelece normas que regulam a adoção, exigindo, como imprescindível, a vida ilibada dos que aspirem a tornarem-se pais adotivos, de modo que a criança possa deles receber o nome, e tenha um lar onde não sofra dissabores.

É importante dizer-se à criança adotada que ela o foi, antes que venha a saber por outros, pois isto só acarretaria situações complexas e, muitas vezes, insustentáveis.

ADOLESCÊNCIA — Compreende-se por adolescência, o período de vida que se estende da puberdade à maturidade viril, em geral, nos homens, dos 14 aos 25 anos e, na mulher, dos 12 aos 21. Há muitas restrições para esta delimitação. Em primeiro lugar, varia muito a idade em que aparecem os sintomas da puberdade, tais como a menstruação na mulher, e o véu púbico e axilar, e outras características secundárias, no homem.

O conceito de maturidade varia conforme o tipo de cultura. Por esta razão, alguns estudiosos acham melhor definir a adolescência pelo tipo de conduta que observa o indivíduo ao passar da condição de menino ao de adulto. Daí, definir a adolescência como o período, durante o qual amadurecem as funções da reprodução, e passam para primeira plana o problema de escolher a profissão e o matrimônio, assim como o aparecimento de uma filosofia de vida.

ADOLESCÊNCIA (problemas) — A adolescência se processa algum tempo antes da puberdade; ou seja, da maturidade sexual. Há certas mudanças glandulares que se desenvolvem lentamente. É um processo demorado, ao qual acompanham inúmeras modificações de carácter psicológico de máxima importância.

As meninas desenvolvem-se fisicamente mais cedo que os homens, começando a puberdade, na infância, aos doze anos, e nos jovens, aos quatorze. Há casos de retardamento, alcançando, respectivamente, os quinze e até os dezessete anos. Há uma série de mudanças emocionais, que precisam ser entendidas pelos pais. Devem estes compreender que, neste período, as modificações são mais acentuadas. Quanto às meninas, devem ser preparadas para o aparecimento da primeira menstruação. Quanto aos meninos, devem ser advertidos que as ejaculações noturnas fazem parte de um processo natural da ativi-

dade sexual. As informações sobre o outro sexo são importantes, e devem ser dadas de modo suficiente. Neste período, os jovens revelam certa incoerência, certa inconseqüência no seu atuar, o que não deve estranhar aos pais. Estes sentem que os filhos se afastam, que não procedem mais como crianças, e temem os desvios perigosos. Mas a liberdade da próxima maturidade não implica um afastamento da dependência dos tempos passados. Apenas, os pais tendem a ver exageradamente as manifestações de independência, a ânsia de liberdade. Esta ânsia é que vai firmar a personalidade. Coisas sem importância adquirem o aspecto de suma gravidade, porque os pais atribuem intenções que nem sempre os filhos emprestam aos seus atos. Às vezes, os pais, recordando a juventude, vêem perigos, onde realmente não os há. O desenvolvimento psíquico do adolescente é muito lento, enquanto o corporal é mais rápido. Manifesta-se uma falta de concentração, um humor variável, às vezes um sonhar desperto, mas tudo isto não deve preocupar os pais, salvo se se prolongar indefinidamente. Nesta época, o jovem ama o perigo e a controvérsia, e não é de admirar que tome atitudes no campo das idéias em oposição às dos pais. Tudo isto é um estágio que passará, porque, com o tempo, o jovem maduro compreenderá a justeza das posições de seus pais, quando estas forem, realmente, bem fundadas. Os pais devem deixar os filhos assumirem uma certa responsabilidade dos seus próprios atos, em vez de estarem constantemente chamando-lhes a atenção para o que devem fazer. Devem recordar as suas obrigações de modo indireto. Em vez de dizer-lhes: "Você vai fazer os seus exercícios, e depois irá passear", é preferível dizer: "Depois de fazer os seus exercícios, irá passear, se quiser". Neste período, o desejo de independência do jovem é manifesto e normal, e devem os pais compreendê-lo, e não tentarem impedir que o processo siga o seu curso normal.

Não devem impedir as ligações com grupos, que os filhos fatalmente manterão, sem que isto dispense uma vigilância de acordo com as normas familiares, mas tendo sempre o cuidado de não provocarem um ressentimento. Embora o jovem deseje a expe-

riência, ele aceita uma vigilância que lhe impeça cometer erros, quando esta se processa de modo hábil. Devem os pais dar oportunidade aos filhos de exporem suas razões, e nunca esquecer que a juventude tem de ser responsável pelos seus próprios atos e pensamentos. É digno de todo respeito o desejo de liberdade que inspira os jovens. Embora muitos julguem o contrário, o adolescente é muito mais severo para consigo mesmo e muito mais moral. Conserva princípios de honra, amizade, lealdade e os temas morais são objeto de suas conversações. Podem, levados por um impulso incontrollável, praticar atos indevidos, mas, em regra geral, têm um domínio muito maior do que comumente se pensa. Em sua quase totalidade, os adolescentes são idealistas e capazes de um trabalho intelectual bem intenso, e de uma boa fé impressionante. Aquêles que abusam desta boa fé e deste idealismo, para transformar os jovens em instrumento de suas manobras de perturbação da ordem social e das suas ambições políticas, cometem um crime inominável, porque exploram o que há de mais sã e mais nobre na juventude. Uma adolescência desenvolvida normalmente permitirá que o jovem alcance a maturidade com uma segurança que auxiliará, depois, quando construir família e for pai, a dar aos filhos aquela educação que melhor os oriente para a vida.

ADULTOS (a educação dos) — Atualmente, a educação organizada para adultos é largamente utilizada em vários países. Organizam-se cursos e conferências, destinados à formação pós-secundária, com os mais variados temas, como, também, para a dona-de-casa e para os pais que necessitem de conselhos.

AFETIVIDADE — a) Carácter dos fenómenos afetivos.

b) Função do psiquismo que, para Aristóteles, é considerada como a consciência que se ajunta ao ato psíquico. Para os evolucionistas, fisiologistas em geral, etc. (Spencer, Mill, Darwin, etc.) é um sinal, um estado de consciência utilitária.

Revela-se a atividade contrariada ou não. As teorias fisiologistas incluem-na na sensibilidade como um epifenômeno desta.

Nosso psiquismo, com suas raízes na sensibilidade, funciona, polarizando-se na intelectualidade e na afetividade.

Geralmente a **afetividade** e a **sensibilidade** são confundidas. Na sensibilidade, há a topicidade do que é objetivo em face do cognoscente. Há uma dor aqui, ali.

Mas, assim como a intuição intelectual serve de ponte de ligação entre a sensibilidade e a **intelectualidade**, os estados de agradabilidade e de desagradabilidade são afetivos. O prazer e o desprazer, quando tópicos, são da sensibilidade. Mas quando perdem a topicidade, para se darem difusos pelo ser humano, tornam-se afetivos, e são raízes da afetividade no seu aprofundar na sensibilidade.

AFETIVIDADE (característica da) — Na afetividade também há connecimento. Mas, aqui, a separação entre sujeito e objeto não é tão marcante como na **intelectualidade**, pois o sujeito e objeto, no que se chama estado afetivo, se fundem. Não estamos em face de um conhecimento (de **cognoscere**), mas de um fundir-se; pois sujeito e objeto são o mesmo. Vide **Introdução**.

AFETO — a) Com **afeto**, designamos cada mudança de disposição na sensibilidade, que é provocada por um motivo exterior. É ligada sempre a uma tendência, sem entretanto confundir-se com ela. (Mudança de disposição não significa, evidentemente, uma modificação na estrutura natural da sensibilidade, mas uma determinação intrínseca, análoga ao que, na região cognoscitiva, se nomeia com o termo escolástico “intencional”.)

Pela definição dada, os **afetos** pertencem aos sentimentos, formando entre eles uma categoria própria ao lado das “tendências afetivas”.

b) A confusão reinante na terminologia desse termo e daqueles que lhe são relacionados, torna-se, particularmente, visível no facto de que “afeto” aplica-se ao mesmo tempo num sentido mais restrito e exclusivo aos fatos **hedônicos**, de prazer e dor, que figuram como sub-grupo dos “afetos” no sentido mais amplo, e sendo de uma natureza menos complexa, apoiam-se, como tais, às “emoções” propriamente ditas, que formam o segundo sub-grupo dos afetos, ao lado de “prazer e dor”, mas que, por sua parte, em outra terminologia, incluem esses últimos. As emoções propriamente ditas são a cólera, o medo, a es-

perança, etc., e parece evidente que só o maior grau de complexidade as distingue dos **afetos hedônicos**.

Em suma, **afeto** é o estado emocional positivo, em geral para pessoas, mas também para animais domésticos. Na família, a criança é natural centro de afeto e amor, e também retribue normalmente, este afeto.

AFEIÇÃO — Quando a criança manifesta um intenso interesse por qualquer ocupação, ela é afeiçoada a tal. Muitas delas fazem coisas variadas, até encontrar uma que lhes prenda a atenção. Até os 7 ou 8 anos é muito difícil que ela tenha uma afeição, só no momento em que se ocupa, sistematicamente, é que podemos dizer que é afeiçoada. E muito comum as coleções de pedras, insetos, flores prensadas entre livros, moedas, selos, etc., durante a infância e até na juventude. Vários sinônimos podem ser apresentados: **inclinação**, **queda para**, **índole**, **penhor**, **gosto**, **predileção**, **propendência**.

AFOGAMENTO — Vide **Puericultura**— 10.º cap. § 4, e **Respiração artificial**.

AFONIA — Vide **Rouquidão**.

AFRASIA — Incapacidade de falar por meio de frases, embora se faça por palavras soltas. Incapacidade de construir frases por inferioridade mental.

AFTAS — É comum aparecerem na boca dos bebês, localizadas na língua e nas gengivas, umas regiões de cor branca, e que, esfregadas, podem sangrar um pouco. É crença difundida que tal se deve pela falta de higiene do bico do seio da mãe, mas isto pode ocorrer em qualquer bebê, apesar de ser ele cuidado com toda higiene.

O médico deve ser chamado e antes que a criança tome algum medicamento. Pode dar-se ao bebê um pouco de água fervida, depois de ter ele mamado. Vide **Puericultura**, 12.º cap., § 1.

AGITAÇÃO — (Vide **Inquietude**).

AGNÓSIA — (Do gr. alfa privativo a, e gnos, conhecimento).

Térmo empregado para designar a **amnésia** perceptiva, consistente na incapacidade de reconhecer os símbolos usuais, sem perturbação das sensações. Es-

sa amnésia pode ser visual (agnósia visual), cegueira psíquica total, ou parcial, em que a cegueira verbal é um caso particular, agnósia auditiva (surdez psíquica), tátil, das formas tácteis, etc.

AGRAFIA — Impotência de escrever por efeito de paralisia cerebral.

AGRESSÃO — Existem 4 acepções diferentes para este termo: 1.º) refere-se à auto-afirmação e atuação dinâmica, num sentido geral; 2.º) expressa um ato de hostilidade com intenção de atacar e destruir; 3.º) desejo de conquistar a posse de uma pessoa ou objeto; 4.º) desejo de conquistar o governo, domínio ou manejo de outra pessoa. Neste sentido, é que se fala da necessidade de agressividade.

A agressão é a réplica mais primitiva e universal à **frustração**, e, portanto, é um postulado de valor geral a de que toda agressão está precedida ou acompanhada de privações ou contratempos, entendidos no mais amplo sentido. Existem 3 classes de frustrações, que conduzem à agressão: 1.º) repressão ou insatisfação de desejos; 2.º) interferência ou restrição na atividade; 3.º) fatores exteriores, que ameaçam sofrimentos físicos ou psicológicos. A agressividade está também relacionada com a insegurança; daí a criança abandonada tender a ser agressiva.

A agressão é imprescindível para conquistar um lugar no grupo social, e fazer frente à competência e à luta econômica. A agressão é a base de toda atividade construtiva; todas as realizações do homem na arte e na indústria foram possíveis graças ao aproveitamento dos impulsos agressivos como força motriz.

A agressão violenta é prejudicial, mas, se inibida, conduz a uma violenta tensão residual. A agressividade precisa ser controlada para ser construtiva. A solução ao problema da agressão destrutiva depende, especialmente, da educação, pois só ela pode orientar para um caminho positivo.

AGRESSIVIDADE — A criança normalmente manifesta agressividade em maior ou menor intensidade. Nos bebês já se vê manifestada a agressividade, quando ele tenta segurar um brinquedo, pois se alguns agarram-no com força, outros esperam que lhes seja colo-

cado nas mãos. As reações são diversas, pois, enquanto um chora e bate pé, quando é reprimido, outro somente chorará, ou se submeterá facilmente, sem nenhum choro ou grito. Sabe-se que as primeiras reações da criança ante as diversas situações determinam as diferenças pessoais.

As crianças devem expressar o que sentem, e no momento que o sentem. Naturalmente que às vezes a agressividade, manifestada numa determinada situação, é excessiva. Assim a criança que briga mais vezes que brinca com outras, que machuca um animal caseiro, provavelmente se sente tomada por sentimentos de ansiedade ou de infelicidade. Neste caso, é preferível procurar-lhe dar carinho e compreensão em vez de castigá-la, pois isto só pioraria o seu carácter. Outras vezes o nascimento de outro bebê pode provocar na criança crises dolorosas, que só poderão ser amenizadas com a compreensão e paciência dos pais.

A falta de impulsos de agressividade é também um defeito. A criança sempre dócil e obediente não é normal.

Uma sã agressividade não deve ser tomada como uma predisposição à luta, e sim, deve ser elogiada no que tem de bom.

AJUDA DOMÉSTICA — A criança pode ser ensinada a ajudar a mãe e o pai em pequenas tarefas domésticas, desde que estas não sejam cansativas, além das suas possibilidades e responsabilidades. Na adolescência, é importante que a jovem ou o jovem ajudem em casa, e se acostumem a fazer o serviço com boa vontade.

Quando as crianças ainda têm pouca idade, os pais devem estabelecer a norma de realizar o trabalho familiar num justa cooperação. Isto constrói e solidifica os sentimentos de ajuda e de elevação moral, que mais tarde serão de grande valia. Assim, quando uma criança se aproxima do pai, pedindo para ajudá-lo, este deve, pacientemente, ensiná-la a fazer o mesmo e não esperar que a criança o faça perfeitamente logo de início. Deve-se procurar no trabalho o lado agradável da cooperação, de forma que a criança e o jovem sintam que trabalham para um fim comum e de apóio mútuo.

ALALIA — (Psic.) Defeito dos órgãos vocais, que provoca o mutismo.

ALEGRIA — Do latim *alacer*, de onde *alacridade*. Significa atividade, disposição, e daí *alegria*. É um sentimento de prazer, que não está ligado a uma região determinada do organismo (não é tópicamente determinada).

Alegria opõe-se à sensação de prazer, que é um gôzo físico. O contrário da *alegria* é a tristeza. Também não é tópicamente determinada. As sensações são tópicas, mas os sentimentos são estados anímicos, não tópicos. As teorias do século dezoito sobre a *alegria* simplificavam-na em explicações meramente fisiológicas, mecânicas, físico-químicas e psíquicas, esquecendo que, nesse sentimento ou vivência emocional, havia algo de mais profundo, que ultrapassava a visão estreita predominante naquele tempo. Ao lado dos sentimentos meramente sensoriais, há sentimentos espirituais, dirigidos a valores mais altos. São sentimentos valorativos, que se caracterizam pela sua direção. A união entre esses sentimentos e as bases fisiológicas são mínimas, sem que haja, mais profundo e fundamental no abismo, uma diácrise entre eles. Entretanto, há outros sentimentos espirituais, que se misturam com os sensoriais, em que o apetite valorativo do espírito se mescla com imagens e impulsos sensíveis. Assim, encontramos muitas vivências, tais como a cólera, a melancolia, a tristeza, que se ligam, também, com o fisiológico, nêle atuando como a recepção de uma notícia desagradável, que influi sobre o fisiológico.

ALERGIA — (Vide *Puericultura* — 12º cap., § 16.

ALGESIA — (Psic.) — Capacidade para sentir a dor. Enquanto *Analgesia* expressa a ausência da sensação de dor; *algisia* expressa a sua presença normal.

ALIMENTAÇÃO — Vide *Puericultura* — 14º cap., § 1 e 2.

ALIMENTAÇÃO ARTIFICIAL — Vide *Puericultura* — 4º cap. § 8º.

ALIMENTAÇÃO DO BEBÊ — Vide *Puericultura* — 4º cap., § 1º e 2º.

ALIMENTAÇÃO MISTA — Vide *Puericultura* — 4º cap., § 10.

ALIMENTOS MUITO COZIDOS — Vide *Nutrição, Vitaminas*.

ALIMENTOS NOVOS — Vide *Puericultura* — 14º cap., § 3.

ALIMENTOS VENENOSOS — Os sintomas mais comuns de intoxicação ou envenenamento por algum alimento são: náuseas, vômitos, dor abdominal, câimbras e diarréia. Se se tem segurança de que a criança ingeriu algum alimento venenoso, ao mesmo tempo que manifesta um destes sintomas, o tratamento imediato é provocar o vômito. Caso não se saiba ao certo, é preferível a consulta médica, pois às vezes um ataque de apendicite causa confusão, pensando tratar-se de um envenenamento.

ALOGIA — Incapacidade de falar, devido a perturbações do sistema nervoso.

ALOPSIKOSE — Na Psic., alucinações ou ilusões, que consistem em atribuir a outros, intenções, que são projeções da malícia da pessoa que as sofre.

ALTRUISMO — Inclinação para proceder em benefício ou pelo bem-estar dos outros, mais do que no próprio. Emprega-se, geralmente, em oposição a *egoísmo* ou *egotismo*. A inclinação altruística é substancialmente um produto do ambiente, e não se dá nas crianças pequenas. Vide *Generosidade*.

ALTURA (Vide *Estatura*).

ALUCINAÇÃO — (Psic.). É a interpretação anormal dos dados das experiências sensoriais por meio de ideias não correspondentes à realidade exterior. Em alguns casos, é sintoma de distúrbios mentais ou de desequilíbrio, sobretudo quando continuados e persistentes.

Como sinônimos, temos a *pseudo-percepção*, a *ilusão*, *idéia delirante*. Na *ilusão*, há uma percepção errônea dos dados sensoriais presentes; na *alucinação*, há o erro de julgar, como presentes aos sentidos, os estímulos não presentes, ou seja, há ausência de estimulação real.

Na *idéia delirante*, que se estabelece através de juízos, há uma interpretação falsa do valor da realidade, embora os estímulos sejam reais.

ALUCINOSE — (Psic.). É a tendência para sofrer transtornos alucinatorios, sem qualquer perturbação da consciência, ou a presença de outros sintomas. Geralmente se emprega para os casos já doentes.

AMBIÇÃO — O desejo de adquirir uma posição, ser conhecido e ter prestígio é uma aspiração natural, que forma parte do processo do crescimento. As crianças manifestam ambição desde a mais tenra idade, e em geral estas são determinadas pelo que vêem os outros fazer, pela posição da família, etc.

A ambição em demasia, assim como a falta de ambição, são dois extremos prejudiciais e devem ser combatidos com inteligência e persistência.

AMBIDEXTRALIDADE — Capacidade de usar igualmente as mãos para a execução de atos motores, com capacidade mais ou menos iguais.

AMBIENTE — Nas considerações a respeito do desenvolvimento humano, geralmente opõe-se o conceito de ambiente ao de herança. Também se contradizem aquisição e natureza. Deve considerar-se herança como um padrão das potencialidades humanas, no momento da concepção, e a aquisição como um complexo de forças e oportunidades físicas e sociais que contribuem ou atrasam o desenvolvimento de tais potencialidades.

A mutabilidade é um componente essencial da natureza humana. O ambiente é significativo na vida da criança, principalmente nos primeiros anos de vida.

AMBIVALÊNCIA — Presença simultânea de emoções opostas na mesma pessoa. Segundo a Psic., em todos os seres humanos há sempre dois valores afetivos opostos (ambivalentes). Vide **Plurivalência**.

AMÊNIA — Ausência de mente, deficiência mental que atinge a loucura. Vide **Deficiência Mental**.

AMENORRÉIA — (Vide **Menstruação**).

AMIGOS — A criança deve começar a ter amigos desde a idade pré-escolar. Assim é preciso, já com esta idade, proporcionar-lhe um ambiente em que tenha contato com outras crianças da mesma idade, de forma que se ambiente, a pouco e pouco, com a vida infantil. Isto a acostumará à convivência com outras

crianças, compartilhando com elas dos seus brinquedos e jogos, de forma que será muito mais fácil, posteriormente, sua adaptação à vida escolar.

Na fase escolar, é comum ter um amigo ou vários, com os quais compartilha suas idéias e suas decepções.

Os pais devem facilitar a formação de amizades, não procurando só ver defeitos nos amigos e, sim, que se desenvolva o sentimento de amizade, que é mais importante que as verdadeiras virtudes do amigo.

AMIGDALITE — Vide **Puericultura** — 12.º cap., § 4.

AMIMIA — Perturbação da linguagem, que se caracteriza pela incapacidade de fazer gestos expressivos ou significativos.

AMIZADE — a) **Inclinação eletiva recíproca** entre duas pessoas. Amizade difere, portanto, do amor, pela ausência do carácter sexual, e pela condição de reciprocidade. Amizade pode ser estendida a um grupo de mais de duas pessoas, ficando, porém, como base, a reciprocidade, que se dá entre os indivíduos.

b) A amizade formou um traço particularmente saliente da vida grega, distinguindo Aristóteles três matizes: a amizade, que tem por objeto o prazer, a que tem por objeto o interesse, e a que tem por objeto o bem moral.

Só à última ele concedeu o atributo de ser perfeita.

c) A palavra amizade também se usa em sentido mais lato, que não exclui, necessariamente, o carácter sexual, nem exige a reciprocidade.

d) Também a palavra **amigo** tem um uso menos estritamente definido como em "um amigo da humanidade", onde uma reciprocidade dificilmente pode ser obtida.

AMNÉSIA — Incapacidade total ou parcial para recordar ou identificar experiências passadas.

AMOR — É muito importante para a criança que tenha à sua volta compreensão, ternura, e amor. Cabe aos pais a maior quota de todos estes sentimentos, e é

dêles que a criança deve receber maiores demonstrações, a fim de que desenvolva o seu bem estar físico e espiritual.

AMUSIA — (Psic.) Privação da faculdade auditiva musical. Os amúsicos não têm capacidade de apreciar nem a altura relativa, nem o timbre dos sons.

ANALGESIA — Ausência de dor, parcial ou total, permanecendo outras sensações. Vide **Anestesia**.

ANÁLISE DE SANGUE — Serve de base para a contagem e determinação da composição do sangue e a existência de possíveis enfermidades.

ANAMNÊSIA — (Psic.) Ato de recordar o que estiver esquecido, de trazer de novo algo à memória.

ANDAR COM OS PÉS PARA FORA E PARA DENTRO — (Vide **Pés chatos**, pés voltados para dentro).

ANEDOTA — O termo **anedota** na linguagem pedagógica converteu-se num meio de observação da conduta infantil. Este método é geralmente utilizado pelos professores, que observam o comportamento da criança. Primeiramente, deve ser feita uma descrição objetiva do comportamento infantil, incluindo conversas, ações, etc. Em seguida, deve ser feita uma interpretação valorativa do comportamento, utilizando os conhecimentos que o observador tenha da criança. Serve para dar uma imagem vivida e íntima da criança; mas, em virtude de sua objetividade, pode ser utilizada para outras crianças, e de uma observação mais direta extrai-se uma opinião pessoal.

ANEMIA — Vide **Puericultura**, 12.º cap., § 9.

ANESTESIA — É definido como ausência da percepção ou sensibilidade, provocada para fins médicos e cirúrgicos, mediante a administração de um anestésico. Este pode ser um gás a vapor (inalado), ou uma substância líquida (injetada).

ANIMAIS DOMÉSTICOS — É muito comum que as crianças e os jovens sintam simpatia e carinho espontâneo pelos animais. Há, entretanto, casos contrários, em que justamente a criança sente medo, o que se deve a alguma experiência desagradável, cuja lembrança não foi esquecida. Quando a criança manifesta muita vontade de ter algum animal (cachorro, pássaro,

gato), caso não exista nada em contrário, é preferível dar-lhe esta oportunidade, ao mesmo tempo que sinta ser o responsável em cuidá-lo diariamente.

ANIVERSÁRIO — A importância do aniversário, principalmente para a criança, é bem grande, e ela deve receber, nesse dia, uma consideração toda especial. É um dia diferente dos outros, e os pais devem comemorá-lo. Deve ser celebrada, entretanto, na intimidade e com simplicidade. Nêle deve reinar alegria e ternura, de forma que o aniversariante sinta que todos estão ali para felicitá-lo, ao mesmo tempo para passar algumas horas alegres.

ANOREXIA — Excessiva falta de apetite, quase sempre de origem psicológica. Pode ter causas variadas. Às vezes pode ser sintoma de **histerismo**.

ANOSMIA — Ausência ou deficiência da sensibilidade aos estímulos olfativos.

ANSIEDADE — Os medos infantís são de dois tipos: o chamado **normal** — medo aos perigos reais e imediatos, e **ansiedade**, medo aos perigos imaginários.

A criança sofre de medos imaginários em diversos períodos e em muitos casos podem tornar-se crônicos.

É preciso que os pais não se esqueçam de agir, em determinadas ocasiões, de forma a diminuir o medo, como, por ex.: se a criança chama durante a noite, porque tem um mau sonho, ou se encontra assustada por alguma coisa. É preciso, então, tranquilizá-la, conversando com ela, ou mantendo-se ao seu lado; se a criança tem medo do escuro, é preciso acender uma luz fraca no quarto, de forma que perca o terror às trevas. O mais contraproducente é envergonhar a criança pelos seus temores, como procurar convencê-la do irracional de seu medo. É preciso uma grande paciência e muita força de vontade por parte dos pais. Assim deve-se proporcionar à criança novas aptidões, que enriquecerão seu caudal de conhecimentos e novas ocasiões de ser independente. Precisa ela ganhar um sentimento de domínio sobre situações nas quais tenha podido sentir-se insegura.

Quando não fôr possível descobrirem-se as causas de uma ansiedade persistente, é conveniente consultar um médico ou um psicólogo, de forma a proporcionar à criança um tratamento adequado.

ANTIBIÓTICOS — Os antibióticos são substâncias preparadas com diversos **humus**, que impedem o desenvolvimento de algumas espécies de bactérias patológicas. A mais conhecida é a penicilina. Outras, como a estreptomicina, a aureomicina, a terramicina e a cloromicentina são amplamente usadas.

Os antibióticos não são, segundo estudos realizados neste setor, efetivos contra todo tipo de germens. Alguns parecem que adquiriram certa resistência que opõem a eles. Também se dá o caso de algumas pessoas reagirem contrariamente ao seu uso. Daí ser preciso o controle médico na administração de qualquer antibiótico, principalmente no caso de crianças e lactentes, nas quais é comum manifestar-se uma reação alérgica.

ANTICORPOS — Ao penetrar uma bactéria ou algum elemento nocivo no organismo, o corpo põe em ação um mecanismo, que produz um anticorpo, capaz de neutralizar a toxina específica. Este se chama uma "antitoxina". As antitoxinas de grande valor de imunização são as que se injetam nas crianças contra a difteria, o tétano, a febre escarlatina, etc.

ANTIPATIA — Sentimento instintivo de repulsa, experimentado contra alguma pessoa ou coisa. Opõe-se a **Simpatia** (vide).

ANTISSÉPTICOS — Vide **Primeiros auxílios**.

ANTI-SUGESTÃO — Na Psic., sugestão feita a um indivíduo com a finalidade de inibir o efeito de uma sugestão anterior, ou impedir a influência de uma idéia fixa.

APATIA — a) Literalmente: ausência de toda paixão. Este estado de indiferença (**apatheia**) figura no estoicismo como o ideal do sábio. A apatia é intuita para excluir todos os fatores que possam turvar a hegemonia da razão na alma. Os estóicos pregavam o aniquilamento das paixões pela razão, como um meio de conservar o domínio de si mesmo. A apatia estoica nada tem que ver com a resignação ou a paciência em face do mal.

b) Apatia também se chama uma insensibilidade não anelada. Assim chamamos apático o caráter de um indivíduo que reage pouco e fracamente em virtude de uma falta de irritabilidade emocional.

Essa significação moderna da palavra já se encontra em Aristóteles, que distingue entre uma apatia do espírito, a quem nada afeta, e uma apatia da sensibilidade, que, após uma comoção excessiva, por um fator sensível, não é mais suscetível de outras afecções.

APENDICITE — Vide **Puericultura** — 12.º cap., § 3.

APETITE (falta de) -- Vide **Puericultura** — 12.º cap. § 2.

APETITE (variações no) — O apetite nas crianças, como também se dá nos adultos, está num momento dado sob a influência das condições físicas do organismo, assim como também das mudanças de humor, sensibilidade ou fadiga. Se uma criança se sente muito cansada para comer, não é conveniente forçá-la a fazê-lo. Quando se encontra ocupada por uma idéia fixa, comerá menos e de nada adiantará dizer-lhe que deixe de pensar. Há casos, entretanto, de crianças, que se tornam verdadeiramente "esfomeadas", quando se encontram sob um estado de tensão ou se julgam desgraçadas.

Em qualquer caso, quando uma criança come em excesso, ou demasiado pouco, e tal se prolongue por muito tempo, o mais conveniente é consultar o médico.

APRAXIA — (Do gr. a, alfa privativo e praxis, acção).

a) Perda da memória motriz com incapacidade para executar atos habituais.

b) Também usado para designar a incapacidade de reconhecer as formas dos objetos, ou o seu uso. Há imaginação dos movimentos, mas sua execução torna-se impossível, sem que, no entanto, haja paralisia. Há certa **apraxia** no que imagina a realização de um ato hábil, mas em que seus membros não lhe obedecem.

APRENDIZAGEM — Considera-se a **aprendizagem** como uma mudança na conduta e na atividade somática. Costuma-se distinguir entre "prática" e "entretimento", e outras formas de atividade. Mas, deve-se levar em conta que qualquer atividade planejada ou não, produz mudanças. Estas variam em grau, segundo a motivação, e outros fatores, que determinam a afetividade da aprendizagem. Durante os primei-

ros anos, produz-se um desenvolvimento tão rápido, que as notáveis mudanças na conduta devem-se particularmente ao crescimento orgânico. Daí, ser importante distinguir, mediante os correspondentes grupos de controle, entre as mudanças de conduta, originadas pela interação do crescimento rápido e as condições da vida ordinária, e aquelas resultantes da ação de uma aprendizagem específica. Assim mesmo, pode aclarar-se o conceito de "aprender", confrontando com o de "esquecer". Em geral, emprega-se o vocábulo aprender para designar as mudanças adquiridas em virtude da atividade do organismo, enquanto que o de "esquecer" refere-se àquelas mudanças cuja persistência quebra-se depois de certo período de tempo.

Atualmente sabe-se (o que já sabiam os escolásticos), que o organismo humano está dotado da capacidade de aprender, desde o momento que nasce. Existem indícios de aprendizagem em forma de condicionamento prévio ao nascimento. Pode-se observar mudanças nas simples reações senso-motoras poucos dias depois do nascimento. Chegou-se a resultados satisfatórios, mediante experiências, nas quais empregaram-se grupos-controle, excluindo, desta maneira, o fator crescimento e experiência comuns não predeterminadas. Deve-se levar em conta que a aprendizagem infantil é diferente da do adulto. Desta análise da natureza da aprendizagem infantil, desprendem-se quatro condições, que têm de ser atendidas na confecção de qualquer plano de aprendizagem, e no prognóstico de sua efetividade. Estas condições compreendem:

1) O estado fisiológico do organismo no começo do período de aprendizagem. Como se sabe, o organismo infantil fatiga-se muito mais depressa que o do adulto, e um organismo fatigado não responde da mesma forma que um descansado.

2) As aptidões e capacidade do estudante ao aplicar-se ao programa. Um programa eficaz para certo nível de aptidão pode resultar inoperante para outro nível superior ou inferior.

3) A motivação do organismo. Existem provas evidentes de que a motivação na atividade de

aprendizagem é um fator importantíssimo na determinação da efetividade de qualquer programa de estudo. A capacidade infantil de trabalho é também um ponto importante em todo programa de estudo.

4) A natureza do programa é outro fator que influe sobre a eficácia da prática ou treinamento.

Um dos problemas, que interessam ao educador, é a relação da eficácia do programa de aprendizagem com as diferentes idades. A capacidade para aprender parece aumentar durante os primeiros 20 anos de vida, mantém-se em seu ponto culminante por uma década ou mais, para começar logo a declinar lentamente. Outro problema de interesse para o educador é a forma da curva com que se acusa a marcha da aprendizagem. A forma convexa é considerada ótima, tem um desenvolvimento inicial rápido, e logo diminui gradualmente, ou do contrário, uma curva em forma de S.

APROVAÇÃO — A criança sente necessidade da aprovação por parte dos pais, dos mais velhos, e até dos companheiros. É necessário, entretanto, não desmensurar-se em elogios por qualquer trabalho feito por ela, e sim aprová-lo na justa medida. A desaprovação deve, também, ser feita numa medida controlada, e nunca em excesso.

APTIDÃO — Pode definir-se a aptidão como a disposição para triunfar em determinado campo de ação, ou como uma tendência especial, inclinação, idoneidade ou capacidade e rapidez de compreensão, devida a uma particular organização nervosa ou muscular do indivíduo, que, no desempenho de certas atividades, coloca-se assim numa posição superior ao termo médio. Psicologicamente, diferencia-se da inteligência geral, que significa aptidão mental ou poder de raciocínio, enquanto aptidão aplica-se a atividades especiais, tais como as mecânicas, industriais, artísticas, sociais, religiosas, etc.

Desde que entra na escola, a criança atravessa estágios sucessivos, que oferecem a oportunidade de revelar seus interesses, capacidade, aptidões, assim como também suas aversões e inaptidões. Por meio de testes bem aplicados, pode-se prognosticar as aptidões.

Os testes de prognosticação são aqueles que denunciam as aptidões para campos especiais, antes que

a indivíduo haja tido oportunidade de estudar, desempenhar ou realizar-se em algum destes. Os testes de aptidão especial são particularmente valiosos no campo profissional. Mediante os mesmos, pode-se determinar quais os campos profissionais, onde terá maior possibilidade de êxito, facilitando, assim, a escolha de profissão.

ARCOS DENTAIS — Existe uma grande variedade de arcos dentais, e alguns deles são quase que invisíveis. Alguns servem para impedir que os dentes se unam, enquanto outros servem para juntá-los. Alguns são usados para corrigir e indireitar os dentes que crescem tortos, para corrigir algum hábito prejudicial, como roçar os dentes com a língua, etc.

AREIA (jogos na) — A criança gosta de brincar com a areia e, portanto, deve-se proporcionar o que lhe é preciso, isto é: um pouco de areia e alguns instrumentos, como pás, baldes, figuras para encher de areia, etc. Quando maior, os jogos na areia, à beira do mar, são muito variados como competição entre dois grupos no puxar a corda.

ARMAS (jogos com) — É muito comum na infância os brinquedos em que se usam armas de brinquedo, ou se brinca de guerra. Muitos pais vêem nisto uma manifestação agressiva da criança, mas se ela não o faz em excesso, não há nenhum perigo. A criança imita o que vê nas histórias, na televisão, nas páginas dos livros, nos quais os heróis sempre usam armas de fogo.

ARRANHÕES — (Vide Cortes, feridas).

ARRUMAÇÃO (da casa) — A criança não tem o sentido de arrumar as coisas, como nós, adultos, temos. Para chegar-se a um acôrdo e manter uma certa ordem na casa, é preciso seguir-se umas regras de sentido comum, que facilitarão a ordem caseira. A criança precisa ter um lugar especial para guardar os seus brinquedos e objetos de suas ocupações diárias. É absurdo querer que uma criança pequena guarde sôzinha os seus brinquedos; ela precisará de auxílio para tal. O mais conveniente é fazer com que a hora de guardar os brinquedos seja tão agradável como um brinquedo. Os pais devem, entretanto, lembrar-se sempre que o melhor exemplo é o dado por eles próprios.

ARTE DE FALAR — Vide Oratória.

ARTE DE MEDITAR — Vide Meditação.

ARTE DE PENSAR — Vide Meditação e, sobretudo, Lógica e suas regras.

Além das regras, oferecidas no verbete **Meditação**, podem-se tecer ainda alguns comentários sobre a arte de pensar, tão descuidada nos dias de hoje, que são os seguintes:

Em vista de se terem descurado dos estudos lógicos, é comum verificar-se que poucas são as pessoas que sabem realmente pensar com exação, tirar ilações seguras, concluir com coerência. A maioria raciocina com os sentimentos, aceita ou rejeita pensamentos sem ser capaz de um exame cuidadoso. Segue a linha opinativa, tem pontos de vista, faz afirmações que não resistem à análise, e cai, finalmente, em sofismas dos mais comuns e até de uma boçalidade primaríssima. Não é de admirar que até sábios, filósofos que gozam de certo renome, caíam nesses des-pautérios, e que muitas idéias inconsistentes se tornem dominantes, não só em certos grupos humanos, mas até durante determinadas fases dos ciclos culturais, perturbando o desenvolvimento da própria humanidade, causando, afinal, o advento de brutalidades inomináveis e guerras das mais destrutivas. O domínio do irracional sobre o racional, que se acentua em algumas épocas, não é de admirar, quando sabemos que a fase genuinamente racional do homem é recente, enquanto predomina uma longa fase de primitivismo e de irracionalidade. Por tôdas essas razões, e sobretudo considerando-se que o ser humano já passou a fase da animalidade, e embrenha-se, decididamente, na fase humana, que é genuinamente racional, não se podem mais admitir tais retrocessos, essas regressões infantis tão comuns. Cabe à pedagogia moderna uma finalidade: a de colocar o homem no caminho da humanidade. Mas quando se fala em racionalidade, não queremos nos referir a um mecanicismo racional, à transformação dos homens em robots lógicos num sentido vicioso. Não há necessidade de secar a imaginação, desterrar a fantasia, para que o homem se torne fortemente racional. Pode o ser humano ser criador em suas ficções, mas é mister que, ao lado de sua capacidade criadora, também penetre com

segurança no campo racional, e neste conheça um desenvolvimento imprescindível para o seu progresso.

Nada mais importante para bem pensar que o estudo da Lógica. E isso se explica porque, na verdade, quando racionalmente opera a nossa mente, pensamos com conceitos, com esquemas eidético-noéticos. Ora, a Lógica é a ciência dos conceitos, que examina seus significados e aplicações, bem como a coerência que se impõe entre os diversos **logoi** (plural de **logos**); ou seja, entre a aceção dos termos em sua intencionalidade. O rigor do raciocínio é imprescindível. Em grande parte, tal não se obteve no ensino, porque, por um defeito didático, tornaram-se matérias, como a matemática e a lógica, tão estéreis, que elas só interessam àqueles que já revelam uma predisposição natural para as mesmas. Contudo, um *são* didactismo permitiria que se tornasse a Lógica agradável, bem como a matemática. Uma das principais missões do pedagogo consiste em saber aliar a agradabilidade à matéria que ensina, já que é da natureza humana preferir o agradável, e preterir o desagradável. Partindo-se, por exemplo, do exame de certos pensamentos, raciocínios, silogismos, mostrando-se seus erros, é possível impulsionar os alunos ao estudo da Lógica, e daí à Matemática.

O pedagogo deve despertar na criança forte interesse por tais estudos imprescindíveis para a humanidade que surge, que terá de ser extremamente técnica e de sábios, porque será o sábio o aristocrata de amanhã e, ademais, tendo sido o homem desafiado pela ciência, que criou, não poderá mais voltar ao irracionalismo, mas, sim, penetrar, com passo seguro, na nova senda que se abre para ele, que é o caminho do saber culto, da ciência, no sentido puro e genuíno.

ARTE E AS CRIANÇAS — A expressão criadora é, antes de tudo, um dos meios de desenvolvimento da personalidade. Não deve ser considerada como uma atividade especializada, destinada somente a certas crianças que demonstram algum talento, como é considerado pela maioria dos pais e adultos, e, sim, uma ocupação para todas, seja qual for a idade. Os pedagogos e educadores não estão de acordo sobre a questão se é possível a determinação segura se uma criança tem talento ou não. Alguns afirmam que este só

poderá ser efetivamente determinado em estágios posteriores, como na adolescência, mas de forma nenhuma na primeira infância.

As crianças chamadas "talentos" diferem das demais somente no fato de necessitarem maior atividade artística ou projetos mais complexos para satisfazer o seu interesse, e em que se expressam com maior facilidade.

A criança encontra nos pais os primeiros mestres a ensinar-lhes a desenvolver o seu potencial artístico. Quanto à idade para começar as primeiras tentativas artísticas é muito variável. Alguns pedagogos afirmam que desde o momento em que a criança saiba manejar um lápis ou pincel, começa a sua atividade artística. Em geral, com três anos, a criança já usa com facilidade o lápis e o pincel, sendo este último o mais aconselhável, pois proporciona maior liberdade de movimento, não oferecendo nenhuma resistência, como acontece com o lápis.

O papel e o pincel devem ser de tamanho grande, porque assim a criança de pouca idade trabalha com movimentos amplos, e pode mover os seus músculos com liberdade.

A criança de três ou quatro anos concebe as suas idéias como manchas de cores ou como massas que se estendem. Atingirá, depois, a fase em que pintará objetos que podem ser reconhecidos.

A modelagem também é uma forma de expressar-se o espírito criador infantil. Os primeiros experimentos serão, naturalmente, informes, passando, progressivamente, à representação de objetos e animais mais conhecidos.

As "construções" são um meio de expressão artística ou criadora. Duas formas principais se adaptam à mentalidade infantil. São: colar pedaços de material numa superfície plana; massa de barro, na qual se colocam palitos ou palitos de fósforos, ou qualquer outra coisa, que sobressaia, dando uma determinada forma.

A criança passa por uma série de fases determinadas. As primeiras realizações são **abstratas**; quer dizer, linhas e cores, cujo significado não é aparente. Atingidos os quatro anos, começa por organizar as

massas de côr, segundo as mais diversas combinações, e os desenhos já começam a ter uma forma definida; isto é, compreensível ao adulto, que vê o esboço de um objeto da realidade. Começa nesta idade a organização de diversos elementos no espaço. Desta fase, passa à fase simbólica, na qual os símbolos são as formas por ela inventadas, que servem para representar coisas ou pessoas. Assim, é comum ouvir-se uma criança dizer, ante qualquer esboço ou rascunho, ser um cavalo ou uma pessoa ali desenhada. Depois da idade de seis anos, começará a interpretar idéias sobre a sua vida quotidiana, sua família, seus brinquedos, etc.

Com oito ou dez anos, começará a dar às coisas as suas verdadeiras proporções; quer dizer, torna-se realista, e procura saber como se desenha um cavalo ou um homem sentado, etc. Aqui é o momento realmente indicado para ensinar-se como é preciso fazer para conseguir o que deseja representar.

Entretanto, não é de forma alguma indicado ensinar-lhes em demasia leis de perspectiva, anatomia, colorido, etc., pois muitas crianças, encontrando dificuldade na técnica, cansam-se e abandonam os seus experimentos artísticos. A técnica deve ser dada só na medida das necessidades demonstradas pela criança, e que nunca se torne mais importante que o individualismo do pequeno artista.

A influência do meio ambiente sobre o desenvolvimento artístico da criança é de grande importância. Tudo quanto cerca a criança, na sua primeira infância, influirá na sua formação, e, principalmente, no seu gosto artístico. Assim, tanto a disposição dos objetos, como mobília, quadros, cortinas, do lar, e a qualidade e formato dos brinquedos e jogos, é de grande importância. O brinquedo, além de ter como finalidade, entretê-la, pode, também, ser um meio eficaz de começar a educar o seu sentido artístico. É de grande importância escolherem-se brinquedos de colorido agradável e harmônico, como também livros com gravuras de arte e boas ilustrações.

A criança necessita ter um local onde possa trabalhar comodamente. O mais aconselhado é, quando se dispõe de espaço, ter um quarto reservado só para brinquedos e estudos. Uma mesa de baixa altura, onde ela se sente comodamente e tenha à mão

os seus livros e cadernos é o mais indicado. Os materiais preferidos são o guache ou aquarela. Seis côres são suficientes, e três ou quatro pincéis de tamanhos variados e umas folhas de papel servem para o seu uso. Os lápis de côr são aconselháveis somente quando a criança se encontra em idade escolar, e precisa deles para fazer seus trabalhos escolares.

São os pais os mais indicados em ajudar o desenvolvimento artístico dos filhos, e devem ter sempre em mente algumas normas, que damos abaixo:

1) Ajude a criança a desenvolver o seu gosto artístico desde a infância, proporcionando-lhe, para tanto, material e ambiente favorável.

2) Não imponha suas idéias de adulto à criança. Ajude-a somente quando ela pede.

3) Não lhe dê trabalhos já feitos (muito em voga no comércio), para que preencha com côr ou copie de livros.

4) Não exiba suas obras como "obras de arte", produzidas por um "talento", e, sim, como algo natural, que a criança realiza por necessidade de expressão.

5) Não é conveniente a comparação com os trabalhos de outras crianças ou irmãos e, só em raras ocasiões, usando tal comparação apenas como incentivo. (Vide Artística, apreciação).

ARTES MANUAIS — (Vide Arte e as Crianças e Artística, apreciação).

ARTICULAÇÕES (dôr nas) — (Vide Crescimento e febre reumática).

ARTÍSTICA, APRECIAÇÃO — A apreciação artística pode ser definida como o gozo dos objetos de arte, incluindo, de certa forma, a sensibilidade para os valores estéticos, como, também, a discriminação de suas diversas qualidades.

O conceito infantil de belo modifica-se conforme a idade.

a) A criança pequena aprecia unidades reduzidas e simples. À medida que crescem estas unidades, tornam-se mais complexas e extensas.

b) A criança pequena não separa as suas próprias atividades da apreciação estética dos objetos ou de seu contorno.

c) A criança maior projeta seu estado emocional sobre o objeto artístico, ou sobre a natureza. Sem sabê-lo, vê, no objeto de arte, o reflexo ou a representação de sua própria atividade.

d) A criança pequena mede o valor estético de um objeto de arte pela sua moralidade. Ser belo e ser bom é a mesma coisa.

É muito difícil aplicar uma filosofia da beleza na apreciação artística infantil, devido ao conceito variar de indivíduo para indivíduo, e, por esta razão, não ser possível determinar-se com exatidão.

A apreciação artística infantil está intimamente relacionada com o interesse geral particular de cada idade. A apreciação da pantomima, música ou poesia, precede aos objetos de arte visual. Dos dados experimentais, acerca da apreciação pictórica, despreendem-se os seguintes fatos:

1) A preferência pictórica varia segundo a idade e o sexo.

2) As crianças interessam-se pelo conteúdo dos quadros, onde os objetos contam uma história. Interessam-se mais pelo carácter e moralidade das pessoas ou situações representadas.

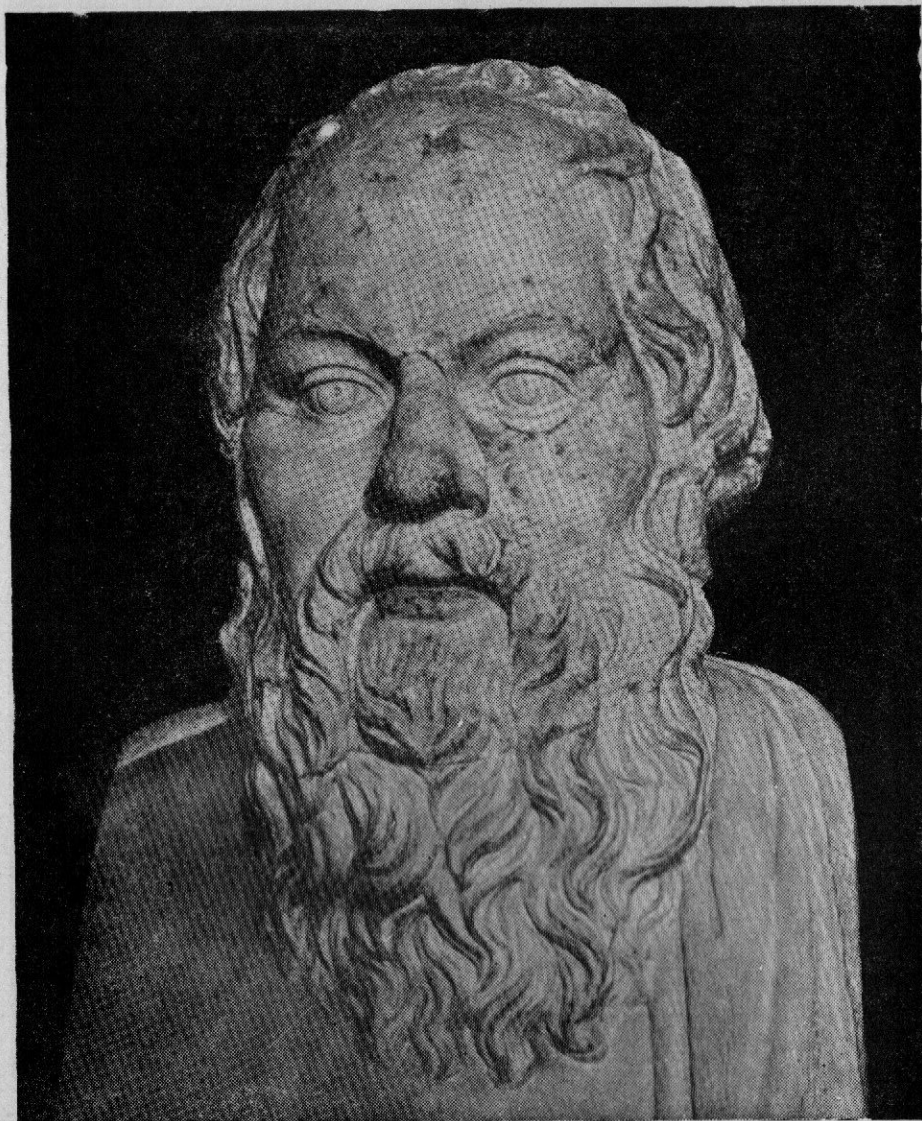
3) O interesse pela cor, segue-se em ordem de importância ao interesse pelo conteúdo, e serve para intensificá-lo. As crianças pequenas e as maiores interpretam emocionalmente a mesma cor de modo diferente. No uso das cores, os pequenos preferem as cores brilhantes, enquanto os maiores escolhem e preferem a monocromia.

4) As crianças pequenas permanecem indiferentes à técnica ou destreza, mas as maiores prestam atenção a estes aspectos, principalmente se são semelhantes aos que eles empregam.

5) As crianças apreciam a realidade e a clareza de um quadro; preferem o naturalismo e o realismo.



Pythagoras — o grande pedagogo, que disse para sempre: "Educai os homens e fechareis os cárceres".



Sócrates — Aquêlê que soube erguer a juventude grega para os grandes temas do pensamento humano.

6) As crianças, particularmente dotadas para as artes visuais, diferem de certo modo das crianças comuns. Ainda que suas preferências sejam influenciadas pelo conteúdo, e este seja determinado pelo interesse geral, de acôrdo com a idade, demonstram um interesse pelo desenho e pela técnica, que não existe na generalidade. Seu grau de interesse pelos objetos artísticos supera, de forma notável, ao da criança comum.

As crianças não reagem diretamente às qualidades estéticas das obras de arte. A reação primária da criança indica que o quadro não é interpretado como um objeto, mas, sim, como uma situação realmente existente, comparável aos acontecimentos que se contemplam através de uma janela. A reação estética é, portanto, indireta e, em geral, inconsciente, enquanto a reação para os aspectos não artísticos é direta. Isto não prova uma deficiência no sentimento estético. Indiretamente, há indícios de reação estética, já que a sugestão de um objeto aumenta e exerce uma impressão mais duradoura, quando aquêlê está representado numa forma artística.

A missão do mestre é educar a apreciação artística, despertando o interesse da criança.

ASCENDÊNCIA-SUBMISSÃO — Diz-se que é ascendente, na psicologia moderna, referindo-se ao indivíduo, aquêlê que atua, regulando-se pelos próprios desejos e apetências, colocando-se, portanto, numa posição vantajosa, em alguns casos até de autonomia, em face do meio circunstancial ambiente. Por outro lado, diz-se submissão a posição contrária, a ausência de ascendência. Alguns psicólogos e pedagogos modernos dedicaram-se ao estudo da polaridade **ascendência-submissão**, nos diversos estágios da formação e do processo psicológico do indivíduo humano. Assim é fácil verificar-se que o aumento da **autoconfiança** reforça um aumento de ascendência, com a concomitante diminuição de submissão. Contudo, como em tudo quanto se refere à natureza humana, verificou-se que os excessos são prejudiciais, pois indivíduos, excessivamente ascendentes, não obtêm os progressos intelectuais que se verificam nos moderadamente ascendentes, pois aquêlê excesso tem levado a uma auto-suficiência descontrolada, que é fonte de erros graves e prejudiciais. Como são situações habituais (vide

hábito), o aumento da ascendência e a diminuição da submissão podem ser obtidas através de um treinamento; são, pois, adquirível uma e desleixável outra.

Certas observações cuidadosas trouxeram o aporamento de resultados valiosos, tais como: observou-se que nos indivíduos infantis, em que se manifesta um aumento da ascendência, há a tendência em querer fazer desistir, por parte dos outros, das mesmas ascendências determinadas pelo primeiro. Por outro lado, o impulso à ascendência leva o indivíduo a fazer atuá-la no grupo de que faz parte, e quando não pode impô-la, com este se conflitua ou recua, na expectativa de outras oportunidades, ou, na impossibilidade de impô-la, o afastamento e a busca de outro grupo, onde possa exercê-la. É fácil compreender-se que há uma ascendência normal, que pode perfeitamente equilibrar-se com o grupo, sem gerar conflitos emocionais. Essa ascendência deve e pode ser estimulada. O uso de **marionetes**, que se encontram em situação de exercer ascendência, buscando fazê-la, permite dar representações nítidas aos olhos da criança, para mostrar-lhe como poderia proceder em tais situações. Também o uso de histórias infantis, em que se mostrem situações que podem exigir da criança uma atuação de ascendência, com explicações singelas por parte de pais e mestres, é também um método, que tem sido usado com relativo bom êxito. Tais meios servem também para diminuir a submissão, e mostrar o prejuízo da excessiva ascendência.

ASFIXIA — Vide **Puericultura**, 6.º cap., § 1.º.

ASMA — Vide **Puericultura** — 10.º cap., § 5.

ASSENTIMENTO — Ato pelo qual o espírito reconhece por verdadeiro ou uma proposição, ou o estado que resulta desse ato. Um assentimento pode efetuar-se por meras opiniões, ou por proposições com carácter de certeza. Assentir não é raciocinar sobre certos fatos, mas a aceitação global posterior de raciocínios, que se apresentam ao espírito como um todo, quer de origem alheia, quer de elaboração própria. Há quem queira atribuir ao “assentimento” um carácter de espontaneidade, que o contrasta com o “consentimento”, que seria voluntário e reflexivo.

ASSIMBOLIA — Incapacidade para compreender ou usar a linguagem, ou seja a comunicação simbólica, por perturbação cerebral.

ASSIMILAÇÃO — a) Ação pela qual se passa uma coisa do diferente ao semelhante, tornando uma ou mais coisas semelhantes; o termo oposto é a **diferenciação**. Este sentido geral encontra, nos diferentes sectores da realidade, uma aplicação mais específica.

b) Na Pedagogia, significa o processo (análogo ao observado na Fisiologia quanto à assimilação alimentar), de digerir e incorporar, íntima e orgânicamente, o material apreendido. Neste sentido, opõe-se à invenção, que parte de um material já previamente assimilado, como também à memória pura, que simplesmente aceita material de fora, sem (teoricamente) assimilá-lo (Vide **Introdução**).

ASSINERGIA — Na Psic., incapacidade de executar atos motores complexos, que exigem a cooperação harmônica de músculos isolados.

ASSISTÊNCIA SOCIAL — Diz-se de toda atividade e organização, quer de origem privada ou estatal, que ministra atenções, cuidados, previdência e auxílios de carácter social aos indivíduos necessitados ou deles carente, prestando-lhes esses serviços e bens, com fundamento na solidariedade humana e no intuito de prover ao ser humano sempre tudo quanto é considerado do dever da sociedade humana em conceder ao membro da sociedade. É grande a variabilidade de sistemas e meios empregados com essa finalidade, mas todas tomam o nome genérico de **assistência social**.

ASSISTENTE SOCIAL — Chama-se ao profissional empregado em muitos dos centros dedicados ao serviço de **assistência social**.

ASSOCIAÇÃO — Na Psicologia, chama-se associação a relação, que subsiste entre as disposições mentais correspondentes a dois ou mais conteúdos da consciência, e que se manifestam no aparecimento simultâneo ou sucessivo daqueles conteúdos no campo da consciência, sem a intervenção da vontade ou mesmo contra ela. Este fenómeno chama-se em geral “associação de idéias”, não obstante o termo **idéia** sig-

nificar uma limitação injustificada do campo de validade dessa lei, limitação, que, de fato, não é intencional em quem quer que use este termo.

É questão de máxima importância do ponto de vista científico como prático, saber qual é o princípio que regula esta associação. Aristóteles, que claramente reconhecia essa lei, funda-a nas relações de semelhança, de contraste e de contigüidade, reinantes entre os elementos da associação. Nas diversas correntes filosóficas, à medida que despertaram interesse os temas psicológicos, voltou a ser ventilado o assunto, através de toda a história, porém sem contribuições novas ao problema, já que o fenômeno parecia suficientemente solucionado pela explicação de Aristóteles.

Aristóteles havia estudado as associações, e estabeleceu três espécies:

a) associação por **contigüidade**; b) por **semelhança**; c) por **contraste**.

A "lei da contigüidade" pode ser expressada assim: quando dois estados coexistem na consciência, qualquer que seja a causa de tal coexistência, se um deles se apresenta de novo ao espírito, tende a reproduzir o outro.

Essa coexistência pode dar-se no espaço ou no tempo, quando os objetos são contíguos no espaço ou no tempo.

A "lei de semelhança" enuncia-se assim: "um estado de consciência qualquer tende a evocar os estados que se lhe assemelham". Já vimos a variedade do semelhante, do parecido. A semelhança pode dar-se na forma, nas relações, no mundo sentimental, como se vê nos artistas.

Um músico notará certa musicalidade nas páginas de um livro, segundo a emoção que desperte a leitura que se assemelha à emoção provocada por tal ou qual tom, como Beethoven, ao referir-se a certo livro, dizia que "era sempre **maestoso**, escrito em ré bemol maior".

A "lei do contraste" pode enunciar-se assim: "um estado de consciência evoca outro estado de consciên-

cia, que forma com ele um contraste". O grande evoca o pequeno, como o anão pode evocar o gigante; o branco, o preto, etc.

Para surgir uma associação é preciso a presença simultânea dos dois objectos no espírito, percebidos, portanto, simultânea e contigüamente.

Consideram muitos psicólogos que a associação é uma das formas inferiores da vida mental. "Se a associação é um instrumento indispensável à imaginação criadora, é a inteligência que escolhe, entre as construções resultantes da atividade associativa, as que se mantêm de pé, e que constituem verdadeiras criações. O juízo não consiste apenas em associar objectos ou idéias, mas em perceber relações que os ligam. Enfim, o raciocínio não nos faz simplesmente passar do antecedente ao conseqüente: ele nos faz ver que do antecedente segue-se, necessariamente, o conseqüente. Ao fazer da associação um fenômeno de automatismo psicológico, não rebaixamos a inteligência humana como os associacionistas; nós lhe indicamos, ao contrário, seu domínio próprio, e evitamos confundi-la com formas inferiores da vida psíquica" (Foulquié).

Ao pensarmos num fato, não se associam todos os fatos contíguos a esse. Uns vêm à memória, outros não. Há uma escolha. O mesmo se dá com a lei de semelhança. Não nos vêm à mente todas as semelhanças, mas algumas.

Se a lei explica as que surgem, como explicará as que não surgem? Além disso, muitas idéias evocadas surgem por contigüidade, mas distantes uma de outras, havendo entre elas muitas outras que não são evocadas. É natural que, numa análise, podemos provar que uma idéia evocada estava em contigüidade com outra, por intermédio de uma terceira ou de uma quarta.

Mas, na verdade, toda a nossa vida está assim ligada pelos fatos e acontecimentos que vivemos em geral. A lei de contigüidade, se permite compreender a relação de uma idéia para com outra, não explica, porém, a associação de modo satisfatório.

O grande problema para a psicologia é o da seleção. Houve psicólogos que procuraram explicá-la apresentando outras leis. Enfim, centenas de leis poderiam ser propostas, sem que o tema ficasse esclarecido convenientemente.

No entanto, a associação de idéias é uma necessidade para a vida. A dificuldade em explicá-la consiste no fato de haverem os psicólogos tomado a associação de idéias como algo simples, como uma faculdade simples da memória, quando, na realidade, faz parte de toda a estrutura psicológica do homem.

Está ela subordinada à personalidade, aos contrastes da personalidade, às aspirações, tendências, sentimentos, afeições, enfim a todo o arcabouço psicológico.

Se realmente se dão associações, segundo as três regras de Aristóteles, elas não sucedem de uma forma absolutamente automática. Dentro dos diversos "planos da consciência", dos seus diversos aspectos estruturais, as idéias são associadas segundo a condicionalidade dessas estruturas.

Como poderíamos compreender a diversidade, a preferência, hoje, de uma associação por contigüidade, por exemplo, a outra que, amanhã, será preferida, se não fôsse o ser humano, um conjunto de planos de consciência, de estruturas diversas, que ora dão maior relevo a umas e permitem que surjam estas ou aquelas idéias associadas, e, noutras ocasiões, permitem outras.

É possível que, nos animais, se verifique esse automatismo na associação de que falam os assocacionistas. No homem, porém, dado o caráter de seu espírito, as associações não se processam numa linha geral, invariante, segundo as regras clássicas, mas numa linha variante, condicionada aos planos de consciência.

ASSOCIAÇÕES DE PAIS E MESTRES — É comum, em grande número de países, as associações de tipo pedagógico ou educativo, nas quais, pais e mestres trocam idéias sobre a educação, que recebe a criança na escola e a sua atuação no lar.

ASSOCIAL — O que não possui características sociais, ou o que se exclui da esfera da Sociologia, como também

o que se afasta da vida coletiva. Não se deve confundir com **anti-social**, que é o qualificativo para o que se opõe ao social, enquanto **associal** quer referir-se ao que apenas se exclui do social. Uma criança **associal** afasta-se do convívio de outras, mas a **anti-social** opõe-se até agressivamente ao grupo social.

ASSUGESTIONABILIDADE — Estado que consiste em reagir, nem positiva nem negativamente às sugestões dadas pelo hipnotizador.

ASTIGMATISMO — (gr. *a*, alfa privativo + *stigma*, ponto). Um defeito no mecanismo de refração da vista, devido ao qual raios de luz, que partem de um ponto do objeto contemplado, não coincidem em um único ponto da retina. Há um **astigmatismo regular**, que consiste em serem as superfícies refratárias da córnea elipsoidais, em vez de esféricas: e **astigmatismo irregular**, quando em virtude de uma falta geral de homogeneidade das superfícies refratárias, cuja forma se afasta, arbitrariamente, das figuras matemáticas do círculo ou elipse. Os correspondentes defeitos na percepção visual podem ser corrigidos (por meio de óculos) no primeiro caso; no segundo, de maneira alguma.

ATAQUES COLÉRICOS — É a cólera uma violenta explosão de ira, uma comoção, portanto. Nesse estado, a criança manifesta perda de controle, grita, dá pontapés, atira objetos etc., e nalguns casos mais fortes, atira-se ao chão, vocifera, etc. Seu rosto se convulsiona, sobe-lhe o sangue, enrubesce acentuadamente ou, então, empalidece, havendo até casos em que há suspensão da respiração. São, sobretudo, observáveis do 1.º ao 3.º anos. Tais explosões são de certo modo normais, merecendo preocupações quando elas não se verificam. O que, contudo, se torna um problema é a repetição acentuada de tais estados, a sua frequência exagerada.

O estudo das causas (a **etiologia** da cólera) é tema que preocupa vivamente psicólogos e pedagogos. Dá-se como princípio da cólera a frustração. Assim, na 1.ª infância, surgem das exigências dos pais que desejam que os filhos façam o que fica além de suas forças; a realização de ações que estão acima do nível da criança; a falta de brinquedos, quando há várias crianças, de modo que algumas fiquem privadas

dêles, sem que a sua abundância impeça a explosão de conflitos entre elas; as indigestões, constipações, resfriados, a própria fadiga, excitações exageradas, etc., podem provocar explosões de cólera. Esses motivantes têm o papel de estimular a eclosão da comoção. Muitas vezes essas explosões dirigem-se contra companheiros, mestres, etc., motivados por ressentimentos provocados por outros, para os quais se dirige a explosão colérica. São cargas acumuladas que se descarregam, quando há motivantes que facilitem a sua eclosão. Há um estado de tensão, que se exterioriza, quando os motivos surgem. Verificam-se facilmente, por parte do primogênito, quando surge um segundo filho, para o qual se dão as atenções antes dirigidas para aquele. O maior, julgando-se relegado a segundo plano, explode em tais comoções. Muitas vezes, em face das atenções que recebe o menor, é natural que manifeste regressões infantis, para provocar atenções semelhantes. Deve-se, nessa oportunidade, mostrar que a situação do bebê é de inferioridade e de impotência, o que não se verifica no maior. Se se reprimir excessivamente tais manifestações da criança, poderão elas criar um complexo de inferioridade. O principal é pais e mestres manterem o autocontrole, mantendo-se o mais tranqüilamente possível nesses instantes de explosão de cólera. É conveniente, também, isolar os meninos coléricos, que já passaram da 1.^a infância, pois são muito contagiosos para as outras crianças. Isolados, mesmo à força, não se deve, depois, tocá-los, para não aumentar a irritação. Nos casos extremos, um banho morno é aconselhável. Se se der à criança o que deseja aos gritos, ela tenderá a repetir esse processo para conseguir o que deseja, em vista da eficiência que lhe emprestará. Também não se deve tornar a criança um centro de preocupações nesse momento, porque despertará a valorização do prestígio social, que, em muitos casos, é prejudicial. Também não se deve tentar dominá-la por meio de presentes ou de promessas de presente, porque, então, se fomentarão as repetições. Se as cóleras são freqüentes podem indicar que há carência de afetos, dos quais não se deve privar a criança. Para resolverem-se tais casos, os conselhos mais hábeis são os seguintes:

1) criar uma atmosfera geral de serenidade, de benevolência e domínio de si.

2) Em casos graves, solicitar a colaboração de pedagogos ou de psicologistas.

ATAQUES DE RISO INCONTIDO — É comum as crianças e jovens passarem por fases de alvoroço e risadas incontidas. Na fase da puberdade, é muito comum, principalmente, entre as meninas. Muitas vezes é uma forma de dissimular uma perturbação emocional; outras é o meio de aliviar um estado de tensão. Em geral, passam com o tempo, e não devem ser motivo de irritação para os pais ou outros adultos.

ATAVISMO — (Lat.: *atavus*, *avô*). a) Ocorrência em um indivíduo de um fenômeno ou caráter, que embora não possuídos por seus avós imediatos, pertenceram, no entanto, aos antecedentes mais remotos.

b) Numa raça mesclada, o **atavismo** se manifesta pela aparição, em certos indivíduos, de caracteres típicos de um dos componentes primitivos da mescla, embora a grande maioria dos indivíduos ofereça um aspecto bem nivelado.

c) O evolucionismo chama de **atavismo** a existência de um caráter ou de uma função carente de sentido no estado atual da espécie, mas que se explica como resíduo de um estado anterior. (O cão, que dá uma volta antes de deitar) (Lalande).

O atavismo, na vida racial, descrito acima, nem sempre pode ser distinguido de caracteres oriundos da acomodação. Até é muito provável que influências exteriores e a correspondente tendência de acomodação atuem no sentido de estimular a formação de caracteres atávicos.

ATENÇÃO — Em sua acepção mais geral é a “direção especial do espírito a um objeto”.

A atenção pode ser **voluntária** e **não voluntária**. Com referência ao concurso, e respectivamente, ausência do livre arbítrio, é universalmente admitida essa classificação. Há, porém, autores, que insistem em que nunca se pode caracterizar a atenção como um efeito da vontade; mas, sim, e sempre, como um “fenômeno volitivo”, porque, segundo eles, a atenção é uma faculdade simplesmente primordial da alma,

que não pode ser antecedida e condicionada pela vontade.

Este estado pode ser produzido, voluntária ou ativamente (também chamado espontaneamente); ou de maneira reflexa e passiva, quando causado por um estímulo inesperado, que não era previamente do conhecimento do sujeito. A atenção é voluntária ou ativa, quando se dirige ou a um objeto, intrinsecamente atrativo, ou interessante, ou quando é aplicada com um certo esforço para um objeto, que só oferece um interesse indireto.

Atenção: 1) reflexa ou passiva, e 2) voluntária ou ativa;

a) espontânea ou não volitiva e b) volitiva ou indireta.

Os termos citados são os de maior uso na literatura, porém, nunca se deve esquecer que alguns deles (ativo-passivo) implicam numa posição já tomada em problemas psicológicos mais gerais, como, p. ex., na questão de se é possível um processo mental "passivo". Além disso, parece problemática a distinção entre uma atenção "reflexiva", e atenção "voluntária espontânea".

Com relação aos objetos, distingue-se, também, "atenção sensorial" (dirigida a uma sensação), e "atenção ideal" ou "intelectual" (dirigida a uma idéia). A atenção sensorial, pois, ganha um sentido mais especial quando é cposta à atenção motriz. A primeira significa, assim, a atenção a um sinal esperado, e a segunda a atenção a um ato determinado, a executar quando o sinal é dado. Neste caso, há duas atenções ou dois objetos de atenção, simultaneamente, no espírito, uma dirigida contra o sinal esperado e a outra como preparação do ato de executar.

No mundo orgânico subconsciente, encontramos fenômenos análogos à atenção, que, para distinguí-los da atenção propriamente dita, são chamados de "atenção primária" (primary attention).

As necessidades da vida prática exigem que a atenção, tanto possa concentrar-se com bastante intensidade e persistência a um objeto determinado, co-

mo, também, deve ser capaz de dirigir-se em atos sucessivos a um número bastante grande de objetos diferentes, que se apresentam como de importância vital, ou de importância indireta (p. ex., profissional). Cada defeito em uma dessas capacidades, se é bastante pronunciado, é patológico, a não ser que se trate da fraqueza geral da atenção, que é um característico da infância, e como tal perfeitamente normal.

Como a atenção é um fenômeno que se acha em íntima ligação com a totalidade da vida psíquica, é óbvio que quase não há nenhuma perturbação mental que não implique também um defeito dessa faculdade. **Deficiência** da atenção aparece regularmente ligada à idiotia e à imbecilidade, como, também, à senilidade e à demência.

Uma capacidade subnormal de fixar a atenção é igualmente característica de uma série de perturbações funcionais do sistema nervoso. Cansaço, alimentação defectiva ou fraqueza devida a doenças podem produzir sintomas semelhantes de carácter mais ou menos temporário, como também a intoxicação cerebral, devido a entorpecentes.

O defeito contrário da atenção fixa revela-se, principalmente, na "idéia fixa", que ocupa o campo inteiro da consciência, vedando o acesso a todos os outros objetos. Esse fenômeno é característico da melancolia, mas, também, de estados extáticos e hipnóticos, que estreitam o campo da receptividade normal pela predileção pessoal ou pela sugestão alheia de uma ou poucas idéias chegadas a um domínio exclusivo da atenção.

Coordenadas da Atenção: Pode-se enumerar, na atenção, uma série de "coordenadas":

- 1) excitante;
- 2) memória;
- 3) interesse;
- 4) direção da tensão da consciência;
- 5) imobilidade.

Numa fase mais culta da vida humana, chamam-nos a atenção fatos que dizem respeito diretamente

à nossa personalidade, como, para o físico, os fenômenos físicos; para o músico, uma frase musical; para o pintor, um aspeto da natureza, etc.

O interesse maior ou menor que nos causa o facto exterior ao espírito, poderá provocar a maior ou menor intensidade da tensão de consciência, que é, em certo grau, volitiva, pois nessa direção, a **atividade dirigida, sendo consciente, assume as características da vontade.**

Há, no ato de atenção, um representar antecipado da experiência que se espera. E realmente, de antemão, criamos imagens com as quais acolheremos a percepção nova, como salienta Roustan. “E, — diz ele — representar-se com antecipação a experiência, que vai produzir-se, ou pedir à nossa imaginação apenas uma representação precisa, antecipada, pelo menos uma hipótese, que nos ajudará a compreender o significado do espetáculo, a relação desta sensação nova com alguma porção de nossa experiência passada. Não há atenção voluntária, sem o que diversos psicólogos chamaram de **pré-percepções**”.

Essas pré-percepções são necessárias, pois não percebemos claramente senão aquilo que pré-percebemos.

“Fazei que vos mostrem, à distância, uma figura desconhecida, e que a mantenham, a princípio, muito longe, a ponto de vos impedir o que representa. Pedi que a aproximem até o ponto de perceber alguns traços, algumas manchas de sombra e de luz, sem que ainda possais interpretá-la. Pedi, então, que se detenham, e comprovai que, apesar de vossos esforços, estais impossibilitados de entender o esboço. Notai o ponto onde estais e o ponto em que está a figura. Fazei, então, que vos entreguem a figura; olhai-a de perto e depois colocai-a no mesmo lugar, e voltai ao posto, que ocupáveis antes; não podereis compreender, então, como fostes incapazes, um momento antes, de interpretar essa figura, que percebeis agora com bastante nitidez. É que dispondes, agora, de uma percepção, que não tínheis antes.”

Tal é, sob certo aspeto, o que sucede com todos. Surge alguém que vê o que outros não viram, e ao

chamar a atenção para o novo, os outros põem-se, então, a perceber. É o que sucede com os artistas, que descobrem valores, que outros não percebiam antes.

Divisões da atenção: — Pode-se dividir, esquematicamente, a atenção em:

1) **atenção interior** — a que se dirige a um facto do mundo interior;

2) **atenção exterior** — a que se dirige a um facto do mundo exterior.

Subdivide-se a **atenção exterior** em:

a) **atenção electiva** — a que realiza uma escolha entre os dados, segundo o interesse. Ex.: um arquitecto ou um homem comum escolherão dados diferentes de uma construção;

b) **atenção expectante** — a que consiste num dirigir-se a um facto, que se espera, a um facto futuro.

Na primeira, temos a direção dada pelos nossos esquemas, que se acomodam a um facto para assimilá-lo. Na segunda, há uma acomodação geral e não específica como no primeiro caso. No primeiro, atendemos a isto ou àquilo; no segundo, atendemos em geral. No primeiro caso, a atenção é mais intensa e concentrada em...; no segundo, é intensa também, mas descentrada.

A atenção interior se subdivide em:

a) **atenção reflexiva** — quando se dirige para estados subjetivos, que podem ser:

I — para conhecê-los melhor: **atenção cognitiva**;

II — sobre nossos afetos: **atenção afetiva**;

III — sobre nosso querer: **atenção volitiva**;

b) **atenção reflexiva-operatória** — quando se dirige às nossas idéias, quando meditamos: **atenção mental**.

1) se se dirige a relações: **atenção racional**.

Na psicologia clássica, dividia-se a atenção em **espontânea**, quando a atenção era provocada pelo

objeto; **voluntária**, quando provocada pelo sujeito, dirigindo-se para o objeto.

ATENÇÃO PARA A PEDAGOGIA — O desenvolvimento da atenção é outro ponto importante na educação infantil. Em psicologia, a atenção, a faculdade de nosso espírito de se concentrar sobre um objeto ou uma idéia, é estudada e analisada pormenorizadamente, e existem várias teorias para explicá-la, mas apesar de não podermos expô-las aqui, no entanto podemos dizer que todas aceitam que a atenção é uma direção da tensão para..., e que exige imobilidade e interesse.

É um facto, que nos causa admiração, ver um pequenino ser, com toda a sua capacidade de atenção, absorvido, muitas vezes, num jogo de armar ou num livro de figuras coloridas, indiferente a tudo o mais que se passa à sua volta.

Os psicólogos dizem que a "atenção é uma desatenção, porque é um atender uma parte e um desatender, o que não interessa mais à consciência".

Há uma fase na vida da criança, na qual ela não consegue prestar atenção a uma só atividade. Essa fase dá-se no período que vai mais ou menos dos três aos quatro anos. O mundo exterior lhe exerce um grande poder de atração, e tudo lhe desperta o interesse. É quando ela **pula**, como se costuma dizer, de um brinquedo para outro, sem poder concentrar a atenção em nenhum.

As vezes, pode dar-se o fato que, inesperadamente, comece a interessar-se por um boneco, ou um jogo, ou riscar com lápis de cores, ou modelar com massa, enfim por qualquer atividade, mais do que pelas outras, e nessas ocasiões, nada a distrai do que está fazendo, o que pode ser o sinal que nos indica que, precisamente, aquela atividade é que ela está necessitando para desenvolver suas coordenações sensorio-motrices ou intelectuais.

Para desenvolver-se normalmente a faculdade da atenção na criança e criar-lhe o hábito de observação, e também de concentrar a atenção vamos expor alguns exercícios aconselháveis.

Primeiramente, dividamos a atenção em

- a) atenção tátil
- b) atenção auditiva
- c) atenção visual
- d) atenção gustativa.

Para exercitar a atenção tátil, deve-se pedir à criança que distinga vários objectos, com os olhos fechados, que compare, pelo tato, as diferenças de tamanho entre os objetos.

Estimulá-la a acertar, e quando conseguir, então dispensar-lhe os aplausos merecidos.

Para desenvolver a atenção visual, mostrar-lhe objetos de cores diferentes, ou pedaços de fazenda de cores bem vivas. Pergunta-se qual a que está mais próxima, qual a mais distante, se está perto disso ou daquilo, etc. Deve-se procurar chamar a atenção da criança para as diferenças de cores, qual a mais clara ou mais escura.

Mas sempre fazer esses exercícios como um passatempo, sem forçá-la a prestar a atenção.

Nos exercícios para desenvolver a atenção auditiva, há um, em forma de passatempo, que a criança muito aprecia. Várias pessoas da família pronunciam palavras em tons de vozes diferentes, e a criança, com os olhos fechados, deve reconhecer a quem pertencem as vozes.

Há muitas modalidades desses exercícios. Pode-se também reproduzir trechos musicais bem simples, e ensiná-la a distinguir os sons.

Para desenvolver a capacidade de distinguir o sabor, chama-se a atenção para a diferença do sabor de uma fruta com o de outra, ou um alimento, comparando-o a outro.

Todos esses exercícios possuem várias modalidades, e até de distraírem a criança, são, ao mesmo tempo, excelentes para o fortalecimento da memória, pois o desenvolvimento do poder de atenção está ligado com o da memória.

Considera-se o **interesse** o fator principal no despertar e conservar a atenção, e afirma-se que o inte-

rêsse ativa o desenvolvimento da atenção e, também, da percepção, e a capacidade de observação torna-se maior, e pode-se, portanto, desenvolver essa capacidade com exercícios adequados.

Os exercícios de comparação, os de procurar o semelhante e o diferente, através dos sentidos, desenvolvem a facilidade e a exatidão do raciocínio, a rapidez de compreensão, o que forma o equilíbrio, entre assimilações e acomodações, auxiliando o pleno desenvolvimento intelectual, a que vai se refletir mais tarde, quando na idade adulta, necessita a acuidade e a firmeza nos julgamentos.

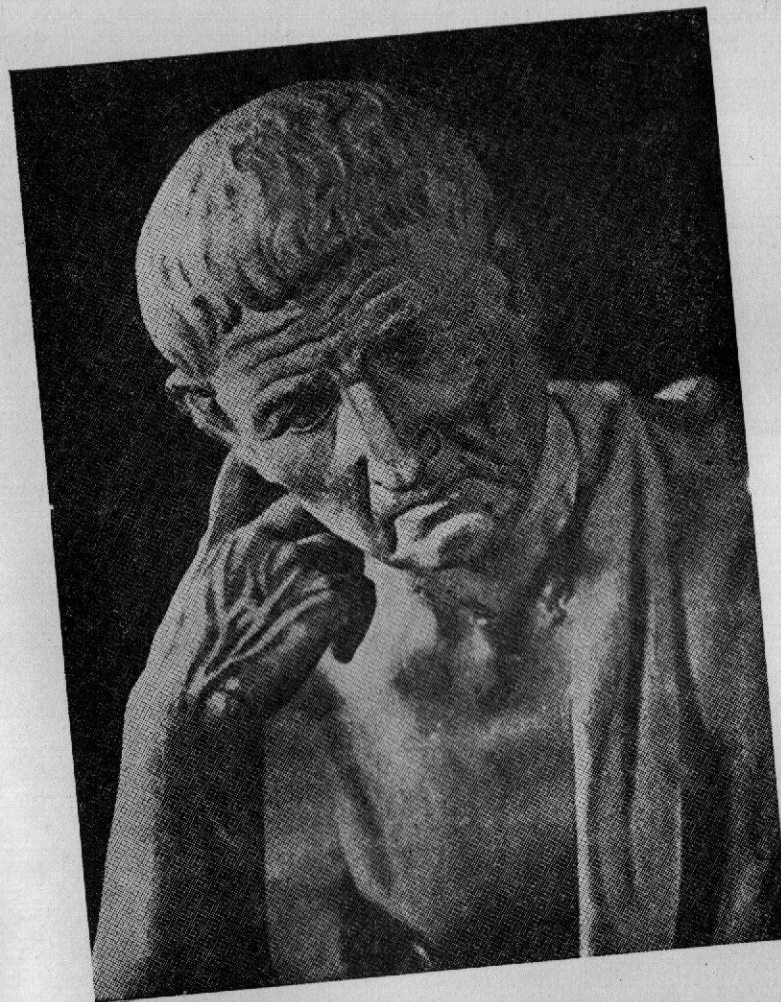
ATITUDE — a) Disposição mental adotada por um espírito em relação a um conteúdo ideal. Essa disposição pode ser a de mera atenção perante um problema, ou ser uma relação atual com aquele conteúdo objetivo, consistente num interesse ou tendência habituais em direção a êle. A questão teórica é saber qual é a gênese dessa relação: visto que uma atitude mental é sempre dirigida para um conteúdo objetivo “em mente”. Surge, então, o problema, se a atitude foi criada pelo respectivo objeto mental, ou se a presença dêste é devida à existência prévia da atitude.

b) A “ação”, que provém da atitude, e se dirige contra o objeto, é o termo intermediário entre ambos. A maioria dos psicólogos opina que a atitude é uma espécie de resíduo psíquico de ações prévias, realizadas em face do mesmo objeto, e, em virtude disso, necessariamente condicionada por aquelas ações.

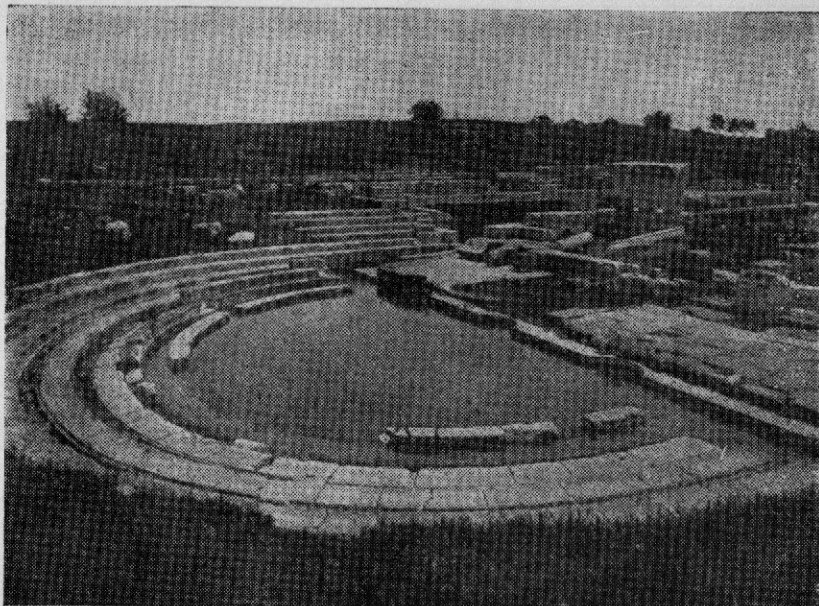
c) Outros, porém, atribuem ao espírito a faculdade de engendrar atitudes que não são funções de um conteúdo objetivo, e dêste modo de dispôr de si próprio sem recorrer ao concurso de um elemento dispositivo de fora. W. James é de opinião que, pelo menos, as atitudes intelectuais e morais mais altas tenham êsse carácter original e sejam, por sua parte, princípios de ações.

d) Sem dúvida, há, não só atitudes mentais voluntárias, mas, também, involuntárias. E estas últimas estão condicionadas por conteúdos ideais.

e) Em um sentido análogo fala-se, também, de atitudes físicas (não mentais). Estas consistem em um hábito físico, em relação imediata com o meio, ou são devidas à direta estimulação orgânica.



Sêneca — Grande filósofo romano, natural da Espanha, que também se preocupou pela pedagogia.



Ginásio de Siracusa, onde provavelmente ensinou Platão.



Rua do Burgo de Cerânico que vai dar à Academia, fundada por Platão. — Esta Academia foi a grande obra pedagógica do passado.

ATITUDE SOCIAL — Tendência ou disposição de reagir de determinada maneira a estímulos sociais em geral.

ATIVIDADES EXTRACURRICULARES — Empregam-se tais termos para designar as atividades que o aluno realiza fora da aula, sob alguma forma de organização, como escolha de representantes em suas organizações, diretores, etc. Um dos exemplos famosos de atividade extracurricular temos, na Europa Medieval, as “nações” de estudantes.

As atividades realizadas fora da escola tem o seu aspecto educativo, e não devem ser negadas ou repudiadas. Naturalmente que é preciso primeiro ser feito um pormenorizado exame, quanto ao aproveitamento da criança na escola, e se é possível manter cursos extras.

Muitas vezes há crianças que não sabem fazer uma seleção, e querem tudo. É preferível fazer poucas coisas, mas bem feitas. Os cursos extra escolares devem ser leves, sem rigorosidade e mais com a finalidade de distrair e ocupar a criança nas horas vagas, e em casa, do que obrigá-la a preparar tarefas em casa.

As atividades extra-escolares devem, além de proporcionar maiores conhecimentos em determinados setores, servir para encontrar companheiros afins, empregar e desenvolver habilidades, ampliar conhecimentos especiais, enfrentar-se com o estímulo de uma competição e ganhar prestígio.

Algumas crianças não sabem fazer uma seleção do que querem fazer e pensam em fazer “tudo”. É preciso inculcar-lhes, que é preferível fazer poucas coisas, e bem feitas, do que muitas, e mal feitas. Outras crianças necessitam ser justamente levadas a realizar atividades extra-escolares. Neste caso, os pais devem ajudá-la a procurar seguir qualquer atividade ou curso.

ATIVIDADES PARA A COMUNIDADE — Em nosso país ainda não se incrementou a criação de atividades, cuja finalidade seja em favor da comunidade. A criação de associações benéficas, nas quais crianças e adolescentes tomem parte, só funcionam esporadicamente.

ATLETISMO — Deve-se incrementar nas crianças e nos

jovens, o gosto pelos esportes e pelo atletismo. Além de fortalecer os músculos e estimular a circulação, oferecem oportunidade de aprender como se há de tratar os amigos, como ganhar ou perder com brio, e como cooperar com os outros para alcançar uma vitória comum.

Quando os meninos e meninas chegam ao período da adolescência sentem inclinação a um determinado esporte. Convém seja incentivado pelos pais e professores, porém que não desleixe, por outro lado, os estudos. Nos que manifestam uma excessiva dedicação, é preciso fazê-lo reconhecer que tal é prejudicial aos seus estudos e suas ocupações. Da mesma forma que aquele que não tem o mínimo interesse deve ser ajudado.

ATO HUMANO — Vide Introdução.

ATONIA — Estado de relaxamento muscular.

AUDÁCIA — Audácia é uma virtude subordinada à **fortaleza** ou à **valentia**, uma das quatro virtudes cardeais. A audácia é o desafio ao risco e à morte, enfrentando-os. A **fortaleza** é a virtude que supera o medo, o qual consiste em estacar ante um mal iminente. A **fortaleza**, assistida pela **prudência**, refreia a **audácia**. A **audácia** é, assim, uma virtude menor, porque, se não fôr refreada pela **prudência** e pela **temperança**, pode oferecer riscos graves por sua natural tendência a afrontar os perigos e até a morte.

AUTO-CONFIANÇA — É importantíssima a **auto-confiança** na criança, que deve ser despertada, alimentada e fortalecida. Nos primeiros estudos psicológicos dos que desconheciam o que os escolásticos já haviam realizado neste setor, julgavam que a **auto-confiança** era um traço do carácter, ingênito a este. Contudo, sabiam os escolásticos, o que muitos psicólogos modernos desconhecem, que a **auto-confiança** é também um **hábito**, uma virtude, portanto, adquirível, estimulável, alimentável, fortalecível. Sem dúvida, há "traços" de **auto-confiança**, que são ingênitos, mas estes podem ser robustecidos, como, também, naqueles que ela não se manifesta pode ser despertável, ou melhor torná-la adquirível. Há crianças que revelam capacidade de "andar pelos próprios pés", que revelam capacidade de resolver os problemas que lhe surgem,

que não se deixam enleiar pelas dificuldades quando surgem, tais como "ir sòzinha ao colégio", vestir-se por si mesma, etc. Deixar-se a criança só em alguns momentos, embora vigiada de modo que não perceba, para que solucione por si os problemas que surgem, é facilitar-lhe os meios de adquirir a confiança em si mesma. A pouco e pouco, a criança atinge a essa **auto-confiança**, ao aprender locomover-se por si mesma, ir ao colégio sòzinha, vestir-se por si mesma, cumprir o que promete, sentir-se segura em épocas de exames, enfrentar os companheiros, cumprir sua responsabilidade. A regra para facilitar à criança a **auto-confiança**, é dar-lhe oportunidades de resolver dificuldades por si mesma, mas dificuldades apropriadas à sua idade, pois, do contrário, pode-se gerar frustrações de graves conseqüências. Assim, devem dar-se-lhe pequenas tarefas cumpríveis, animá-la a expressar as suas idéias e opiniões, e ouvi-la com atenção e respeito, nunca ridicularizando-a quando erra, não elogiando a criança quando acerta, mas sim a solução que deu.

É preciso manter-se um clima democrático no lar, para que a criança não aguarde sempre a ordem que deve emanar dos pais. As observações demonstram que onde há um clima de mútua compreensão, de companheirismo, onde muitas tarefas de grupo são planejadas e cumpridas, cabendo a cada um, um papel favorece-se o despertar e a solidificação da **auto-confiança**, que é a fonte da autonomia e, posteriormente, da liberdade, que é o ápice a que pode alcançar o ser humano.

AUTO-DOMÍNIO NA CRIANÇA — Depois de certa idade, dos seis aos doze anos, a criança esforça-se por afastar-se da infância, e começa a manifestar, mais marcadamente, as suas aspirações de autonomia, o que não é bem compreendido pelos pais. Estes, ou deixam livremente a criança, só intervindo quando ultrapassam os limites, ou, por excesso de zelo, querem influir em sua vida particular. Por sua vez, o sêgrêdo, que o juvenzinho faz de suas atividades, aqui, não quer dizer que pretende ocultar o que não pode ser revelado aos pais; ao contrário, é um desejo de afirmação e de autonomia, por sentir que pode manter uma vida à parte da que vive com seus parentes.

É nesse período que o filho põe-se a salientar os defeitos que os pais revelam. É quando critica por

fazerem o que proíbem aos filhos. Ante essas admcestações, os pais logo manifestam seu desagrado, zangam-se com os filhos, o que nada aporta de positivo. É preferível enfrentá-los, e considerar que tais críticas são manifestações de um desejo de autonomia, que não deve ser impedido de se manifestar. Na primeira idade, os filhos constroem uma imagem perfeita dos pais; na adolescência, notam seus erros e defeitos. Os pais devem considerar como normais essas manifestações. Tudo isso, acrescentando-se, ainda, o descaso aparente que fazem às admoestações paternas, são sinais de um desejo de independência, que procuram alcançar. Esse desenvolvimento natural, se obstaculizado ou indevidamente rompido, só pode trazer más consequências futuras, sobretudo porque o jovem, julgando-se capaz de dirigir a si mesmo, pode ir além de suas forças e possibilidades, o que pode acarretar alguns malogros, que o levam, depois, a regressões infantis, já genuinamente mórbidas. Devem os pais, nessas circunstâncias, mostrarem-se compreensivos, auxiliando em vez de coartar a acção independentizadora, sem, porém, dar rédeas soltas, o que seria promover um descalabro.

Nunca devem esquecer os pais que, no momento em que se desabrocha o juízo crítico dos filhos, o modo como se comportam na vida será de uma importância fundamental para as atitudes que o jovem tomará nessa fase. A maneira como os pais consideram o mundo poderá ser benéfica ou maléfica na formação do carácter de seus filhos. Pais que desmerecem os altos valores, que têm uma visão apenas utilitária da vida, que só acentuam os valores baixos, que aplaudem exemplares humanos indignos, que podem esperar, depois, de seus filhos? Quem constitui uma família deve sempre considerar a grande responsabilidade que assume ante os seres que vai pôr no mundo. Se pretendem seguir os descaminhos viciados, não constituam um lar e muito menos procriem. Há uma responsabilidade que não podem elidir, e que só se poderia admitir em monstros morais. É dos pais, sobretudo dos pais, que dependem o modo de ser e de agir dos filhos. Um lar não é sempre uma garantia de filhos sãos. As estatísticas modernas comprovam o fundamento desta assertiva.

Sem dúvida, as manifestações de autonomia dos filhos causam inquietação aos pais. Mas este processo é passageiro se souberem aqueles auxiliar o filho, pois o seu sentido crítico, à proporção que se desenvolve, atua reversivamente numa autocritica em que o jovem é, às vezes, mais exigente para si mesmo que para com os próprios pais. Apesar das manifestações opostas, os conselhos sãos e justos dos pais atuam sobre os filhos, apesar de aparentemente mostrarem que não sofrem esta influência. O principal é criar o ambiente favorável ao desenvolvimento normal da autonomia, dando ao filho certas tarefas, que ele possa cumprir sem risco do malôgro para aumentar a confiança em si mesmo, que neste período é um tanto exagerada. Por esta razão, nem os pais devem negá-la, porque não seriam ouvidos, nem exagerá-la, porque ela, por natureza, é exagerada. Neste período, a imaginação do jovem está povoada dos heróis que ele admira nas leituras que fez, nos filmes que assistiu, nos esportistas que o entusiasma, e é natural que queira imitá-los, ser como eles. É notável neste período o aspeto compensador. A proporção que se desenvolve o desejo de independência em relação aos pais, aumenta o de dependência em relação ao grupo de seus companheiros. Ele busca, agora, uma segurança na coletividade da qual faz parte, adquire os seus hábitos, a sua linguagem e até o seu modo de vestir. Ele procura libertar-se dos adultos, porque estes continuam considerando-o uma criança, enquanto nos grupos de que faz parte, com seus segredos, sua linguagem especial, ele sente que pode prescindir, então, do apoio dos adultos, e que as suas atitudes não dependem mais da aprovação dos pais. Na verdade, ele busca afirmar-se, impor a sua personalidade através do grupo. É neste período que os pais, notando o alheamento do filho ao círculo familiar, a sua agressividade e as suas constantes queixas, cometem o grave erro de dizer-lhes: "Qualquer um dos teus amigos vale mais do que teu pai ou tua mãe!". O grande fundamento da psicologia do ser humano é a ânsia de prestígio e nunca devemos esquecer esta verdade fundamental: o que o jovem busca é prestigiar-se e, como na família, ele sente certos obstáculos, porque os pais vêem sempre nêle a criança, busca fora a afirmação desejada que lhe falta. É natural que ele se desbor-

de, que exagere na proporção da resistência que encontra. A criança aí é o jovem que quer afirmar-se adulto, tomar ares, atitudes, expressões de adulto, tanto de homens como de mulheres, embora, na jovem, seja menos acentuado que no jovem. Nesta, manifesta-se mais por cochichos, segredos com suas companheiras, etc.

Não se pode evitar esta marcha para a independência. Ela é natural, inevitável, e é inútil obstaculizá-la, porque as conseqüências são tremendamente perniciosas. Nessa fase, o jovem começa a manifestar uma valorização objetiva da realidade. Quer saber a verdade sobre as coisas. Sabe separar o mundo da imaginação do mundo da realidade, dentro, naturalmente, dos limites da sua inteligência. Seus brinquedos são brinquedos de regras e, nesta época, devem os pais facilitar aos filhos que se tornem, por exemplo, colecionadores, que se dediquem aos esportes, que empreendam certas atividades manuais e intelectuais fora do currículo para que eles possam exercer o seu domínio, e fortalecer a confiança em si mesmo. O amor próprio atinge um grau tão intenso que qualquer coisa os magoa. Entregarem-se a certas atividades fora do lar, neste período, como atividades técnicas, criadoras, é um meio de facilitar esta autonomização, e nunca devem esquecer os pais, outra regra fundamental de educação: "Deve-se elogiar, preferentemente, a obra realizada e não, propriamente, a criança ou o jovem que a realiza". O estímulo dos pais à atividade do filho, reconhecendo o mérito de sua ação, nesse período, só pode beneficiar. É preciso que os pais ouçam seus filhos nesse período. É um período em que eles falam muito das coisas do colégio, dos seus amigos, de suas experiências, etc., e os pais devem ouvi-los com interesse. Quando eles se referem aos seus heróis de ficção ou da realidade, devem acompanhá-los, buscar compreender, salientar os aspectos positivos e recriminar, se for o caso, com bastante tato, os defeitos que acaso possuam. Os filhos, nesse período, não fazem questão que os pais aceitem totalmente o que eles pensam, mas apenas que eles compreendam as suas preferências, e não os recriminem com acrimônia. Toda manifestação de respeito por parte dos pais ao que pensam os filhos, nessa fase, provocará nêles maior respeito, sobretudo, se os pais os

ouvirem com seriedade. A vida no colégio é uma das grandes aventuras do ser humano. É um período inesquecível, e de uma importância que dificilmente o resto da vida superará. No decorrer da existência, volvemos, constantemente, os nossos olhos às imagens do passado, que vivemos nesse período. Ali, vivemos os nossos primeiros atos de independência; ali, fomos, súbitamente, colocados ante um campo de ação, que deveríamos percorrer sem a presença direta de nossos pais. Ali, conhecemos novas experiências e novos amigos, ali desaparece a tensão do lar e um novo mundo se abre aos olhos. A adaptação ao colégio nem sempre é fácil. Nos primeiros meses, sente o jovem que a mudança é radical, por isso algumas vezes se manifesta um desejo de voltar à dependência paterna e noutras uma súbita fruição de uma liberdade não esperada. As normas do ambiente são outras, a disciplina é distinta, e o maior problema que surge aí é a habil coordenação entre a disciplina escolar e a liberdade individual. O colégio tem de ser um campo que prepare homens livres, e a autoridade aí não deve fundar-se no medo, nem no terror. O sábio exercício da autoridade dos mestres é de importância capital. Esta tem de fundar-se num senso de justiça, num senso rigoroso, para que estimule a auto-disciplina do aluno. As reações que a criança, em casa, faz à manifestação da autoridade paterna, também encontram correspondentes no colégio. Assim como luta em casa pela sua independência, também luta naquele, e assim como precisa proteção em casa, dela necessita no colégio. Deve-se permitir que pratique suas novas experiências. A proteção que se deve dar à criança não deve ser tão rígida que se pretenda impedir-lhe totalmente os erros, porque, então, provocará uma falta de autonomização, que só será prejudicial. A criança aceitará a autoridade e a respeitará, na medida em que esta for justa, e que não lhe impeça o desenvolvimento da sua auto-afirmação. Neste equilíbrio é que está uma das mais importantes aplicações da sua pedagogia.

AUTO-EROTISMO (Psic.) — Satisfação sexual por si mesmo, sem o auxílio de outra pessoa. Frequentemente, é sinônimo de **masturbação**.

AUTO-DISCIPLINA — Vide **Disciplina**.

AUTO-EXPRESSÃO CRIADORA — Vide *Arte e a criança*.

AUTOMÓVEL DA FAMÍLIA — Os pais devem permitir aos filhos, desde que se encontrem na idade estabelecida, que conduzam o carro da família. Não deve ser permitido que jovens, ainda não na idade estabelecida pela lei, conduzam um carro, o que pode acarretar muitos dissabores. Em qualquer circunstância, o melhor exemplo de bem conduzir e seguir as regras de trânsito deve ser exemplificado pelo próprio pai.

AUTORIDADE — Para muitos psicólogos modernos, as atitudes destrutivas, não só infantis, mas, também, nos adultos, contra o governo e contra a sociedade organizada, surgem da influência de um **Complexo de Édipo** (vide), ou surgem em consequência da existência de autoridades arbitrárias e inconstantes, e dos constantes castigos do pai, não suficientemente justificados, etc., os quais os impelem a manifestar uma oposição à autoridade paterna, podendo estender-se aos mestres, diretores de escola, policiais, etc. Para outros psicólogos, surgem em lares em que a vida conjugal não é feliz, em que a mãe se sente incapaz de prodigalizar o amor ao filho em bases suficientes, etc. Nestes casos, deve-se ensinar à mãe como deve proceder com o filho, e como deve dar-lhe independência e responsabilidade. Os castigos exagerados geram rebelião, o que se anula quando se constitui uma sociedade familiar democrática. Se não são aconselháveis excessos, não o é menos a falta de certa energia dos pais no referente às obrigações dos filhos. Mas sempre deve-se preferir a explicação das razões, que fundamentam as normas impostas, e nunca proceder arbitrariamente, buscando-se ser o mais justo possível em suas atitudes.

AUTOSCOPIA — Em sua origem etimológica, quer dizer **ver a si mesmo**. O termo é empregado, na Psicologia, para referir-se às raras apercepções dos órgãos internos, por parte do próprio paciente e também para referir-se às alucinações, que consistem em ver a si mesmo diante de si mesmo. A primeira é chamada **autoscopia interna**; e a segunda, **externa**.

AUTOSPECÇÃO — Termo usado na Filosofia para referir-se ao estado de consciência reflexa, daí ser tomada como sinônimo de reflexão, e que se opõe a **heterospecção**, que é a atividade pela qual a consciência de cada um de nós, na vida social, tem dos outros que, por sua vez, tomam também atitudes **heterospectivas** ou **autospectivas**.

AUTO-SUGESTÃO — Sugestão exercida sobre si mesmo. Diferencia-se de **hetero-sugestão**, que é exercida por outrem, pela ação voluntária de outra pessoa. Consiste a auto-sugestão numa contração psicológica, voluntária ou não, numa influência automática, exercida sobre o nosso procedimento, ou nossos julgamentos, ou percepções, e, segundo muitos, até sobre nosso componente fisiológico, por uma representação, prevenção ou desejo. Há auto-sugestão consciente e inconsciente. (Vide *Sugestão*).

AUTOTÉLICO — Do grego *autós*, si mesmo, e *telos*, fim.

a) Termo empregado para qualificar toda atividade que se absorve totalmente em si mesma. O brinquedo, na criança, é autotélico.

b) Na Estética, emprega-se para indicar a parte criativa. Opõe-se a **heterotélico** (finalidade dada por outrem).

AVOLITIVO — O que está fora da atividade voluntária, o que não é nem voluntário nem involuntário.

AZEITE DE FÍGADO DE BACALHAU — Vide *Vitaminas*.

B

BABÁ — Vide Pagem.

BABAR — Quando um bebê (de 3 ou 4 meses) baba muito, pode ser indício de fome, ou, então, que se encontra em condições de ingerir alimentos mais sólidos que o leite. Também prenuncia a primeira dentição, que se aproxima.

BAILE — Ao chegar à idade de 13/14 anos, tanto os meninos como as meninas gostam de freqüentar bailes. Convém os pais não se manifestarem totalmente contrários, pois é uma diversão necessária, e que não faz mal, desde que seja conhecido o ambiente freqüentado.

BALANCEIO (CABECEIO) — Alguns bebês, entre os seis e doze meses, parecem ter necessidade de mexer-se ritmicamente, para a frente e para trás, apoiando-se sobre as mãos e joelhos. Em geral, realizam com mais intensidade antes de dormir. Segundo muitos estudiosos, este movimento parece satisfazer alguma espécie de necessidade rítmica ou superação de alguma tensão, antes de dormir. Esta fase passa e, portanto, é aconselhável não procurar distraí-lo ou deter seus movimentos. Deixá-lo que se movimente à vontade, e para tal é preferível não usar lençóis apertados que impeçam os movimentos.

BANHO DO BEBÊ — Vide Puericultura, 9.º cap., § 3.

BANHOS DE SOL — Vide Puericultura, 9.º cap., § 10.

BARRO — Vide Modelagem.

BASTARDO — a) Diz-se do filho que não é proveniente dos componentes de um matrimônio sancionado pela lei. Nascimento ilegítimo.

b) Emprega-se o termo também no sentido de toda e qualquer idéia ou conclusão que decorre, in-conseqüentemente, de premissas dadas: "um pensamento bastardo", "uma doutrina bastarda".

BEBÊ (ALIMENTOS NOVOS) — Com quatro ou cinco meses, o bebê está apto a receber uma alimentação sólida. Deve iniciar-se paulatinamente a entrada de novos alimentos no regime do bebê. Assim, segundo a maioria dos pediatras, esta se inicia com a inclusão da sopa de legumes e cereais, em lugar de uma mamadeira, e depois de duas (a das 10 ou 11 horas da manhã e das 5 ou 6 horas da tarde). Progressivamente, começa-se a incluir no regime alimentar frutas, cereais, etc. A carne, os ovos, os purês variados são muito importantes e devem fazer parte constante no cardápio diário. Mas 3 conselhos são importantes na inclusão de novos alimentos. São eles:

1) acostumar o bebê aos novos alimentos paulatinamente, começando por pequenas quantidades, e aumentando-as progressivamente. Não dar um alimento novo até que se tenha familiarizado com o anterior.

2) Proporcionar ao bebê uma alimentação variada de forma que a isto se acostume, sem entretanto ser forçado.

3) Ter sempre em mente que um alimento tem um substituto com o mesmo valor alimentício. É preciso saber trocar um alimento, quando este é rejeitado e substituí-lo por outro com o mesmo valor alimentício.

BEBÊ (como vesti-lo) — Vide *Puericultura*, cap. 2.º, § 2.º.

BEBÊ (envoltórios do) — Vide *Puericultura*, 9.º cap. § 2.

BEBÊ (enxoval do) — Vide *Puericultura*, 2.º cap., § 1.

BEBÊ — Lavagem da sua roupa — Vide *Puericultura*, 2.º cap. § 3.º.

BEBÊ NORMAL — Vide *Puericultura*, cap. 3.º, § 3.º.

BEBÊ (primeiro ano de vida) — Vide *Puericultura*, 8.º cap. § 1.

BEBÊ (primeiros dias) — Vide *Puericultura*, 6.º cap., § 18.

BEBÊ (primeiros meses de vida) — Vide *Puericultura*, § 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11.

BEBÊ (quarto do) — Vide *Puericultura*, cap. 2.º, § 4.º.

BEBER — Na adolescência, inicia-se o problema de beber que deve ser visualizado com bom senso pelos pais. A proibição terminante do uso de qualquer bebida para um jovem de 15 anos, em nada adiantará, e servirá para trazer maiores preocupações aos pais, pois ele o fará às escondidas. O melhor é mostrar-lhe as desvantagens que proporciona a bebida em demasia, com bons exemplos. É comum, nos países europeus, onde o hábito de tomar alguma bebida alcoólica se inicia desde a infância, e não é tão pernicioso como em outros. Assim na França, Itália e Espanha é comum dar-se vinho nas refeições às crianças; na Alemanha e outros países, cerveja.

BEHAVIORISMO — Do termo inglês *Behaviour*, que significa conduta, comportamento. Escola contemporânea de psicologia, nos Estados Unidos, que abandona o estudo da mente, da consciência, para examinar a psicologia animal e a humana do ângulo apenas da conduta, do comportamento. Pavlov, fisiologista russo, com as suas investigações sobre o reflexo condicionado, influiu decididamente no êxito do behaviorismo. J. B. Watson foi o fundador dessa escola. Todos os fatos psicológicos superiores, os pensamentos, as emoções, etc., são interpretados como mero comportamento. Filosoficamente, o behaviorismo é uma espécie de materialismo metafísico.

BENEVOLÊNCIA — Hábito moral de promover o bem para os outros. Só o cristianismo estabeleceu a benevolência como virtude, porém não a contou entre as virtudes cardeais, mas identificou-a com a virtude teológica da caridade.

Em Platão e Aristóteles, a benevolência para com os homens como tais não é encontrada. Em seu lugar, achamos a liberalidade (com caráter universal), e a amizade que, porém, de certo modo, se reduz a um egotismo, porque o bem dos amigos é considerado o bem próprio de cada um. Essa identificação, sem dúvida, implica ao mesmo tempo uma atitude altruísta; contudo, não se deve universalizá-la. Tanto mais que a amizade, na acepção antiga, presuppõe um certo grau de identidade nas condições

de vida e uma homogeneidade nos sentimentos. O cosmopolitismo dos Estóicos e a filantropia dos Acadêmicos levaram a uma consideração das necessidades alheias, análogamente à justiça, que zela pelos direitos dos outros.

A benevolência tende, por natureza, ao universalismo com respeito à sua aplicação; porém, aqui, surge o problema de se o homem deve um maior grau de benevolência a pessoas que lhe estão mais perto (parentes, benfeitores), do que ao resto da humanidade e se tal preferência, quando praticada, pode ser aprovada do ponto de vista moral. Mas, a questão, além de ética, implica ainda um problema psicológico: uma extensão e generalização da benevolência significa, praticamente, uma perda de intensidade e eficiência.

Já que a benevolência visa o bem dos outros, é também problemático que espécie de bem, dentro dessa vasta hierarquia, tem que ser procurado em primeiro lugar. Kant afirma que é simplesmente a felicidade dos outros, já que não é possível promover o bem verdadeiro dos outros, a sua virtude, porque essa é um valor puramente pessoal.

O carácter desinteressado da benevolência foi outra questão controvertida. Hobbes quis reduzi-la ao amor para dominar; outros qualificam-na de amor próprio, sob o véu da hipocrisia. Outros afirmaram o seu carácter desinteressado. Uma certa reconciliação dos pontos de vista extremos se acha em autores modernos, que estabelecem a simpatia como força motriz da benevolência, sendo que a simpatia reúne o sentimento altruístico e o momento da satisfação pessoal.

BIBLIOTECA DO LAR — A formação de uma biblioteca no lar, dependerá, em parte, das possibilidades económicas, e da educação recebida pelos pais. Naturalmente que um clima de cultura deve reinar em toda casa, constituindo-se, assim, um ambiente favorável ao estudo, ao mesmo tempo que se possibilitam os meios para tal: cursar a escola, uma boa literatura, etc.

Deve constar de uma biblioteca, por menor que seja: livros sobre primeiros socorros, puericultura, conselhos caseiros, alguns livros de ficção, uma enciclopédia, e literatura variada.

BIBLIOTECAS ESCOLARES — Encontra-se na maioria dos colégios, uma biblioteca destinada aos alunos. Deve constituir-se de livros de consulta, de forma que os alunos possam lê-los nas horas vagas, como, também, retirá-las para ler em casa. Um bibliotecário ou bibliotecária, que é o organizador, ajuda os alunos na seleção de obras, e no manejo do catálogo.

As bibliotecas escolares têm a finalidade de facilitar a consulta dos livros indicados pelos professores, como possibilitar a leitura de livros variados (ficção, romances, ensaios, etc.), tendo como principal função a de proporcionar um ambiente e elementos para que se desenvolva o gosto pela leitura.

BIBLIOTECAS PÚBLICAS — Há bibliotecas mantidas pelo Estado, outras por associações variadas, e muitas de fundação particular. Também se encontram serviços de consulta em redação de vários jornais e revistas.

BICICLETAS — A bicicleta de duas rodas exige uma coordenação perfeita, pernas compridas para alcançar os pedais e habilidade de tomar decisões rápidas. Para uma criança de 3 ou 4 anos, é aconselhável o uso do triciclo, passando, só mais tarde, para a bicicleta de duas rodas, quando tenha a estatura desejada e o equilíbrio necessário.

Abaixo segue-se uma série de conselhos, que devem ser dados à criança que ganha uma bicicleta:

- a) Nunca deve subir numa bicicleta no meio da rua.
- b) Nunca andar em velocidade numa rua com trânsito.
- c) Não levar nunca algum outro amigo na frente ou atrás.

BIOPSÍQUICO — Diz-se da relação entre os fenómenos psíquicos com o organismo vivo.

BIO-SOCIAL (Do gr. *bios*, vida). Diz-se das relações sociais, quando determinadas pelos **fatores biológicos**. Também para os organismos, que oferecem uma utilidade social ou um significado social, como os animais domésticos, os escravos na escravidão, etc.

BIOTIPO — (Do gr. *bios*, vida e *typos*, espécie, tipo). Diz-se **biotipo**, quando um grupo de organismos, de ori-

gem comum, apresentam o mesmo complexo de fatores hereditários.

BÓLHAS DE ÁGUA — Uma pequena irritação da pele provoca, às vezes, um inchaço cheio de fluido aquoso. É bastante comum no calcanhar, principalmente quando a criança usa um sapato apertado. Nos bebês, aparece com frequência nos lábios. Na maioria das vezes, estas bôlhas secam-se por si só, e o melhor é não tocá-las.

Se, por acaso, encontra-se num local que sofre roçaduras, o mais indicado é furá-la com uma agulha fina esterilizada. Depois aperta-se suavemente com um pouco de algodão ou gaze, de forma a fazer sair todo o líquido nela contido, cobrindo, depois, a região com um band-aid.

BORBULHAS NA PELE — Vide Puericultura — 6.º cap., § 2.

BRILHAR — Vide Prestígio.

BRINCAR DE "VESTIR-SE" — Há um grande número de jogos e brinquedos, nos quais as crianças imitam os adultos. Não há nenhum inconveniente em proporcionarem-se à criança os elementos necessários para que se fantasie, imitando o adulto. Assim, um vestido velho cu fora de moda; sapatos já usados; chapéus, penas, etc., tudo serve para formar uma fantasia, e passar um período alegre, cheio de entusiasmo, com o desenvolvimento do senso criativo.

BRINQUEDO — É brincando que as crianças crescem e se formam homens. Sua vida se desenvolve durante essas atividades tão importantes. O brinquedo (o *ludus*) infantil pode ser de exercício, de imitação ou de regras, o que já examinamos no artigo correspondente (Vide *Ludus*). Em todos eles há sempre uma afirmação da espécie e uma marcha ascendente à humanidade. O *ludus de exercício* é um desenvolvimento normal da sensibilidade, do sensorio motriz, uma busca instintiva de toda a maestria fundamental para a vida fisiológica e genuinamente física do ser humano. O *ludus de imitação* (o *ludus simbólico*) é fundamentalmente afetivo, enquanto o *ludus de regra* é já o despontar da racionalidade, diferença específica do homem. Já no *ludus simbólico* desponta o humano. É o afastamento da animalidade, supe-

rando-a, porque jamais deixamos de ser também o animal que há em nós. O *ludus de regra* é o exercitar da inteligência, da racionalidade que desponta. Todos esses exercícios são importantes, imprescindíveis, e buscados naturalmente, por uma imposição da espécie em nós. Toda habilidade dos pais está em saber dar aos filhos brinquedos correspondentes ao grau do seu desenvolvimento. Os primeiros brinquedos devem ser aqueles que facilitem o exercício de seus músculos, o manuseio, o tato, etc. A participação do adulto nos brinquedos infantis é sempre difícil, se pretender dirigi-los. Na verdade, o adulto deve permanecer passivo, e propor que a criança dirija o brinquedo. Seguindo-a, far-lhe-á prazer. Para o *lactente*, seus primeiros brinquedos são suas pernas e seus braços, que ele movimentava sem cessar. Prática, assim, os primeiros exercícios necessários. Só se lhe devem dar brinquedos que estimulem essa atividade, brinquedos brandos, de fácil manuseio, leves. Aos seis meses, já começa a manifestar interesse e satisfação por brinquedos sonoros. Começa, então, a balbuciar, a imitar os sons que ouve. Começa a rir quando riem para ele, manifestará excitações. Se o adulto ocultar-se aos seus olhos, e subitamente se mostrar rindo, provocará hilariedade no bebê.

Quando a criança começa a andar, descortina-se para ela um mundo novo e imenso. É nessa fase que se devem dar brinquedos, como carrinhos, miniaturas de automóveis. Nesta fase, começam a desenvolver-se seus músculos. É aos três anos que começa a interessar-se pelos brinquedos em cooperação com outras crianças. O triciclo e a carretinha são os brinquedos preferidos, porque podem carregar coisas. As meninas brincam de casinha, vestem e despem bonecas, vão passear com suas bonecas. Aos quatro anos, a criança é mais sociável ainda. Convida os outros a brincar. É nessa época que começam a surgir os heróis infantis, os "cow-boys", os "índios", época em que se disfarçam, dão aos panos significações simbólicas, capacetes, couraças, cinturões, etc. Se não lhe derem brinquedos apropriados, ela transformará as coisas, dando-lhes as significações que pretende. A criança é sempre criadora em sua simbólica, e não necessita de cópias mais ou menos fiéis das coisas com que deseja brincar, porque dá ao que tem a significação que deseja, e isso a satisfaz plena-

mente, o que nem sempre compreendem os pais. É até preferível que se permita à criança criar com seus objetos o mundo de sua simbólica, do que lhe dar objetos já figurativamente cópias fiéis da realidade, pois uma boneca de trapo tem às vezes muito mais valor para a criança que a tem, que uma boneca que a indústria oferece. E quando tal fato se dá, pode-se concluir que essa criança tem uma capacidade simbólica elevada, uma tendência à criação estética, uma fantasia superior, que já assinalam possibilidades intelectuais superiores.

Aos cinco anos, a menina se interessa pelas casinhas, cuidar das bonecas, aparentá-las, dar-lhes remédios, lavá-las, penteá-las, castigá-las, dar-lhes conselhos, etc. Todas essas práticas podem e devem ser observadas pelos pais, pois elas revelam muito do que nelas se firmou da educação que recebeu, pois pretende dar às suas bonecas a mesma educação que julga justa e que segue. Os desenhos são aqui de máxima importância. Nesta idade, a criança já busca imitar a natureza, acentuando os aspectos que ela mais valorizam. É o período que se interessa pelas ferramentas. Neste período, convém dar dominós, pois é um brinquedo fácil para a criança, e que desenvolve a sua inteligência, colecionar coisas, como selos, etc., no qual aceita a cooperação do adulto, classificar plantas, organizar herbários, etc.

É na idade escolar que os brinquedos guerreiros começam a interessar-lhe. Há lutas, perseguições, tiros. Muitos desejam desterrar tais brinquedos, evitando dar "armas" às crianças, para não despertar-lhes os instintos guerreiros adormecidos no homem. Mas, como será possível evitarem-se tais coisas, se há filmes de cow-boys, filmes de guerra e a televisão está constantemente exibindo filmes onde há lutas, atos de heroísmo, sacrifícios de vida, combates etc. Se não se derem revólveres, espingardas às crianças, elas transformarão pedaços de madeira em revólveres e espingardas. A criança tem uma capacidade criadora, que é relacionada e se desenvolve em função do ambiente em que vive. Quando a humanidade esquece as guerras, então as crianças talvez ainda brinquem de guerras.

Os brinquedos preferidos pelas crianças dos três aos seis anos, são, sem dúvida, os que ela usa a água,

a areia, o barro. Causam verdadeiras preocupações aos pais, devido aos aspectos higiênicos. Contudo, apesar das dificuldades que possa haver em casa, podem os pais, com um pouco de areia, um balde e uma pá dar à criança oportunidade de se distrair e exercitar-se demoradamente. Pequenos objetos, já em desuso, podem oferecer à criança muitas possibilidades para brinquedos dos mais variados. Com eles, graças à sua capacidade simbólica, é capaz de construir castelos, cidades, animais, mundos imaginários. Jogos de mesa são importantíssimos. Não importa que a criança não obedeça com rigor as regras, o importante é que se exercite. O esporte começa a surgir nesta fase. Os brinquedos esportivos são de grande valor, porque desenvolvem a habilidade infantil. Na verdade, o esporte é o brinquedo de exercício e de regras do adulto, para o qual a criança se dirige. Neste período, as meninas tornam-se febrilmente colecionadoras, reúnem estampas, figuras, enquanto os meninos se interessam por ferramentas, aparelhos, pela mecânica. Aqui devem ser dados brinquedos de construção mecânica e arquitetural o mais parecidos possíveis com a realidade, para que desenvolvam com precisão a construção e estimulem a habilidade. Devem-se deixar as crianças só, buscar não intervir em seus brinquedos, evitar intervenções, salvo quando solicitadas. É inconveniente criticá-las, chamar a atenção para a falta de habilidade, porque não as estimularemos assim. Convém, sim, elogiar a obra quando relativamente bem feita, conquistar a confiança da criança, para que ela possa aceitar a colaboração do adulto, mas sempre subordinada à direção da criança. Nunca se deve esquecer que a criança nesse período, deseja brincar só, em solidão, ou com outros de sua idade. É quando ela busca seus recantos, seus esconderijos, onde possa realizar suas construções, seguindo a sua fantasia e a sua vontade nascente. É nesse período que a criança gosta de ter "covas", lugares de reuniões, onde os adultos não penetrem, onde se reúnem com seus companheiros, lugares de reunião, conhecidos apenas por elas, que são organizados, segundo regras e ordens, que são cumpridas com o máximo rigor, e em que só podem pertencer ao grupo aqueles que se comprometem a seguir com rígida obediência a essas regras. Na fase pré-adolescente é que se desenvolve a vida dos grupos, a formação dos clubes

juvenis, que, aliás, deveriam ser muito desenvolvidos nas cidades, é o período dos esportes, dos passatempos científicos, ampliação dos interesses da criança, fase colecionadora por parte dos meninos. As meninas já não se interessam pelos bebês, e as bonecas são eventualmente cuidadas, interessando-se mais pelos trajes, disfarçando-se com as roupas da mãe, interessando-se pelos bailes e, também, por obras piedosas, carácter caritativo. As influências dos adultos, pais e mestres modificam muito o que é mais de predileção dos jovens. As meninas se interessam pelas manifestações químicas, daí dedicarem-se às experiências culinárias, gostam da vida do campo, dos acampamentos, dormir nêles, dedicarem-se a tarefas de **boy-scouts** (escoteiros). Na adolescência, os jovens preferem as atividades manuais, semi-científicas, mineralogia, fotografia, aplicações técnicas, dominar máquinas, realizar experiências, e as meninas aos afazeres domésticos e, pela influência dos mestres em muitos aspectos imitam os jovens. Os bailes, as pugnas esportivas passam a interessar vivamente.

O que pais e educadores nunca devem esquecer, tendo sempre presente aos seus olhos e à sua mente, é que o brinquedo é um longo exercício do ser humano para ingressar plenamente na humanidade. Todos os brinquedos têm, além de um significado, uma intencionalidade para algo conveniente ao bem da espécie. O ser humano é um longo hábito, uma longa realização de si mesmo, e a humanidade é, de certo modo, sua própria obra, sua realização. O homem não é um ser passivo ante a existência, mas um ser que, constantemente, busca superar-se. Os animais também se exercitam, também brincam, e todos os seus exercícios e brinquedos são os que melhor correspondem ao interesse da sua espécie. Mas estacionam desde que adquirem o fundamental. O homem não; ele busca mais, ele pretende ir sempre além, ele se afana em ampliar o campo de sua atividade, em ultrapassar os limites que são sempre um desafio para novas experiências, e uma promessa de novas conquistas. Tudo isso seria bastante suficiente para demonstrar a qualquer um que não se pode considerar o ser humano apenas um animal. É algo que superou a animalidade, sem negá-la, porque a conserva, elevando-a acima de si mesma pela conquista da humanidade.

BRINQUEDOS — Vide **Puericultura** — 15.º cap., §§ 1 e 2.

BRONQUITE — A bronquite é a inflamação das membranas mucosas, que recobrem os condutos, que ligam a traquéia aos pulmões, e são devidas a causas variadas. Uma bronquite leve pode ser um simples resfriado. Neste caso, é preciso manter a criança numa temperatura igual, não a retirando para a rua, assegurando-lhe bastante descanso, ao lado de uma sã alimentação.

Uma bronquite pode acompanhar ou seguir às infecções das vias respiratórias altas, ou a doenças como o sarampo e a tosse convulsiva.

Dando-se o caso de ataques frequentes de tosse, deve-se fazer uma consulta ao médico para investigar a causa fundamental (má nutrição ou alergia).

BULIMIA — (Princ.) — Fome exagerada de origem mórbida.

C

CABELO (cuidado do) — O cabelo necessita para a sua saúde e nutrição de muita limpeza. Além de passar-se algum produto, é preciso que seja escovado diariamente. A lavagem deve ser semanal, e nos bebês de duas a três vezes por semana.

CABELEIREIRO — Muitas crianças demonstram medo ao serem levadas ao cabeleireiro pela primeira vez, e até nas vezes conseqüentes. É comum caírem num choro nervoso e em altos berros, fazendo uma verdadeira "cena". Ainda com pouca idade, não adianta dar-lhes uma explicação racional, pois não a compreendem. É preferível usar boas palavras e muita calma. A melhor coisa é apresentar a ida ao cabeleireiro como uma coisa divertida, alegre. Será preferível o pai levá-la, enquanto faz a barba ou o cabelo, para que ela se acostume a ir e possa, então, aceitar ser atendida, sem maiores problemas.

CALÇAS PLÁSTICAS — Muitos bebês manifestam na pele uma irritação, quando usam calças plásticas. Nestes casos, é aconselhável retirá-las de uso, e colocar umas calcinhas de linha ou de algodão. O uso das calças plásticas é indicado quando o bebê vai de visitas, de viagem à noite, para evitar que se molhe.

CÁLCIO — Vide Nutrição.

CALMA — Sentimento de repouso, contrário ao de excitação (Vide Quietude).

CALMANTES — Não é aconselhável administrar calmante a uma criança a não ser sob receita médica, mesmo que ele seja inofensivo.

O uso de chás (camomila, carqueja, erva doce, etc.) podem servir de calmantes, e não têm contra-indicação. Em alguns casos, os banhos frios, temperados ou quentes, servem de calmantes.

CAMPING (Acampamentos) — Os acampamentos feitos para crianças e jovens abrem um novo campo de ensinamentos, cuja aprendizagem, cheia de emoções e novidades, serve, ao mesmo tempo, para alentar o espírito infantil e juvenil cheio de curiosidade e aventura. Não só cobre as necessidades físicas como também as morais e as educativas.

Em muitos países, o "camping" é largamente estendido e a quase totalidade de crianças e jovens gozam deste período, num ambiente de alegria e vida saudável. Em nosso país, infelizmente, é muito pouco conhecido, e raros os grupos que o fazem regularmente.

Na maioria dos países, as organizações que se dedicam à formação da infância e da juventude organizam excursões em massa, e dispõem, também, de acampamentos fixos, instalados em lugares variados: montanhas, lagos, praias, etc. Possuem eles o seu regulamento, que deve ser respeitado por todos os seus componentes. Atualmente, o "camping" adquire dia a dia maior importância.

Em nosso país, temos algumas associações como os Escoteiros, que aceitam tanto meninos como meninas, a das Bandeirantes, Associação Cristã de Moços, etc., que mantêm acampamentos para jovens e crianças. Alguns colégios formam grupos que, durante o período das férias, organizam excursões, porém nem sempre em acampamento.

CAMPO DA ATENÇÃO — (Psic.) — Número de objetos que podem ser apreendidos ou percebidos pela atenção, durante um determinado instante, como uma olhadela.

CAMPO (vida no) — A vida do campo, em nosso país, oferece uma série de vantagens e de desvantagens. Ao mesmo tempo que a criança ou jovem têm oportunidade de viver ao ar livre, respirar ar puro, tomarem sol e terem uma alimentação saudável, não têm, na maioria das vezes, possibilidade de seguir um bom colégio, e dispor de um ambiente à altura. Na reali-

dade, o nosso campo é ainda pobre, e raras as pequenas localidades que podem oferecer meios importantes ao desenvolvimento intelectual de um jovem.

CÂNCER — A incidência desta enfermidade na infância é muito pequena. Os locais que podem ser mais frequentemente afetados são: os rins, os ossos, os olhos, as glândulas linfáticas, o sistema nervoso e os tecidos musculares brandos. A leucemia é uma forma de câncer, que implica uma fatal e excessiva produção de glóbulos brancos, e é uma das principais causas da mortalidade infantil pelo câncer. Em geral, aparece depois dos três anos, e hoje em dia, há vários tratamentos que podem reduzir a sua intensidade, e conseguir que a vida da criança seja prolongada.

CAPACIDADE — a) Habilidade, potencialidade, poder ou talento para realizar algo, ou para sofrer algo. Capacidade pode ser **ativa**, a de realizar, ou **passiva**, a de sofrer.

b) Na Psicologia, significa: aptidão (sensibilidade, memória, talento, etc.).

c) Na ordem material, chama-se de **capacidade** o conteúdo de um recipiente, ou o conjunto de certas formas de energia, como capacidade calórica.

d) Na ordem jurídica, o conjunto de direitos, que alguém tem ou pode ter, por sua condição real. Daí falarem-se em capacidades físicas, mentais, etc.

Vide **Testes, Inteligência, Virtudes e Cardeais** (virtudes).

CAPRICO — a) É o ímpeto volitivo, que sobrevém sem uma razão consciente.

b) Também se emprega para significar a obstinação na defesa de pontos de vista desarrazoados.

c) Refere-se, também, à inconstância, à variabilidade nos estudos, na exposição de temas.

d) Usa-se, frequentemente, para apontar as extravagâncias nas realizações estéticas.

e) Eticamente, é empregado no sentido de brio, de pundonor: "um homem de muito capricho". Nesse sentido positivo, é que a palavra é usada em expressões como "fazer algo com capricho", "caprichosamente".

A origem da palavra vem do latim *capra*, *cabra*, e como ela dá saltos, chamam-se de caprichosos aqueles que dão saltos sem mais razão, segundo sentem ímpeto de fazê-lo. Por isso, o sentido mais comum deste termo é para caracterizar o desarrazoado, o irregular, a falta de objetividade, etc.

CARÁCTER — a) Em grego, *kharakter*, significa uma letra. Também se chamou assim cada sinal distintivo, que servia para reconhecer e identificar um objeto ou uma pessoa. Hoje chamamos **caracteres** todas as propriedades e traços particulares que distinguem uma coisa.

b) Na Biologia, diz-se de cada marco estrutural ou funcional, que distingue um indivíduo, sejam **caracteres congênitos** ou **adquiridos**. É questão controvertida se os caracteres congênitos são suficientes para distinguir uma espécie de outras.

c) Na Lógica, é cada atributo de uma noção, que faz parte da sua compreensão, e é um elemento constituinte, seja essencial ou accidental.

d) Na Psicologia, a unidade e consistência que se manifesta na maneira de sentir e reagir de um indivíduo ou de um grupo, como distinto de outros grupos. Kant define o carácter de conformidade com a sua definição de **causa**. "É necessário que cada causa, quando age, tenha um carácter, quer dizer uma lei da sua causalidade, sem a qual ela nem chegaria a ser causa". Ele distingue, ademais, um **carácter empírico** ou **fenomenal**, em virtude do qual as suas "ações, enquanto fenômenos, são relacionados integralmente a outros fenômenos, segundo as leis constantes da natureza", e um **carácter inteligível**, em virtude do qual não deixa de ser a causa dessas ações, enquanto fenômenos, mas sem ser ele mesmo submetido às condições da sensibilidade, e sem ser sequer um fenômeno.

e) Na Ética, a palavra aceita um sentido laudativo quando significa personalidade completa e que revela autodomínio. (Um homem de carácter).

(**Educação do**) — Na Pedagogia, a criança necessita da ação. No "*ludus*" de regras, no qual ela precisa obedecer certas regras, aprende a dominar seus impulsos, a controlar sua vontade, inibe-se de fazer tudo o que deseja.

O contacto com as outras crianças mostra-lhe e lhe faz compreender os limites naturais que precisa manter nas relações com seus semelhantes; só o exercício pode formar o hábito; portanto, deve-se proporcionar à criança a convivência com outras da mesma idade.

Nossos músculos exigem ginástica para se desenvolverem, e nossa vida interior também o exige.

Os impulsos necessitam exteriorização, e muitas vezes podem estar em oposição ao meio-ambiente, e estimular os exercícios de domínio da vontade é aconselhável; pode-se começar por pequenos exercícios de poucos minutos, como, por exemplo, pedir-se à criança ficar silenciosa, parada e fechar os olhos por um minuto somente, ou traçar, com giz, uma linha reta no chão e ensiná-la a caminhar, sem sair de cima do traço.

As pequenas vitórias, que possam surgir desses exercícios, e outros que podemos criar na ocasião, dão à criança a agradabilidade da vitória, do domínio sobre si mesma, e vão desenvolver-lhe a confiança em suas possibilidades.

Esses exercícios combinados com os outros, que põem em movimento as atividades interiores da comparação, de julgamento, através da educação da atenção, vão tornar a criança capaz de preparar suas decisões, sua independência e desenvolver a capacidade de julgamento próprio.

CARACTEROLOGIA — Disciplina psicológica, que se dedica ao estudo dos caracteres humanos.

Como ciência psicológica, o objeto da **Caracterologia** é a gênese das formas estruturais e análise do que constitui propriamente o carácter. **Carácter** vem do termo grego *kharasein*, que significa imprimir, cunhar, marcar, e compreende o temperamento ou o conjunto das disposições intelectuais e afetivas, herdadas ou adquiridas, que o constituem. Deste modo, **carácter** é o que marca a personalidade, é o que confere à personalidade o seu traço fundamental, e indica a sua maneira de operar e também de classificar os valores. Por isso se pode falar em bom ou mau carácter. Como ciência investigadora do carácter, examina as diversas reações, as bases psíqui-

cas do mesmo, bem como classifica, em tipos, as personalidades que revelam ter entre si certas semelhanças e, ademais, propõe-se estudar as leis genéticas do carácter e as possíveis reformas que o mesmo possa sofrer. Há muitas classificações caracterológicas, e por ser uma ciência ainda em seus primórdios, não tem oferecido soluções duradouras, senão em raros aspetos.

CARDEAIS (Virtudes) — Vide: **Virtude**. A palavra **cardeal** vem de **cardo**, **cardinis**, que, em latim, significa **gonzo** em torno do qual gira a porta. As virtudes cardeais são as virtudes fundamentais em torno das quais gira o ser humano. Toda virtude é uma capacidade ou aptidão para levar avante ações adequadas ao homem. Entre as virtudes adquiridas pelo homem, estabelecem-se quatro, que são fundamentais, ou **capitais**, as quais estão subordinadas outras, que são acessórias, ou subordinadas. Desde a antiguidade, classificou-se como virtudes cardeais: a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança.

A prudência é aquela virtude que permite ao **entendimento** (vide) reflexionar sobre os meios conducentes a um fim racional. A prudência manifesta-se, assim, de vários modos. É uma virtude intelectual. Por si só ela não é realizadora de actos morais, mas, por facilitar a escolha, ela pode guiar a vontade, a fim de que esta se dirija, após a seleção feita pelo entendimento, para aqueles fins mais benéficos ao homem. Há uma prudência (sapiência) para conduzir a si mesmo e para conduzir os outros. A prudência exige: reflexão, capacidade atencional, para examinar os juízos e as idéias, a acuidade para descobrir os meios mais hábeis. Exige, ademais, inteligência, capacidade de resolver com clareza e segurança, de modo a alcançar as melhores soluções.

A segunda virtude é a **fortaleza** ou **valentia**. Consiste esta na capacidade de enfrentar os perigos que se oferecem à obtenção dos bens mais elevados, e entre estes perigos, os males e a morte. Chama-se **heroísmo** a fortaleza quando enfrenta até a morte. **Mêdo** é o estado emocional que detém o ser humano ante o perigo. A fortaleza é uma vitória sobre o mêdo. A **audácia** é um desafio ao risco e à morte, indo-lhes ao encontro. É ela uma virtude, quando re-freada. Os meios de fortalecimento da fortaleza são

o exercício, que consiste em enfrentar os riscos e a **perseveração** na obtenção dos fins. Como as virtudes cardeais conjugam-se, a fortaleza recebe apóio e equilíbrio da prudência, pois, pelo saber, pode o homem empregar esta virtude em termos que lhe sejam mais benéficos possíveis.

A **paciência** é uma virtude subordinada à fortaleza, e consiste na capacidade constante de suportar as adversidades. Também o é a **generosidade**, que é aquela virtude que se caracteriza pela energia e decisão no ataque do homem de brio e de valentia, sobretudo quando ele enfrenta a morte. São ainda virtudes afins à fortaleza, a **confiança** na sua capacidade de enfrentar os riscos, a **munificência**, que constitui a pronta decisão de sacrificar seus próprios bens para atingir fins elevados, a **tenacidade**, que é a disposição firme de enfrentar os obstáculos exteriores, e a **constância**, que é saber manter-se firme ante os obstáculos interiores.

A terceira virtude cardeal é a **temperança**. Esta consiste em aperfeiçoar, constantemente, a potência petítiva, sensitiva, de modo a conter o prazer sensitivo dentro dos limites estabelecidos da sã razão. Assim, a **moderação** é a temperança no comer, a **sobriedade**, no beber, a **castidade** no prazer sexual.

Há virtudes outras auxiliares da temperança, como seja o **decôro** no modo de vestir e proceder, e o **sentimento de honra**, a **humildade**, que é a moderação na tendência a salientar-se, a **mansidão**, que é a temperança em refrear a ira, a **clemência**, que se manifesta na indulgência ao castigar, e a **modéstia**, que é a temperança nas manifestações exteriores.

A quarta é a **justiça**. Consiste ela na atribuição da equidade, no considerar e respeitar o direito e a valor que são devidos a alguém, ou a alguma coisa.

O domínio da justiça permite o equilíbrio da moderação, da temperança, da fortaleza e da própria prudência. Estas quatro virtudes cardeais, que lhes são acessórias, ou subordinadas, nos limites marcados pela interatuação de umas sobre as outras, permitem formar o homem dentro dos mais altos valores. São assim as **virtudes cardeais** fundamentais,

não só para a ordem social, como para a pessoal, pois não pode haver homens sãos nem sociedades sãs, onde a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança não estejam presentes. Todo trabalho pedagógico tem de se fundamentar, primordialmente, na preparação dos seres humanos para que adquiram, pelos meios mais aptos e eficientes, estas quatro virtudes, infelizmente tão pouco estudadas por modernos, que as esquecem nem sabem o valor que elas realmente têm.

Distinguem-se as **virtudes cardeais** das **virtudes teologais**, no seguinte: as primeiras são adquiridas e fortalecidas pelo hábito; as segundas, ou nascemos com elas ou não, porque nem a fé, nem a esperança, nem a caridade as obtemos pelo exercício dos hábitos, mas elas moram em nós mesmos, ou não moram (vide **virtudes teologais**).

CARIDADE — Mencionada por S. Paulo, junto com a fé e a esperança, e chamada por êle a maior das três. No Capítulo XIII da epístola I aos Coríntios, Paulo expôs a nova concepção cristã da caridade (**Agathé**). A posterior especulação teológica precisou o sentido do termo, designando a fé, a esperança e a caridade como **virtudes teologais (teológicas)**, das quais a fé é a primeira como origem das outras, e a caridade é a primeira quanto à perfeição. A caridade, neste sentido teológico, é um princípio infuso por Deus, do qual emanam os actos daquela virtude. Em vista desse carácter infuso, a caridade cristã se distingue, fundamentalmente, da **filantropia**. A caridade é, primariamente, o amor de Deus, e, sem mudar a direcção, secundariamente, o amor ao próximo e a si mesmo, considerando os homens nos laços sobrenaturais e naturais, que os unem a Deus, e na perspectiva, que vai além da vida terrestre.

Não obstante, a caridade tem em comum com a **filantropia** a preocupação pelo bem estar dos outros e daí resulta a acepção mais corrente do termo, que desconhecendo as perspectivas teológicas, identifica-o simplesmente com **beneficência**. Ainda assim, a caridade, concebida como beneficência, fica distinguida da virtude antiga, da **liberalidade**, enquanto a caridade se deixa mover em virtude das relações existentes entre os homens, ao passo que a liberalidade

é antes uma perfeição do indivíduo, e além disso não exclui segundas intenções.

CÁRIES DENTÁRIAS — As cáries são originadas de algumas bactérias, que permanecem na bôca e atuam sobre os carboidratos refinados, formando ácidos que destroem o esmalte, a dentina dos dentes. Não é aconselhável dar-se à criança balas que permaneçam por muito tempo na boca, pois aumentam a formação das cáries. É preciso que ela lave a boca depois de comer chocolate, balas, doces ou sorvetes.

CARROS PARA BEBÊS — Existe uma grande variedade, sendo que para os primeiros meses deve usar-se um como cama, onde o bebê dormirá a maior parte do dia; quando já se senta, pode sair num que seja só o assento. Em geral, os carrinhos maiores, que são para dormir, servem, também, para levar o bebê sentado.

CASTIGO — Muitos estudiosos e psicólogos, investigadores dos temas da psicologia infantil, chegaram à conclusão de que o castigo é indispensável como medida educacional, porém com a condição de **observar** certas condições para que seja benéfico.

Será o castigo eficaz para modificar a conduta indesejável da criança?

É um tema por demais complexo para se oferecer uma solução de imediato.

Primeiramente, consideremos que o conceito **castigo** tem uma acepção muito ampla. Inclui várias medidas adoptadas para modificar, corrigir ou melhorar a conduta de indivíduos ou grupos, cuja conduta é julgada prejudicial à sociedade. Produz o castigo efeitos psicológicos, educacionais, clínicos e sociais; é estudado por psicólogos, juristas, sociólogos, médicos, etc. Vamos examiná-lo no sector educacional, que é onde nos interessa.

Serão benéficos ou maléficos seus efeitos na educação?

Estudiosos do assunto chegaram à conclusão de que tanto a punição severa, como a total ausência de punição, trazem efeitos semelhantes.

E aconselham, então: “em **primeiro** lugar, seleccionar-se cuidadosamente uma espécie de castigo apro-

priado, porque se não usar esse procedimento retarda-se ou impede-se o desenvolvimento da criança; **segundo**: o castigo que não fôr acompanhado por uma real compreensão das ordens e proibições produz tensão anímica; **terceiro**: é o esforço excessivo para conseguir essa compreensão, que ameaça o equilíbrio psíquico da criança, e pode levá-la até à enfermidade mental”.

Podemos dizer que, por tradição, aceitamos que quem pratica uma ação má deve receber um castigo. Mas consideremos que a criança nem sempre distingue o bem do mal; está num período de desenvolvimento físico e mental, que depende quase exclusivamente do ambiente que a cerca, subordinada aos adultos. Todos esses aspectos merecem nossa atenção.

Jean Piaget, biólogo e psicólogo suíço, grande estudioso da alma infantil, demonstra, através de suas investigações, que a representação mental do castigo varia com a idade da criança. Após cuidadosas observações, chegou à conclusão de que a criança de cinco a oito anos de idade considera justificado o castigo como **represália**; ela considera moralmente cada um de seus atos, segundo os efeitos que suscitou nos outros.

Dos oito aos doze anos, não aceita mais essa espécie de castigo, mas aceita a “pena de talião”, o “dente por dente, olho por olho”. Prossegue considerando o efeito de uma ação como critério para apreciar seu valor ético.

“Depois dos doze, então aceita a responsabilidade moral. É quando compreende o nexa entre intenção e sentido ético da ação”.

Os estudos, decorrentes das observações de Piaget em crianças de dois a doze anos, são valiosos, e contribuem para esclarecer os atuais estudos sobre a psicologia infantil.

Não podemos chegar a conclusões que seriam classificadas como precipitadas e até certo ponto falsas, se quiséssemos justificar que o castigo deveria ser aplicado conforme a representação mental que a criança tem dele, segundo a idade.

Esse tema é complexo, e um dos mais sérios e profundos de todos os que compõem a grande problemática da educação infantil. Necessitaríamos examinar profundamente a Ética, na qual está incluída a moral e os costumes, o que nos obrigaria a estudos especiais que ultrapassam os limites deste dicionário. Mas podemos afirmar que, embora não aceitemos o castigo como medida educacional, no entanto, certas formas de punição, por atos que prejudiquem gravemente, não só a si mesmo como a outros, são eficientes, se criarmos esquemas psicológicos de desagradabilidade. Automaticamente, determinados atos serão repelidos, porque provocam o estado desagradável que sobreveio quando da primeira vez que foi realizado.

Nunca se deve usar como punição a humilhação, o medo, ou a correção em presença de outros.

Consideramos, também, que a criança educada por pais esclarecidos, equilibrados, e que possuam senso de justiça, não necessitará de castigos.

Os pais devem ser coerentes em seu processo educacional. Se a criança incorreu numa falta ou se se comportou de maneira reprovável, não deve ser punida, porque os pais se envergonharam dela, mas com a finalidade de melhorar a conduta para o seu bem, ela deve compreender que sua maneira de conduzir-se não é aceitável, e mediante uma compreensão racional dos atos evitará cometer os que sejam reprováveis.

Aconselhamos usar as medidas de punição com muito cuidado, observando sempre a idade da criança, pois a punição injusta traz sérias consequências. Os efeitos psíquicos do castigo gravam-se como marcas indeléveis. A criança injustiçada dificilmente será reeducada, o esquema da injustiça fica-lhe marcado para toda a vida e poderá tornar-se uma criatura revoltada, rebelada contra tudo e contra todos, um desajustado na sociedade.

CASTRAÇÃO — É a extirpação dos órgãos sexuais.

CATALEPSIA — Estado patológico mental, natural ou provocado, que se caracteriza por uma redução considerável no campo da consciência e, conseqüentemente, do aumento do grau de sugestionabilidade,

ainda pela adopção ou repetição indefinida de uma atitude ou de um movimento e, também, pelo esquecimento total do que se passa e do que se passou durante a crise cataléptica.

CATAPLEXIA — (Psic.) Estado de medo ou choque, que se caracteriza pela imobilidade, e que se dá em alguns animais, quando são mantidos imóveis e numa mesma postura por longo tempo. Para alguns autores, é uma forma análoga ao hipnotismo dos homens.

CATAPORA (Varicela) — Vide **Puericultura** — 11.º cap., § 6.

CAUTELA — a) Indica cuidado, prevenção, prudência. Aponta as disposições da vontade humana, mobilizadas para garantir um futuro favorável.

b) Na ordem jurídica, cautela é sinônimo de **caução**, cujo nome é dado à garantia no cumprimento de uma obrigação rígida, que pode ser pessoal, como no caso dos réfens; real, como nas hipotecas; e mista, quando, além de valores reais, a pessoa responde, também, com os seus bens, como se verifica na Economia e nas Finanças.

c) **Cautela**, como sinônimo de precaução, significa a atitude de advertência e também as medidas, que são tomadas para enfrentar dificuldades e perigos eventuais, decorram êles de onde decorrer. Neste sentido, é também sinônimo de prudência, quando este termo é usado na acepção vulgar.

CAXUMBA — Vide **Puericultura** — 11.º cap., § 2.

CECIDADE — a) Própriamente, é o estado daquele que não usa a visão.

b) Quando metaforicamente se emprega em relação à mente ou ao processo mental, chama-se **amnésia**.

c) Quando é a incapacidade de entender os conteúdos verbais chama-se **alexia**.

d) Quando é a incapacidade de captar os valores morais e a inaptidão em distinguir o bem e o mal, chama-se **cecidade moral**, também **loucura moral**.

Se a cecidade é apenas em relação às cores chama-se **acromatopsia**.

CERCADO (quadrado infantil) — Existe uma grande variedade de tamanhos. Naturalmente que a escolha deve ser feita em base ao espaço que se disponha na casa. O de mais fácil manejo é o de forma retangular. Entretanto, deve-se levar em conta os seguintes pontos: que seja de bom material e sólido; que possa ser despregado e carregado com facilidade, e que esteja bem reforçado.

Há crianças que se sentem perfeitamente a gosto dentro do cercado, enquanto outras protestam. É preciso sempre levar em conta:

a) Nunca deixar a criança dentro do cercado por um tempo muito longo, e somente retirá-la quando protesta insistentemente. Faça-o antes que se inquiete.

b) Deixá-la ali quando já tenha 5 ou 6 meses, antes que se acostume a gatinhar pela casa toda.

CHÔRO DO BEBÊ — Vide **Puericultura** — 4.º cap., § 12.

CHUPETA — Vide **Puericultura** — 4.º cap., § 13.

CIDADANIA — Em toda sociedade ou comunidade, o indivíduo, que é membro da mesma, tem de assumir a sua responsabilidade individual, participando das responsabilidades comuns, e sabendo quais são os direitos e deveres que lhe cabem como cidadão.

CIDADE (vida na) — A vida numa cidade oferece muitas vantagens, e também desvantagens para a criança. Naturalmente que ela não gozará de ar puro, nem terá possibilidade de dispor de bastante espaço e sol, tendo que submeter-se a passar longas horas dentro de quatro paredes. Por outro lado, uma cidade oferece para o jovem ou uma criança em idade escolar uma série de vantagens como: melhores colégios, visitas a museus, galerias de arte, teatros, cinemas, exposições variadas, zoológicos, etc.

CIRCUNCISÃO — Intervenção para extirpar o prepúcio ou prega da pele, que cobre a ponta do pênis. Entre os judeus, é considerada como um ritual religioso, para outros povos é uma medida de higiene.

Quando o prepúcio é excessivamente comprido, tendendo a reter a urina, e provocando irritações e infecções, é preciso fazer-se a circuncisão o mais rápido possível. Em geral, efetua-se antes que a criança tenha 10 anos de idade. Realizando-a mais tarde, é preciso que a criança sofra uma anestesia geral.

CIRCUNSPECÇÃO — a) Circunspecção é a inspecção circum, ver à volta, olhar em redor de si, coisas e pessoas, a fim de determinar as reacções adequadas ao ambiente. Circunspecto é o que pondera, o que faz e o que diz, depois de examinar o ambiente em que faz e sobre o que diz.

b) Significa, também, cautela, prudência; daí dizer-se que é circunspecto nas palavras e nas acções.

A circunspecção é uma virtude subordinada à prudência. Vide Cardeais (Virtudes).

CIÚME — É o exclusivismo no amor, sobretudo no amor sexual, que induz o amante a exigir, para si só, a posse da pessoa amada, e a sofrer, intensamente, os possíveis desvios daquela para outras de sexo oposto.

Significa, também, emulação, inveja, receio de perder alguma coisa e também zelo (Vide).

CIÚMES — O desejo de prestígio social é inerente a todo ser humano, o que leva a rivalizar cada um com os outros. A primeira manifestação de rivalidade aparece na criança, provocada, em geral, pelo irmão ou irmã. A rivalidade também aparece entre os colegas na escola, entre camaradas de jogos, e entre amigos.

É muito comum os pais usarem a rivalidade como uma arma, esgrimindo-a contra o atraso do filho. É aconselhável dar-se à criança a segurança de que goza do amor paterno, competindo de uma forma sã e nobre, sem sentir ciúmes dos outros.

CLAUSTROFOBIA — (Do gr. Kláustros, pátio interior; em geral, lugar fechado, e phobos, medo). Medo mórbido, que se manifesta por angústia e movimentos impulsivos, em pessoas que se encontram em lugares fechados e abrigados.

CLEPTOMANIA — (Do grego Kleptos, furto). Diz-se do impulso mórbido de furtar sem propriamente haver um interesse de apropriar-se do objecto furtado.

CLÍNICAS — As clínicas recebem pacientes, assim como os consultórios médicos. Elas são de diversas especialidades. Entre elas, temos: clínicas de psiquiatria e terapêutica mental; clínicas especializadas em cirurgia torácica; de estética, para crianças, etc.

Na maioria das vezes sua organização interna é particular em cada caso, e a admissão de pacientes depende dos seus regulamentos.

CLISTERES — Vide Puericultura — 9.º cap., § 4.

COAÇÃO — a) Ação de obrigar, de constranger alguém ou alguma coisa a praticar um ato, compeli-lo a tal. Daí falar-se em poder coativo.

b) Filosoficamente, o termo coação, que é formado de cum e actus, significa o acontecer de dois ou mais entes em ato, que formam uma nova totalidade, formalmente distinta.

Em "Teoria Geral das Tensões", tratamos das formas coatas, que são as novas unidades que surgem da cooperação de vários atos, e que são assumidas por uma nova forma, com específica coerência, coesão.

CO-ADAPTAÇÃO — Termo empregado em Sociologia para indicar o processo das atividades dos membros de um grupo com unidade de fins.

Quer-se referir, também, a um grupo de indivíduos, que têm uma vida em comum, e que adaptam a sua existência às normas aceitas pela coletividade. Fala-se em co-adaptação, sempre que há coordenação das atividades dos seus membros, que se processa pelas modificações sofridas pelos elementos componentes, para assegurar a maior unidade e a melhor compatibilidade entre os elementos que nela funcionam.

COCEIRA — Quando um bebê se coça, ou mesmo uma criança, repetidas vezes, num mesmo local, isto pode ser causa de um simples formigamento ou indício de uma erupção. Às vezes pode ser causada por uma roupa demasiadamente apertada. Quando a coceira persiste, sem que exista razão aparente, deverá ser feita a consulta médica.

CO-EDUCAÇÃO — A educação, que permite juntar estudantes de diferentes sexos numa mesma aula e num

mesmo colégio, tomou, atualmente, um nôvo incremento devido às atuais idéias sôbre a educação. A grande maioria dos colégios reúne numa mesma classe, tanto meninas como meninos. A educação, hoje, abarca um vasto sentido. Não é sômente o "ensino escolar", é preciso viver com o sexo oposto tão bem como o próprio, preparando o jovem para ocupar um lugar num mundo composto por homens e mulheres, que trabalham e vivem um ao lado do outro.

COGNIÇÃO — Genêricamente, é a operação do intelecto, que consiste no ato imanente, consciente e intencional, pelo qual adquirimos notícias de alguma coisa, por semelhança ou representação do objeto.

CÓLERA — Cólera ou ira é uma reação violenta a um mal que alguém sofre, e que se descarrega sôbre as coisas, sôbre animais e seres humanos, não com intuito de remediar a si mesma, mas de vingar-se.

A cólera é uma manifestação natural e necessária na criança. Quando bebê, manifesta-se no grunhir, choramingar, enquanto a mamadeira esperada não chega; com dois anos ela gritará, baterá os pés e ficará enraivecida quando a mandam comer em vez de brincar. Tôdas estas manifestações são naturais, e apresentam-se em graus maiores ou menores, dependendo da criança. Muitos pais pensam que "civilizar" o filho, é induzi-lo a ocultar ou reprimir a sua cólera, o que é, do ponto de vista pedagógico, completamente errado, pois a ira, que é reprimida, acaba brotando mais tarde de forma mais forte e a retensão e regressão do impulso colérico provocam um estado de "tensão". As crianças precisam sentir que manifestar cólera não é uma coisa má em si mesma, mas tão natural como sorrir e brincar. Naturalmente que não se pode deixar a criança usá-la como uma força e, sim, quando começa a ser um pouco fora do normal, é preciso que, por meio da persuasão, ou, então, de palavras incisivas, cortem-se estas manifestações coléricas. É preciso verificar até que ponto ela é justa, e também, não esquecer que é dos pais que vem o exemplo. O pai e a mãe não devem ser injustos em suas cóleras e só as expressar na medida exata ao mesmo tempo que são capazes de demonstrar carinho e afeto, pois a criança os imitará.

CÓLICAS — Vide *Puericultura* — 6.º cap., § 3.º.

COMER POR SI SÓ — É muito variável a idade em que a criança começa a comer por si só. Por volta dos seis meses, o bebê pode segurar sôzinho a mamadeira, e com um ano já procurará segurar um copo com água. Com dois anos, já é capaz de manejar relativamente bem a colher. O uso da faca já leva mais tempo, e não se deve forçar, de forma alguma, que o faça só, quando ainda não se sinta seguro e capaz.

Com um ano de idade, é comum que o bebê procure levar sôzinho a comida à boca, e mesmo que não o consiga, deve-se deixar, pois êle está desfrutando de uma sensação agradável, ao mesmo tempo que aprende um pouco mais sôbre o tacto das coisas.

É natural que o bebê se lambuze, e isto não deve ser pretexto para não deixá-lo fazer tal coisa. O melhor é colocar-lhe um avental, e após suas tentativas, lavar-lhe o rosto e as mãos. Vide *Puericultura* — 14.º cap., § 4.

COMOÇÃO CEREBRAL — Vide *Puericultura* — 10.º cap., § 6.

COMPENSAÇÃO — Nem sempre o homem alcança o que deseja, devido a motivos variados, como a falta de habilidade, de dinheiro, de inteligência, etc. Nestes casos, busca êle um substitutivo que lhe proporcione satisfação. Este processo recebe o nome de **compensação**.

COMPETIR — Uma pessoa, que reúne todos os seus esforços para sobrepujar a outro, está competindo com êste.

Muitas escolas, seguiam e seguem a linha de que a rivalidade é o impulso mais efectivo para a educação. Atualmente se crê que, embora os esforços e a **competição** ocupem um lugar no estímulo da educação nem sempre atuam como força construtiva. Em muitos casos, a **competição** é útil e necessária, pois temos de frisar que vivemos numa sociedade em que os seus membros estão em constante competição. Este sentimento está unido ao desejo de conseguir um emprêgo, de empreender um negócio, de conseguir o apóio das jovens, etc. Entretanto, desde que a **competição** se mantenha dentro dos li-

mites razoáveis pode servir de estímulo. Em caso contrário, quando há uma exacerbação, ela se torna prejudicial. Entre grupos de adolescentes é muito comum levar-se a competição a um extremo tal que aquele que sai vitorioso de qualquer empreendimento se julga superior, enquanto o outro, um vencido, e estas manifestações se prolongarão em qualquer circunstância da vida. A pessoa pode ganhar ou perder e deve manter sua confiança em qualquer circunstância e ter fé que é capaz de conquistar determinadas metas que tenham sido fixadas por ela.

CONDICIONAMENTO — Termo empregado modernamente pelos psicólogos condutivistas, sobretudo americanos, para referirem-se aos chamados reflexos condicionados de Pavlov, sobretudo quanto empregados na **aprendizagem**. Referem-se às providências empregadas para conduzir a aprendizagem da criança, condicionando-a a certas situações particulares, de modo que suas reações sejam proporcionais e correspondentes aos estímulos recebidos. Fundamenta-se essa concepção nas seguintes regras: 1) Um estímulo apresentado simultaneamente a outro estímulo que provoca uma resposta, tenderá, daí por diante, a produzir a mesma resposta.

2) A resposta condicionada é similar, não, porém, idêntica à resposta incondicionada.

3) Uma resposta condicionada pode ser debilitada ou eliminada sob certas circunstâncias.

4) Uma reação condicionada pode revigorar-se mediante esforços.

Tais experimentos são sem dúvida verificáveis. Mas a pedagogia moderna, que respeita a personalidade humana, e compreende que deve auxiliar a realizar homens capazes de viverem livres, dá preferência, na aprendizagem, a uma disciplina mais racional e reflexiva, intelectualizada, não fundando-a apenas nos reflexos condicionados, embora sejam estes fundamentais para o desenvolvimento da maestria em sentido meramente técnico. A própria organização moderna da indústria fundamenta-se numa série de reflexos, que respondem, da parte do trabalhador, aos estímulos que os aparelhos indicam, exigindo-lhe uma pronta resposta às indicações exteriores. O que não se deve pensar nem admitir, numa pedago-

gia justa, é cair no exagero de querer mecanizar os seres humanos, transformando-os apenas em condicionados autômatos, que respondem aos estímulos propostos, o que seria matar-lhes a personalidade a capacidade de autonomização, tão fundamental para a humanidade como para a elevação do homem como ser inteligente e livre.

COMPLEXO — a) É a complexidade um aspecto da **composição**, mas é uma composição levada a alto grau. No **complexo**, há presença de diversos elementos, que constituem um sistema, uma tensão.

b) Assim, na vida psicológica, o **complexo**, para a **psicanálise**, é um grupo de idéias, cheias de um conteúdo emotivo, que realiza atividades subconscientes, para onde estão reprimidas, total ou parcialmente. Estes complexos são considerados por muitos como patológicos. Há, no **complexo**, um aspecto importante, qual seja o da subordinação dos elementos componentes a uma totalidade, de modo que o funcionamento das partes atuam coordenadas para uma única finalidade. Estes complexos são estudados em outros verbetes, são ora reativos, ora mascaradores, ou sublimadores, disfarçando sempre, por outros sintomas, o que, na realidade, são por interferência, do que na **psicanálise** se chama **Super-Ego**. Como adjetivo, significa todo composto de diferentes elementos que se acham dispostos, segundo uma relação de subordinação ou de interdependência das partes de uma totalidade. Distingue-se do simples composto, porque, neste, as partes estão coordenadas, o que nem sempre acontece no **complexo**.

c) Na Lógica, um termo é complexo, quando ele é acompanhado de uma explicação, como, por exemplo: a terra, que é o planeta subordinado ao sol, etc.

Diz-se que uma proposição é complexa, quando o sujeito, ou os atributos são complexos.

Um silogismo é complexo quando, pelo menos, um dos termos da conclusão, sendo complexo, as partes componentes deste termo se encontram separadas nas premissas.

COMPLEXO DE CASTRAÇÃO — Este se forma, no varão, pelo receio de agressão ou perda dos órgãos genitais,

que só se caracteriza ao observar que as meninas não os possuem, e ao dizerem à criança que o perderam por terem cometido alguma desobediência. O medo de perder seu pênis, leva-o, então, a tomar determinadas atitudes que se configuram como anormais e neuróticas até. Na menina, surge quando descobre a carência do pênis. Pode alimentar a esperança de que o obterá. Convencida de que não o terá, pode surgir um sentimento de inferioridade. Julgando que sua mãe é culpada de não ter pênis, manifesta desamor por aquela. Pode, então, substituir o desejo de ter um pênis pelo de ter um filho, e começa a tornar o pai o objeto de seu amor, e a mãe de seus ciúmes. Essas interpretações são constitutivas da concepção freudiana, aceita por muitos psicólogos. É matéria, contudo, discutível e com reserva em muitos aspectos, o que não pode, contudo, ser precisado no âmbito de uma enciclopédia, dado a amplitude das divergências.

O aconselhável, porém, é dizer à criança que há seres masculinos e femininos e mostrar o papel superior que a mulher representa.

COMPLEXO CULTURAL — Diz-se do conjunto das características que assinalam a fisionomia de uma cultura, como o arco, e a flecha, instrumentos, técnica, etc., em nossos índios.

COMPLEXO DE ÉDIP — a) Para a Psicanálise, desejo, em geral inconsciente, do filho pela mãe, e hostilidade para com o pai.

b) Também adesão erótica excessiva do filho para com a mãe.

c) Para a Psic., este complexo se manifesta na primeira vida infantil, desaparecendo, depois, da consciência, mas tendo um grande papel posterior, porque atua, inconscientemente, para uns, ou subconscientemente, para outros.

COMPLEXO DE ELECTRA — (Psicanálise). Desejo erótico da filha para com o pai, e de hostilidade para com a mãe.

COMPLEXO DE INFERIORIDADE — Modernamente, esta expressão é raramente empregada por psicólogos e psiquiatras, porque quase carece de sentido. Ex-

pressa, simplesmente, que a pessoa não tem confiança em si mesma, e não inclui o menor conhecimento das possíveis causas, que motivam tais sentimentos.

Os sentimentos de inferioridade têm, como ponto de partida, na maioria das vezes, um sentimento básico de sentir-se **não amado**. É muito comum nas crianças que passam por fases mais ou menos críticas. Os que se sentem amados e admirados ao mesmo tempo, que são reconhecidos os seus valores particulares, superam, com maior facilidade, esse período.

COMPLEXO NA PEDAGOGIA — A psicanálise estuda casos de perturbações psíquicas ocasionadas na infância por uma fixação exagerada da afeição de um dos progenitores por um filho, consciente ou inconscientemente.

Essa fixação pode impedir o normal desenvolvimento psico-sexual.

O complexo de Édipo, que é a fixação doentia da afeição do filho para com a mãe e o complexo de Electra, da filha para com o pai, podem trazer graves estados neuróticos no decorrer da idade adulta.

A mãe, muitas vezes, esmera-se em cuidados e mimos exagerados por um filho, procurando evitar-lhe todos os aborrecimentos, todas as dificuldades, resolvendo-lhe os problemas, sem perceber que essa atitude, que ela julga tão nobre, está fomentando, no filho, o germe da incapacidade, ele se tornará um ente impossibilitado de tomar uma deliberação e quando se encontrar ante uma situação embaraçosa, na qual terá de resolver por si próprio, então, aí ele mostrará sua absoluta incompetência e revelar-se-á um frustrado na sociedade.

Há, por exemplo, o caso comum do filho único, que geralmente carece de independência e de confiança em si próprio. Na idade adulta, revela falta de resistência às adversidades, e até as menores dificuldades deixam-no num estado de absoluta depressão.

Outro mau hábito comum pode desenvolver-se na criança débil, que é mimada, e percebe que, com lágrimas, consegue satisfazer os seus desejos. Na vida

adulta, inconscientemente, usará dos mesmos recursos, para conseguir de outros o apôio que deseja. E vemos pessoas chorosas, que vivem se lamentando, exagerando até suas pequenas contrariedades, para despertar a simpatia dos que os cercam.

Esses hábitos indesejáveis podem ter origem nos primeiros anos de vida, pois nesses primeiros anos é que lançamos os fundamentos do carácter.

Jung afirma: "Assim como durante a existência embrionária o corpo da criança é parte do organismo materno, do mesmo modo, durante muitos anos, seu espírito é um elemento da atmosfera espiritual, que conconfiguram seus pais. Isso explica que tantas neuroses infantis sejam, não uma genuína enfermidade da própria criança, mas sintomas das condições mentais dos pais".

Se uma criança possui um defeito físico, então necessita de uma educação especial, pois pode, por excesso de cuidados, ficar impossibilitada de fazer alguma coisa por iniciativa própria, ou, então, se os pais procurarem compensar a inferioridade física com uma superioridade fictícia, pode desenvolver-se uma inferioridade moral. Jung, estudando esses casos, diz:

"Desta maneira, instala-se um círculo vicioso: quanto mais se compensa uma inferioridade real mediante uma superioridade fictícia, tanto menos se elimina a inferioridade; mas ainda acrescenta-se uma inferioridade moral, que vem aumentar o sentimento de inferioridade. Isso, necessariamente, conduz a um aumento da falsa superioridade e o processo continua sempre crescente".

Deve-se considerar esse aspecto tão importante na educação de crianças com defeitos físicos.

COMPORTAMENTO NA MESA — Quando a criança começa a comer na mesa, junto com os adultos, ela se corrigirá mais fácil e rapidamente, se tiver o exemplo daqueles. Uma criança, com três anos, não saberá utilizar corretamente a colher, e usará, constantemente, as mãos para levar o alimento à boca. Mas, já com seis anos ela deverá usar perfeitamente a colher e o garfo, e muitas também o farão com a faca. Naturalmente que, com esta idade, não deve ser permitido o uso das mãos.

Os bons hábitos devem ser ensinados desde cedo; tais como: usar corretamente a colher, o garfo e a faca; não falar com a boca cheia; pedir com bons modos que lhe passem algum utensílio da mesa, etc. Não se deve, porém, levar ao excesso, exigindo demasiado da criança, ou seja uma perfeição em tudo, pois é preciso reconhecer que esta hora deve ser agradável e de conversação.

CONDUÇÃO (capacidade de condução) — Conduzir, que vem do lat. *ducere*, guiar, indica a ação de guiar outros. A capacidade de conduzir, nos seres humanos, é um dos sinais mais elevados do homem, porque há realmente diferenças marcantes entre homens, capazes de conduzir, de guiar outros (como o pedagogo, de *gogia*, condução e *pedes*, criança), indicando-lhes as veredas que devem seguir. Na verdade, a criança revela cedo essa capacidade, e sabe-se que o comportamento da criança vai depender, em muito, da natureza e da função da sua capacidade de conduzir e de ser conduzida. Cabe aos pais e aos mestres reconhecerem e saberem utilizar a capacidade de condução (de liderismo) da criança. O conceito de condutor (líder) é o daquele que é capaz de induzir outro a realizar um ato, vivendo-o, como se o desejasse. Popularidade não é liderismo. Há os que são populares, sem, contudo, conduzirem, como há os que conduzem, sem que provoquem a ação como desejada nos que os seguem. Não se deve, assim, confundir o genuíno liderismo com o falso liderismo do chefe, que provoca a correspondente vivência da ação aceita, pois muitas vezes é obedecido por disciplina, e não por uma adesão simpatética. Manifesta a criança sua capacidade condutivista de um modo mais contínuo que descontínuo. Essa capacidade é escalar, pois há a capacidade de influir em todos, em muitos, em alguns, e até em poucos, o que revela uma variação facilmente verificável. A capacidade de conduzir não deve ser julgada pela finalidade social, ou não, do ato, negando-se, por exemplo, capacidade de liderismo à criança, que leva outras à prática de atos anti-sociais. Esta também tem capacidade de condução, embora, eticamente, seja inaceitável. Considerar tal criança apenas como um delinquente, e não perceber sua capacidade de liderança, é um grave erro.

Contudo, nem sempre o líder se evidencia claramente. Muitas vezes é um tipo tranqüilo, respeitado pelos outros, que o seguem. Por outro lado, a liderança é proporcionada às circunstâncias em função do condutor, pois o que é hábil condutor numa escola, pode não o ser num grupo de moleques, ou numa equipe de futebol. A liderança é condicionada pela inteligência, pela fortaleza, pela destreza. Se se deixam às crianças escolherem seus próprios líderes, elas realmente escolhem os que são mais aptos para a espécie de liderança. Outra regra, que a observação e a experiência formularam, é de que a capacidade de liderança é habitual, ou seja adquirível, podendo ser estimulada, o que permite educar-se para que se desenvolva. É, assim, capaz de ser estimulada.

A preparação de líderes é uma das tarefas mais importantes da pedagogia moderna. Infelizmente, nas escolas, não há o cuidado necessário para a formação de tais tipos humanos, tão necessários numa sociedade democrática, constituída de homens livres, autônomos, independentes. Há, nas escolas, cuidados especiais para classificar os estudantes, segundo o seu grau de aproveitamento e intelectual, não, porém, para classificá-los segundo a sua capacidade de liderança. Contudo, há muitos estudiosos dedicados a construir uma visão clara do lirismo. E dos estudos realizados, chegaram-se a um conjunto de regras uniformes, que são as seguintes, imprescindíveis para estabelecer a capacidade de liderança:

- 1) o líder revela uma inteligência superior à média comum;
- 2) em regra geral é de idade mais avançada que seus companheiros;
- 3) revela maior aptidão para o mister que deve liderar;
- 4) membro mais antigo do grupo;
- 5) o mais estimado dos outros membros do grupo.

Nem todas as crianças, providas dessas condições, tornam-se líderes, mas estes possuem, contudo,

tais condições. Por isso são mais raros os líderes do que as crianças que revelam traços excepcionais. Exigem-se, ainda, além daquelas qualidades, outras, portanto. Descobrir tais qualidades eis um problema sério.

Há regras para que se possam aquilatá-las: a) dar oportunidade de ação para observar os que se destacam como condutores; b) facilitar às crianças a escolha por si mesmas de seu líder; c) as observações dos mestres e pais devem ser comparadas com os fatos.

Na verdade, as crianças revelam uma capacidade extraordinária para escolher com segurança os seus líderes, e deve-se deixar as crianças fazê-lo livremente, sem, indireta ou diretamente, influir nessa escolha. Podem-se propor diversas providências, como tais: pedir às crianças que façam uma lista dos que julgam mais hábeis para liderar em alguma atividade. Sabe-se, perfeitamente, quanto influi na escolha a propaganda que se possa fazer de algum mais astuto que hábil. É mister deixar que a escolha se processe sem tais influências exteriores, muitas vezes defraudadoras da realidade. Quando uma criança revela capacidade de liderança, não se deve obstaculizar essa manifestação, sob pena de, sentindo-se frustrada, enveredar pelo caminho das atividades não convenientes nem aceitáveis pelos adultos, pois poderá seguir caminhos inesperados, arrastando consigo companheiros.

Os métodos para ensinar tais líderes são vários, e proporcionados não só à idade, como ao gênero de atividade requerida. É mister dar ao líder um sentido de responsabilidade, evitando-se-lhe as manifestações de arbitrariedade e de exercício excessivo de seu poder social. É mister que mestres saibam dar conselhos adequados e justos, sobretudo quando se notam deficiências ou erros graves. As tentativas de formarem líderes através de cursos especiais não tem dado os resultados que se esperavam. O melhor é partir da preparação daqueles que já revelaram capacidade de liderismo, e não tentar transformar em líderes aqueles que não revelam naturalmente tal aptidão, que consiste, sobretudo, numa capacidade

de fazer, na atividade em questão, o que é mister num grau excepcional, com a correspondente revelação de inteligência acima da média.

Se se procede a uma educação em grupo, é imprescindível contar com o importante papel que desempenha o líder. E este deve receber a necessária educação para que seu liderismo seja eficiente e justo e, sobretudo, construtivo. Localizado o líder, deve-se-lhe confiar a direção, que lhe pode caber em face da sua capacidade, instruindo-o de modo a que possa obter do grupo o que é desejável. Cabe ao mestre, aqui, um papel importante e de grande responsabilidade, porque, se malograr no cuidado da preparação, pode abrir as portas à formação de um bando, que muitas vezes pode cair na delinquência. A vigilância do mestre é importante, e deve observar com frieza, pondo de lado suas simpatias, julgando, com a máxima presença da racionalidade, para que sua atuação seja realmente proveitosa, e contribua à criação de líderes, que, posteriormente, possam exercer um papel benéfico em face dos interesses da sociedade à qual pertence, não só quanto ao grupo, mas, também, quanto ao país ao qual pertence.

CONDUTA INTEGRADORA E A DOMINADORA — Podem-se estabelecer duas maneiras de conduta por parte do mestre em relação aos alunos: uma **integradora** e uma **dominadora**. A primeira consiste em despertar, espontânea e voluntariamente, a disciplina das atividades dos alunos em face do mestre; a segunda, em discipliná-los por meio de ordenações rígidas. É fácil verificar que há mestres que conseguem, por persuasão, despertar uma disciplina espontânea e voluntária, aceita com agradabilidade, enquanto outros a obtêm através da rigidez de seus atos. Sem dúvida, numa sociedade democrática, e que se funda no respeito à dignidade humana e à liberdade do homem, a primeira conduta é a desejável. A segunda, dadas as suas condições, gera, naturalmente, frustrados, rebelados, descontentes.

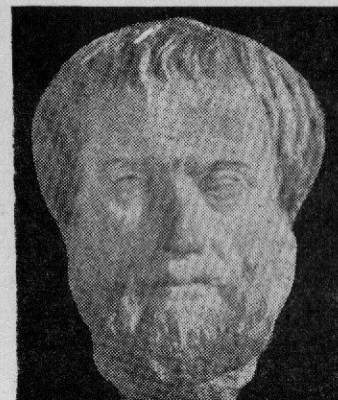
H. A. Anderson estabeleceu uma seqüência de itens, que polarizam as duas maneiras de proceder:

integradora

- 1) o mestre responde as perguntas do aluno;

dominadora

- 1) o mestre ordena aos alunos a execução de algo;



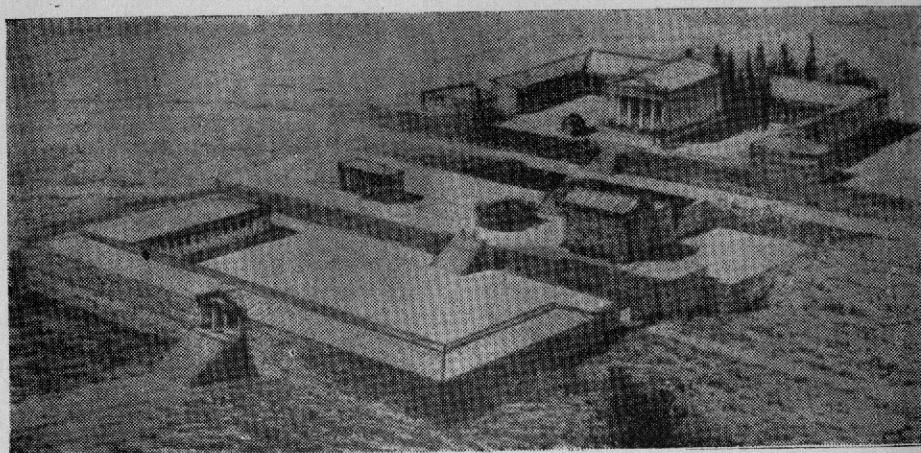
Aristóteles



Jean Jacques Rousseau



Aula de uma escola no Renascimento



Asclépiion. Escola de Medicina de Cos



*Conde Leão Tolstoi — em suas terras de Yasnaya Poliana
Grande pedagogo e idealista libertário.
Quadro de Riepin — 1887*

NELSON

- | | |
|---|---|
| 2) o mestre aceita sugestões do aluno, examina-as e as discute; | 2) o mestre repreende o aluno; |
| 3) o mestre aceita a negativa do aluno e atende a outro. | 3) o mestre repele as sugestões do aluno. |

A hábil maneira de proceder do mestre poderá despertar a confiança, o respeito, e a disciplina espontaneamente aceita, sem lançar mão do temor. As circunstâncias indicarão as diversas maneiras de proceder para atingir esta meta, que, realmente, é a mais conveniente, sem, contudo, haver necessidade de perder ou de atentar contra a disciplina que reinar.

CONFIANÇA — Vide Aceitação, Promessas.

CONFIANÇA EM SI MESMO — É preciso que se crie um ambiente necessário e se forneçam oportunidades para que a criança desenvolva a confiança em si mesma. Assim ela passará da fase de bebê (dependente ao extremo dos pais) à de uma criança capaz de enfrentar as dificuldades que se apresentam na vida quotidiana. Cabe aos pais ajudarem a criança a ter fé na sua própria habilidade para fazer amizades; a desenvolver-se fisicamente (correr, trepar em árvores, atravessar ruas, etc.); a gastar o dinheiro com parcimônia, distinguir o que é bem feito e mal feito, entre o que é prudente e o que não o é; e em outras centenas de decisões, nas quais deve sempre estar presente o bom senso.

Em geral, duas atitudes tomam os pais: 1.ª) deixar que a criança se decida sem ser guiada; 2.ª) levá-la pela mão. Deve-se optar pelo meio termo: ajudando no que fôr preciso e, ao mesmo tempo, deixando-a com liberdade de agir e que tome uma decisão por si mesma.

CONFIDÊNCIAS — Os segredos confiados por uma criança devem ser respeitados e não tratados de triviais. A criança passa por diversas fases, e em cada uma reage diferentemente. Assim, na adolescência, é comum, que não confie os seus segredos aos pais e, sim, aos amigos da mesma idade. Os pais não devem sentir-se ressentidos com tal, e devem tomar

uma atitude de compreensão e esperar, sem forçar, que o filho se sinta disposto a confiar-lhes segredos.

CONFLITOS — As situações de conflito são muito numerosas e se apresentam constantemente no decorrer da vida. Para a criança, é um conflito decidir entre dois brinquedos, um nôvo que lhe é oferecido e o outro com o qual brincava. Há tipos de conflitos mais profundos, que são os dos filhos de pais que se encontram separados, ou que discutem com frequência, pois é comum que o filho ame com igual intensidade os dois e tenha que tomar o lado de um só.

CONFORTAR — Em qualquer idade a criança sente necessidade de ser confortada. Desde o bebê, que deseje algumas palavras carinhosas, antes de ir dormir ou ser tomado em braços, até o adolescente, que espera demonstrações de afeto.

A criança, em estado normal, sente falta de carinho, e daí ser preciso que os pais a confortem, e lhe dêem demonstrações de afeto continuamente, e não só quando ela se encontra doente.

CONGENITAL — Diz-se de todo e qualquer carácter que o individuo traz desde nascença, e não, propriamente, um hábito, isto é, adquirido. Tais caracteres podem surgir no decurso do desenvolvimento do individuo, sem serem desde logo observáveis. Propõem alguns usar o termo *conato*, para substituir este termo. Emprega-se, também, o termo *inato*.

CONJUNTIVITE — A conjuntivite é a inflamação da conjuntiva, ocasionada por grande variedade de fatores irritantes, tais como a *alergia*, etc. Os sintomas que apresenta são: avermelhamento do glóbulo dos olhos, ou uma cor rosada; irritação, fotofobia (aversão à luz), inchaço e dor nos olhos; supuração e pálpebras inchadas. Os tratamentos são variados, dependendo do tipo de conjuntivite. Daí ser preciso a consulta médica em qualquer caso. Antes de ir-se a este é conveniente a aplicação de compressas de água fervida, mornas, sobre os olhos, o que aliviará as supurações e limpará as crostas aderidas às pálpebras. A vaselina estéril impedirá que surjam gretas nas pálpebras.

Não se deve coçar os olhos, e como alguns casos são altamente contagiáveis, convém manter muita higiene. Vide *Puericultura*, 12.º cap., § 10.

CONSCIÊNCIA — No sentido mais universal, a palavra significa aquêle fenómeno, que é característico da vida mental, em oposição ao estado simples do ser infra-mental. A *consciência* é o produto específico da atividade do espírito. Como o espírito, tomado como todo, é atividade, e nunca deixa de ser ativo, a *consciência* é um estado permanente do espírito, produzido por ele mesmo, e qualificativo do ser espiritual, tomado como grau metafísico.

Nos seres humanos, onde as preferências do espírito são reduzidas às manifestações de uma *vida mental*, a *consciência* é o fruto ocasional de atos psíquicos que acontecem com interrupções. Não é, portanto, uma qualidade permanente do processo de vida humano. Como identificar, então, a *consciência*, quando ela ocorre em nós? Ladd diz: "o que estamos, quando despertados, em contraste com o que estamos quando caímos num sono profundo e sem sonhos, isso é *consciência*". Subjectivamente, a *consciência* significa uma intuição (mais ou menos completa, mais ou menos clara, que o espírito tem dos seus estados e de seus atos. Essa definição pode ser considerada idêntica à anterior ou mais restrita do que essa. Na psicologia clássica, distinguam-se dois modos ou graus da *consciência*:

a) a *consciência espontânea* — a *consciência* direta, imediata;

b) a *consciência reflexiva* — de *re* e *flectere*, voltar para trás — mediata, retorno do espírito sobre as idéias, as representações mentais. É a *consciência* dirigida para as idéias.

Assim temos uma divisão quanto ao vector de *consciência*. Mas a *consciência* é gradativa; apresenta uma infinidade de graus.

CONSCIÊNCIA E INCONSCIÊNCIA — Desde tempos remotos, quando se iniciaram os primeiros passos no estudo da Psicologia ainda não especulativa nem sistemática, já compreendiam os sábios de então que havia na vida psicológica muito de obscuro, muito de inexplicável. Contudo, muitos são os psicólogos que

negam a existência de fenômenos psicológicos inconscientes, pois alegam que, sendo a consciência própria do pensamento, o que não é consciência deixa de ser psicológico. Admitem fenômenos fisiológicos inconscientes, mas consideram absurda a aceitação de fenômenos psicológicos inconscientes, pois seria uma contradição em termos.

Este argumento decorre das seguintes razões: um fenômeno psicológico torna-se conhecido de nós através da consciência, pois não há um conhecimento sem consciência. Esta a razão que nos leva a crer que a consciência é da essência do psicológico.

A Patologia ensina-nos que em certos neuróticos e psicóticos há estreitamento do campo visual e da consciência, o que não lhes permite um conhecimento muito dilatado, sendo, em regra, restringidos na sua ação, e visualizam apenas aspectos, enquanto outros, perceptíveis a um homem normal, escapam-lhe totalmente. Na atenção, há desatenção ao que não nos interessa, o que nos mostra que a consciência não é intensivamente igual, apresentando gradação. Entretanto, o que desatendemos exerce também sua influência na consciência, embora nos pareça pequena, sobretudo nas vivências de *antipatia* e *simpatia*, nas vivências afectivas.

A psicologia patológica, cujos progressos nesses últimos cinquenta anos foram extraordinários, oferece fatos, exemplos, em favor da teoria do inconsciente, com os trabalhos de Freud, Jung, Adler, Richet, Janet e muitos outros.

CONSCIÊNCIA (aquisição da) — É difícil precisar, e por ora é ainda impossível, quando surge a consciência na criança. Na criança recém-nascida, há propriamente respostas aos estímulos externos, o que se vai verificando no decorrer dos dias, de modo cada vez mais acentuado. Sem dúvida, a consciência é algo que se adquire aos poucos, nuns mais acentuadamente, noutros não.

CONSENTIMENTO — a) Genêricamente significa assentimento.

b) Empregado também no sentido de *consensus* (vide).

c) Ato de vontade, pelo qual se declara não opor-se a uma ação determinada, tomada por outro. O termo é comumente empregado neste sentido.

CONTAGIO — a) Difusão, num grupo social, de uma *sugestão*, que produz a imitação mais ou menos geral numa espécie de conduta. Também a difusão de uma manifestação emotiva em todo grupo.

b) **Contágio mental**, patológico, consiste numa propagação de uma ilusão ou transtorno mental, funcional em todo um grupo, ou de um indivíduo para indivíduo.

CONTRA-HÁBITO — a) O hábito, cuja finalidade consiste em evitar a aquisição ou a perduração de um outro contrário. Assim, a aquisição de um hábito não prejudicial, para evitar a tendência a um hábito que oferece riscos à pessoa.

b) Victor Egger chama de *contra-hábito*, ao fenômeno que consiste no fato de algumas impressões, por ex., sonoras, que são suportadas cada vez menos à medida que se repetem, às quais, em vez de se tornarem suportáveis, tornam-se cada vez mais dolorosas ou irritantes. Este aumento de dor ou de irritação é, para ele, contudo, mórbido; o normal é o inverso.

CONTUSÃO CEREBRAL — Vide *Puericultura* — 10.º cap., § 7.

CONSELHEIROS FAMILIARES — Em alguns países existem organizações especiais, que recebem denominações variadas, mas que, em resumo, significam “conselheiros familiares”, cuja finalidade é intervir nas questões de família, ajudando tanto quanto possível manter os laços de união entre os seus membros.

CONSISTÊNCIA (solidez) — Os pais devem manter um ambiente familiar pleno de segurança e solidez, de forma que os filhos cheguem à conclusão de que podem confiar nêles. Queremos salientar que firmeza não quer dizer inflexibilidade. Não é aconselhável que os pais imponham uma hora fixa para a criança ir para a cama, sem aceitar uma exceção. É preciso ver que as situações diferem muitas vezes e que a criança necessita, também, gozar de situações excepcionais.

As crianças, cujos pais mudam constantemente de normas, sentem-se desorientadas, o que as prejudicará nas suas afirmações e na sua segurança, tanto social como emocional. As crianças ganham muito mais firmeza e segurança, quando os pais mantêm idéias e normas com as quais estão de acôrdo e sentem-se mais a gôsto. Muitas idéias novas são absorvidas e aceitas, convertendo-se em parte de uma firme, formal e constante norma de vida para tôda a família.

CONSELHOS — É preciso saber dar conselhos às crianças e aos jovens. Uma ordem nem sempre é bem recebida se dada num tom peremptório. As advertências formam parte da disciplina e, portanto, devem ser dadas nos momentos precisos.

CONSTRUÇÃO DE BRINQUEDOS EM CASA — Para a educação da criança é interessante empreender-se a construção de qualquer brinquedo, desde uma simples caixa até peças de construção, um barco, patins, etc. A criança obterá uma soma de experiências consecutivas, que lhe irão servir mais que qualquer lição teórica. Os pais devem trabalhar junto com os filhos, incentivando-lhes e mostrando-lhes os erros e acertos, de forma que ambos alcancem o fim desejado.

CONTAR — É lenta a aprendizagem de contar por parte das crianças, que se dá à proporção que assimilam o conceito das quantidades. Por volta dos dois anos e meio, começam a reconhecer a diferença entre **um** e **muitos**. Aprender a contar em ordem consecutiva exige grande concentração. Quando chegam, à idade escolar, são capazes de contar até uma dezena de objetos, e recitar os números até trinta.

CONTOS DE FADAS — Durante muitos anos foi debatido entre psicólogos e pedagogos se era conveniente ou não a narração de contos de fadas às crianças. Alguns aceitavam que os contos de fadas possuem grande valor emotivo, tanto para os meninos como para as meninas, pois se parecem às suas próprias fantasias.

Dos três aos quatro anos, a criança gosta das narrativas, nas quais os animais, crianças e brinquedos se comportam igual às pessoas. Nos contos de fadas tradicionais, o enredo é de tal forma compli-

cado, que não agradam, nem são aconselháveis antes dos oito ou nove anos de idade. Nesta idade, são aconselháveis os contos de Andersen, os de Grimm, as adaptações infantis de epopéias, feitos e gestos legendários, aventuras e alguns contos de Perrault. Aos dez ou doze anos, são mais apreciadas as lendas de heróis (Peter Pan), as Mil e Uma Noites (edição juvenil), a literatura de costumes de terras longínquas, etc.

Dos doze aos quinze anos, são apreciados livros como "Pinóquio", "As Viagens de Gulliver", "Robinson Crusoe", "Moby Dick", etc.

CONVALESCENÇA — Depois de uma enfermidade durante a qual a criança recebeu cuidados, atenções especiais e foi muito animada, sobrevém um período durante o qual ela recobra suas forças, e se restaura da invalidez, voltando à normalidade.

É preciso que ela receba carinho e atenção, não em demasia. Neste período é possível prender-se a sua atenção com pequenas tarefas, sem deixar que se excite, e se canse em demasia. Pode-lhe ser dado: papéis para recortar, construir casas com dados, bonecos e animais para serem colados em albuns; livros para ler, etc.

A convalescença deve ser um período feliz e de recuperação total.

CONVERSAS FAMILIARES — Atualmente é muito difícil que os pais dediquem momentos de conversa com os filhos. As conversas entre família têm um propósito prático: é de dar à criança voz e voto nos planos de trabalho e recreação, dando-lhe a ilusão de tomar parte em importantes decisões. Estas reuniões devem ser realizadas dentro de um amplo sentido democrático, para proporcionar à criança oportunidade para expor as suas idéias e experiências.

CONVITES — Na adolescência é muito comum que os jovens recebam constantemente convites para reuniões, cinema, pequenas festas, etc. Quando os convites se tornam constantes e muito prolongados, é preciso falar seriamente, de forma que não sejam prejudicados os estudos e outros afazeres.

Se se trata de uma criança, convém que os pais sejam os primeiros a deliberar se é ou não conve-

niente o convite feito. Muitas vezes a criança aceita sem pensar os convites de outros colegas, deixando de lado os estudos domésticos a serem feitos.

Na adolescência, há uma série de problemas, pois muitas vezes os pais são contra a um "plano fixo" do seu filho. É preciso saber-se que, na maioria das vezes, este plano só serve para dar tranquilidade ao jovem ou à jovem, que têm, assim, uma maior segurança e socêgo em saber que podem contar com um acompanhante para o baile semanal ou para um passeio. A aceitação, por parte de uma jovem, de convites periódicos de um mesmo jovem, devem ser visualizados pelos pais sob um ângulo de compreensão. Naturalmente que em excesso pode ser desfavorável, mas desde que se dê dentro de um limite, é preferível deixar que assim se dê.

CONVULSÃO — Vide *Puericultura* — 6.º cap., § 4.º.

COOPERATIVA — Grupo social organizado para atingir a um fim comum. Na ordem econômica é, frequentemente, fundado entre consumidores ou produtores de bens econômicos, que tenham a finalidade de alcançar um fim, que melhor beneficie os membros que compõem esse organismo.

As cooperativas são matéria de estudo das ciências econômicas.

A primeira grande experiência foi feita com a cooperativa de Rochedale, grande, sobretudo, sob o aspecto qualitativo e pelas normas instituídas, que continuam sendo as fundamentais do cooperativismo.

COPROLALIA — Uso mórbido de termos e palavras obscenas, de modo incontrolável, por pessoas que, normalmente, usam palavras decentes, quando estão tomadas num momento obsessivo-convulsivo. Comumente é usado nos instantes de crise.

COQUELUCHE — Vide *Puericultura*, 11.º cap., § 3.

LORIZA — Vide *Puericultura* — 12.º cap., § 5.

CORPOS ESTRANHOS — Vide *Puericultura* — 10.º cap., § 8.

CORRUPÇÃO (propaganda desenfreada em revistas, rádio e televisão) — O papel dissolvente, na formação da personalidade humana, no conjunto das idéias e

das aspirações da criança, ministrado por revistas, rádio e televisão, é um dos espetáculos mais tristes da nossa civilização. Uma compreensão falsa da liberdade de expressão tem levado a indivíduos mórbidos, mal formados, e de sentimentos torvos, a transmitirem por esses meios de comunicação suas opiniões, concepções, gostos e preferências viciosas. Certos humoristas de pobre imaginação buscam sempre mostrar o matrimônio pelo lado negativo, para provocar o riso de basbaques e tolos. Em geral, o casamento é apresentado como uma prisão, e o amor entre os cônjuges é mostrado como inexistente, quando, na verdade, não é assim. Há maior número de matrimônio felizes que infelizes, há maior fidelidade entre os cônjuges do que a que é manifestada nesses deploráveis programas, há maior entendimento entre genros e sogras do que os apontados nas equívocas e falsas situações relatadas. É uma verdadeira manifestação de mau gosto a que se assiste nesses pobres humoristas sem veia, sem inteligência, que voltam aos mesmos lugares comuns, sem qualquer sinal de inteligência. A vida matrimonial é apresentada com sinais dissolventes, que provocam a impressão que todo lar é uma prisão abominável. Não se observam manifestações de delicadeza, de cavalheirismo, de boa educação. O homem bem educado é ridicularizado, e o malandro exaltado por sua astúcia, como se a astúcia fôsse outra coisa mais que uma inteligência degradada. Julgam com isso mostrar uma superioridade que não têm. Na verdade, essas manifestações paupérrimas e lamentáveis revelam apenas a deficiência de seus autores, a falta de imaginação, a incapacidade de fixar os aspectos cômicos da vida, que não precisam do alimento do corruptivo e inferior. Em nome da liberdade, praticam-se inomináveis crimes quanto à formação da juventude e põe-se em ridículo tudo quanto é superior no homem, como se a baixeza não fôsse nada mais que um galardão de vermes rastejantes.

Devem os pais e mestres terem a noção clara de sua responsabilidade na formação da juventude, e unirem-se para atuar de modo a evitar a morbidez desenfreada que se manifesta em teatros, sob a égide de uma equívoca superioridade estética, em livros

apresentados como o ápice da inteligência humana, em palhaços sem graça, que repetem lugares comuns em programas de pobre humorismo. Uma vigilância constante e a formação de uma corrente de opinião contrária a tais práticas seria de desejar por parte de pais e mestres, que devem unir-se, cooperarem para evitar a propagação deletéria dessas atividades malsãs, mostrando que tais práticas revelam apenas o primarismo de seus autores, mais dignos de piedade que de admiração.

CORTESIA — Indica civilidade, maneiras delicadas, polidas. Consiste em não molestar os outros, e procurar ser-lhes gratos. A *cortesia* é uma virtude subalterna da *temperança*, mas de grande importância na vida social. Vide *Cardeais (Virtudes)*.

CRENÇAS RELIGIOSAS — É mister compreender que a religião não é apenas um conjunto de crenças, de normas, de rituais, etc. Desde o momento que o ser humano reconhece que há um princípio superior de todas as coisas, do qual dependem não só o seu ser, mas também o seu proceder, e que, em face do reconhecimento dessa situação, venera por atos e palavras esse primeiro princípio, estabelece ele uma forma de religião, que as aparências exteriores poderão diferenciar as diversas maneiras de se manifestar, mas que, no seu conteúdo mais profundo, é a mesma para todos. A religião é isso.

A criança é um ser da natureza, mas também é um ser da cultura, além de ser um criador de atos culturais, que são aqueles que trazem a marca do homem, não como um ser animal, apenas biológica e fisiologicamente considerado, mas como ser capaz de dar às coisas uma intencionalidade, uma marca da sua presença, do seu anelo, do seu querer.

Admitem alguns que a criança já nasce com um instinto religioso, uma predisposição ingênita à religiosidade. Outros, porém, afirmam que a religião surge posteriormente no homem, ao reconhecer aquela relação de dependência e de respeito. Não caberia aqui a discussão teológica desta matéria. Basta, contudo, que partamos da realidade social e cultural do ser humano, que por ser um ente inteligente, espelha, naturalmente, sobre as relações que ultrapassam o âmbito da sua vida meramente animal. Por

essa capacidade, invade, inevitavelmente, o que lhe fica além dos sentidos, investiga e busca penetrar no que se oculta aos seus olhos, quer ir além dos limites que os seus sentidos estabelecem. E isso tudo se dá por que dispõe de uma capacidade de investigar, de penetrar, usando de idéias como instrumentos, o que não lhe é acessível aos sentidos. Afastar a criança dessas buscas e da compreensão de que há algo além desses limites é uma verdadeira violentação da racionalidade humana, já que o homem não constrói o seu mundo apenas com as imagens das coisas captadas por seus sentidos, mas, também, por formas e idéias que não se apresentam em configurações meramente corpóreas e materiais.

A educação religiosa impõe-se sob vários aspectos: 1) pela necessidade na crença de princípios éticos, que não podem ser explicados à criança de modo material; 2) por um respeito ao anelo de perfeição que há em todo ser humano, que não se satisfaz em ser apenas uma coisa entre coisas. Não se devem administrar à criança crenças religiosas que estejam acima das possibilidades de entendimento. É mister considerar a extremada capacidade de fantasia da criança, capaz de criar um mundo de entidades terríveis, que perturbem a sua mente, e mantenham-na sob um estado de terror, ministrado em parte por seus sonhos. A religião pode e deve libertar-lhe desse estado de perturbação, povoando-lhe a mente, aos poucos, das compensações necessárias para o seu equilíbrio emocional e para a sua auto-confiança e integração.

Aquêles mestres, que julgam que o ensino da religião é inconveniente, demonstram nada conhecer da psicogênese humana e não compreender os importantes monstros que povoam a imaginação, capazes de despertar uma situação de insegurança, gênese de tantas angústias, neuroses e de atitudes mórbidas. As crianças, assistidas pelo ensino religioso, revelam-se muito mais equilibradas, de mente e de um psiquismo mais são, além de serem capazes de afrontar com maior segurança as condições adversas de que está cheia a vida humana, bem como não contribuem para o número de delinquentes e de anormais. As exceções, aqui, são tão raras que, estudadas devida-

mente, revelam a contribuição de outras causas para que surjam, nunca, porém, por influência religiosa, salvo naquelas crenças primitivas e brutais das religiões inferiores, que permanecem ainda no estágio de influência da imaginação desregrada e da presença das monstruosidades psíquicas, que atribulam a vida do primitivo em nós. As religiões dos ciclos culturais superiores têm a capacidade de afastar essas maléficas influências e contribuem para a integração psíquica, para o fortalecimento da mente, para a auto-confiança e para a autonomia humana, que é a porta aberta à liberdade e a uma humanidade superior.

CRESCIMENTO — Uma das maiores preocupações, quanto ao desenvolvimento da criança, é que a sua estatura corresponda à idade cronológica. Caso a criança não aumente de peso, e não cresça proporcionalmente à sua idade, pode ser devido a alguma deficiência de nutrição, ou a algum foco de infecção. O crescimento demasiadamente rápido também é causa de preocupações. O crescimento normal segue uma tabela estabelecida e diferente de uma raça para outra. Assim, em termos gerais, o recém-nascido apresenta uma cabeça relativamente grande e um corpo comprido e magro, com braços e pernas curtas. Durante os nove ou dez primeiros anos, tanto os meninos como as meninas, se assemelham na estatura, sendo que o menino é um pouco mais alto, e mais pesado que a menina.

As condições do meio ambiente, a nutrição insuficiente, uma grave enfermidade podem retardar o crescimento e maturidade da criança. Entretanto, ela pode alcançar o ritmo normal de seu crescimento, segundo os caracteres herdados pela criança.

As diferenças de estatura, devidas à herança, também têm grande influência. De certa forma os pais altos tendem a ter filhos também altos, e os baixos, baixos. Não só a estatura dos dois progenitores costuma ser normalmente diferente, como também entre os seus antepassados haverá indivíduos altos e baixos. Daí ser muito difícil uma predição exata, devido aos caracteres herdados.

Segundo os estudos realizados acerca da estatura da criança, pressupõe-se que, em termos gerais, a estatura definitiva do mesmo será o dôbro da esta-

tura que tiver com dois anos, o que só pode ser considerado em termos gerais, pois os casos variam muito.

Os pais preocupam-se e os filhos também, quando o crescimento se diferencia do termo médio normal. Nestes casos, é preferível a consulta a um médico de confiança, de forma que ele estabeleça o tratamento a ser feito. Em determinadas condições, é possível acelerar ou retardar o processo do crescimento e maturidade da criança, mas é de qualquer forma impossível ajuntar ou diminuir um centímetro à estatura de uma pessoa.

Caso a criança apresente um desenvolvimento irregular, o médico é quem deve determinar o tratamento a ser efetuado na criança.

CRESCIMENTO DA CRIANÇA — Vide Puericultura, 13.º cap.

CRIANÇA AOS 15 MESES — Vide Puericultura — 8.º cap., § 2.

CRIANÇA AOS 18 MESES — Vide Puericultura — 8.º cap., § 3.

CRIANÇA AOS 2 ANOS — Vide Puericultura — 8.º cap., § 4.

CRIANÇA AOS 2½ ANOS — Vide Puericultura — 8.º cap., § 5.

CRIANÇA AOS 3 ANOS — Vide Puericultura — 8.º cap., § 6.

CRIANÇA AOS 4 ANOS — Vide Puericultura — 8.º cap., § 7.

CRIANÇA AOS 5 ANOS — Vide Puericultura — 8.º cap., § 8.

CRIANÇA CEGA — Vide Criança deficiente.

CRIANÇA DEFICIENTE — Uma das maiores fontes de conflitos emocionais e de desgostos e também de frustrações dos pais, que acarretam inacreditáveis transtornos psíquicos, é a presença de filhos deficientes, física e mentalmente. Se é uma infelicidade para os pais, é uma grande desgraça para os filhos, porque estas crianças têm sentimentos e problemas psicoló-

gicos, não só os normais, como ainda os que decorrem da própria deficiência. Muito tem contribuído a ciência moderna para resolver problemas que antes eram insolúveis, e como hoje são maiores as preocupações nesse setor, resta-nos a esperança de que, da cooperação entre todos e a ciência, se possa não desterrar totalmente estas deficiências, mas compensadas, de tal modo, que permita um novo equilíbrio, que seria uma verdadeira ressurreição.

Criança deficiente é aquela que sofre de persistente defeito físico ou mental, que lhe impede de, normalmente, exercer a atividade própria da idade. A cegueira, a surdez, a mudez, alterações do sistema nervoso, do coração, incapacidade mental, cretinismo, transtornos afetivos, etc. Há casos de crianças deficientes, que perfeitamente se adaptam, como cegos, surdos, resolvendo em parte este problema. Não se deve acusar os pais de responsáveis das deficiências do filho, porque nem sempre o são. O sofrimento que estes padecem decorre de um misto de dor, de vergonha, de responsabilidade e também de revolta, o que pode ser acentuado com desespero. Contudo, os pais, nestas condições, devem compreender que a sua primeira atitude é a de ter a mente fria, examinar o fato com praticidade, considerar as possibilidades para atenuar a deficiência, providenciar para que as circunstâncias sejam favoráveis, e buscar o auxílio da ciência. Muitas deficiências são superadas. A experiência o tem demonstrado. Contudo, isto não deve levar os pais a um excesso de esperança, que, transmitido aos filhos, pode depois agravar o seu estado emocional, ao verificarem que não obtêm a solução desejada. O problema da criança deficiente vem modernamente merecendo uma atenção invulgar, e multiplicam-se as clínicas especializadas em face do reconhecimento do direito que tem a criança deficiente de ser atendida para que supere a sua incapacidade. O grande progresso, que tem tido o tratamento das crianças deficientes, permitiu se recuperassem muitas delas, e se reduzissem estas deficiências ao mínimo, ao mesmo tempo que desenvolvem outras aptidões, nas quais elas atingem graus bem elevados. O que se pode aconselhar aos pais, é buscar os meios que a ciência oferece para auxílio de

seus filhos, contribuir em todas as organizações, que se dedicam a este mister, quanto à sua atitude em casa, naturalmente é de carinho, amparo, confiança, jamais manifestando desespero, estimulando os filhos aptos a tratarem o outro com o devido respeito, buscar o auxílio dos professores, dos médicos, e nunca esquecer que a principal ajuda que a criança deficiente pode receber é aquela que vem dos próprios pais. Que tomem estes consciência da sua responsabilidade, e muito poderão contribuir para benefício do seu filho.

CRIANÇA DOENTE (cuidado) — As crianças muito pequenas suportam com grande dificuldade o período de resguardo de uma doença. Damos os princípios básicos sobre os cuidados requeridos por uma criança doente.

1.º **O quarto:** mantê-lo bem limpo e ventilado. Evitar a luz demasiadamente forte. A temperatura média (entre 28° e 30° C), o que elimina a necessidade de usar-se muita roupa na cama do doente.

2.º **A cama:** Resguardá-la das correntes de ar e se for possível pô-la perto de uma janela para que a criança possa olhar, quando puder ficar de pé.

É conveniente mudarem-se os lençóis frequentemente e mais ainda se a doença provoca vômitos ou urina. Pode colocar-se debaixo do lençol um plástico, de forma que não molhe o colchão. Se a criança puder ficar sentada, colocam-se algumas almofadas detrás de suas costas, de forma que ela possa recostar-se com facilidade, e não se fatigue, devido a uma posição incômoda. Coloca-se uma almofada dobrada debaixo dos seus joelhos, para que as pernas descansem normalmente.

3.º **Asseio da criança:** é preciso lavar a criança diariamente. É mais fácil lavá-la por partes, começando pelos braços e mãos, depois o peito e o ventre e, finalmente, as costas e as pernas. Após isto, faz-se uma boa fricção com a toalha. Uma fricção de água e álcool é indicada, às vezes, para fazer baixar a febre e, em caso de doenças prolongadas, evita a escoriação da pele.

4.º **Precauções a serem tomadas:** quando na casa moram outras crianças, devem-se tomar precau-

ções higiênicas, principalmente se a doença fôr contagiosa. Assim, os utensílios de uso do enfermo devem ser de uso exclusivo dêste e não ser colocados à disposição dos outros. Em caso de doença contagiosa ao extremo, é preferível que seja internada; caso não o seja, a pessoa que toma conta dela deve, ao sair do quarto, lavar as mãos e mudar de roupa.

A pessoa que cuida do doente necessita, também, de repouso, para não permanecer em estado de fadiga, que resultaria um excesso de preocupação ou impaciência em relação ao doente, que necessita de tolerância e carinho.

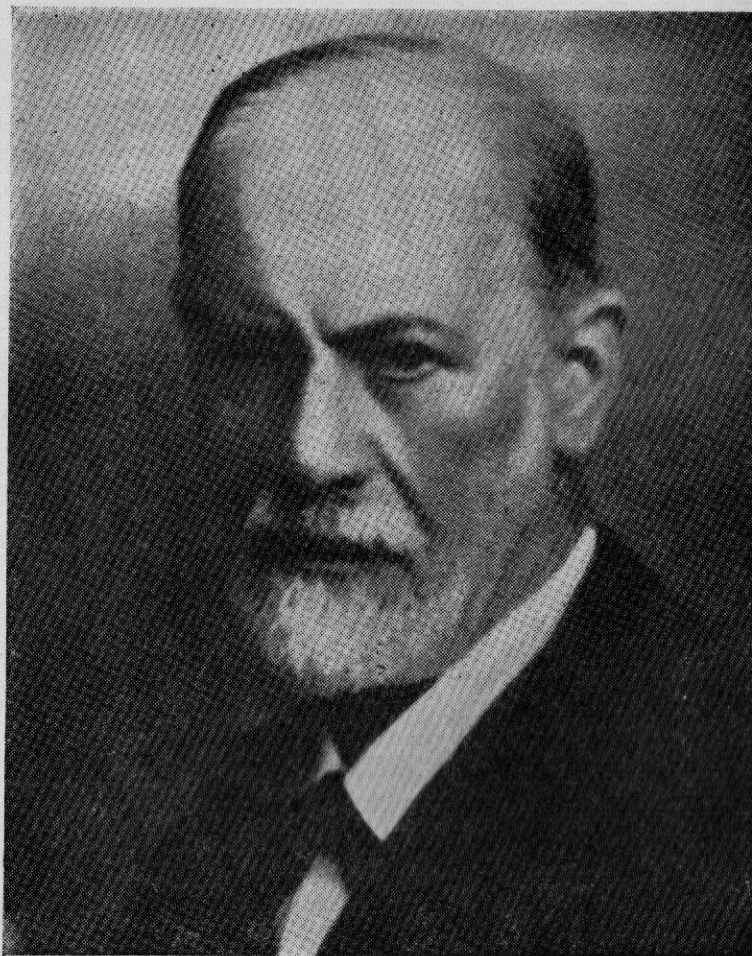
AS CRIANÇAS E OS LIVROS — Existe uma grande variedade de livros infantis com os mais diversos contos e histórias. Naturalmente que nem tôdas as crianças demonstram um grande interesse pela leitura. Nos casos em que não se manifesta um interesse relativo, convém ser êste fomentado pelos pais e mestres. Em geral as crianças lêem para distrair-se, mas há as que buscam na leitura emoções ou informações. Daí ser preciso proporcionar-lhes os mais diversos tipos de histórias, de forma que elas encontrem o que procuram. Existem crianças que lêem qualquer livro que lhes caia nas mãos; outras, que procuram livros com bastantes ilustrações. O interesse da criança pela leitura é variado e múltiplo, e nem sempre procura os mesmos temas. Assim, êle varia segundo as idades, mas, de qualquer forma, convém a ajuda dos adultos, não só para encontrar obras que satisfaçam o seu interesse num momento determinado, como, também, para exploração de novos campos de conhecimento e distração.

A idade indicada para a criança começar a ler é aquela na qual ela manifesta interesse para tal. Êste momento varia com a criança; umas se encontram dispostas antes que outras, já que não é só o interesse demonstrado, mas, também, a capacidade de estar quieta e prestar atenção.

Para uma criança pequena convém um livro com muitas gravuras e pouco texto. Deve ser um livro bem resistente, para evitar que se rompa com facilidade. As ilustrações devem ter cores brilhantes e preferentemente primárias; desenhos bem destacados. O texto deve ser curto, e no caso de versos é



Baixo relêvo medieval que expressa a análise de um texto filosófico, numa das escolas antigas, onde os grandes mestres pontificaram com uma profundidade sem par na História Humana.



Freud — Grande psicólogo moderno, a quem muito deve de bem a Pedagogia Moderna, mas também, muitos dos seus males e defeitos

muito indicado rimas curtas e claras, de ritmo fácil e agradável. A medida que o interesse da criança aumenta, os temas se ampliam, tratando de animais, que passam por aventuras variadas, e apesar de serem simples as histórias devem ter elas muita ação.

Ainda se discute se os contos de fantasia são ou não bons para a criança. Para uma criança de quatro, cinco e mais anos, os contos de fantasias satisfazem plenamente. Já com sete ou oito anos, naturalmente, que a curiosidade da criança penetra em outros campos e encontra-se em idade de escutar histórias mais longas e de maior enredo. Nesta idade, os contos de animais de todos os tipos são de grande interesse. Com nove anos, os contos de fadas, de magos e bruxas, e as lendas populares entram na lista dos livros preferidos.

Muitos pais não sabem se é ou não conveniente a leitura em voz alta, quando a criança já se encontra apta a ler só. Não há mal nenhum em que uma vez ou outra leiam uma história em voz alta, principalmente aquelas cujo enredo é maior, e tenham um número de palavras mais difíceis.

Naturalmente que quando a criança começa a ler, precisa, inicialmente, de contos com histórias muito simples, muitos desenhos intercalados, e letras claras e limpas, com parágrafos curtos e de fácil sentido. Os temas devem ser desprovidos de vocábulos novos e difíceis, a não ser que estejam intercalados de forma a enriquecer, paulatinamente, o vocabulário infantil.

Com a idade de oito, nove e dez anos, o gosto das crianças difere e o interesse se dirige às histórias de *cow-boys* e de índios, cheias de perigos e aventuras e aos livros de viagem e esportes. A fantasia, entretanto, segue retendo a atenção, e daí o gosto por ler Grim, Andersen, etc.

Já com a idade de onze ou doze anos, os interesses diferem completamente, tornando-se mais individuais. Algumas crianças continuam lendo "tudo", enquanto outros se interessam por um tema especial.

Muitas crianças se mostram contrárias à leitura, revelando maior interesse pela televisão, histórias animadas, historietas em quadrinhos, etc.

As causas desta atitude podem ser várias. Em alguns casos, foi a pouca importância dada pelos pais durante a infância à leitura de bons e interessantes livros. Muitos pais não se preocupam em proporcionar os meios para uma boa e saudável leitura. Em outros casos, a criança foi forçada à leitura de livros demasiado profundos, dos quais não captaram o significado do tema. Mas, em qualquer destes dois casos, é preciso, para orientar-se a criança na leitura, dar-lhe obras curtas e com temas de seu interesse.

Assim, quando um pai compra um livro para o filho, deve, antes de tudo, escolher muito para que seja uma boa e interessante história, juntando boas ilustrações e uma impressão nítida.

É perfeitamente aceitável que os pais vacilem antes de comprar um livro caro para uma criança de cinco anos. Entretanto uma criança, nesta idade, poderá voltar a ler o seu livro repetidas vezes, e conservará dele, possivelmente, uma lembrança durante um longo período.

Em nosso mundo, a criança precisa ler e muito, porém, convém notar que há um abismo entre ler, como meio de conhecimento, e ler por prazer. Assim deve-se proporcionar à criança grande prazer pela leitura, ao mesmo tempo que possa adquirir conhecimento e cultura.

CRIANÇA MÉDIA — Na estatística, familiarizou-se o termo matemático **promédio**, que é o meio termo que se acha entre dois extremos. Na classificação dos tipos humanos, toma-se o termo **promédio**, não como um tipo, mas como uma marca ideal de um equilíbrio. Não existe o tipo **promédio**, mas apenas indica os limites aproximativos, que permitem estabelecer uma linha demarcatória. Quando se quer estabelecer o **promédio** infantil, procura-se aquela linha de equilíbrio da criança em qualquer setor, como da alimentação, da idade, altura, etc.

CRIANÇA NORMAL — Diz-se que uma coisa é **normal** quando ela se adequa a uma norma, ou seja, a uma regra estabelecida. Quando nasce uma criança, os

pais se preocupam de que ela seja **normal**, quer dizer, que ela se adequa a um padrão regular. A normalidade é por muitos julgada aproximação ao **promédio** (vide **Criança média**). Deste modo, julgam que se atinge a normalidade, indicando a média verificada nos exemplares examinados. No entanto, o verdadeiro sentido de normal é a correspondência, a conveniência da natureza de uma coisa. Assim um vazo normal é aquele que funciona como vazo; ou seja, como um recipiente de líquidos, que envase líquidos. Se a maioria da humanidade enloquecesse, não se poderia estabelecer que o homem normal fosse o **promédio** da loucura, e dos raros são. A normal de alguma coisa não é obtida por medidas quantitativas, mas, sim, pela verificação da natureza da coisa examinada, e do que lhe é conveniente em termos. A má conceituação da normalidade tem sido a causa de graves erros, inclusive no campo pedagógico. Deve-se distinguir **normal** de **média**, de **promédio**. Deixemos o termo **promédio** para o significado matemático, e **normal**, para o sentido de norma, da regra captada, através da análise do que é conveniente à natureza da coisa. Em função dessa **normal** é que se podem estabelecer os **promédios**, não, porém, estabelecer pelos **promédios** a **normal**. A criança normal é aquela que dispõe em sua natureza tudo quanto é mister para o seu desenvolvimento, dentro do **promédio**. É o que se chama a **criança saudável**. Isto não quer dizer que todos os órgãos funcionem perfeitamente para a criança ser normal, mas que, pelo menos, funcionem de modo a permitir atingir a normalidade. O gênio, na humanidade, não é uma anormalidade porque é uma eclosão à qual a humanidade alcança por caminhos ainda desconhecidos, mas proporcionados à própria natureza humana. É **normal** que surjam gênios na humanidade. Está dentro da **norma** humana. O gênio não é uma monstruosidade. Esta é um desmesuramento quantitativo ou qualitativo da natureza, contrário a ela, inconveniente a ela, por isso é **anormal**. O gênio não é uma inconveniência, mas uma conveniência. A incidência da genialidade pela sua raridade está muito aquém do **promédio**, o que permite distinguir-se, claramente, as duas maneiras de considerar distintamente **promédio** e **normal**.

Se uma criança é diferente de outras, não é por isso **anormal**. É apenas diferente, e esta diferença cabe dentro da normalidade humana. Comparada ao **promédio**, pode ela ser uma exceção. Jamais mestres e pais, que tenham uma grande responsabilidade na formação dos homens, que vão compor as sociedades futuras, deveriam ignorar certas verdades como estas, que acima dissemos, para não serem arrastados a uma concepção que gera atitudes perniciosas para o bem humano. Julgar-se que a criança excepcional, a super-dotada é **anormal** é criar um problema ante os pais que, em alguns países, chegam a temer que seus filhos revelem qualidades superiores, porque serão classificados como **anormais**. Ora, estas crianças, olhadas como verdadeiros monstros, passam a sofrer transtornos emocionais gravíssimos, de conseqüências incalculáveis. É preciso de uma vez por todas que se compreendam estas verdades singelas. O ser humano é um animal racional, que se revela através de uma gradatividade imensa em tipos intelectuais dos mais variados aspetos. Surgem, esporadicamente, personalidades super-dotadas, que não contrariam a natureza do homem, e que são graus mais altos da sua racionalidade. Estes tipos, que são marcos de uma ascensão do homem, não são monstruosidades, mas apenas os momentos felizes da nossa espécie. Que pais e mestres considerem estes aspetos no seu verdadeiro sentido, e os primeiros não precisarão mais, nas suas orações, implorar a Deus que não lhes dê filhos geniais, temerosos de vê-los considerados como monstruosidades.

CRIANÇA PASSIVA — Vide Agressividade.

CRNANÇA PROBLEMA — Todas as crianças atravessam fases mais ou menos difíceis, e nestas fases são consideradas, indevidamente, como **crianças-problemas**. Na verdade não há **crianças-problemas**, há **problemas da criança**. Quando a criança começa a comer por si mesma, ela, se houver o nascimento de um irmão, manifestará certos regressos, como se fôsse um bebê, o que surge de um problema na criança ante o nascimento de um novo irmão (vide nascimento do irmão menor). As crianças, que vivem num ambiente de muita tensão, têm problemas, como vimos em **Tensão**. Se a educação é severa de mais, há problemas. Se não se desenvolve normalmente a auto-con-

fiança, a autonomia, se a criança é super-dotada e não encontra um ambiente favorável, se a criança é repelida surgem problemas. A criança tem fases de desenvolvimento que são superadas. Quando estas fases não são superadas ou não são atingidas, surgem problemas. Se a conduta da criança é proporcionada à idade e a seu desenvolvimento, não há problemas. Se uma criança de cinco anos quer viver agarrada ao vestido da mãe, como uma criança de três, há problemas. Se uma criança de seis a sete anos urina na cama, há problema. Em suma, quando a criança se apresenta como um problema convém examinar as causas que provocam tal fato. Estes problemas, salvo nos casos de deficiência psico-somáticas, não são constitutivos, mas decorrem do ambiente familiar ou escolar, que não se adequa ao temperamento da criança, às suas condições de desenvolvimento. O problema é solúvel desde que se solucionem as suas causas.

CRIANÇAS RETARDADAS — (Vide Criança deficiente).

CRIPTOESTESIA — (De *Kryptos*, em grego, oculto, e *aisthesis*, sensibilidade) — Sensibilidade supernormal.

CROSTAS DE LEITE — Vide Puericultura — 6.º cap., § 5.

CRUELDADE — É muito comum apresentarem as crianças manifestações de crueldade, que, em geral, preocupam muito aos pais. As crianças maltratam as bonecas, os brinquedos, os irmãos, sem a intenção que dá a tal ato o adulto. Ela ainda não tem consciência de sua própria crueldade e, por isso, é preferível que os pais evitem castigá-las, ou demonstrar violenta indignação moral. Em geral, os atos de crueldade vão diminuindo com o passar do tempo. A melhor solução é procurar desviar o instinto de crueldade para um sentimento de carinho e proteção. Assim deve-se procurar despertar o sentimento de proteção e carinho em relação a um ser indefeso (irmão menor, animal caseiro, etc.).

CRUPE (Difteria) — Vide Puericultura — 11.º cap., § 4.

CULPA — Ato ou omissão repreensível ou criminosa, crime e também, a responsabilidade por algum ato dessa espécie. Significa o não cumprimento do dever moral ou jurídico por uma vontade capaz de cumpri-lo.

A culpa implica a escolha da vontade, daí as atenuações e agravações que ela pode ter. Vide **Sentimento de Culpabilidade**.

CULTO AO HERÓI — A maioria dos casos de culto ao herói não é somente inofensiva, como também natural. É muito comum a adoração dos jovens a uma figura de projeção. Muitas vezes, procuram imitá-la, e até copiar seus mínimos gestos, e, em muitos casos, a admiração é um dos fatores, que influirão na eleição do trabalho ou da profissão.

Há casos em que a adoração é manifestamente excessiva ou o modelo é um "modelo pernicioso". Nestes casos, os pais devem ser contrários e procurar dissuadi-lo. Os pais não devem criticar nem ridicularizar abertamente o ideal de um jovem ou uma jovem. Somente, de modo sutil, podem induzi-los a admirar modelos mais convenientes.

CULTURA (incorporação à cultura) — Vide **Cultura (conflitos)**. A incorporação da criança à cultura humana é uma das providências mais sérias e mais graves para pais e mestres. Sem dúvida, que o mundo da criança não é o do adulto. Mas, seja como for, ela, amanhã, há de integrar o mundo cultural dos adultos, razão pela qual é mister dispô-la para essa incorporação. Contudo, essa adequação não pode ser realizada através de violentações sobre a alma infantil. Esta deve desabrochar-se normalmente, sendo ministrado o que é mister para a **aculturação** necessária, nos graus que a criança pode receber, e cujos métodos e providências acham-se expostos em diversos artigos desta obra. Impossível é admitir-se que o adulto seja a criança, como também que a criança seja o adulto. Contudo, nunca se deve esquecer que o mundo cultural surgiu de um ser primitivo, ingênuo e fraco, o que a criança, de certo modo, revive. Foi sobre e para este ser que surgiu a vida cultural. Portanto, essa criança dispõe de suficientes elementos para que amanhã se sendimentem em sua mente, em seu psiquismo. O erro é saltar as etapas, ou retardar uma marcha que deve ser normal.

CULTURA (conflitos) — Vide **Cultura (incorporação à)** — Essa incorporação, porém, não se realiza sem conflitos inevitáveis de certo modo, mas atenuáveis sob muitos aspectos, e, possivelmente, evitáveis no futu-

ro. A criança tem capacidade de adaptação ao meio do adulto, pois, no desejo de impor-se e de atualizar o seu prestígio, deseja imitá-lo. Tal demonstra, de modo decisivo, que a **aculturação** é possível, por haver, da parte da criança, uma tendência fundada já na sua natureza. Se pais e mestres souberem evitar os conflitos que surgem, não haverá problemas para tal **aculturação**. Respeitar a criança no que ela tem de criança, mas saber despertar, nela, a vocação à imitação dos adultos, é abrir-lhe o caminho, fundando-se na ânsia de prestígio, da sua incorporação gradativa ao mundo do adulto. Se notarmos a atuação das sociedades primitivas, observar-se-á desde logo que os brinquedos, as atitudes e as práticas, que as crianças realizam em tais sociedades, são aquelas que não deverão esquecer quando adultos. Ao contrário, deverão robustecer naquela fase, fundamentando-se na maestria adquirida já na infância. A **aculturação**, portanto, pode ser facilitada pelos brinquedos infantis, de modo que esses sejam, em sua índole infantil, uma preparação para os misteres fundamentais, que devem ser o esteio do homem adulto. Essa **aculturação** não necessita, assim, de imposições, mas apenas de uma hábil disposição do que é imprescindível para que ela se realize. Vide **Brinquedos e Ludus**.

CURA PELO BRINQUEDO — A cura pelo brinquedo (a ludoterapia), é usada por muitos psicólogos, como uma forma de descobrir as dificuldades da criança, ao mesmo tempo que a ajuda a reajustar-se ao meio-ambiente. O psicólogo proporciona à criança material, e interpreta, depois, o que ela expressa ao brincar, graças ao simbolismo que revela, ajudando-a a compreender o sentido, que têm os seus atos.

Este tratamento tem oferecido bons resultados para crianças de três aos doze anos, quando se trata de resolver conflitos de tipo emocional.

Ao entrar numa clínica, que disponha deste material, a criança é convidada a brincar com o que mais gosta. Há uma grande variedade de brinquedos: quebra-cabeças, bonecas, "marionetes", pintura, espingardas, barro para modelar, etc. Segundo a maneira como a criança brinca e o que ela escolher, o psicólogo percebe logo o estado em que ela se encontra e o que a perturba. Conversando com ela, conseguirá saber com mais pormenores os seus problemas.

A cura pelo brinquedo (**ludoterapia**) está baseada no postulado de que todas as crianças têm uma tendência natural e são para uma maior maturidade. Mas os bons impulsos se encontram muitas vezes dificultados por sensações de ansiedade, por subconsciência de culpabilidade, de medo... etc. Sendo, porém, a criança ajudada a enfrentar esses sentimentos, a compreendê-los e aceitá-los, seus instintos mais sãos voltarão a atuar com maior isenção, o que dará à criança, aos poucos, a mais nítida consciência do valor dos seus instintos.

CURIOSIDADE INFANTIL — A curiosidade infantil manifesta-se desde os primeiros anos de vida. É sempre aconselhável que os pais aumentem e enriqueçam a experiência de uma criança durante os anos pré-escolares, levando-a a lugares variados, onde se constrói ou se trabalha na construção de prédios, pontes, etc. No campo, devem deter-se a mostrar as vacas, os campos, as galinhas, qualquer pequeno animal, etc. A medida que cresce, convém levá-la a museus, jardins zoológicos, a viagens instrutivas, etc.

Deve-se alentar a curiosidade de uma criança, não em excesso. Se uma criança pergunta sobre determinados processos químicos, para satisfazer a sua curiosidade, há pais que comprem, para presente, um equipamento completo e complexo de química. Será quase certo que a criança não conseguirá usá-lo e o deixará de lado, não procurando perguntar mais sobre experiências. Da mesma forma uma resposta demasiadamente elaborada explicará além do que ela queria saber, o que também não é aconselhável.

CRUZAR A RUA — Um dos maiores perigos, e mais constantes para a criança que mora numa cidade, é o de atravessar a rua. Há crianças que são cuidadosas, outras imprudentes, outras impulsivas, outras serenas, e, daí ser preciso uma constante atenção para não permitir que atravessem a rua a não ser na idade em que estejam capacitadas a fazê-lo sozinhas. Uma criança de três anos deve ser levada pela mão do adulto, e é importante ensiná-la a olhar e controlar os sinais luminosos, para que saiba quando está aberto ou fechado o trânsito. Aos poucos, ela se acostumará com esses sinais.

D

DALTONISMO — Incapacidade de distinguir determinadas cores devido a um defeito da retina. Este fenômeno é hereditário, e julga-se que não tem nenhuma relação com outra função ou com defeitos específicos. A maneira mais comum de manifestar-se o daltonismo é a incapacidade de distinguir o vermelho do verde.

O filho de um homem com daltonismo possui uma visão normal das cores, e só o será se a mãe também o for. Neste caso, todos os filhos de uma mulher com daltonismo seriam daltônicos.

DANÇA — Pode-se considerar em lato senso a dança como a exteriorização rítmica do movimento corpóreo que, na arte, com o acrescentamento de valores estéticos, que são os tipicamente coreográficos, torna-se um dos ramos mais elevados das artes do movimento, que é predominantemente visual e também acústica, por sua ligação com a música, ou, pelo menos, com valores musicais. A dança era uma das práticas mais usadas pela pedagogia grega, e a iniciavam com crianças de três anos de idade. A pedagogia moderna, quando bem orientada, busca concretizar o que há de positivo e seguro na prática pedagógica de todos os povos. Neste caso, dá à dança um valor todo especial, reconhecendo nela grande valor pedagógico, o que, na verdade, possui. Desde a idade pré-escolar, devem-se ministrar as primeiras manifestações coreográficas à criança, não só porque correspondem ao sentido ativista daquela, como ao da própria pedagogia, que não pode deixar de reconhecer que a criança gosta, porque necessita, da atividade que lhe é tão salutar. A dança não só facilita essa atividade, como

permite atingir atitudes e gestos mais graciosos, dispõe uma capacidade de gosto maior, estimula um sentido estético e criador na criança, sendo, ainda, um dos exercícios mais completos pela mobilização total do corpo ao lado do espírito. A interposição, nas danças infantis, de exercícios acrobáticos (como saltar uns sobre os outros) podem ser empregados, mas convém que o mestre jamais exija da criança o que esteja acima de suas possibilidades, nem permita, por sua vez, que ela pratique acrobacias que possam pô-la em risco de acidentes. A dramatização da dança é outra possibilidade importante, como seja, imitar animais (e a criança tende a imitar os animais caseiros, cães e gatos, p. ex., o que não deve aborrecer os pais, pois são hábeis exercícios para fortalecer os músculos abdominais e os membros), imitar passarinhos, figurando seu vôo, seus saltos, imitar coelhos, etc. A cooperação da música é importante para acrescentar o ritmo que permite disciplinar os movimentos. Deve ser música simples. Também se pode criar o ritmo por meio de tambores e instrumentos de percussão. Outra prática importante é dar à criança o papel de criadora. Deixar que ela mesma crie a sua dança, indique a sua motivação. De quê Fulano vai dançar agora? Qual é a dança que vai dançar? Deixar a criança propor a sua dança, que pode ser realizada também por outros, é importante para desenvolvimento de sua capacidade criadora. Nunca se deve exigir danças que ultrapassem a capacidade criadora. Há toda uma técnica, que possui livros especializados e professores de dança, que conhecem os meios mais seguros para conseguir o melhor desenvolvimento das habilidades motoras, como a marcha, a carreira, saltos, giros, flexões variadas, exercícios de equilíbrio, de agilidade, flexibilidade, ritmo, alegria no movimento, naturalidade, expressões por meio de movimentos etc. Começam-se por danças simples, só se alcançando os altos padrões quando a criança já atinge a adolescência. Notem-se as rodas infantis do nosso povo, o papel das crianças nessas manifestações coreográficas e rítmicas, nos cantos infantis, nas músicas simples, que elas repetem. Tudo isso nos dá uma grande lição das suas necessidades, e as escolas devem e precisam recriar em seu ambiente essas mesmas rodas, aproveitando

danças folclóricas. Na verdade a dança interessa mais às meninas, pois os meninos as aceitam, juntos com aquelas, na idade pré-escolar. Contudo, os varões, podem aplicar-se às danças folclóricas, algumas acrobacias em sentido rítmico. Essas danças permitem a formação de pares, e aproximam-se ao moderno baile de nossos salões. Não deve a dança ser uma exceção, mas uma prática constante na educação da infância e da juventude. Há diversas escolas de dança: **ballet**, danças acrobáticas, danças folclóricas, **ballets modernos**, etc.

É conveniente, quando a criança manifesta muita vontade de entrar num deles, que lhe seja permitido o ingresso. Entretanto é preciso notar-se o seguinte: o **ballet** é uma forma de dança técnica, que exige um esforço contínuo e perseverante, muita disciplina e pesados exercícios, especialmente fatigantes para a delicada estrutura óssea da criança (tratando-se de criança de 4 ou 5 anos). Há muita controvérsia sobre a idade aconselhada para a iniciação do **ballet**. É mais conveniente informar-se com o médico de casa se a criança se encontra em condições físicas para suportar o exercício que exige tal disciplina. Se for positivo, poderá ingressar num curso.

As classes de dança rítmica são muito aconselhadas, pois ajudam a cultivar as belas atitudes, aumentando a flexibilidade e agilidade dos movimentos e posturas. Entre as danças populares e folclóricas o ritmo e agilidade são essenciais.

DÁTILO — Pintura — É a pintura feita com os dedos, em vez de pincéis, usando-se espátulas para aderir a tinta aos dedos, que é a têmpera ligada com amido. É considerado de grande valor terapêutico, à semelhança do brinquedo com barro. Além de facilitar um melhor conhecimento psicológico da criança (e há para isso uma verdadeira técnica para a interpretação simbólica, não só das cores empregadas, mas da maneira como são empregadas as massas de tinta), oferece ainda muitas possibilidades para a criança, que nela encontra uma distração e uma ocupação valiosas, por permitir um desafogo afectivo, sem os inconvenientes de outros processos de expressão. Pode-se usar, também, esse processo, aconselhando a criança

a ilustrar uma história, à proporção que a ouve. Esse processo facilitará muito a criação pictórica, o que torna este método um dos mais aconselhados por modernos pedagogos.

DEBILIDADE MENTAL — Termo usado para incluir todos os graus de inferioridade, ou retardamento mental. Para outros, é um tipo de deficiência mental, próxima à normalidade. Os ingleses, em geral, usam este termo para indicar aqueles que manifestam um grau mínimo de deficiência mental, próximos ao tipo normal. Vide **Deficiência Mental**.

DEFICIÊNCIA MENTAL — É sinônimo de debilidade mental, de infranormalidade mental e de demência. Contudo, a deficiência mental não indica um grau tão elevado como a deste termo **amência**. Em sentido filosófico, a mente humana é, por natureza, deficiente, como tudo quanto é limitado, finito. Mas a deficiência, da qual se trata aqui, é a que alcança um nível abaixo do normal, que pode ser apreciado através de testes. O número de deficientes mentais é maior do que se julga e varia segundo as regiões, países e situações históricas. Como apresentam graus, tomam estes nomes distintos, tais como: retardados, imbecis, idiotas, cretinos. Entre as causas da deficiência mental, encontram-se, sobretudo, taras hereditárias, mas, também, doenças adquiridas podem atuar no sentido de provocar deficiências, como a sífilis, o alcoolismo agudo, vícios, etc. Há estudos especializados sobre tais causas, como também sobre a terapêutica a ser usada para evitar e combater a deficiência e, sem dúvida, já alcançou a ciência um nível bem elevado. Certas práticas pedagógicas, a ação deletéria de certos mestres, que criam a insegurança no aluno, a falta de confiança em suas possibilidades, e lhes mata a capacidade criadora, contribuem com um índice apreciável no retardamento das funções intelectuais. O estudo da Lógica, tão necessária ao desenvolvimento da capacidade reflexiva, argumentativa e demonstrativa, base da verdadeira ciência, é importantíssimo, e deveria aquela ser empregada intensamente nas escolas, desde as primeiras séries. Contudo, um conjunto de falsas idéias filosóficas, uma acentuação mórbida do ceticismo e do agnosticismo, que esgrimem com auto-suficiência muitos débeis mentais, têm sido a causa de formação de um conjunto de idéias mal

fundadas, que têm servido para criar confusão em cérebros juvenis, em grande parte alimentada por mestres de notória insuficiência mental.

DEFORMIDADES — Uma criança, com qualquer deformidade, necessita de muita compreensão e ajuda para aceitar as suas deficiências, e conseguir o máximo proveito de suas capacidades.

Com as descobertas e últimas técnicas atingidas pela ciência, já é possível superar e corrigir algumas deformidades que há alguns anos atrás eram incorrigíveis. Vide **Criança Defeituosa**.

DEGENERESCÊNCIA — a) Degenerar é perder mais ou menos o tipo de sua geração; é abastardar-se. **Degenerescência** é o ato ou o resultado de degenerar, da degeneração.

b) Pode-se falar, pois, de uma degeneração **orgânica**, no campo vital, a qual consiste na aquisição de formas de vida, inferiores às que possuía anteriormente o indivíduo ou seus ascendentes.

c) Pode empregar-se quanto à vida **mental**, quando há o abastardamento das idéias, do processo intelectual e judicativo, e também na vida **moral e social**, quando se processa o abastardamento, a degradação, dos atos e atitudes morais e, socialmente, nos graus sociais e econômicos.

DELIBERAÇÃO — Deliberar é resolver ou decidir mediante sopesamento de motivos; é refletir, é a ação, a decisão, que decorre de uma reflexão, e que se pretende realizar. Na deliberação, havendo o sopesamento das razões, há avaliações de valores, o exame da compatibilidade ou da incompatibilidade destas ou daquelas perspectivas. A deliberação é a ação e o efeito do ato de deliberar. Opera-se com deliberação, quando se opera refletidamente, quanto a resolução tomada é fruto de uma reflexão.

DELINQUÊNCIA INFANTIL E JUVENIL — Vide **Frustração**, **Agressividade**, **Criança problema** e verbetes afins, nestes indicados.

DEMOCRACIA DENTRO DE CASA — A prática de um perfeito sistema democrático, dentro do seio familiar, ainda é muito pouco usada. A relação entre pais e filhos ainda é essencialmente autoritária. Na to-

talidade dos povos, antigamente, as relações entre pais e filhos eram de forma autoritária. Em nossos dias, já se deram muitas modificações neste setor, e encontra-se, em muitos países, uma relação democrática, onde o pai não é mais o centro autoritário, deslocando-se este para os filhos, que se tornam o "centro do interesse familiar".

A criança deve apreender, desde a mais tenra idade, a viver como cidadão, dentro de uma democracia. Assim devem-se valorizar o respeito e a consideração, que se devem aos direitos e necessidades dos outros, como das suas próprias, e aprender a repartir o trabalho e também as responsabilidades.

Em determinadas questões, naturalmente, a criança não poderá dar seu parecer, mas há situações em que poderá manifestar-se e até decidir (por ex. escolher que roupa deve usar, que brinquedos mais gosta, se quer receber lições de música, e que instrumento prefere, etc.).

DENOMINAÇÃO — Denominar significa nomear, pôr nome em alguma coisa. A denominação é a designação e o nome com que se designa ou indica alguma coisa. Denomina-se, substancialmente, alguma coisa, ou derivando-se o seu nome de um acidente (que é a **denominação extrínseca**), ou indicando algum aspecto da sua forma ou propriedade desta, que é uma **denominação intrínseca** da coisa.

DEPENDÊNCIA — (Do lat. *dependere*, de pender, pender de) — a) A dependência é a relação que há entre dois ou mais objetos, que faz que um ou uns não possam existir sem outro ou outros. Se o dependente surge da necessidade da existência de o do qual depende, este, necessariamente, existe ou existiu, se existe ou existiu o dependente. O ser dependente é aquele que não tem em si mesmo sua razão de ser, e necessita de outro para ser, do qual depende, pende de...

Quando a dependência é mútua; isto é, um depende do outro para ser, temos a **interdependência**.

b) **Dependência** é também sinônimo de **conexão**, pois, onde há dependência, há nexo que liga o dependente de o de que depende. Se são seres reais-reais, a dependência tem de ser real-real; se são seres ideais, a dependência é ideal.

DEPRESSÃO — Emprega-se a tóda baixa do estado emotivo, aquém do normal, quando de origem patológica. Se não tem essa origem patológica, deve-se preferir **abatimento**, o contrário é **mania**, que é um estado emotivo forte, extremado.

DESACÔRDO ENTRE OS PAIS — Os pais nunca devem manifestar desacôrdo em questões, que estão fora do alcance do entendimento da criança. Por ex.: se devem ou não presentear o filho com um brinquedo muito caro; se um amiguinho é ou não conveniente; sobre assuntos financeiros da família, etc. Nestes casos, a criança não poderá compreender o porquê de tais discussões, e terá os seus sentimentos em jogo. É preferível discutir tais assuntos em particular, e tomar uma resolução em conjunto.

Os pais, que apresentam uma linha de conduta diária unificada, poderão, também, discordar ante o filho, mas defendendo seus pontos de vista, e demonstrar-lhe que duas pessoas podem estar em desacôrdo e ter boas razões em defender sua posição. É preciso saber também aceitar a derrota do seu ponto de vista, mostrando ao mesmo tempo mútua afeição e respeito pelos julgamentos e opiniões contrárias.

DESAGREGAÇÃO PSICOLÓGICA — Agregar, do gr. *greg*, *gregis*, é juntar, arrebanhar, pois *greg* significa rebanho. Agregação é a ação e o efeito de agregar. A ação e o efeito contrário é a **desagregação**. Agregação é, pois, associação, enquanto desagregação é a dissociação, a decomposição. Eis por que se pode falar em uma desagregação psicológica, como o fez, pela primeira vez, Pierre Janet, para tornar compreensível as anestésias, as paralisias, os casos chamados de múltiplas personalidades, que surgem nos histericos, etc. Em suma, tóda e qualquer ruptura na tensão do Eu manifesta-se semióticamente (por sinais, sintomas) em **desagregações psicológicas**.

DESÂNIMO — Atitude emotiva, que se caracteriza por pensamento ou estado afetivo de desgosto, em face das dificuldades ou malôgros, que geram quase sempre um estado de **atonía**.

DESCONTENTAMENTO — A criança, que teve seus sentimentos feridos, e cujos caprichos foram contrariados, adota quase sempre uma atitude de descontentamento. Na maioria dos casos, este estado passa

logo, e é preferível não lhe dar muita atenção, pois seria valorizar em demasia um fato muitas vezes sem importância.

Na adolescência, é também muito comum uma atitude de descontentamento, e é preferível dar-se uma certa liberdade de expressão ao jovem, pois muitas vezes este estado passará, e é devido a alguma coisa que o aborrece.

DESCORTESIA — Os pais não devem reagir com demasiada violência ante uma descortesia ou uma impertinência do filho. Não devem, também, calar, pois isto seria aceitá-la.

É preciso medir muito bem o alcance de uma palavra impertinente, ou uma atitude, ou uma falta de cortesia numa situação determinada.

Naturalmente que os pais, que acham graça quando o filho responde com impertinência, ou tenha o hábito de “pôr a língua para os outros”, não poderão mais tarde corrigi-lo de forma que aceite a observação. Em grande número de casos, os pais são culpados de certas atitudes impertinentes e descortesias manifestadas pelos filhos.

DESCUIDO — É importante ensinar a criança a ser cuidadosa com suas coisas e com as dos outros. A experiência já demonstrou que a severidade levada ao excesso, como castigos constantes e reprimendas, não são proveitosas para ensinar as crianças a serem cuidadosas. Da mesma forma, a aceitação pura e simples que as crianças são descuidadas por natureza, também é falsa.

Os pais devem observar os filhos e saber assim em que idade devem dar-lhes as regras para serem cuidadosos e ordenados. Naturalmente que uma criança de 2 ou 3 anos não pode compreender o significado de desperdício, e será sua mãe que deverá ensinar-lhe a não estragar os seus brinquedos.

As crianças aprendem mais com exemplos e experiências práticas que com regras. Compartilhar do trabalho e das responsabilidades da família ensina o valor dos objetos e o emprego correto dos utensílios. Assim a criança aprende para que serve um objeto caseiro, a limpeza da casa e dos móveis, e aju-

dará a mantê-los limpos e cuidados. É preciso não esquecer que nunca se deve exigir demasiado de uma criança neste sentido, e é preciso deixar passar certos senões (como pequenos acidentes caseiros), e procurar com calma, e pelo exemplo, dar-lhe os conhecimentos básicos.

DESCULPAS — É muito comum as crianças usarem desculpas para não realizar uma determinada tarefa, ou por não terem mantido a sua palavra em algum assunto. Naturalmente os pais devem formar seus julgamentos, procurando ver quando é legítima a desculpa, e quando é apenas um subterfúgio para explicar porque não fez o que tinha de fazer.

Se uma criança falta repetidas vezes em suas responsabilidades regulares, talvez é que se espera muito dela. A atitude aconselhada é pedir menos, e procurar que cumpra bem, e com êxito, poucas e pequenas responsabilidades. Assim a ajuda caseira pode ser feita pelas crianças, porém não em demasia. É preciso que tenha suas horas de estudo, de brincar, de pequenos trabalhos, etc. Abusar de desculpas, quando a criança não fez os seus estudos, é contraproducente, e estabelece um mau exemplo.

DESDÊM — Atitude emotiva para com outra pessoa, classe, grupo, norma, etc., que se manifesta por um desagrado, com mostras de repugnância, maior ou menor, e por um respectivo sentimento de superioridade.

DESEJAR E QUERER — Podemos, no adulto, distinguir o **desejar** do **querer**, mas, na criança, não há diferença entre o **desejar** e o **querer**. Ela quer o que deseja, embora o objeto seja impossível de alcançar, pois crê firmemente que tudo o que deseja é possível de obter.

Na fase em que o “ludus simbólico” predomina, ela revela grande capacidade de criar símbolos, de inventar histórias, de crer em personagens fantásticos, etc.; nessa fase, não convém ridicularizá-la, quando quer o que nos parece extravagante ou fantástico.

Temos um exemplo no caso, aliás muito interessante, de uma criança que possuía um livro de gravuras coloridas de pássaros maravilhosos, de plumagens multicores. Quando sozinha, começava a imaginar que se ela pronunciasse uma palavra “mágica”,

um daqueles pássaros, aquêle que mais lhe agradava, sairia voando da página do livro, e deixaria em seu lugar uma mancha em branco; e noite após noite, ela folheava o livro, e pronunciava palavras novas, que ela própria inventava, esperando ansiosa que de um momento para o outro o pássaro voasse. E acreditava com convicção que esse fato se realizaria, dependendo somente de descobrir a palavrinha mágica.

Esta criança estava em plena fase do "ludus simbólico", e revelava possuir um grande poder de imaginação. Vivía isolada, não tinha mãe, faltava-lhe o carinho materno, portanto; o pai, excessivo em seus cuidados, não a deixava conviver com outras crianças, receoso de possíveis quedas.

Era uma criança quieta, bastante tímida, silenciosa, já com visíveis sintomas de introversão, não revelando nenhum interesse em tomar parte em jogos com crianças da mesma idade.

Inconscientemente, desejava dar expansão aos seus impulsos, embora em nada o transparecesse, então **projetava** naquele pássaro imóvel, preso nas páginas de um livro, o seu desejo.

Esse fato, bem como inúmeros outros, apontam-nos a necessidade de conhecer a psicologia infantil para podermos evitar desvios que podem trazer graves conseqüências no desenvolvimento mental de uma criança, como a fixação de um estado que deveria ser passageiro.

Há crianças que revelam uma tendência exagerada à fantasia, e se as condições predisponentes favorecerem, poderão recolher-se num mundo imaginário, criado por elas, em choque com a realidade.

Nessas crianças, necessitamos desenvolver a atenção, a memória, a observação das coisas concretas, o contato imediato com brinquedos, ou jogos que exijam precisão, para equilibrar a imaginação que poderá seguir um rumo vicioso.

DESEJO — Filosoficamente, o termo desejo não deve ser confundido com o emprêgo que comumente tem. Em seu sentido amplo, significa **tender a um fim apetecido**; ou, ademais, o apetite provocado por algo, que corresponde à tendência de um ser animal. O oposto

é a **aversão**, que consiste no desviar-se do que é contrário aos nossos desejos ou **tendências**.

Querer é já a deliberação de alcançar esse fim, já posta em ação.

DESENHO E A CRIANÇA — Nos fins do século passado, os desenhos infantis começaram a ser alvo de estudo. Atualmente dá-se grande importância à interpretação dos desenhos feitos pelas crianças. Geralmente, a criança gosta de representar seres humanos. Esta preferência é forte na primeira idade, mas diminui à medida que os anos passam, reaparecendo com vigor aos 13 anos, quando, então, agrada desenhar as figuras de heróis e moças bonitas. Outros temas preferidos são a casa, animais, objetos conhecidos, carros, trens, árvores e flores.

O modo de representar varia conforme a idade. Na primeira etapa, que vai dos três aos seis anos, caracteriza-se pela representação do objeto, de modo que só o autor pode revelar seu significado, pois não passa de traços e formas irregulares. Na segunda etapa, a do esquema, representam-se pessoas, animais e objetos, por meio de símbolos simplificados, cuja forma guarda certa semelhança diagramática com os objetos reais. A seguir, a criança passa por uma fase intermediária, onde as características anteriores já se confundem com a reprodução fiel ou exata. A quarta etapa é a da reprodução fiel ou exata, que se caracteriza pelo esforço em copiar os objetos, tal qual aparecem; quer dizer, em forma, proporção, cores e dimensões semelhantes às reais. Estes desenhos não apresentam ainda a terceira dimensão, e por tanto, impressionam como planos. A quinta etapa de representação no espaço, alcança-se quando o sentido de reprodução fiel se ajunta a profundidade e a perspectiva, e também o modelamento dos círculos. Empregam-se três tipos de representação espacial: a) perspectiva linear em todos os seus graus: convergência de linha, conservação da vertical da linha visual, etc.; b) modelado dos objetos mediante o sombreado; c) perspectiva de côr para a distância, usando, por exemplo: cores pálidas para o fundo, em contraste com um primeiro plano brilhante.

DESENVOLVIMENTO — Desenvolvimento significa o conjunto de transformações do ser vivo, que assina-

lam uma direção definida ou uma progressão temporal sistemática. Estas mudanças não significam, necessariamente, progresso, pois tanto a regular decadência da velhice como o crescimento são designados como desenvolvimento. As mudanças esporádicas, temporárias ou irregulares, não podem considerar-se incluídas no desenvolvimento; são mais interrupções que torcem ou desviam seu curso normal.

Quanto aos tipos, o desenvolvimento pode ser quantitativo ou qualitativo. Quantitativo, quando há aumento ou diminuição na quantidade, o que alguns denominam "crescimento". No qualitativo, há mudanças nas formas, na modelação ou relação das partes. Alguns autores chamam a este tipo de "desenvolvimento", em contraposição ao crescimento. Entretanto, tanto o uso popular como o técnico tendem a empregar ambas como equivalentes.

As mudanças de crescimento podem ser classificadas em: anatômicas, fisiológicas e psicológicas (que incluem o crescimento social do indivíduo). As relações entre herança e o desenvolvimento ficaram fixadas numa época, em que valiam conceitos errôneos, acerca dos problemas genéticos. Porisso, a cada momento vêm-se palavras que possuem diversos significados, como, por exemplo, "maturação", que, no começo, referia-se simplesmente ao fato de chegar à maturidade, mas que, na realidade, significava alcançá-la, como resultado do desenvolvimento dos processos hereditários internos do crescimento. Entretanto, estes processos de crescimento independentes não existem. O desenvolvimento ou crescimento, estão essencialmente determinados, tanto pelos fatores genéticos (emergentes), como pelos ambientais (predisponentes). Há uma cooperação desses fatores, que se interatuam. Assim o que se chama "herança", num indivíduo depende do ambiente; e a ação do ambiente sobre o desenvolvimento de um indivíduo, depende de sua herança.

O ambiente apresenta um grau considerável de uniformidade para todos os organismos: todos os que sobrevivem dispõem de ar para respirar, e de certos elementos nutritivos; e, em numerosas espécies, muitos dos elementos ambientais são comuns a

todos indivíduos. Por outro lado, existem múltiplas determinantes genéticas (emergentes) comuns a um grande grupo natural de organismos. Os traços que caracterizam a uma espécie ou variedade, devem considerar-se como derivados de elementos genéticos comuns a esse grupo. Estes traços sempre aparecem, a não ser que sejam suprimidos por condições radicalmente anormais, ainda que a forma exata e o alcance de seu desenvolvimento dependam de modo notável das circunstâncias ambientais. O comportamento, entretanto, apesar de observarmos certa constância, é intrinsecamente mais plástico ou modificável que a estrutura; e apresenta maiores dificuldades prognosticar quais estruturas ou funções se manifestarão sob as condições estabelecidas, nos grupos menores, do que nas espécies. Não se pode, assim, determinar uma direção pré-estabelecida para o desenvolvimento. Deve-se levar em conta inúmeros fatores variáveis: clima, alimentação, casa, higiene e normas civilizadas de conduta. Dentro destas circunstâncias desenvolveram-se normas de conduta "seguras" ou "confiáveis", e algumas destas formas são quase impossíveis de alterar. Cuidadosos estudos efetuados com crianças demonstram que se pode prognosticar com bastante acerto o desenvolvimento de alguns comportamentos motores, como o controle manual e a locomoção.

Uma vez que todas as formas superiores de vida de originam de uma simples célula, que à medida que se divide vai diferenciando-se, quer dizer, dando lugar a novas células, que diferem da célula mãe em estrutura e função — não pode duvidar-se que a diferenciação é a base de todo desenvolvimento. Entretanto, não é de evidência imediata que o conceito de "diferenciação", seja realmente aplicável à conduta. Resulta compreensível no caso das estruturas anatômicas, onde as células mães desaparecem e se convertem em células filhas. Há, aqui, uma continuidade clara. Mas a conduta é descontínua. Produzido um ato, tudo termina ali. Como conceber-se um ato futuro como continuação, como algo diferenciado de uma conduta, que ficou relegada ao tempo? Existe, certamente, uma base estrutural para a conduta, e esta estrutura, naturalmente, acha-se modifi-

cada pelo comportamento, mas não podemos, considerar a diferenciação de conduta em termos das bases estruturais.

Do que necessitamos é da evidência definida de uma continuidade genética; quer dizer, a evidência de que a conduta primitiva é não diferenciada; é, legitimamente, um antecedente necessário, sem a qual a conduta ulterior mais especializada não poderia ter lugar. Necessitamos, ademais, da prova de que o que sucede na evolução do indivíduo, como resultante, da conduta paterna não diferenciada, exerce uma determinada influência sobre a suposta conduta "herdada".

Quase todo o processo do crescimento se realiza mediante pequenos passos uniformes, graduais, que fazem parecer contínuo. Em algumas funções, podem distinguir-se etapas claramente delimitadas. Há, choques ambientais, e também choques físicos, que modificam a linha normal do desenvolvimento. Algumas mudanças súbitas podem ser explicadas na existência de um grande número de pequenas mudanças inadvertidas até então.

DESENVOLVIMENTO NORMAL DA CRIANÇA — Embora seja uma banalidade, há muitos que julgam que todas as crianças são iguais, o que é um erro de graves consequências, porque esquecem que elas manifestam sensibilidade diferentes, diferentes manifestações afetivas, e também um desenvolvimento intelectual bem distinto. Desde o princípio, tanto os pais como os mestres, tendem a notar as características próprias de cada criança. Realmente, todas revelam, no seu desenvolvimento, aspectos invariantes, comuns a todas elas, mas, a par disto, aspectos valiantes, peculiares a cada uma. Por isto as regras gerais têm uma parte relativa e uma parte absoluta. Algumas crianças revelam as suas diferenças, desde que nascem e outras no seu desenvolvimento. Umas ouvem música, manifestando agradabilidade, outras sustentam-se com os sons altos. Também, o ritmo do crescimento das crianças varia de uma para outras. Há certos estágios, que sobrevêm tardiamente, nem sempre devem eles preocupar os pais, como, por exemplo, a fala, que se manifesta aos dois anos de idade. Pode esta deficiência ser motivada por defeitos orgânicos, mas muitas vezes não o é. Há crian-

ças, que têm um desenvolvimento rápido, e depois estacionam. Todas estas diferenças são tratadas nos diversos artigos que compõem a enciclopédia.

O que devem os pais e mestres considerar é que, na passagem de uma fase para outra, há sempre um momento crucial (de cruz, encruzilhada), em que se dá o salto de um estágio para outro. E estes momentos revelam-se por um estacionamento, uma indecisão, perfeitamente compreendidos. Todos os pais sabem que surgem, súbitamente, nas crianças, mudanças de atitude, também no modo de proceder. Estas são sempre reveladoras da passagem de um estágio para outro. O momento crucial, importantíssimo na criança, é aquele em que ela se vê forçada a tomar decisões próprias, sem a ajuda dos mais velhos. Esta fase se manifesta na criança dos 14 aos 17 meses. Não deve a mãe preocupar-se por que a criança manifestará, pelo choro, a proporção que elas aparecem. Só depois que ela vencer os obstáculos é que deixará de chorar. Então, terá capacidade de agir por conta própria, o que será o fundamento da segurança em si mesma. O auxílio dos pais deve ser discreto e hábil. Deve auxiliar a canalização das energias da criança, não resistir ao desenvolvimento das mesmas. Deve facilitar que a criança realize por suas próprias forças o que lhe cabe fazer. O principal é permitir que desenvolva a vontade própria, afastando os obstáculos com habilidade.

DESINTERIA BACILAR — Vide *Puericultura* — 11.º cap., § 5.

DESMAIOS — Vide *Puericultura* — 10.º cap., § 9.

DESMAME — Vide *Puericultura* — 7.º cap., § 4.

DESNUDEZ (hábito de tirar a roupa) — Há pais que extremamente se preocupam quando o filho fica sem roupa ante outros, julgando que tal é uma falta completa de pudor; outros, por sua vez, acham graça, e não dão a mínima importância. Naturalmente, que é preciso uma atitude intermediária entre estas duas posições.

A experiência demonstra ser preferível que as crianças conheçam de maneira natural a diferença sexual entre o menino e a menina, vendo-se desde pequenos, com naturalidade, quando se encontrem nus.

A criança, que demonstra pudor e uma modéstia natural, não deve ser obrigada a tirar a roupa, e, sim, deixá-la por si só, pois encontrará o justo meio.

DESNUTRIÇÃO — Uma pessoa está mal nutrida ou desnutrida, quando existe deficiência no alimento, necessário para manter a saúde e a vida, ou quando a alimentação carece dos princípios alimentícios necessários a um bom funcionamento e desenvolvimento do organismo (alimentação pobre).

Hoje em dia os pais têm maiores possibilidades de saber quais alimentos são mais necessários, e realmente proveitosos para a criança em tenra idade, e na fase escolar. Nas zonas rurais, tal conhecimento só pertence a um número reduzido, e a maioria não tem possibilidade de suprir as faltas do organismo.

É preciso consultar-se o médico quando se veja que o peso, a estatura ou o semblante da criança denotam algum sintoma de desnutrição, como a cor amarelada, expressão cansada e desanimada, falta de atividade física, cansaços repentinos sem causa; sono perturbado, etc.

DESTRUTIVIDADE — É natural que a criança quebre coisas, o que não é indício de um instinto de destrutividade. A criança que, intencionalmente, destrói suas coisas ou a dos outros, expressa um sentimento confuso, que não pode ser dominado. Isto pode dar-se devido a uma cólera passageira. Muitas crianças sofrem tantas restrições, que se vêem obrigadas a quebrar alguma coisa para demonstrar que possuem um carácter próprio e individual.

DEVERES E ESTUDO EM CASA — As tarefas escolares (lições) são parte do trabalho escolar, que se realiza fora da aula, e está sob a responsabilidade dos pais. Estes deveres são importantes e ajudam, em grande parte, a desenvolver o sentido da responsabilidade.

É importante que os pais sigam determinadas normas para o bom aproveitamento das lições escolares. Assim:

- 1.º) As crianças devem dispor de um lugar apropriado para os seus trabalhos, estudos e brinquedos, um armário para guardá-los, e uma mesa onde possam fazer os deveres escolares.

- 2.º) Não fazer os deveres do filho, nem o obrigue a fazê-los segundo sua maneira pessoal.

- 4.º) Não usar nunca os deveres escolares como castigo.

- 5.º) Não utilizá-los como um meio de manter a criança ocupada e, sim, para que encontre nêles agradabilidade, e os aproveite ao máximo.

DEVOTAMENTO — a) Devotar vem do lat. *devotere*, prestar voto, consagrar, dedicar algo em sacrifício a alguém, sobretudo aos mortos, a potências superiores.

b) Empregado, sobretudo, no sentido da capacidade de sacrifício pessoal, inclusive da própria vida em benefício de outro ou outros. Vide *Abnegação*.

c) Dá-se, também, a toda e qualquer prestação de serviço, quando há plena boa vontade e certo desinteresse, ou por plena benevolência.

O devotamento é, assim, gradativo, e uma manifestação virtuosa, subordinada à virtude cardeal da *fortaleza*. Vide *Cardeais (Virtude)*.

DIABETES — É muito raro encontrarem-se crianças diabéticas. Acredita-se que exista predisposição hereditária, quer dizer, os pais transmitem aos filhos a predisposição a esta enfermidade. As suas causas fundamentais são até agora ignoradas. Sabe-se que nos enfermos o pâncreas não segrega a quantidade suficiente do hormônio chamado "insulina" para queimar os carboidratos. O açúcar acumula-se, portanto, no sangue, e é eliminado pela urina, sem proporcionar a energia necessária ao corpo. Os sintomas mais frequentes são: perda de peso, apesar de comer muito; os transtornos ópticos e dores musculares nas pernas; sede excessiva, frequentes micções, ou em quantidades excessivas, retrocesso à micção noturna involuntária, etc.

O tratamento médico inclui a estrita sujeição a uma dieta; injeção periódica de "insulina", e regular o exercício segundo a sua dose. É preciso muita força de vontade por parte dos filhos e dos pais para que não rompam com a dieta imposta pelo médico.

DIARRÉIA — Vide **Puericultura** — 6.º cap., § 6.

DIDÁTICA — a) Do gr. *didaktikôs* de *didaskôs*, que significa ensinar, instruir. Didática, portanto, é o ramo da educação que estuda os métodos mais eficientes para instruir.

b) Na Teologia e na Religião, emprega-se este termo no sentido de instrução nos fundamentos da doutrina religiosa em oposição à *catequética* (Vide)

DIETA (submeter-se a uma) — É freqüente à jovem ou ao jovem, ao chegarem à adolescência, submeterem-se a uma dieta para perder peso. A dieta deve sempre estar supervisionada pelo médico, pois ela tem de ser feita segundo as necessidades do jovem, sem que perca a saúde durante este período crítico de crescimento.

DIETA LIGEIRA — Durante o período de alguma enfermidade é comum que o médico recomende uma leve dieta. É preciso que seja levada a sério, pois dela dependerá, em grande parte, o pronto restabelecimento do enfermo. Em geral, os médicos querem dizer por uma "dieta leve" aquela que consta de leite, suco de frutas, verduras fervidas, ovos passados por água quente ou escaldados, frangos tenros, caldos, gelatina, torradas, etc.

DIETAS ESPECIAIS — Em certos casos, o médico prescreve uma dieta determinada, e cabe aos pais o controle para que seja levada a efeito. A submissão de uma criança a uma dieta não é fácil, e a mãe deve procurar evitar a tentação de certos alimentos proibidos. Assim ela deve fazer o seguinte:

a) Não deixar ao alcance da criança doces ou algum alimento "proibido".

b) Se a criança pede alguma coisa fora de hora, ter sempre prontos, frutas secas, ou suco de frutas, ou qualquer outro alimento permitido.

c) Nos domingos e feriados, mudar o menu com pratos apetecíveis e cujos ingredientes estejam incluídos na dieta.

Não há motivo para colocar toda a família em dieta, mas deve-se procurar não fazer pratos atrativos, nem comentar exageradamente sobre a dieta diante da criança.

DIFERENÇAS INDIVIDUAIS — Os professores e pais sabem que não existem duas crianças iguais. Daí que, apesar das crianças seguirem uma mesma norma de crescimento e desenvolvimento, nenhuma responde a uma mesma identidade nem exatamente a uma mesma forma.

A causa, pela qual os indivíduos diferem entre si, foi explicada de maneiras variadas. A herança, explica, por sua vez, algumas delas. A forma do crescimento e a proporção de um indivíduo dependem de condições, tais como a nutrição, sol, ausência de enfermidades etc. O crescimento e desenvolvimento de um indivíduo estão sob a constante influência das condições externas e também de suas próprias experiências e atividades.

DIFERENÇAS SEXUAIS — Além das características sexuais primárias, presentes no nascimento, e das secundárias, que se desenvolvem na puberdade, certas diferenças fisiológicas entre o menino e a menina se fazem presentes desde a infância. É comum que os bebês de sexo masculino pesem mais que os do sexo feminino. Em geral, na infância, os meninos demonstram mais atividade e predisposição aos exercícios físicos do que as meninas. Na adolescência se diferenciarão mais acentuadamente.

DIFICULDADES DE DICÇÃO — Entre os dois e cinco anos, aparecem, com mais freqüência, as dificuldades de dicção. Em geral elas desaparecem, e é aconselhável que não seja dada muita atenção à forma errada de falar pela criança.

A maioria das dificuldades de dicção provém de experiências não afortunadas, feitas ao apreender a falar. Chamar a atenção da criança, corrigindo-a constantemente, castigando-a, envergonhando-a, são maneiras de correção erradas, que só produzirão maior inquietação e irão ajudar a aumentar a dificuldade já manifestada pela criança. A correção deve ser paciente e tentar fazer a criança tornar-se consciente dos seus esforços.

É aconselhável falar com a criança com vagar e clareza, de forma que as consoantes sejam bem pronunciadas.

O balbuciar, repetir ou prolongar sílabas ou sons (conhecido comumente por gaguejar) é muito comum nos primeiros anos de vida. As causas são várias, e é preciso ter-se paciência, e não afobar nem corrigir demasiado a criança. Se ela persiste durante a fase escolar, é preciso dar maior atenção e procurar verificar a ocasião em que ela se manifesta com mais intensidade, para ajudá-la a vencer tal dificuldade.

DIFTERIA (crupe) — A difteria, ou popularmente, **crupe**, apresenta-se, nos casos mais graves, com uma respiração dolorosa, rouca, afundando-se o peito ao respirar. A criança com difteria precisa da presença do médico e de seus cuidados. Enquanto espera por ele, é preciso mantê-la num quarto quente, onde possa respirar ar quente e úmido (inalações de vapor).

O ar frio agrava o estado da criança, daí ser preciso manter o quarto sempre quente e úmido. O único tratamento é o sôro antidiftérico. Vide **Puericultura** — 11.º cap., § 4.

DIFICULDADES NA LEITURA — Vide **Leitura**.

DILATADOS — Vide **Temperamento**.

DILUENTE (imaginação) — (Psic.) — Termo empregado por Ribot em oposição à imaginação **criadora**, para indicar a **imaginação plástica**, que emprega contornos vagos, móveis, imprecisos, como expressões emocionais e os ordena de maneira subjectiva e afectiva. Muito comum na **arte**, sobretudo na **música**.

DINHEIRO E A CRIANÇA — Um dos pontos mais importantes na educação da criança consiste em dar a esta uma noção clara do que significa o dinheiro, sobretudo numa sociedade como a em que vivemos, em que a economia avassala a vida social. A criança, naturalmente, não pode ter do dinheiro uma noção clara, nem do seu alcance verdadeiro. Assim como se deve ensinar a criança a usar um aparelho, a atravessar uma rua, deve-se, também, ensiná-la a usar o dinheiro. Na época moderna, tomou essa figura económica um sentido exagerado, transformando-se em símbolo do poder social, do prestígio, o que é de graves e malélicas consequências. Uma super-valorização da moeda tem levado a males incontrolláveis. Do mesmo modo que não se lhe pode dar um

valor excessivo, tampouco se pode desmerecê-lo, já que a vida, em que vivemos, lhe dá um sentido tão elevado. Quando as crianças percebem o valor que tem, começam a pedi-lo, porque sabem que, por meio d'ele, podem adquirir as coisas que apeteçam. Muitos pais dão aos filhos o dinheiro, e o dão de bom gosto. Contudo, deveriam fazer-lhes ver que o dinheiro é alguma coisa que se ganha, é alguma coisa que se obtém à custa de alguma onerosidade, de um sacrifício, de um esforço, não só para que aquilatem o seu verdadeiro significado, como, também, para que lhe dêem o devido valor, pois o homem dá valor às coisas à proporção que elas lhe custam mais. Como não se pode, contudo, fazer a criança ganhar o dinheiro pelos meios que a nossa economia proporciona, temos de dar-lhe assim mesmo. Apesar de tudo, porém, é possível estabelecerem-se algumas regras, para que possa ter um significado sério. Em primeiro lugar, é mister mostrar-lhe que o dinheiro dado é algo que custa aos pais obter, e que é dado para seus gastos, mas em sacrifício do esforço que os pais empregam. É natural, que, considerando assim, a criança **respeite** o que deve ser respeitado. Mostrando-se-lhe que amanhã, quando adulto, ela terá de obtê-lo pelo seu trabalho, compreenderão aos poucos o sentido que os pais lhe dão, e respeitarão o que lhes dá, como algo que custou aos pais um esforço. Por isso, é aconselhável aos pais dar uma mesada aos filhos. E a razão é muito simples: se dão em pequenas parcelas, não compreende a criança o valor que o mesmo tem. Mas dando-lhe uma determinada parcela, para ser usada num certo período (uma mesada, por exemplo), sabe que deve regular os seus gastos dentro d'aquela período, porque a criança só o irá exigir quando já atingiu um grau capaz de conhecer a diferença de tempo e de regulá-lo, dentro de uma certa quantidade. É certo que essa mesada será proporcionada às possibilidades financeiras dos pais, e nunca deve ser exagerada, mesmo que tal seja possível àquelles, pois não é conveniente facilitar gastos imprevisíveis, excessivos, que leva os filhos a se tornarem perdulários. Se é possível ligar a mesada não só quanto às possibilidades dos pais, mas, também, ao cumprimento dos filhos por parte de seus deveres, é uma norma aconselhada por

muitos pedagogos, que não deve ser desmerecida. As mesadas devem começar em base baixa e ir aumentando à proporção que a criança cresce. Por outro lado (e isso é de máxima importância) é mister mostrar a conveniência da poupança, para que a criança possa adquirir por si, o que deseja de custo mais elevado, pois dará imenso valor ao que adquirirá depois. Todas essas práticas têm ainda a vantagem de regularizar as despesas, e dar um sentido de responsabilidade e de confiança em si mesma. Há pais que organizam até dentro de uma mesada as despesas extras da criança, pagamento de anuidades colegiais, roupas, livros etc. Essa prática, sendo bem orientada, tem dado bons resultados. Contudo, há casos excepcionais. Há crianças que revelam desde os primeiros tempos uma capacidade a poupar em seus gastos, outras em ser imprevidentes, e em gastarem mais do que podem, desregulando as suas normas financeiras. Esses casos devem ser estudados particularmente, e essa a razão por que é difícil darem-se normas gerais, aplicáveis a todos. Há certos defeitos de educação que não podem ser facilmente desenraizados. A presença dos pais, os constantes conselhos, uma crítica construtiva são de grande valia aqui, pois podem os pais cooperar para que os filhos se tornem ordenados em seus gastos e construam uma visão clara da moeda.

Numa época inflacionária, como a que vivemos atualmente no Brasil, é difícil certas práticas, benéficas em povos de moeda estável. A poupança, por exemplo, esbate-se ante a ascensão constante dos preços, e há uma tendência a comprar com pressa, temendo as altas inevitáveis. Essas condições em que vivemos são as piores para auxiliar a instauração de uma prática salutar, pois a inflação tem um papel dissolvente nos costumes, dificilmente controláveis.

Outra prática muito usada é a das recompensas em função da realização dos deveres. Essa prática é benéfica sob vários aspectos. É verdade que todos devemos cumprir nossos deveres, mas é verdade, também, que o exemplo de fatos dissolventes, como o de afortunados que não cumprem o seu dever, e ao contrário são premiados à proporção que fogem

das normas justas do bem proceder, não só é um escândalo, como também servem de exemplo para dissolver as normas mais justas. É mister que tendo os pais uma noção clara da nossa realidade, regulem suas normas dentro das experiências dolorosas que todos nós vivemos.

Devem os pais fazer ver aos filhos as dificuldades econômicas de que a nossa vida está cheia, com o cuidado, porém, de não lhes dar idéias obsessivas sobre as mesmas, a ponto de perturbar-lhes a mente. Evitar o pânico é importantíssimo, mas falsear a verdade seria ainda pior, dadas as consequências maléficas que daí decorreriam.

DIREITOS DA CRIANÇA — Com o crescente desenvolvimento de técnicas e estudos sobre a educação infantil necessitou-se dar uma nova formulação aos fins concretos e ideais que fôssem praticáveis neste terreno. Durante várias gerações se dispôs de conceitos adequados, mas com a recompilação rápida de valiosas observações e de uma ampla experiência necessitou-se de uma exposição autorizada de tais fins e ideais, com preferência procedentes dos círculos governamentais.

A Declaração de Genebra — Depois da primeira Grande Guerra, surgiu a idéia de elaborar-se uma Carta da Criança com a finalidade de despertar nos homens a consciência dos direitos da infância, e em transformar as leis e costumes a seu favor.

Em 1922, Englantine Jebb, num breve documento, enunciou as bases da "Declaração dos Direitos da Criança", cuja redação definitiva, conhecida com o nome de "Declaração de Genebra", foi aprovada por unanimidade, em 1924, pela Quinta Assembléia da Sociedade das Nações. Diz seu texto:

"Pela presente Declaração dos Direitos da Criança, os homens e as mulheres de todos os países reconhecem que a Humanidade deve dar à criança o que ela tem de melhor; afirmam seus deveres à margem de toda consideração de raça, nacionalidade e crença:

I — A criança deve ser posta em condições de desenvolver-se de maneira normal, material e espiritualmente.

II — A criança esfomeada deve ser alimentada; a criança enferma deve ser cuidada; o retardado deve ser estimulado; o extraviado deve ser conduzido; o órfão e o abandonado devem ser recolhidos e socorridos.

III — A criança deve ser a primeida em receber socorros em épocas de calamidade.

IV — A criança deve ser dotada de meios com que ganhar sua vida e deve ser protegida contra toda exploração.

V — A criança deve ser educada no sentimento de que suas melhores qualidades devem ser postas ao serviço de seus irmãos.

Código da Convenção de mestres americanos —
Os representantes dos mestres de quase todos os países da América, reunidos na Convenção, celebrada em Buenos Aires, em 1928, formularam mais concretamente e em forma de verdadeiro código, os princípios da nova pedagogia. Seu texto é o seguinte:

a) Os direitos da criança são consequência das condições biológicas e sociais necessárias para o desenvolvimento integral da personalidade humana.

2) Estes direitos consistem na assistência física e psíquica à mãe desde antes do nascimento da criança, e a esta durante o nascimento e o período de lactância durante as idades pré-escolar, escolar e post-escolar.

3) A criança tem direito a ser educada na medida de suas capacidades, independentemente de toda a circunstância de índole econômica ou social, pois a sociedade presente concede a alguns mais que a outros a possibilidade de educação.

Código dos Direitos da Criança —

1) Toda criança tem direito a ser "criança", e a ser respeitada em seus interesses, suas necessidades e sua atividade espontânea e pessoal.

2) Toda criança tem direito a uma nova educação que siga ao progresso social, olhando sempre o futuro, e apoiada na Sociologia, na Psicologia e na

Biologia. A educação — que ainda não chegou ao melhor — não pode ser imutável nem rígida, porque a sociedade tampouco o é.

3) Toda a criança tem direito a fazer para saber, a ser descobridor e criador. Sendo a criança um organismo fundamentalmente ativo, a escola deve dar-lhe oportunidades para que alcance o máximo desenvolvimento ativo de sua personalidade e de suas disposições, e logre a capacidade para superar-se.

4) Toda criança tem direito ao trabalho escolar coletivo, que permite a auto-educação social, em grupos pequenos, formados conforme condições individuais semelhantes, e nos quais a liberdade seja consequência da responsabilidade.

5) Toda criança tem direito ao ar livre para fazer seus trabalhos e para praticar jogos, exercícios naturais (marchar, correr, saltar, trepar, lançar pesos, cultivar a terra, nadar, etc.), e movimentos respiratórios, que constituem a melhor educação física, a qual jamais poderá a ginástica metodizada substituir.

6) Toda criança tem direito a saber que nasceu no corpo da mãe, a olhar a questão sexual como coisa digna de respeito, e deve ser ela iniciada, prudente e progressivamente, no conhecimento das leis da origem da vida, sem mistério nem vergonha.

7) Toda criança tem direito a ser membro de uma comunidade escolar, onde, com a autonomia que merece, goze de seus direitos e cumpra com seus deveres como elemento ativo, útil e eficaz, que põe sua vontade e sua consciência ao serviço do bem-estar comum.

8) Toda criança tem direito a contar com mestres de vocação, de carácter, cheios de bondade: homens eleitos, ilustrados e bem retribuídos: que não tomem seu cargo como simples meio de vida, que criem os ideais mais difíceis de alcançar, que sintam a responsabilidade que os incumbe na realização da justiça social, que não esqueçam que o verdadeiro mestre é a criança, e que a Humanidade é soberana em todas as nações.

9) Toda criança tem direito a locais escolares simples, atraentes, alegres e higiênicos que ela mesma ajudará a embelezar e alegrar.

10) Toda criança tem direito a que cooperem, na sua educação, mestres e pais, a que colaborem juntos à cidade e à escola, que são duas alavancas que movem o mundo, empunhadas pelos grandes sonhadores.

Enunciação de direitos proclamados em Montevideu — Don Enrique Rodriguez Fabregat, ex-ministro da Instrução Publica, da República Oriental do Uruguai, formulou, em 1929, uma declaração dos direitos da criança, que foram proclamados em Montevideu, ao inaugurar-se o Instituto Americano de Proteção à Infância, e ao qual a "Associação pelos Direitos da Criança" da Argentina aderiu provisoriamente.

- 1) Direito à vida.
- 2) Direito à educação.
- 3) Direito à educação especializada.
- 4) Direito a manter e desenvolver a própria personalidade.
- 5) Direito à nutrição completa.
- 6) Direito à assistência econômica completa.
- 7) Direito à terra.
- 8) Direito à consideração social.
- 9) Direito à alegria.
- 10) A soma destes direitos da criança constitui o direito integral.

Recomendações da conferência de Hoover — Nos Estados Unidos, a gestão final culminou na Conferência de Hoover sobre a Saúde e Proteção da Criança, na Casa Branca, no ano de 1930. Dita conferência, preparou um plano dos Direitos da Criança, incluindo em seus 19 pontos as recomendações seguintes, como direitos essenciais de toda criança:

- 1) Educação moral e espiritual.
- 2) Compreensão e orientação de sua personalidade.
- 3) Cuidado no lar e nível de vida adequado.

- 4) Proteção médica, odontológica e dietética.
- 5) Crescimento sã, físico e mental.
- 6) Habitação segura, sã e estética.
- 7) Escola bem equipada.
- 8) Educação que a prepare para ser um bom pai, um cidadão eficiente e também para a segurança e proteção contra acidentes.
- 9) Estímulo escolar das organizações juvenis voluntárias.
- 10) Igualdade de privilégios para a criança do campo e da cidade.
- 11) Proteção contra o trabalho, se é menor de idade.
- 12) Alívio à sua dor, se é cega, surda, muda, ou está afetada por outras deficiências.

DISCIPLINA — a) Vem esse termo de **discipulina**, em latim, forma primitiva de discípulo. Em sua etimologia, é a ação de aprender, de instruir-se. É, em suma, a direção dada por um mestre ao discípulo.

b) Emprega-se o termo para indicar a submissão da vontade e da inteligência a normas de pensamento, de ação, de conduta, sob os vários aspectos que apresenta a vida humana. Assim se pode falar em disciplina ética, moral, jurídica, militar, gramatical, etc.

c) Usa-se, também, o termo para indicar, no domínio da cultura, o ramo de saber, onde não predomina a invenção. Daí falar-se nas **disciplinas filosóficas** (a Lógica é uma disciplina filosófica), etc.

d) Em sentido sociológico, é a obediência às ordens ou regulamentos, que emanam da autoridade hierárquica, a quem cabe o mando. Daí falar-se em "espírito de disciplina", o que predomina em quem obedece fielmente as ordens emanadas da autoridade à qual está subordinado.

DISCIPLINA E COOPERAÇÃO — Não podemos prescindir da disciplina na educação da criança. As restrições, que necessitamos impor, devem obedecer a uma finalidade ética. É uma necessidade vital para a criança o movimentar-se, e impedi-la ou obrigá-la a ficar imóvel trará más conseqüências.

Deve-se evitar que a criança confunda **disciplina** com **imobilidade**.

Felizmente, hoje, não se concebe mais julgar uma criança quieta, tímida, muitas vezes apática, como uma criança bem educada.

Preparamos a criança para que tome suas próprias decisões, mas quando ainda não exerce domínio sobre si mesma, protegemo-la contra as tentações, até que ela seja capaz de resistir-lhes.

A disciplina vai ensinar-lhe a auto-restrição, e ela compreenderá que não constitui o centro permanente de atenção de todos que a cercam.

Os estudiosos do assunto afirmam que um dos pontos importantes na aplicação de correções, de métodos de disciplina, é "nunca se aplicar para obrigar a criança a obedecer, nem como válvula de escape para as emoções ou a dignidade ofendida dos pais". "As ameaças e os subornos também carecem de valor, e geralmente provocam sofrimentos e angústias desnecessárias."

Montessori, quem mais defendeu o método da disciplina ativa, dizia que para evitar os complexos de timidez, precisamos respeitar na criança, as manifestações espontâneas e encaminhar suas atividades a atos coordenados e disciplinados.

E afirma: "a grande dificuldade é disciplinar verdadeiramente o ser humano. Não se consegue com a palavra, porque o homem não se disciplina escutando falar um outro, mas o fenômeno pede como preparação uma série de atos complexos, por exemplo, a completa aplicação de um método educativo".

E para obedecer não é somente necessário querer obedecer, é preciso saber obedecer. O saber obedecer implica um conhecimento; no ato de obedecer, há deliberação, há uma escolha.

A criança deve saber porque obedece, não deve ser coagida nem obrigada por uma vontade mais forte do que a sua.

Há uma íntima correlação entre disciplina e vontade, uma implica a outra, e uma das finalidades da

educação é formar seres responsáveis pelos seus atos.

Num lado, onde todos cooperam, a criança aprende, também, o sentido da cooperação, aprende a dar o justo valor ao seu bem estar, que está relacionado ao bem estar de todos.

No despertar de suas primeiras manifestações sociais, seu eu se afirma com mais intensidade, e é quando começa a tomar consciência de seus direitos, como, também, de seus deveres para com os outros. Precisa sentir aí o valor da cooperação, onde todos se beneficiam com o benefício de todos.

A cooperação é de grande valor na formação educacional do ser humano.

Em toda natureza há cooperação. Se uma árvore necessita da cooperação da terra, da umidade, do ar, das chuvas, do sol, para nascer, nós, para sobreviver, necessitamos da cooperação de nossos pais, de nossos semelhantes, etc., e todos cooperamos dentro de uma sociedade, embora nem sempre disso tenhamos consciência. É o que podemos chamar de cooperação indireta, mas a cooperação direta já exige uma educação especial.

Esse tema está sendo objeto de muitos estudos, e há inúmeros trabalhos valiosos sobre ele.

Podemos concluir que somente com as formas cooperacionais conseguiremos manter um equilíbrio social; há inúmeros problemas que todos sofremos, problemas não só pessoais, como coletivos, ante os quais uma pessoa sozinha não pode resolver. No entanto, se houvesse espírito cooperacionista, a solução tornar-se-ia simples, eficiente, fácil.

Há várias formas de se aplicar a cooperação, teoricamente todos a aceitam; contudo, não é comum saber aplicá-la na vida prática, nas relações sociais, e muitas vezes nem nas relações dos membros de uma família, etc.

Atualmente, muitos professores procuram, através de trabalhos coletivos, estimular a prática, porque somente através da prática é que se pode formar o espírito cooperacionista.

E a educação é um processo lento; as bases precisam ser sólidas para que o edifício não se desmoro-ne; a disciplina bem aplicada, sem exageros, a coope-ração do lar, onde existe uma finalidade escolhida, o apoio mútuo entre todos os membros da família, a autoridade dos pais, firme, segura, equilibrada, torna a criança um ser com domínio próprio, capaz de diri-gir-se, independente e responsável, quando chegar a adulto.

DISCOS — A música ocupa um papel de grande importân-cia na educação infantil. Atualmente existe, no co-mércio, grande número de discos próprios para a cri-ança, com músicas, contos, pequenas historietas, can-ções, etc. É conveniente proporcionar à criança dis-cos variados, de forma que ela obtenha uma experi-ência mais rica no setor musical.

Na adolescência, é muito comum a formação de discotecas, que adquirem grande importância para os jovens.

DISCREPÂNCIA — Discrepar significa diversificar, dife-rir, também discordar, dissentir. **Discrepância** indi-ca disparidade, diferença e também divergência, dis-sentimento. Há **discrepância**, quando o que era es-perado, ou era requerido num determinado momento, não corresponde ao esperado.

DISCURSO — Discursar vem de **dis** e **curro**, da raiz sâns-crita **kar**, correr. Discursar é discorrer, correr **dis**, daqui para ali. Daí falar-se em saber discursivo, um saber que corre daqui para ali, um saber que corre para emparelhar, um e outro, um saber a conhecer com um saber já conhecido, que classifica um saber com outro saber. O saber discursivo é um saber cul-to, um saber teórico, porque todo saber que liga, que conexiona com nexos reais e ideais, é um **saber que sabe**.

Discurso é, assim, a operação do espírito, que aci-ma descrevemos, e quando é ela expressada por tēr-mos verbais ou sinais, é também o **discurso** na ex-pressão mais freqüentemente usada.

DISCUSSÃO — Discutir é examinar, investigar segundo provas e razões pró e contra. É questionar. Dis-cussão é o ato de discutir. Para que a discussão se-ja proveitosa, impõe-se uma síntese dos argumentos

a favor da tese, e dos a favor da **antítese**, a fim de evi-tar-se as obstinações, o que quase sempre só se pode obter pela intervenção de um terceiro.

DISPOSIÇÃO — Distribuição segundo uma certa ordem no espaço e também no tempo, como, por ex., pode-se empregar este tērmo em sentido psicológico, co-mo o estado de ânimo favorável à adoção de uma atitude afirmativa, afetiva ou volitiva, predisposição de ânimo, que os escolásticos chamavam **disposição** a um estado de ânimo quase habitual, mas de fácil remoção.

DISTROFIA MUSCULAR — Enfermidade não contagiosa. Atua nos músculos do corpo, paulatinamente, até dei-xá-los completamente inúteis. Desconhece-se a sua causa, mas parece, em muitos casos, ser um definido fator hereditário.

Até os nossos dias não foi descoberto o remédio para a cura desta enfermidade, apesar de haver inú-meros tratamento, que podem ajudar a impedir algu-mas deformidades.

DIVERSÃO — Algumas vėzes é preciso distrair a aten-ção da criança de um objeto ou de um objetivo. Mas é preciso dar-se muita atenção ao sistema de distraí-la, pois, às vėzes, pode conduzir a resultados extre-mos. A criança, que constantemente se sente desvia-da das coisas que intenta fazer, não chegará jamais a ter oportunidade de realizar até o fim as suas em-prēsas, e de apreender, assim, as conseqüências de seus atos, por própria experiência, sejam elas más ou boas.

DIVERTIMENTO — Também chamado **recreação** é o no-me que se dá à distração fora das atividades disci-plinares (escola, trabalho, etc.), em qualquer idade e condição humanas. A recreação própria da crian-ça é o **brinquedo**, o **jogo**, o **ludus** (vide). O que ca-racteriza o **ludus** é o aspecto autotélico; ou seja, o ter uma finalidade em si mesmo. A recreação, nos adul-tos, é também um **ludus**, porque tem um fim em si mesma, e não é uma atividade utilitária; quer dizer, usada como meio para adquirir bens de caráter eco-nômico. A longa controvérsia entre pedagogos e psicólogos se a recreação, no homem, é um brinque-do ou não, é facilmente resolúvel se se compreender o aspecto lúdico fundamental tanto dela como do

brinquedo infantil. Assim, o esporte dos adultos é uma forma evoluída do **ludus** de regras da criança, já com a incorporação da esquemática intelectual daquele. O **ludus**, do mesmo modo que é indispensável à criança, como vimos nos artigos acima citados, também o é no adulto (a recreação do adulto é um **ludus**), por favorecer o equilíbrio emocional e por integrar mais poderosamente a personalidade.

O **ludus** é espontâneo ao ser humano, e alguns psicólogos da antiguidade colocavam-no, e com bastante justificação, entre as manifestações instintivas do ser humano. E podemos dizer mais: nas manifestações instintivas de todos os animais, pois estes revelam ter o **ludus de exercício** desde os primeiros dias, não, porém, de modo definitivamente claro. O **ludus simbólico** e o **ludus de regra**, por exigirem o **termo médio** (base da atividade intelectual), são próprios dos seres humanos, como seres racionais. A inteligência animal é fundada apenas na intuição intelectual, imediata portanto, e não usa termos médios. Nada nos permite admitir que os animais os usem, pois se fôsem capazes de fazê-lo teriam conhecido progressos, o que não se verificou. O termo médio pode ser, aqui, em seus aspectos mais gerais, considerado apenas como o esquema da generalidade (conceito, idéia, forma), que serve de mediador para o conhecimento, pois nenhum de nós vê uma casa, mas, sim, uma entidade, que classifica por meio (**medium**) do esquema casa, como casa.

A recreação é de máxima importância, e se deve proporcionar à criança nas ocasiões adequadas brinquedos, divertimentos em suma, que atendam às suas necessidades fundamentais. Assim:

1) para o exercício de seus músculos, divertimentos enérgicos, vivos, sumamente ativos; 2) divertimentos sociais, jogos de conjunto, para desenvolvimento da capacidade social, já que a sociabilidade é sobretudo habitual, e pode ser estimulada e acentuada. Como a tendência da família moderna é para a menos numerosa possível, a estimulação de divertimentos sociais é importantíssima para a preparação dos jovens; 3) divertimentos que estimulem o desenvolvimento intelectual, como os **ludus de regras**;

4) divertimentos em que os adultos os façam juntos com as crianças, para que estas sintam aqueles não como seres estranhos, aos quais estão submetidos, mas como companheiros, também, embora acentuadamente mais aptos.

A recreação é, hoje, uma verdadeira arte e passa a preocupar a pedagogos, a psicólogos e a todos os homens responsáveis. O esporte, que é um dos grandes divertimentos, na época moderna, dada a implantação nefasta do profissionalismo, tornou-se mais uma atividade utilitária que autotélica, pois o esportista torna-se um profissional, um indivíduo que se utiliza do esporte para obter um ganho, e não mais um homem que apenas se diverte. O estímulo ao amadorismo deve ser o mais intenso possível, e também não se deveria estimular tanto as crianças a admirarem os profissionais dos esportes que, na verdade, já representam o resultado de um viciamento de uma atividade, que mereceria melhor consideração. A exaltação excessiva desses heróis passageiros, e de valor muito relativo, que são hipervalorizados indevidamente, não pode construir na juventude uma mentalidade tão sã como devêra.

Estudos modernos sobre a recreação concluíram que muitos dos **hobbies** dos adultos são a continuação de práticas já lhes manifestadas quando em crianças, e que foram apreendidas na fase infantil. Por essa razão, já que o **hobby** é de grande importância para a vida humana, devem os mestres e pais proporcionar, nas escolas e no lar, os divertimentos, que poderão tornar-se recreações necessárias para o equilíbrio emocional e a integração pessoal dos adultos (vide **Afeição**).

Revelam, ademais, os estudos modernos, que mestres e pais devem tomar parte em divertimentos infantis e juvenis. Por outro lado, demonstram, também, as investigações, que a delinquência infantil é maior entre as crianças que conheceram poucos divertimentos do que ao contrário. Contudo, este ponto é controverso, devido à falta de uma clara conexão causal. A estimulação das crianças para o **escotismo** (escoteiros, bandeirantes etc.) e a facilitação de organizações dessa espécie é importantíssima para as finalidades que a recreação tende a atingir.

DIVÓRCIO (efeitos sobre as crianças) — Vide **Divórcio e separação**. — Têm sido realmente desastrosas as conseqüências que exercem os divórcios no carácter dos filhos menores. Sem dúvida, o grande problema é a hábil preparação para o **matrimônio**, e não o divórcio, já que este é relativo ao matrimônio, pois, não há divórcio sem que haja matrimônio. Se se examinam as causas dos divórcios, que é matéria mais sociológica e psicológica, verifica-se que a quase totalidade deles surge de matrimônios que não obedeceram as regras exigidas para a sua formação. A falta de uma nítida compreensão do que é o **matrimônio**, e da sua grande importância, e dos deveres que cabem a cada cônjuge, que antes de se unirem devem estudar devidamente se o matrimônio se fundamenta em laços realmente sólidos, e a falta de uma educação pré-matrimonial têm sido a causa de tantos descalabros, de conseqüências tremendas para a sociedade e para os indivíduos.

As estatísticas americanas revelam que, aproximadamente, 25% dos delinquentes infantis são crianças de lares desfeitos, sendo a maior parte em conseqüência do divórcio. Há variações de Estado para Estado; contudo, a percentagem é elevadíssima.

DIVÓRCIO E SEPARAÇÃO — Um casal, que se separa, coloca um grave problema para toda a família. Os filhos são, sem dúvida alguma, os que mais sofrem, pois, para eles, o pai, a mãe e o lar formam o seu mundo. Na idade escolar, apesar de ter alargado o seu mundo com perspectivas mais amplas, o lar e os pais são o fundamento de sua vida. Há casos em que uma separação é mais aconselhável que a vida em comum e, neste caso, deve fazer-se sob uma conduta sensata, um pacto acertado, de forma que os filhos sofram o menos possível.

A prática demonstrou que é melhor para eles viverem com um dos pais, e ser visitado ou visitar o outro. Os pormenores serão discriminados, segundo os diversos casos pelo juiz, no ato da separação.

DOCES — Os doces não devem ser ingeridos antes da hora das refeições, pois tirarão o apetite da criança. Da mesma forma, após as refeições, não é muito recomendado, pois o açúcar ficará entre os dentes, o que irá favorecer as cáries dentárias. É preciso dar,

em lugar de doces, frutas, passas, frutas secas, etc. Nos dias de festas, deve-se deixar a criança à vontade, de forma que dê vazão ao seu desejo, sem, entretanto, ultrapassar certos limites aconselháveis à saúde.

DOCILIDADE — Diz-se da disposição de ânimo de alguém que chega a ponto de renunciar ao próprio critério, e permitir ser ensinado e dirigido por outros, por reconhecimento da autoridade e da superioridade de quem o orienta. A **docilidade** é uma disposição natural.

DOENÇAS INFECCIOSAS — Vide **Puericultura** — 11.º cap., § 1.

DOMINAÇÃO — Na Pedagogia, observa-se que o exercício do domínio, sobre indivíduos de certo modo subordinados, é uma espécie de válvula de escape da agressividade reprimida. Pais e mestres, que sofrem de sentimentos de inferioridade ou de culpa, buscam, comumente, uma compensação no domínio excessivo, exercido sobre alunos ou filhos. A desmedida severidade pode revelar um carácter neurótico. A reação da criança, em tais casos, pode ser ativa ou passiva. A ativa, responde com a rebeldia; a passiva, responde com a submissão. Em ambos casos, há perturbação do desenvolvimento normal psíquico. Vide **Agressividade, Frustração**.

DOMÍNIO — Dominar é ter autoridade ou poder sobre alguma coisa, é subjugar, é vencer, é refrear, é conter, é preponderar.

a) **Domínio** é o poder exercido pela ação de dominar, ou o resultado dessa ação.

b) Emprega-se esse termo para indicar o que é da competência, da atribuição de..., daí poder-se falar de uma idéia, que é do **domínio** de outra.

c) Juridicamente, é a propriedade de bens imobiliários e também de quaisquer outros bens.

d) Psicologicamente, fala-se no **domínio da vontade** para referir-se ao conjunto de ações, que desta dependem. Vide **Autoridade e Dominação**.

DOMÍNIO DE SI — Capacidade de um indivíduo reprimir suas emoções, e, sobretudo, suas manifestações, podendo dirigir sua conduta no âmbito social. Tam-

bém se chama ao exercício para adquirir essa capacidade.

DOR DE CABEÇA — A dor de cabeça, associada à febre, é geralmente sintoma de enfermidade, e uma visita ao médico é muito oportuna. Se não há febre e a dor é passageira, não há motivo de se dar maior importância. O mais aconselhável é fazer com que a criança descanse, e tome um comprimido de Melho-ral, Fontol, etc.

DOR DE ESTÔMAGO (comumente dor-de-barriga) — As dores de estômago se são persistentes (duram mais de uma hora) devem ser tratadas por um médico. Tira-se a temperatura da criança, para ver se há febre, e não se dá nenhum alimento ou bebida e, principalmente, nenhum laxante ou purgante.

Essas dores, em geral, são facilmente curadas, e a causa mais freqüente é a indigestão. Também podem originar-se, devido à ingerência de uma fruta verde ou alimentos em más condições, em cujo caso as moléstias vêm acompanhadas de perda de apetite, náuseas, vômitos, febre ou diarreia. Algumas vezes pode ser sintoma de uma doença de maior importância.

DÔRES DE CRESCIMENTO — Quando uma criança queixa-se de dor nos braços ou nas pernas, ou em qualquer outra parte do corpo, é geralmente sinal de algum transtorno puramente físico ou, em parte, psicológico.

A fadiga muscular, os pés chatos, sapatos apertados, uma torsão, etc., são algumas causas das muitas possíveis dores articulares ou membros doloridos.

DOR NAS COSTAS — As causas de dores nas costas podem ser várias, como: má postura, lesões nos ossos ou nos ligamentos (devido a uma distensão), e se forem persistentes ou periódicas, devem ser levadas ao conhecimento do médico.

DORMIR — Do ponto de vista científico, o sono é um fenômeno misterioso. Existem muitas teorias para explicá-lo. Algumas dizem que é causado pelas mudanças na distribuição do sangue; outras, pelo aumento periódico de substâncias de fadiga na torrente circulatória; outras, por determinadas toxinas produzi-

das pelo organismo (hipnotoxinas); etc. Podemos, entretanto, repetir com A. Gesell, que o sono constitui "um reajuste do mecanismo total do organismo... para proteger seu bem-estar íntegro e remoto".

Todo indivíduo necessita dormir. O recém-nascido dorme a maior parte do tempo, acorda apenas para alimentar-se. Aos três anos, a criança deve dormir, ininterruptamente, de 11 a 13 horas. Já as crianças de 8 a 13 anos dormirão de 11 a 9 horas, conforme a idade, e este período de descanso deve ir ajustando-se, gradualmente, ao da vida adulta.

Os períodos de sono da criança devem ser os mais regulares possíveis. Não se deve fazer exceção quanto à hora de ir para a cama; entretanto, não deve ser utilizado para obrigar a criança qualquer meio de ameaça, castigo etc. As crianças, com mais de um ano, devem dormir em quartos separados dos pais. Isto é necessário, pois os hábitos do adulto não se conciliam com os da criança: esta nunca deve ter oportunidade de observar as intimidades dos pais, pois as interpretará mal. Todas as perturbações do sono são sintomas de doença, de distúrbios físicos ou mentais ou de tendências neuróticas. As últimas, motivadas com freqüência pelo excesso de amor paternal, ou por falha da educação. A criança sã e bem cuidada dorme profundamente. Por isso, quando, sem razão aparente, dorme de forma irregular, sofre pesadelo ou enuresis, deve-se consultar um pediatra. O choro noturno, na primeira infância, é normal, o bebê chora de fome ou por estar molhado, etc. Chupar o dedo até 4 ou 5 anos, enquanto dorme, não é para inquietar; assim como falar enquanto dorme.

DÚVIDA — Estado da mente em que não há um assentimento firme sobre um juízo, por que se teme ser ele falso.

E

ECONOMIA FAMILIAR — Os gastos familiares começam desde o nascimento do bebê, sua alimentação, cuidados médicos, vestuário, jogos, passatempos, férias e escola, quando se encontra na idade escolar. É preciso que a economia familiar seja muito bem administrada, para que haja uma ordem interna. Naturalmente, é preciso dispor-se de um salário-base com possibilidades de aumento progressivo, para fazer frente às despesas. Em muitos casais, é comum que ambos os cônjuges trabalhem, e disponham, regularmente, de uma renda.

A economia familiar devia ser ensinada aos jovens de ambos os sexos antes de contraírem matrimônio, de forma que aprendessem como se deve gastar o dinheiro estabelecendo um equilíbrio do sistema financeiro.

ECZEMA — Vide **Puericultura** — 6.º cap., § 14 e 12.º cap., § 7.

EDUCAÇÃO — a) É a educação um aspecto parcial da atividade pedagógica; pois consiste mais no formal do que no conteúdo material; mais da potencialidade do que da finalidade. A educação constitui propriamente, o cultivo da afetividade e da vontade, mais do que das faculdades cognitivas.

b) Chama-se, também, educação, o resultado deste cultivo.

c) Na linguagem comum, usa-se o termo **educação** no sentido de cortesia, e, também, como contraposto a instrução.

A educação pode ser realizada em si mesmo pelo mesmo sujeito (**auto-educação**), ou por outros (**hetero-educação**). Segundo os objetos a que se dedica, a educação pode ser física (muscular), afetiva ou moral, cognoscitiva, intelectual, etc. A educação integral inclui todas as outras. Vide **Introdução**.

EDUCAÇÃO ESCOLAR — Para que a educação escolar seja salutar, não deve cingir-se apenas à instrução, como infelizmente julgam alguns professores. É mister que haja cooperação de mestres e alunos entre si. Ademais, o mestre deve ser um estimulador da **auto-instrução**, pois deve dar ao aluno pontos de interesse, para que, desejoso de saber, procure por si o conhecimento. É mister incutir na mente do aluno que cada um é o mais apto a realizar o melhor para si mesmo, no setor do conhecimento. Despertado o problema, incute-se-lhe o interesse em resolvê-lo, dando-lhe os meios para pesquisas. Assim, se se trata de um problema histórico, se tal fato se deu, dêste ou daquele modo, facilita-se ao aluno a pesquisa, auxiliando-o apenas com a indicação das obras convenientes para compulsar. O mestre, que tem um papel social importantíssimo, deve sempre ter em mente que o aluno reterá, facilmente, a matéria que lhe interessa, enquanto a que lhe desgosta será facilmente esquecida. O fortalecimento da memória exige um grau de interesse, que cabe ao mestre despertar, caso não surja espontaneamente. E tal se consegue por vias diretas e indiretas, sobretudo por estas últimas; como seja, abordar o tema sob um ângulo, que aguce a curiosidade, despertando o interesse. Um professor, que desejasse interessar os alunos na botânica, poderia começar pela apresentação de uma bela flor e, depois, descrever as suas partes e funções, não em termos rigorosamente técnicos, mas mostrando a beleza da complexidade que a vida cria para alcançar a sua perpetuação. Ou, então, para interessar o aluno na história, abrir com um discurso sobre feitos notáveis, realizados por gregos ou egípcios, descrevendo a construção das pirâmides, para depois, despertar o interesse pelo estudo da matéria.

EDUCAÇÃO ESCOLAR DOS DEFICIENTES — Vide **Crianças deficientes** — Em complementação ao que foi examinado naquele artigo, tem-se de salientar o grave problema pedagógico e social que surge aqui, que

é o da convivência ou não da criança deficiente com a normal, na escola. Devemos considerar que o tema é de envergadura, e imensamente controverso, sobretudo devido aos estudos modernos que sobre ele se realizam, e seria longo enumerar o que já se realizou neste setor.

Mas, se partirmos de uma realidade, que é a convivência no lar de crianças normais e crianças deficientes, e que essa convivência, obedecendo a certas regras, com o auxílio, sobretudo, dos pais, pode estabelecer-se em níveis razoáveis e até convenientes, o mesmo não é impossível realizar-se na escola, desde que os mestres tenham plena consciência da sua função em tais casos, e saibam considerar cada criança como um caso singular, bem como sejam capazes de dar aos outros alunos uma compreensão justa, capaz de evitar os conflitos emocionais que surgem e surgiriam, quando houvesse descuido ou inabilidade no trato que se deve manter. As observações realizadas revelam que essa convivência é capaz de manter-se normal, dentro de um âmbito, e inconveniente dentro de outro. A posição mais comum é a da formação de escolas especializadas para tais casos, as quais podem reger-se por um rigor pedagógico bem apreciável. Nestes casos, estabelecem-se regras gerais, que indicam providências que devem ser tomadas, como as seguintes: rigoroso diagnóstico de cada caso, que deve ser o mais correto possível, pois é mister evitar os enganos que certos sintomas podem oferecer, o que exige um pessoal superiormente especializado, altamente clínico, capaz de subministrar aos mestres todos os dados e conselhos, que devem ser observados e cumpridos; em segundo lugar, deve-se estabelecer uma classificação geral, para que o ensino seja ministrado segundo esse grau, o que também exige especialistas altamente capazes. O programa de ensino (incluindo, também, o técnico) deve ser estabelecido com o máximo rigor, já que, segundo os defeitos, há possibilidades de estabelecer especializações nas crianças, que, em determinados setores, podem tornar-se habilíssimas; em terceiro lugar, deve-se estabelecer uma programação segura do aproveitamento posterior dessas crianças, para que elas encontrem, quando capazes de se dedicarem a um mister, um empreço conveniente para as mesmas.

Contudo, é mister que mantenham convivência com crianças normais, devidamente preparadas para compreender aquelas.

Atualmente, dado o alto grau de civilização, não há mais aquêle preconceito de que os defeituosos são inaproveitáveis, o que os atirava, em muitos casos, à inatividade, e até à mendicância. Sabe-se, hoje, que defeituosos são capazes de alcançar alto nível técnico e também intelectual em determinados setores, o que os torna úteis à sociedade que os ampara e protege. Nunca se esqueça o exemplo do Aleijadinho, paralítico, de Theodore Roosevelt, míope, de Franklin Roosevelt, paralítico, Heler Keller, cega, surda e muda, e de alguns deficientes mentais, que se tornaram notáveis especialistas, etc.

EDUCAÇÃO PROGRESSIVA — A base da filosofia do escritor americano John Dewey, criador da "Educação Progressiva", resume-se nesta frase: "aprender pela ação". Funda a sua filosofia da educação no fato de crianças compreenderem melhor, e recordarem por um período mais longo, o que está relacionado com a sua própria vida, por ser o que elas experimentam e compreendem de maneira viva.

A educação progressiva foi censurada pelos que afirmam que não é possível deixar-se a criança em completa liberdade. Grande número de educadores opta pela necessidade de direção e orientação constante, de forma que os alunos não se dirijam por si sós.

Muitas idéias aceitas por grande parte de educadores são contribuições da educação progressiva, como, por exemplo: o reconhecimento de que todo indivíduo tem necessidades individuais e apresenta manifestações diferentes, que devem ser estimuladas, dando-se-lhes meios de expressão como os artísticos, literários, oratórios, etc., o que leva as crianças à investigação, à criação por meio de descobertas, substituindo o conhecimento de memória, por um mais vivo e experimental.

EDUCAÇÃO RELIGIOSA — Educação religiosa, no seu mais alto sentido, significa todo o ambiente, clima moral, social e espiritual, que só é atingido na unidade perfeita de prática e crença, que a criança viverá entre os seus, no seio de sua família, dos seus amigos,

dos homens que a rodeiam, e também do seu próprio sentir.

A criança receberá dos pais os primeiros ensinamentos religiosos.

Nos países em que impera um único credo, uma única religião, a criança encontrará em casa, no colégio e no ambiente em que vive, os ensinamentos mais importantes. Já nos países em que a religião é livre, e onde prolifera um sem número de seitas ou igrejas, a questão já toma outro vulto.

EDUCAÇÃO SOCIAL NA AULA — Sem dúvida, que, numa aula, é fácil observar que os alunos se integram em determinados círculos, que podem ser maiores ou menores, formando grupos, mais ou menos coesos e resistentes, que permitem maior ou menor soma de influência dos outros. São verdadeiros grupos, porque há um termo comum que os coerencia. Assim, um aluno pode tomar parte mais intimamente num grupo como noutro, e há até os que são capazes de tomar parte em todos os grupos. Mas é fácil observar que seu comportamento varia de um grupo para outro. Uma das observações mais importantes para o mestre são as sedimentações grupais, que se formam em função do temperamento. Assim há introvertidos, acanhados, tímidos e extrovertidos, sociais, dados. Se o mestre fundar-se numa concepção caracterológica, como a de Corman, poderá classificar os alunos em **dilatados** e **retraídos**. Os primeiros em **dilatados astênicos** e **estênicos**. Os segundos, em **retraídos laterais** e **retraídos de base**, e observar o comportamento que manifestam em relação aos outros. Em regra geral, os professores se desinteressam por tais estudos, o que é lamentável, dedicando-se apenas à matéria que ministram. Contudo, como há mestres que sentem melhor o seu grande papel pedagógico, portanto social, e assumem conscientemente uma responsabilidade, que realmente têm, é aconselhável um método oferecido por Moreno, que consiste nas seguintes providências: pedir a cada aluno que faça, em particular, uma lista de três ou quatro amigos, dos que mais estimam, daqueles que consideram realmente seus amigos; o nome do amigo com o qual gostaria de conversar mais ou de estudar junto, qual que gostaria que o acompanhasse ao cinema, a passeios, ao esporte. Depois de uma classificação, que

obedeceria às normas preferidas pelo mestre, poderia tirar conclusões importantíssimas, verificando, possivelmente, que um menino é o preferido pelos outros, que um é o menos estimado. Dê-se modo, o mestre verificará que há algum aluno que é menos estimado, que se acha isolado, embora considere outros e estime outros. Tais alunos merecerão, então, um exame especial, pois é mister auxiliá-los a conquistar a estima, que não obtiveram. O caso em especial, devidamente examinado, permitirá que se estabeleçam as causas do isolamento, e permitirá que se proponham normas convenientes para melhorar a atmosfera que se forma, e estimular a formação de vínculos de amizade. Assim, a um menino tímido, deve-se facilitar alguma atividade que ele possa exercer, e que não exerçam os outros, ou em que ele possa executar com maior habilidade, a fim de aumentar-lhe o **prestígio** de que carece, além da **auto-confiança** que muitas vezes lhe faz falta. Deve o mestre guiar-se pela procura de compensações, e em tudo isso deve agir com discrição e habilidade, nunca demonstrando, claramente, que pretende impor valia a alguém, mas fazendo que essa valia seja normalmente reconhecida pelos outros. O exame dos casos particulares facilitará ao mestre inteligente o encontro das normas que deverá seguir para ter bom êxito em seu intento.

EDUCACIONISMO — Diz-se daquelas doutrinas que atribuem à educação o poder suficiente para preparar gerações, segundo padrões estabelecidos. Esta concepção do século XVIII está implícita em quase todas as doutrinas sociais, socialistas e socializantes, que têm surgido até os nossos dias.

EGO — ALTRUIISMO — Vide *Ética*. Para as concepções ego-altruístas, o fim da vida é o prazer, mas é preciso verificar que o interesse confunde-se com o bem geral. A máxima moral dos ego-altruístas consiste em apontar ao homem a obtenção da maior soma de prazer ao maior número possível.

EGOÍSMO — Vide *Generosidade; Compartilhar*.

EGOTISMO — a) Segundo Addison, o termo é atribuído a Port-Royal, e quer significar o defeito que revela o homem em constantemente usar a primeira pessoa, o que revela vaidade.

b) Culto do eu, preocupação exclusiva de sua cultura pessoal, erigida em fim único de conduta (Lalande).

Tendência em pensar constantemente em si mesmo, subordinando a si mesmo como ponto de referência de toda atividade mental.

c) Pejorativamente, significa, seg. C. Hémon (cit. por Lalande), a curiosidade doentia, o diletantismo enervante, a amorosa e perversa cultura de nossa individualidade total.

EGO-SINTÔNICO — (Psicanálise) — O que está em harmonia com o **ego**, ou que é congruente com suas normas.

EIDÉTICO — a) Termo gr. *eidetikós*, usado pelos antigos para significar tudo quanto é concernente ao conhecimento (*eidesis* = ciência, conhecimento).

b) Modernamente, tem sido empregado, na filosofia, no sentido de tudo o que se refere aos **eide**, às essências-formais das coisas.

ELABORAÇÃO — a) Elaborar é preparar gradualmente e com trabalho alguma coisa, *elaborare*. Elaboração é a ação e o efeito de elaborar, de preparar, de concluir.

b) Todo processo vital orgânico de assimilação e desassimilação é uma elaboração vital, por isso se pode falar numa elaboração mental, pela acomodação dos esquemas e pela assimilação, o que constitui, propriamente, a adaptação psíquica. Daí poder-se falar numa **elaboração do conhecimento**, que é o conjunto das operações mentais, pelos quais os dados imediatos, que constituem a matéria do conhecimento, servem de motivos para permitir, pela atividade intelectual, a formação dos esquemas, a coordenação dos mesmos, sua seriação e ordenação esquemática, que vão constituir os conceitos, as categorias, os juízos intelectuais.

c) Na vida social, a elaboração pode ser feita com outras pessoas, e é a **colaboração** (vide).

ELAÇÃO — Estado de excitação emotiva, que se caracteriza por um intenso prazer e um estado de animação, com grande aumento da atividade motora.

ELEIÇÃO — a) Eleger, de **elegere**, escolher de, significa realizar a escolha entre vários.

b) Na Psicologia, fala-se em **livre eleição** para referir-se à ação eletiva da vontade livre.

c) Emprega-se o termo, ainda, para referir-se a todo ato de vontade.

ELIMINAÇÃO NO BEBÊ — (Evacuação) — Vide **Puericultura** — 4.º cap., § 14 e 6.º cap., § 17.

ELOCUÇÃO — Enunciação do pensamento por meio de palavras. É a parte da Retórica que examina as regras do estilo, as figuras, os tropos, as imagens, os conceitos. São os elementos que contribuem para a **eloquência**, sem deixar de considerar a entonação e o ritmo na pronúncia, a hábil seleção e ordenação das palavras, das orações, das frases e também das figuras, bem como os gestos, a mímica e as atitudes. São todos esses elementos que constroem a **eloquência**, e tornam o discurso persuasivo, convincente.

EMAGRECIMENTO — Vide **Criança magra**.

EMISSIONES SEMINAIS — Entre o período compreendido dos doze aos quatorze anos, os meninos experimentam ejaculações involuntárias de sêmen. É importante que recebam informações sobre o que se passa, assim como a menina, da aproximação do período menstrual.

No menino, tal pode ocorrer devido a uma simples tensão geral. Alguns têm sonhos sexualmente excitantes, chamados, comumente, “sonhos eróticos”, juntamente com as emissões noturnas. Os pais devem explicar o porquê de tais fatos, para que o filho não se encontre ante algo inesperado, sem ter tido um prévio conhecimento.

EMPATIA — Do gr. **en-pathein**, sofrer. Diz-se da projeção da mente sobre o objeto, procurando vivê-lo em sua intrinsecidade, numa quase fusão afetiva com ele. A **empatia** assemelha-se à **simpatia**. Vide **Simpatia**.

EMPREGOS — É muito comum, durante o período que antecede a adolescência, que os meninos e as meninas tenham vontade de trabalhar para ganhar algum dinheiro, ou ocupar suas horas vagas com algo proveitoso. Os pais não devem contrariar e, sim, pro-

curar ajudá-los na medida do possível, de forma que isto lhes sirva de um útil aprendizado. Convém que o jovem aprenda a adaptar-se aos outros, trabalhar com outros, e para outros.

Em grande número de casos, devido às exigências cada vez maiores, convém que todos, numa família, trabalhem, contribuindo com o seu ganho para as despesas gerais. Nestes casos, é preciso que o jovem ou a jovem ocupem um trabalho, que não os canse demasiado e recebam a proteção das leis trabalhistas. Quanto às contribuições é preciso estabelecer a porcentagem que cada um deve fornecer à família.

ENCANTO — (Do lat. **canto**, cantar). Conduta ou fórmula verbal, que tem o dom de despertar estados de agradabilidade intensa, e até de exercer o domínio pleno sobre alguém. Para tal se usam, também, objetos aos quais se atribuem o poder de realizar o **encantamento**.

Essa prática é universal, e é a constância da sua universalidade que exige que sobre tal objeto se processem estudos mais acurados.

ENCEFALITE — Significa “inflamação do encéfalo”, e o termo “encefalite” abarca uma grande variedade de enfermidades.

Os casos benignos de encefalite se caracterizam por dores de cabeça, febre, rigidez do pescoço e das espáduas, músculos tensos e possível modorra. Nos casos graves, apresenta-se um princípio agudo: febre alta, tremuras, tonturas, e muitas vezes, estado de coma.

As medidas preventivas são o uso de mosquiteiros (quando há mosquitos); pulverizar o local com inseticidas, e tomar atenção que eles não proliferem, pois acredita-se sejam os transmissores desta enfermidade.

ENDOCRINÓLOGO — (Vide **Especialistas**).

ENFERMEIRAS — Em determinadas enfermidades impõem-se os cuidados profissionais de uma enfermeira. Quando uma criança se encontra doente e não pode ser levada a um hospital, é preciso o auxílio de uma enfermeira. Nestes casos, é conveniente o conselho

médico, que indicará uma que tenha capacidade e responsabilidade, além de simpatia, paciência e firmeza.

ENFERMIDADE MENTAL — A especialidade médica, que trata das enfermidades mentais denomina-se **psiquiatria**. A que trata da vida mental, denomina-se **psicologia**. Alguns psicólogos se especializam no preparo de testes e trabalham em hospitais, institutos e clínicas psiquiátricas infantis.

As causas de enfermidades mentais podem ser classificadas como físicas, mentais e sociais. Muitas pessoas crêem que as enfermidades mentais são herdadas. Isto não é verdade; mas algumas formas de retardamento mental podem ser herdadas, e se deve à herança uma maior capacidade de desenvolvimento de determinadas enfermidades mentais. Outros acreditam que todas as enfermidades mentais são devidas ao tratamento que os pais impõem aos filhos. Atualmente, os estudos mais cuidadosos dão como várias as causas das diversas enfermidades mentais.

Durante muito tempo confundiu-se os sintomas de enfermidades físicas com as morais, pois muitas apresentam: dor de cabeça, erupções, convulsões, indigestão, e dor de barriga, etc. Nestes casos, é mister o diagnóstico do médico psiquiatra para dar o resultado.

ENGANO — Enganar é induzir alguém ao erro. É iludir, é embair. Engano é a ação ou o efeito de enganar ou de enganar-se. É o artifício usado para enganar alguém. É a falácia, o sofisma para fazer cair outro em erro.

ENGASGO — Vide **Puericultura** — 10.º cap., § 21.

ENGATINHAR — Dos nove meses em diante, o bebê sente necessidade de gatinhar, e de exercícios que constituam parte do aprendizado para o seu desenvolvimento muscular.

Devem-se afastar objetos perigosos (pontudos, etc.) de perto do local onde ele gatinha, e se o faz numa escada, convém impedir-lhe a subida, por meio de uma porteira, ou que tenha sempre alguém ao lado.

A criança sente necessidade de subir nos móveis, nas cadeiras, nas camas, e é preciso deixar, algumas vezes, que o faça, tendo sempre alguém ao lado.

ENJÓO — Não se conhece ainda a causa exata do enjôo. Existem várias teorias: devido a transtornos do aparelho digestivo e hepático; devido a desajustes dos ossinhos móveis do ouvido, e ao mau funcionamento dos órgãos do equilíbrio; a alergias ou então motivado por transtornos emocionais ou fatores psicológicos.

As crianças, que sofrem constantemente de enjôo, devem ser levadas ao médico. Pode-se prever o enjôo numa viagem, não dando uma alimentação muito forte antes da mesma. Em outros casos, é preferível darem-se pequenas porções durante o trajeto. Não é aconselhável falar constantemente que ele enjoa e, sim, procurar criar um clima de alegria e de otimismo.

ENTUSIASMO — a) Termo de origem grega, que vem de **enthousia** (inspiração divina), de **en**, **theos** e **ousia**, correspondendo a ter, substancialmente, a divindade. Assim, etimologicamente, **entusiasmo** é ter a divindade dentro de si ou o transporte divino.

b) Por analogia, é empregado para expressar a exaltação do espírito, do tonos psíquico, da tensão afetiva, que leva o ser humano à prática de atos extraordinários.

c) Emprega-se, também, para expressar a admiração viva que desperta, no ser humano, uma pessoa ou um feito humano. Daí empregar-se, também, para indicar a demonstração ruidosa de alegria e de contentamento.

d) Na Filosofia, porém, o termo **entusiasmo** deve ser empregado no sentido de revelação de qualidades superiores de um ser, de exaltação do espírito ante as grandezas e as belezas, que a inteligência humana é capaz de captar.

ENUNCIADO — Enunciar é exprimir os pensamentos por palavras. É manifestar, é proferir. **Enunciado** é o que é expresso por palavras. O **enunciado** de alguma coisa distingue-se da **definição**, pois, enquanto nesta, aponta-se apenas o que é essencial, naquele se pode descrever até os antecedentes. A definição

é um **enunciado**, mas de máxima determinação; é uma espécie de **enunciado**.

ENURESE (incontinência urinária) — A enurese é um problema que pode surgir. Torna-se um dos hábitos mais indesejáveis em crianças, e algumas vezes até em adolescentes.

A incontinência urinária (enurese), apresentando-se após a idade geralmente considerada normal, que vai até ao terceiro ou quarto ano, quando a criança já deve possuir o completo domínio de suas necessidades fisiológicas, e que não seja também por motivo de alguma deficiência física, deve ser tratada com toda a atenção.

Uma das primeiras providências é atentar-se para a alimentação, impedir a ingestão de líquidos à noite, principalmente antes de deitar.

Esse mau hábito pode ter como origem várias causas conscientes e inconscientes; há ocasiões em que nos revela ciúmes por um irmão. Nesses casos, costuma aparecer quando do nascimento do irmão: é, então, tipicamente, o sintoma de um estado de desequilíbrio emocional. A criança parece-nos regressar a uma idade já ultrapassada. Pode-se considerar como um recurso que ela usa, inconsciente, para chamar novamente a atenção sobre ela; julga poder atrair os pais, comportando-se como se fôsse um bebê. É um estado de regressão, provocado pelos ciúmes, que a criança sentiu ao ver-se preterida pelo irmão menor.

Quando a enurese prolonga-se até à juventude, então já é um sintoma de perturbações psíquicas, que necessitam um tratamento clínico.

ENVENENAMENTO — Vide **Puericultura** — 10.º cap., § 10.

EPISIOTOMIA — (Vide "Cuidados ao recém-nascido").

EQUANIMIDADE — Virtude subordinada às virtudes cardeais. (Vide **Cardeais**, virtudes). É o ânimo ponderado e equilibrado, a capacidade de sopesar os juízos; é a imparcialidade, o desapaixonnement.

EQUIPAMENTOS DE JOGO — É de grande valor para a criança e o jovem, o material dos jogos. Para o

bebê e a criança, são descritos na **Puericultura**, os que convêm.

Cabe aos pais a compra e seleção dos brinquedos e material de jogos mais interessantes para o filho. Ao mesmo tempo que proporcionam prazer, devem ter uma grande utilidade.

ERISPELA — Vide **Puericultura** — 11.º cap., § 10.

ERUPÇÕES — As erupções podem ser ligeiras e transitórias, enquanto outras aparecem com mais frequência, e se devem à intolerância com respeito a determinadas substâncias. Algumas parecem ser devidas a transtornos emocionais. Outras vão associadas a alguma enfermidade infecciosa, como o sarampo, a varíola, ou devido a enfermidades da pele, contagiosas, como: sarna, impetigo etc.

O médico é que se encontra capacitado em distinguir se é ou não de tipo infeccioso.

ESCAPAR — Certas proibições e regras devem ser impostas pelos pais, porém não ao excesso. Com três anos ou quatro, começa a criança a mostrar-se rebelde, mas esta rebeldia, desde que não ultrapasse os limites de uma liberdade sã, não deve ser proibida e sim controlada.

A criança, que ameaça aos pais que irá embora de casa, em geral, o faz verbalmente. Se caso o faça, alguma vez, é preciso buscá-la e levá-la para casa, sem impor-lhe qualquer castigo e, sim, procurar dar-lhe o máximo de carinho e compreensão. É natural que tratamos aqui de crianças normais e que não se encontram sob uma tensão emocional muito forte, em cujo caso, somente a ajuda profissional está capacitada para descobrir as causas, e deve ser imediata.

ESCARLATINA — Vide **Puericultura** — 11.º cap., § 7.

ESCOLA MODERNA — A muitos filósofos, pedagogos e pais surge uma importante pergunta: será a escola moderna superior à escola antiga? A pergunta não é descabida, e as razões são as seguintes: quando um adulto, que foi educado segundo a rígida disciplina antiga, em casarões obscuros, em que poucas coisas havia para distrair a atenção dos alunos, onde o currículo era rigoroso, os temas e exercícios nu-

merosos, as horas de estudo, pelo menos, o dôbro das atuais, compara essas escolas às modernas, cheias de luz, salões amplos, espaços para jogos, salas de aula decoradas de tôdas as maneiras, poucas horas de estudo, ausência quase total de exercícios e de temas para serem feitos, pergunta, então, a si mesmo, se tudo isso não dispersará o aluno, e se lhe dará o número de conhecimentos que realmente necessita para o seu desenvolvimento intelectual. Sem dúvida, a questão está aberta. As razões a favor de um lado e de outro, se polarizam, de tal modo, que podemos afirmar que a controvérsia ainda não encontrou uma solução satisfatória. Se considerarmos que o conhecimento, hoje, no campo pelo menos cultural, de um jovem de curso superior está aquém de o de um ginasião de quarenta anos atrás, com muito mais cultura, alegam outros que, em compensação, o estudante de hoje recebe uma instrução científica superior à que recebiam nossos avós. Por sua vez, alegam os adversários que as elites intelectuais no mundo inteiro revelam, hoje, um grau muito inferior de cultura que as elites do passado, e que o número de criadores, em todos os setores das atividades humanas, com exceção da técnica, é menor, em proporção ao do passado, apesar da multiplicação das escolas e do aumento dos diplomados de curso superior. Todos os setores de criação estão em decadência. Não há mais compositores, poetas, escultores, pintores como o passado ofereceu, a não ser que se queira considerar como superiores à música de um Bach, de um Haydn, de um Mozart, de um Vivaldi, essas cerebrais realizações de efeitos sonoros sem inspiração, que se apresentam como a última palavra da realização humana, ou um poema concretista, puramente mecânico, como o ápice da poesia, comparado a um soneto de Camões, ou um edifício retangular, como algo superior à Catedral de Colônia, ou uma pedra retorcida a algo superior ao Moisés de Miguel Ângelo. Realmente há quem julgue assim, e como apenas se justificam pelo gosto, também têm eles razão, porque para "le crapaud, la crapaupe", pois, para o sapo nada mais belo que a sapinha. E prosseguem em seus argumentos: podem justificar com palavras, com argumentos sofisticados, embora revestidos de uma terminologia apa-

rentemente culta, para ocultar a sua vacuidade, as teorias e pontos de vista, mas são apenas pontos de vista, que não resistem a uma especulação que obedeça às rigorosas e eternas leis da Lógica e da Dialética bem fundada. Então, os adversários negariam validade à Lógica, como se fôsse possível negar validade à Matemática. E todos se excedem em alinhar argumentos, e mais argumentos, na intenção de justificar a sua posição. Como o tema é a escola moderna comparada à antiga, vejamos, agora, os argumentos dos defensores desta: a escola moderna busca reunir o que havia de positivo e seguro na escola antiga, criando um ambiente mais vital, mais higiênico e mais humano. A escola torna-se um ambiente agradável. Os professores se esmeram no estudo pedagógico e na didática, buscam todos os métodos mais eficientes de ensinar, e guiam-se por resultados obtidos de observações e experimentações feitas com todo rigor. O colégio passa para a criança a ser como uma oficina de trabalho, como o é a oficina, onde seu pai emprega a sua atividade econômica. Também as fábricas modernas não são mais os casarões obscuros e primitivos, mas ambientes cheios de agradabilidade e a produtividade dos trabalhadores não diminuiu por isso, mas ao contrário. Todos esses argumentos são válidos sem dúvida, e correspondem a aspetos objetivos, que não podem ser ocultados. Mas, ninguém pode deixar de reconhecer que, ao lado disso tudo, poderia acrescentar-se, e deve-se fazê-lo, maior soma de conhecimentos, sobretudo os que se referem à parte cultural do homem, porque esse enriquecimento é para toda a vida, e dará ao homem em formação, elementos, que poderão servir de base para que possa ele usufruir, depois, tesouros, que estão de certo modo ameaçados de se perderem.

Se a escola moderna supera em muitos aspetos a antiga; a antiga, noutros, supera a moderna. Uma inteligente combinação das positivities de ambas é de desejar, e é o que anima os estudos de pedagogos, filósofos e pais que sentem a sua responsabilidade ante a herança da cultura humana e ante o futuro da humanidade. Por essa razão, a questão, sob certo aspeto, continua aberta, e não é de esperar que

os melhores resultados sejam obtidos imediatamente. Muito ainda nos resta a percorrer.

ESCOLA (Como se prepara a criança para ir à escola) —

A criança antes de se encontrar em idade de ingressar na escola, deve receber, por parte dos pais, certos conhecimentos, que podem ser ministrados, dando-lhe: lápis e tinta para usar sobre folhas de papel; lendo-lhe em voz alta, etc., para despertar-lhe a atenção. Ao chegar na idade indicada, deve ser levada à escola, e nunca à força, o que será prejudicial mais tarde. As ameaças comuns, como: "Se você fizer uma coisa mal feita, verá o que irá acontecer na escola" etc., devem ser evitadas.

Convém apresentar a escola como uma coisa natural e explicar-lhe o que irá fazer ali, de forma que vá com confiança, esperando encontrar outras crianças da mesma idade, fazer amizades, e aprender coisas novas.

Algumas mães não querem que os filhos desprendam-se de si, e daí, apesar de dissimularem, dizem com alegria que a criança não se adaptou, e de forma alguma quer ir à escola. Realmente, a maioria reage nos primeiros dias, mas, com o passar das vezes, acostumar-se-á facilmente.

ESCOLAS ESPECIAIS — Para crianças que sofrem de defeitos físicos ou mentais ou de alterações de tipo emotivo, há escolas especiais, com a administração de um ensino adequado. Em nosso país, ainda são em pequeno número, existindo alguns professores especializados, que proporcionam os conhecimentos necessários. Naturalmente que estas crianças necessitam um controle diário, e seu aprendizado é muito mais lento e dificultoso.

Algumas crianças, cuja capacidade não se encontra dentro do nível médio, não se sentem bem na escola, e talvez seriam mais felizes sem o contato com crianças ditas normais. Estas crianças se sentiriam mais felizes separadas das condições normais, numa escola, onde receberiam uma atenção toda especial.

ESCRÚPULO — É um estado de dúvida sobre o bem ou o mal, que está, ou advém, em algo, ou em uma deliberação que se tome. É, em suma, o receio de errar. Daí o **escrupuloso** ser cuidadoso, minucioso, atento

sobre o que faz, ou que pretende fazer. Consequentemente, é cheio de justas suscetibilidades, receoso, sobretudo, de errar.

ESFORÇOS FÍSICOS — Um esforço físico muito grande pode produzir uma distensão com lesão dos ligamentos. Os sintomas são: uma intensa dor no momento dado, um aumento na rigidez dos músculos, e incômodos para efetuar os movimentos normais. Nestes casos, convém descansar o membro ou local afetado, e aplicar um pouco de calor para aliviar a dor, e também uma massagem suave. Nos casos em que a dor for muito intensa, deve-se consultar o médico.

ESFRIAR — Quando as mãos e os pés tornam-se frios, é preciso dar-se atenção. No caso da criança, é conveniente levá-la a um pronto-socorro ou ao médico. Caso seja impossível, é necessário prestar-lhe os cuidados de urgência, como:

1) Administrar-lhe uma bebida quente, e levá-la para uma habitação quente.

2) Degelar a região que esfriou com compressas de água morna, envolvendo-a com mantas quentes.

3) Quando os pés e mãos recobram o calor, é preciso estimulá-los com exercícios.

Nunca se devem expor as regiões que gelaram a um calor excessivo, nem fazer fricções, pois os tecidos poderiam ser prejudicados.

ESPECIALISTAS — O especialista limita o seu estudo a um determinado tipo de terapêutica, a certas doenças, ou somente aos transtornos de determinados órgãos. Citaremos os mais comuns.

Alergistas — Especialista no diagnóstico e tratamento de pessoas excepcionalmente sensíveis a certas substâncias ou situações.

Dermatólogo — Especialista na constituição e enfermidades da pele e seu tratamento.

Endocrinólogo — Especialista nas secreções das glândulas do corpo e sua relação com as restantes funções do mesmo.

Ginecólogo — Especialista em enfermidades e desordens da mulher, sobretudo a tudo quanto se trata dos órgãos de reprodução.

Neurólogo — Especialista no diagnóstico e tratamento das desordens do sistema nervoso.

Oftalmólogo — Especialista na fisiologia, anatomia e enfermidades dos olhos.

Odontólogo — Especialista no tratamento dos dentes e correção das dentaduras.

Ortopédico — Especialista médico na correção e tratamento das enfermidades dos ossos, músculos e articulações, mediante manipulação, aparelhos especiais e cirurgia.

Pediatra — Especialista nas enfermidades das crianças.

Psiquiatra — Especialista em diagnóstico e tratamento de desordens mentais.

Psicanalista — Especialista, que trata de resolver, individualmente, os problemas de ordem mental, buscando as origens de seus problemas em relação com as suas situações na vida.

Psicólogo — Especialista em funções psíquicas, tais como pensamento, sensação, percepção. Um psicólogo não precisa ser, como o psiquiatra, doutor em medicina.

Cirurgião — Especialista em enfermidades ou desordens, que necessitam intervenção cirúrgica. Há diversas especialidades.

ESPECTATIVA — Tradução da palavra francesa "attente", que tem o sentido comum de: 1) situação da-quele que espera e 2) estado da consciência correspondente a essa situação. Foi introduzido esse termo, por Pierre Janet na terminologia psicológica.

ESPONTANEIDADE — (Do lat. *sponte*, por livre vontade, por livre ímpeto).

a) Diz-se da capacidade da vontade de atuar por sua própria iniciativa (*sponte sua*), com independência das condições antecedentes. A discussão da espontaneidade, nesse sentido, tem sido mantida

na Filosofia desde seus primórdios (vide **Livre arbítrio e Liberdade**).

A presunção de que a vontade atue livre de estímulos exteriores e de determinações antecedentes, daria a ela uma independência; ou melhor, que seus atos são espontâneos, não dependentes senão da vontade (vide **Dependência**). Essa afirmativa é negada por outros, que julgam que a vontade atua relativamente por outros, que julgam que a vontade atua reativamente.

b) Na vida social, diz-se que há espontaneidade nas iniciativas dos indivíduos uns para com os outros e, também, quando não há qualquer coação na realização dos atos, pois, do contrário, não seria livre e, sim, pressionada por outros.

ESQUEMA — (Do gr. *skhema* = figura).

a) Em seu sentido etimológico significa figura, a forma extrínseca, externa das coisas, ou a sua forma estrutural.

b) Aristóteles emprega, na Lógica, no sentido da figura silogística.

c) Para Platão, contudo, **esquema** era muitas vezes sinônimo de **forma**.

d) Para Pitágoras, **esquema** era a estrutura das formas, como lei de proporcionalidade intrínseca das coisas, sinônimo, portanto, de **logos** do ser, **logos** do **on**, **ontos** (ente), a estrutura ontológica das coisas.

e) Modernamente, em Kant, tornou a ser usado esse termo na Filosofia, como a estrutura mental, que a inteligência constrói das coisas.

Assim, para Kant, o número é o esquema da quantidade; a sensação, o esquema da realidade; o permanente e o invariável, esquemas da substância.

f) Na linguagem comum é a figura simplificada, que representa a coisa em seus traços essenciais.

g) Também o diagrama que se faz para representar as relações entre as idéias abstractas ou os factos não perceptíveis.

Crítica: É inegável que o entendimento humano, quer sensível, quer intelectualmente, procede por es-

quematizações e trabalha com esquemas. O esquema, neste sentido, é o *eidos* noético que o homem constrói, intencionalmente, das coisas, a forma *in mente*, cuja variação vai depender das estruturações esquemáticas, que presidem ao conhecimento e que se acomodam aos fatos para assimilá-los, e construir, assim, esquemas dos mesmos. O esquema, em suma, é a estrutura noético-eidética do homem, intencionalmente representativa dos objetos do conhecimento e do entendimento. Estamos, aqui, apenas no campo intelectual e psíquico. Mas, considerando-se que as coisas têm uma forma; isto é, um pelo qual são elas o que elas são, essa forma indica a lei de proporcionalidade intrínseca das mesmas, a estrutura eidético-fáctica das mesmas, da sua onticidade, e essas formas são, conseqüentemente, esquemáticas; isto é, há nelas uma expressão esquemática eidético-ontica, que é a forma *in re*, a forma das coisas, na sua onticidade. Vide **Introdução**.

ESQUISOFRENIA — Sinônimo de demência precoce, que às vezes o substitui. Consiste na perturbação patológica, que se revela por alucinações, ilusões fantásticas, e vida emotiva desorganizada; com uma intelectualidade deficitária.

ESTÁTICO — a) É o referente ao repouso, ao equilíbrio (vide **Equilíbrio**) das coisas em um determinado estado, sem sofrerem mutações sob o aspecto em que são consideradas.

b) Como substitutivo, é a parte da mecânica que estuda o equilíbrio das forças, que atuam sobre um corpo em repouso.

c) Por extensão, aplica-se ao campo social (**estática social**), quando estuda os fatos sociais sob um aspecto determinado, sem considerar suas transformações.

ESTERILIDADE — Nos últimos anos, a medicina moderna descobriu vários meios para determinar as causas da esterilidade, e para fazê-la desaparecer em grande número de casos considerados insolúveis. Através dos estudos feitos chegou-se à conclusão de que a esterilidade pode ser dividida em três categorias distintas: homens, mulher e fatores combinados de certos casais. A análise nos órgãos reprodutores masculinos é fácil de ser feita, e só em número mui-

to pequeno é que existe uma esterilidade permanente no homem; na mulher, é preciso um exame completo, pois as causas podem ser várias. Existem, não obstante, certas condições, no homem ou na mulher, cuja responsabilidade não lhes cabe, como ainda determinadas combinações e fatores em alguns casais, que não podem ser submetidos a tratamento, pois não dispomos de conhecimentos para resolver tais problemas. Estes casais devem enfrentar o problema realisticamente. Muitos optam pela vida em comum sem filhos, e outros preferem, nesta situação, adotar uma criança.

ESTESIÓGENO — O que produz sensação (de *aisthesis*, sensação, e *gênesis*, geração, em gr.). Aplicam-se estes termos aos estímulos ou sugestões, que provocam efeitos sensoriais específicos em indivíduos hipnotizados.

ESTIMAÇÃO — a) É uma função que se distingue do conhecimento e caracteriza-se pela capacidade de avaliar certos valores, funções que se observa desde os animais e, sobretudo, no homem.

b) Diz-se, também, do que se valoriza, do que se empresta um valor. **Estimação** por alguma coisa ou pessoa (Vide **Valor**).

ESQUIZÓIDE — Para Bleuler, é o tipo de personalidade cuja *libido* ou interesse está volvido para a vida interior, mais que para a vida exterior.

Para Kretschmer, é a personalidade introvertida ou encerrada em si, insociável, dada à fantasia, cuja vida emotiva, é mais ou menos incongruente com as idéias, devido a um desenvolvimento psíquico anormal. Também se diz do que pertence à **esquizofrenia** (Vide).

ESTÍMULO — a) É toda ação física ou mental, que provoca reações num ser vivo. Segundo o tipo de reação, o estímulo se qualifica. Se a reação for visual, será um estímulo visual. Dá-se, em geral, esse nome a todos os fenômenos físicos que provocam reações sensíveis.

b) Por extensão, aplica-se a tudo quanto move alguém a fazer, deliberadamente, alguma coisa. "Foi um estímulo para que lutasse...". Neste sentido, o termo é sinônimo de **Excitante** (vide).

ESTRABISMO — O estrabismo é hoje em dia praticamente curável se fôr iniciado o tratamento logo que é verificado. Durante os primeiros meses de vida, os olhos de um bebê podem desviar-se facilmente, e convergir ou divergir excessivamente, criando, muitas vezes, sérias preocupações aos pais. Com um pouco mais de idade, também dá-se o mesmo. Quando perdura além dos três meses, deve ser levado ao conhecimento do médico. O uso de óculos apropriados proporcionarão descanso aos olhos, que, assim, retificam o desvio. No caso do estrabismo, é preciso, além do uso de óculos, exercícios óticos e, às vezes, uma operação.

ESTRANHOS (Os) — É comum, dos sete aos nove anos, que a criança se mostre surpreendida com estranhos. Esta é uma fase transitória, na qual a criança estabelece a diferença entre sua mãe, e as outras pessoas, que conhece, bem como as pertencentes ao mundo exterior.

A medida que cresce, recebe os estranhos com mais naturalidade, acabando por acolhê-los com naturalidade.

ESTREPTOMICINA — (Vide Remédios Modernos).

ESTUDOS — Após a finalização do primário e ginásio, os jovens encontram-se ante vários caminhos a seguir. Uma grande maioria opta pelo científico ou clássico, outros pela escola Normal, comércio, etc. Os preparatórios à qualquer Faculdade servem de base aos estudos, que mais tarde serão seguidos. Quando o jovem decidiu o curso que vai fazer, é preciso que os pais o ajudem, tanto quanto possível. Os estudos são sempre caros e uns mais que os outros. Apesar da grande maioria caber ao Estado, cuja mensalidade é mínima ou inexistente, em alguns casos, os livros, o material de práticas e de estudos devem ser adquiridos. Ainda em nosso país o número de jovens que conseguem pagar os seus estudos é pequeno. Em geral, não há nos próprios colégios, como se dá na grande maioria dos países europeus e nos E.E.UU., pequenas tarefas que proporcionem um meio de ganho aos estudantes, de forma a não perturbar-lhes o estudo.

As bolsas de estudos são uma forma de auxílio mantido ou pelo Estado ou por associações benefi-

cientes, e podem ser pleiteadas por qualquer jovem, desde que preencha os requisitos obrigatórios.

ÉTICA — A palavra ética é derivada da grega *ethos*, que significa costume. Mas é com Aristóteles que passa a ser a ciência do moral.

O moral, na ética, é tanto o moralmente bom, como o moralmente mau.

A distinção entre Ética e Moral impõe-se por diversos motivos e razões. Se os termos *mos*, em latim, e *ethos*, em grego, serviram para nomear duas disciplinas, estas se distinguem, embora a segunda se subordine ontologicamente à primeira.

Se a filosofia clássica não distinguia, propriamente, a Ética, da Moral, pois ambos termos eram usados sinonimicamente, é preciso considerar que, após o advento das idéias modernas, e das diversas posições tomadas ante essas disciplinas, há necessidade de distingui-las. Pois, enquanto a segunda se refere aos costumes usados entre os homens, a primeira dedica-se ao estudo das normas éticas invariantes. Para quem se coloca na posição que afirma não ter a Ética outra origem senão nos costumes humanos, para quem assume uma posição sociologista, empirista, positivista, pragmatista, etc., considerará apenas aquela: ciência dos costumes humanos. Para quem busca as raízes mais profundas dos nossos costumes, as leis invariantes que os regem, considera aqueles como símbolos das normas éticas, que são os simbolizados.

ETIQUETA — Vide Modos.

EUFORIA — Bem estar do corpo. Quando de origem patológica, é o estado mental que se caracteriza por sensações de bem estar, de otimismo e de força, sem que existam motivos suficientes para tal.

EUTRAPELIA — Prazer pela recreação e pelo divertimento, com o intuito de espairecer. Para Aristóteles é uma virtude. Vide Prazer.

EVOCAÇÃO — A evocação, psicologicamente falando, exige a ação da vontade na busca das imagens, que são representadas. A memorização é, também, dos animais, mas não a evocação, pois, nesta, há um trabalho de busca, uma atividade do espírito. Nada le-

va a crer que os animais sejam capazes de evocar os fatos, mas apenas podem rememorizá-los, eventualmente.

EXAME — a) Consideração, investigação, análise, pesquisa atenta para averiguar alguma coisa. Mas o exame exige certo sistematismo, pois tem sempre uma finalidade, que é a de averiguar o valor de alguma coisa ou pessoa, ou fatos e suas relações.

b) Na Fil., emprega-se a expressão **livre exame** para significar a independência de opinião, a libertação do jugo da autoridade em matéria de fé ou de doutrina, preferindo examinar, por si mesmo, e só aceitar o que a sua razão ou experiência aceitar ou comprovar.

EXAMES — Vide Notas escolares.

EXCEPÇÃO — a) É a ação pela qual se realiza uma limitação, uma restrição, como a exclusão de uma regra, de uma ordem, de um conjunto, etc.

b) Usa-se, ademais, para referir-se ao que é excluído de uma regra: a exceção da regra.

EXCURSÕES — Todas as crianças e jovens gostam de ir em excursão para conhecer e ver coisas novas. Qualquer excursão, por mais simples que seja, encanta as crianças, mostrando-lhes, ao mesmo tempo, um sem número de coisas novas e interessantes. As crianças observam muito mais do que certos pais supõem; algumas fazem perguntas; outras assimilam e observam, sem comentários, todos os sons, tudo o que vêem, e tudo o que o seu olfato percebe.

Tão importante como o ponto de chegada da excursão é a satisfação do preparo e planejamento do que se irá fazer durante a estadia. Os pais devem projetar, elaborar conjuntamente com os filhos, todas as minúcias, de forma que a excursão, por mais simples que seja, tome, ante os olhos da criança, um ato significativo e cheio de interesse.

EXIBICIONISMO — Na Psicologia, denomina-se o hábito de exhibir certas partes do corpo, especialmente as genitais. Também se emprega para toda e qualquer atitude de exteriorização que um indivíduo realiza com o intuito de converter-se em centro de atenção, e que se pode explicar pela ânsia de prestígio social.

No primeiro caso, quando se manifestam em crianças em idade em que o pudor já deve estar formado, revela certa gravidade psicológica, pois aponta certo desequilíbrio de carácter sexual, em que há o intuito de compensar um sentimento de inferioridade. Nos casos em que a jovem busca roupas chamativas, atitudes exageradas, com o intuito de atrair para si a atenção dos outros, temos sempre um sintoma de desequilíbrio emocional, sobretudo de inferioridade. Em tais casos, deve-se procurar a cooperação de um psiquiatra.

EXPLANAÇÃO — Explanar é tornar plano, tornar fácil, explicar, ilustrar, tornar inteligível alguma coisa. **Explicação** é a explicação de alguma coisa, tornando-a inteligível. É o desenvolvimento causal, a descrição, a clarificação sistemática. É a interpretação científica, a conexão intelegível, é a mostra discursiva de que alguma coisa obedece a normas, a invariantes, a leis.

EXPLICAR — É tornar inteligível e claro o que se apresenta obscuro. Em sua origem etimológica, a palavra vem do latim **explicare**, de **plica**, prega, **explicare** é pois **despregar**, **desembrulhar**, revelar o que estava oculto. Emprega-se, assim, o termo no sentido não só do que clareia, como do que expõe, do que desenvolve, do que explana. Nesse sentido, é sempre o termo empregado com variantes que incluem o sentido do que clareia, do que torna inteligível ou mais inteligível alguma coisa. Permite, assim, seu emprêgo uma escalaridade intensista, desde o mais simples ao mais complexo, desde o desvendar da verdade até o simples esclarecimento, o simples apontar. Ao nos depararmos com tal termo na Filosofia, devemos sempre ter o cuidado de precisar em que grau intensista o usa o autor.

EXPLORADORAS E EXPLORADORES — Em nosso país há a associação das **Bandeirantes** e a dos **Escoteiros**. Ambas proporcionam às crianças e jovens ambiente a uma vida em comum, e prática de esportes, primeiros socorros, etc.

A organização internacional dos escoteiros (**boy scouts**) é de origem inglesa, e seu fundador, o coronel Robert Baden Powell, elaborou, com um amplo e compreensivo espírito, a organização, cujo lema todos acatam: o respeito mútuo e a ajuda ao mais fraco.

Os escoteiros e bandeirantes (girl-scouts) estão divididos em pequenos grupos, com um chefe de mais experiência e idade, que cuida do seu grupo, dependendo, por sua vez, de outros chefes. Os grupos dividem-se por idade.

Reunem-se periodicamente nos acampamentos internacionais, onde participam grupos escolhidos em cada país durante um determinado período.

EXTRAVAGÂNCIAS — Na adolescência, aparece uma série de extravagâncias, tanto no jovem como na jovem. A grande maioria acaba desaparecendo com o tempo, enquanto algumas, quando perduram além do normal, devem ser combatidas.

EXTROVERSÃO — Vide **Temperamento**.

Nos dilatados médios, a extroversão é natural, como a introversão o é para os retraídos em geral. O que é anormal é um dilatado introvertido, e um retraído de base extrovertido. Tais casos passam a ser clínicos, e exigem a cooperação de um psiquiatra.

F

FALAR (O) — Antes de um ano e meio, o bebê emite sons, e muito raramente articula uma palavra. Quando começa realmente a falar, os pais tomam duas atitudes: uns crêem que é um erro corrigir os defeitos de linguagem dos seus filhos, e outros, pelo contrário, opinam que não se deve deixar que pronunciem mal as palavras desde o primeiro momento. O melhor é, naturalmente, uma atitude intermediária, sabendo quando e como se deve fazer a correção.

A criança, que demora para falar, não pode ser classificada de “lenta”, de “retardada”. Muitas, que falaram bem tarde, foram sempre inteligentes. Se uma criança de dois ou três anos fala com dificuldade, e pronuncia um número muito limitado de palavras, o primeiro cuidado a tomar-se é levá-la a um especialista do ouvido. Caso não tenha nada, é aconselhável deixá-la o máximo possível na companhia de outras crianças, pois a necessidade de falar será mais imperiosa e atrativa.

Nunca se deve mostrar impaciência ou uma imperiosa necessidade de correção, quando a criança, que demonstra lentidão, está contando qualquer acontecimento. A melhor atitude é deixá-la que se expresse livremente, só corrigindo determinadas palavras.

FALSIDADE — a) A falsidade opõe-se à verdade. E assim como há uma classificação da verdade, há uma classificação da falsidade. Vide **Verdade e Erro**.

b) É definida na Lógica do mesmo modo que a verdade, ao excluir-se a adequação ou conformidade. Há falsidade lógica quando há desconformidade en-

tre a coisa e o intelecto; ou seja, entre a cognição e a coisa.

A desconformidade ou inadequação pode ser **positiva** ou **negativa**. **Positiva**, quando o intelecto retira do objeto algo que ele tem ou empresta-lhe algo, que ele não tem; **negativa**, quando o intelecto cogita de alguma coisa que não há na coisa, ou não cogita do que realmente há na coisa. Também se chama **ignorância** em tais casos.

FALTA — a) Carência, penúria do que é necessário.

b) Emprega-se, também, no sentido de ausência, no de negação (falta de ciência), de engano e erro (as faltas cometidas), no de pecado (falta grave).

Indica, assim, o conceito de **falta** a ausência do que é devido, ou a prática de um ato, que ofende ao que devera moral e eticamente ser.

FALTA À ESCOLA — Na linguagem estudantil, denomina-se *gazeta*, *cábula*, etc., a falta do aluno à escola, com o desonhecimento dos pais ou tutores. Assumem tais fatos uma importância exagerada aos olhos de muitos pais e mestres. Realmente, não são elas aconselháveis e representam uma quebra da disciplina escolar e pessoal. Contudo, o excessivo rigor com que se tratam tais faltas leva a muitos meninos a esconderem-se, ou a procurarem companheiros, em cujos bandos, aprendem a prática de muitos atos anti-sociais. O que é mister é descobrir as causas, que levam o aluno a faltar à aula deste modo. Esse exame poderá permitir que se faça um estudo etiológico do caso, e se possa atender, em singular, de modo a dar soluções plausíveis. Na zona rural, onde a escola está às vezes muito distante do lar, há certa desagradabilidade da criança para percorrer essa distância, e temos aí uma razão das faltas. Noutros casos, há aversão pela escola, devido à rigidez de certos mestres, ou a agressividade de certos alunos maiores ou mais fortes, que aterrorizam o faltante. Noutros, é a criança que não compreende bem as aulas e é ameaçada de castigos, ou se julga injustiçada (o que muitas vezes acontece) por professores que, por ogeriza ao aluno, lhe dão notas excessivamente baixas, outras por que companheiros ridicularizam suas roupas pobres, seu desajeitamento e, também, por

que as aulas são más, professores péssimos, aproveitamento quase nulo. Pode-se estabelecer a seguinte norma: uma criança falta à escola deste modo, porque se alia um esquema de desagradabilidade ou, então, porque sente muito mais prazer em passeios, aventuras fora do âmbito escolar. Mas esta segunda razão nunca atuará de modo determinante se não se der a primeira: o esquema da desagradabilidade e até da intolerabilidade. Quando se dá pela segunda causa, sem que haja motivo na primeira, há, sem dúvida, algum desequilíbrio emocional, que deve ser considerado, a fim de buscar a sua solução.

Nas escolas modernas, esses casos não são mais tratados com o rigor que mereciam anteriormente. Cada caso é um caso particular, e o mestre, que tem consciência de suas responsabilidades, procurará os pais para poder examinar o caso e contribuir com conselhos, a fim de evitar a repetição de tais faltas. O pouco interesse de certos pais, que não se preocupam que tais casos se dêem, têm sido a razão do aumento dessas faltas. As práticas usadas em alguns países de escolas disciplinares para tais alunos, e as há de várias espécies, não são aconselháveis, pois geram novas injustiças. Cada caso deve ser estudado com cuidado. Quando o filho se queixa da escola aos pais, faz determinadas referências ao que não gosta, devem, então, estes prestarem atenção e interessarem-se em ter uma nítida idéia da realidade, em vez de responderem rispidamente aos filhos, impedindo-os de manifestar o seu desgosto. Se os casos se manifestam de modo grave, devem procurar os mestres responsáveis, de modo que, juntos, possam resolvê-los, desde o início, a causa de tais atos indisciplinares, a fim de evitar que se agravem.

FALTA DE ASSEIO NO VESTIR — A criança com três ou quatro anos não poderá seguir estritamente as normas de higiene, julgadas necessárias pelo adulto. Naturalmente que os preceitos higiênicos básicos devem ser dados desde esta idade, para que a criança se acostume a eles. É preciso sempre chamar-lhe a atenção pelo asseio, sem querer torná-la uma "verdadeira boneca", que não se possa pegar, o que seria contra indicado, pois a primeira, não lhe possibilitando a liberdade necessária aos seus atos.

Deve-se fazer a criança guardar os brinquedos, e também as roupas, ao mesmo tempo que se acostume a mudá-las diàriamente.

FAMÍLIA — Não é apenas um grupo social, fundado na emergência bionômica, como a explicação meramente fisiologista pretende estabelecer, pois o homem não é apenas corpo. Tem a família um fundamento psicológico e um fundamento social, pois tende a prolongar-se e constituir-se nos filhos, que advêm, já que ela, concretamente, não é apenas o par, mas também os filhos e, ademais, tem o seu papel histórico-social, e ainda o sobrenatural, pois, ao constituí-la, o par não tende apenas a satisfazer as necessidades de ordem fisiológica. Há uma identificação, uma comunhão em algo superior, pois, do contrário, não há propriamente família, mas apenas um ajuntamento, que pode ser cancelado pela lei.

FAMÍLIA MODERNA E A EDUCAÇÃO — Apesar de muitas doutrinas malsãs pregarem, dissolventemente, o desaparecimento da família, esta é, sem dúvida, o esteio de toda vida cultural superior da humanidade, de toda vida civilizada. Essas doutrinas que pregaram que o Estado pode substituir os pais na educação dos filhos, malograram na prática e tiveram que, outra vez, ir de encontro à família, por compreenderem que é no lar que se fundamentam os mais importantes estelos da construção de uma mente humana. Não é a família, como nunca foi, nem o é na época atual, quando a luta econômica penetra em todos os setores, de modo a exigir da mãe uma função econômica fora da sociedade familiar, um ajuntamento apenas de pessoas, que unem suas vidas, para conviverem, etc. Não; a família é algo que transcende a uma mera conjunção de dois seres de sexos diferentes: é uma sociedade que se forma com laços que ultrapassam ao que pertencem ao âmbito jurídico, constituindo-se numa tensão, numa coerência nova, em que há algo que é imponderável aos espíritos mesquinhos e míopes, que a combatem.

É aos pais que cabe o principal papel de educar os filhos. Ao mestre, ao genuíno pedagogo, cabe um papel suplementar, contudo um papel importantíssimo, porque além de supletivo ao dos pais, deve ser guiado de modo a robustecer o que há de sólido, e contribuir, tanto quanto possível, para dar aqueles a

orientação que muitas vezes lhes falta. O mestre, que deve ser um pedagogo completo, no genuíno e completo sentido da palavra, não é apenas um ser mais experimentado e mais sábio, que ministra conhecimentos aos jovens. É alguém a quem cabe uma função muito nobre e muito elevada: a de ser um complemento justo e cuidadoso da família, pois a escola deve ser um complemento do lar, do contrário ela falseará suas justas finalidades.

A personalidade da criança forma-se no lar. E essa personalidade a acompanhará, depois, pela vida, para o seu bem ou para o seu mal. Devem os pais ter sempre em mente a grande responsabilidade que assumem, quando trazem ao mundo entes que serão pessoas, que terão um sentimento e uma personalidade, que sofrerão, amarão e ansiarão de todos os modos.

Sem dúvida, as atuais condições da vida oferecem condições muito desfavoráveis ao papel dos pais. As influências, provindas de tantos setores malsãos, penetram no lar, e há, por toda a parte, uma desenfreada propaganda do pior (vide **Corrupção, propaganda desenfreada**), que uma falsa e sofismática visão democrática quer dar foros de validade. O rádio e a televisão podem exercer um papel deletério e contribuir para derrocar a melhor construção que os pais desejam para os filhos. Ademais, pais não devidamente educados, infestados de idéias dissolventes, procuram inocular em seus filhos as maneiras deformadas de ver e de considerar as coisas do mundo.

Há uma seqüência de males modernos, que obstaculizam a boa ação familiar, e perturbam as providências bem intencionadas de pais responsáveis.

Muitos pais não dão o amparo devido aos filhos, e depois se assombram de que estes revelem inseguranças, anseios aparentemente inexplicáveis. Se entre os esposos não há mútuo entendimento e confiança, se entre eles se observam desconfianças e críticas acerbadas, que pode tudo isso semear na alma infantil senão o que a corromperá, a tornará inapta para uma vida melhor? É mister que os pais considerem, desde o momento que, por sua livre responsabilidade,

puseram no mundo um nôvo ser, que é carne de sua carne, que a união que havia entre êles assumiu um nôvo papel, um nôvo sentido, bem como uma nova responsabilidade.

As experiências pedagógicas, que foram tão ardentemente defendidas, de que era possível substituir com vantagem a vida familiar, malograram e deram como resultado desajustados de tôda espécie. Nesta última guerra, a de 1939, devido às ameaças dos bombardeios, muitas crianças foram retiradas de seus lares e levadas para outras regiões. Não há dúvida que assistia a essa providência razões respeitáveis, porque se tratava de salvar vidas ameaçadas de destruição. Mas, do lado pedagógico, verificou-se que as crianças que permaneceram com os pais e que assistiram os horrores dos bombardeios são, em sua grande maioria, mais equilibradas que aquelas que foram afastadas, as quais revelaram desequilíbrios emocionais e neuróticos, supinamente graves.

O pedagogo moderno não deve abrigar em sua mente as idéias precipitadas e mal construídas de pedagogos mal orientados, que pregam, indevidamente, de que os organismos estatais sejam capazes de substituir o lar.

Enquanto houver sociedade humana superior, culta e civilizada, jamais outro organismo substituirá a família, salvo se se quer construir uma humanidade de robots, desajustados emocionalmente.

FAMILIAR (ASSISTÊNCIA) — Vide Pais e a pedagogia moderna.

FANTASIA — a) Indicavam os escolásticos com a palavra gr. *phántasma* (*fantasma*) tôda imagem, surgida da sensação, que permitia a posterior elaboração conceitual. Os fatos eram recolhidos através de fantasmas, que traziam em bruto as formalidades que o intelecto, ativamente, abstraía depois, e classificava nas séries conceituais. Esse conceito de fantasma já vinha de Aristóteles.

b) Hoje, o conceito de fantasia significa o livre jogo da imaginação criadora, não disciplinada pelas regras lógicas, ou como criadora apenas de ficções, que se afastam mais ou menos da realidade.

c) Emprega-se, na música, para intitular uma composição musical que expressa a fantasia. (Vide *Sonho*).

FARMÁCIA CASEIRA — Damos abaixo uma lista do material e elementos básicos para a formação de uma pequena farmácia caseira:

2 rolos de gaze; esparadrapo, algodão hidrófilo (em pacote), tesouras, pinças, um conta-gotas, um vidro de vaselina, aspirina, cibalena ou novalgina, etc., dois termômetros (um para uso retal e outro oral), um antisséptico, um pacote de bicarbonato de sódio, uma seringa com agulha hipodérmica, álcool, um desinfetante (mercúrio-cromo, iodo, etc.).

É preciso colocarem-se rótulos em todos os vidros de forma a não haver confusão. Em casa, onde há crianças pequenas, é aconselhável colocarem-se os vidros de remédios ou de substâncias venenosas, fora do seu alcance. Não se deve dar a uma criança um remédio velho, pois muitos perdem a eficácia, sendo, em alguns casos, perigosos.

FATOR RH — O fator Rh é uma característica, que se encontra freqüentemente nos glóbulos vermelhos do sangue. Chamou-se Rh devido à relação que tem com uma substância, encontrada nos glóbulos vermelhos dos macacos Rhesus. Quando os glóbulos vermelhos de uma pessoa contêm este fator, diz-se que é "Rh positivo", do contrário, é um "Rh negativo". Ter o Rh positivo ou o "Rh negativo" tem o mesmo valor. Quando os membros de um casal são Rh negativos, nada há para preocupar-se. Quando, porém, o pai é Rh positivo e a mãe Rh negativo, encontram-se às vezes, no filho, Rh positivo, um tipo de anemia muito grave, conhecida tecnicamente pelo nome de *Eritroblastosis fatalis*, ou enfermidade emolítica do recém-nascido. O resultado pode ser uma icterícia e um desenvolvimento do baço no nascimento ou logo depois.

A possibilidade de que de uma mulher Rh negativa e de um homem Rh positivo o filho seja Rh negativo a possibilidade é de 50%. Neste caso, não surge nenhum problema. Se por acaso for a criança Rh positivo, uma pequena quantidade da substância Rh, ao entrar na corrente geral sanguínea da mãe, provoca-

rá uma reação. Seu sangue negativo começará a produzir anticorpos, como reação contra este fator Rh positivo, estranho a ela. Estes anticorpos, ao passar para a circulação da criança, destroem as células vermelhas do Rh positivo do mesmo, e isto produz transtornos na criança.

Uma análise do sangue demonstrará se a mulher, que se encontra grávida, é Rh positivo, ou Rh negativo. Se for Rh negativo, o marido deve submeter-se, também, a uma análise do sangue. Se for Rh positivo, deve repetir-se o da mãe umas três vezes no decorrer da gravidez, para basear-se a presença dos anticorpos. Caso estes apareçam no fim da gravidez, o feto nada sofrerá, mas é preciso que o médico esteja de sobreaviso para qualquer eventualidade.

Caso, no momento do nascimento, a criança esteja afetada, é preciso praticarem transfusões de sangue Rh negativo, pois é a única forma de corrigir-lhe a anemia para a qual estará predisposta.

FÊ — Vide Educação religiosa.

FEBRE — Vide Puericultura — 10.º cap., § 11.

FEBRE DE FENO — A febre ou catarro do feno não tem relação alguma com o próprio feno. Trata-se de uma alergia nasal, produzida pela inalação do pólen de certas ervas. Como acontece em outras alergias, influi, muitas vezes, nela, um fator emocional.

Caracteriza-se a febre do feno por espirros, prurido e obstrução do nariz. Em alguns casos, produzem-se lágrimas, coceira e avermelhamento dos olhos. Em alguns, aparece uma tosse seca, e muitos pacientes chegam a perder o sentido do olfato e do sabor, durante um ataque agudo.

Caso estes ataques se manifestem a miúdo na criança, convém levá-la ao médico, que prescreverá um tratamento adequado.

FEBRE GLANDULAR — É mais comum nas crianças maiores e nos jovens, e raras vezes se apresenta em crianças com menos de seis meses.

As causas desta enfermidade não foram ainda determinadas, e seus sintomas variam muito. Pode, por ex., apresentar-se com febre alta ou sem nenhu-

ma febre; pode parecer-se à gripe, e em certas condições adota as aparências de apendicite. Nos casos graves, dá-se a infecção das vias respiratórias, especialmente dor de garganta, debilidade e provavelmente calafrios; inchaço dos gânglios linfáticos, sobretudo no pescoço, e por trás das orelhas.

Não existe tratamento específico para esta enfermidade. Não é fatal, mas pode, em alguns casos, originar sérias complicações.

FEBRE REUMÁTICA — É uma enfermidade não contagiosa, que aparece, freqüentemente, nas crianças entre os cinco e os quinze anos. Pode afetar qualquer parte do corpo, mas ataca, principalmente, as articulações, o coração, os vasos sanguíneos e a pele. Complica-se às vezes com a enfermidade conhecida sob o nome de "coréia" (Dança de San Vito), afeta o sistema nervoso. A febre reumática ataca o coração, produzindo uma inflamação ou cicatriz no músculo e válvulas do mesmo.

Os sintomas gerais são: perda do apetite e a palidez, a falta do aumento do peso, a irritabilidade, e a dor nas articulações e nos músculos. A temperatura pode ser baixa, alta ou irregular. Quando a criança acusar os sintomas acima mencionados, deve-se levá-la ao médico, imediatamente. O tratamento consiste, principalmente, num longo período de descanso na cama, sob supervisão médica, uma alimentação controlada. O uso de antibióticos indicados pelo médico serão de grande efeito.

A maioria das crianças que sofreram febre reumática se restabelecem completamente.

FÉCULAS — Vide Nutrição.

FELICIDADE — Do latim *Felicitas*, que vem de *Felix*, ditoso, afortunado, feliz, que, por sua vez, decorre de *Fénus*, oris, que significa o que produz a terra, o produto, o ganho, o lucro, a vantagem, o proveito.

Por ser racional o ser humano, e caber-lhe a capacidade de tinese parabólica (vide), é ele capaz de comparar o que é com o mais perfeito que poderia ser e, daí, aspirar à perfeição absoluta.

A perfeita felicidade implica a exclusão total de todos os males, a posse de todos os bens e a perpe-

tuidade da posse, quer subjetivamente (certeza dessa posse), quer objetivamente, a posse perfeita de fato.

Essa aspiração é manifestada em inúmeros atos humanos e no anelo constante da felicidade. O ser humano tem consciência, portanto, da perfectibilidade absoluta, e a deseja.

Não encontra êle a quietação do espírito na posse e no uso dos bens materiais (bem-estar), mas na posse da perfeição absoluta (felicidade).

O bem-estar é, portanto, uma relativa satisfação das nossas aspirações e a sua conquista favorece o progresso **técnico e material** do homem, enquanto o prosseguir no caminho indicado pelas normas éticas, para a conquista da felicidade, favorece o progresso moral e a alcançar a quietude do espírito, a paz da consciência, sobre a qual se fundamenta a verdadeira felicidade.

Felicidade e bem-estar são distintos e a confusão entre ambos tem sido causa de trágicas consequências, sobretudo para o homem moderno, que tanto se tem descuidado dos estudos éticos, tão importantes e fundamentais para a melhor compreensão de sua vida social, o que lhe tem alimentado o ressentimento, fonte de tantas incompreensões humanas.

FELICIDADE E O LAR — Um dos mais sérios e graves equívocos modernos, cometido por muitos, é a lamentável confusão entre **bem-estar** e **felicidade**. O **bem-estar**, que pertence mais ao corpo, nos é dado pelas coisas, mas a **felicidade** é algo que nos dá o espírito. O **bem-estar** é a tranqüilidade material, mas a **felicidade** é a tranqüilidade da mente. Confundir uma com outra foi o grande equívoco da época moderna, e que atirou o ser humano à mais desenfreada busca de domínio sobre as coisas e sobre as riquezas materiais, julgando encontrar nelas a solução desejada: a **felicidade**. O resultado foi uma decepção embaraçosa e estranha, que colocou o homem moderno num estado de perplexidade e incerteza. No entanto, tudo isso decorre de erros fundamentais, de erros de partida, que poderiam perfeitamente ser evitados. A felicidade é o resultado de uma atitude mental, de uma nova postura espiritual ante a vida, e é um erro julgar-se que só se pode ser feliz onde a abundância domine, onde o excesso de coisas supérfluas encham

a nossa vida. E, no entanto, poucos são os ricos felizes. Há pais que julgam poder tornar seus filhos felizes ao dar-lhes o máximo de bens materiais e apenas constroem o caminho de sua infelicidade, por não atenderem os outros aspectos mais importantes. O bem-estar pertence à sensibilidade humana, mas a felicidade pertence à intelectualidade. Só há felicidade onde o espírito humano se aquieta na contemplação do que é belo e verdadeiro. Não se compreender bem essa diferença, como dissemos, foi a fonte de grandes malogros para o ser humano.

A felicidade exige uma atividade criadora, em que a fantasia e a vontade atuem em função do intelecto. Só quando a mente humana se dedica ao conhecimento, às atividades culturais, ao trabalho criador de carácter artesanal, aos "hobbies", à fotografia, ao colecionamento, aos trabalhos científicos (todos espontaneamente aceitos e praticados), à arte, à música, aos concertos familiares, à formação de coros, orquestras, grupos de estudo, aos debates sobre temas superiores, ao estudo sobre as matérias mais elevadas, ao estudo da história, da cultura, do progresso humano, das suas grandes conquistas, ao estudo da vida dos grandes homens, ao teatro, à declamação, ao contato diário e permanente com os livros, aos centros de estudos, às conversações sobre temas escolhidos, aos exercícios de inteligência, à solução de problemas lógicos, aos jogos que exigem o emprego da inteligência, à meditação bem orientada, à oratória, à poesia, às excursões com orientação científica, ao estudo da natureza, das teorias científicas e suas hipóteses, à zoologia nos jardins zoológicos etc., encontra, então, momentos de felicidade. Mas tudo isso exige ainda mais para a felicidade da criança: o lar harmônico, pais que se compreendam e se respeitem, que se amam, que mantêm o carinho e o respeito mútuo, que se apoiam, que mantêm conversações elevadas, que invadam temas superiores.

Sem isso, é inútil pensar que os filhos serão felizes, por que disporão de dinheiro, de coisas, de bem-estar material.

FÉRIAS COM CRIANÇAS — O período de férias tem um grande significado para a criança. É o momento em que desfrutará de ar livre, de passeios, de jogos em

conjunto, e terá também momentos alegres junto com os membros da família.

As férias devem ser aproveitadas ao máximo por todos e, para isto, é preciso estudar-se bem o local onde ir, os divertimentos e passatempos que lá encontrarão, e o ambiente que cercará a criança, o que é muito importante. Muitos pais se preocupam mais em gozar as férias do que realmente proporcionar bens aos filhos. Há locais que são desaconselháveis às crianças e, entretanto, grande número de pais optam por eles, desprezando, muitas vezes, outros que seriam muito mais convenientes.

Em nosso país há falta de locais para férias. Existem em número reduzido, apresentam, muitas vezes, falta de conforto. O uso do **camping** ainda não foi instalado em nosso país, como o é feito em larga escala nos EE.UU. e na maioria dos países europeus.

FÉRIAS ESCOLARES — O período de férias deve ser feito, se possível, regularmente, todos os anos, mas não deve estender-se por muito tempo. A criança goza de liberdade, horários flexíveis, e tudo isto a acostumará a não suportar o horário rígido que terá de seguir no período escolar.

Convém cercar-se a criança de um ambiente aconselhável e puro, com amigos e parentes, que lhe possibilitem companhia para os passeios e passatempos.

FERIDAS — Vide **Acidentes (Previsão de)**, **Hemorragias**; **Cortes**; **Primeiros auxílios**; **Fraturas**.

FERIMENTOS — Vide **Puericultura** — 10.º cap., § 12.

FESTAS — As crianças, assim como os jovens, apreciam muito as festas. Para as crianças, deve-se ter sempre em mente, que elas são necessárias, não, porém, em demasia. Naturalmente, que as festas de celebração de aniversário devem ser realizadas, e nunca passar despercebidas. As festas infantis devem ser de pequena duração; os doces e salgados não devem ser em demasia. Deve-se planejar com antecedência os brinquedos e jogos para entreter as crianças.

Ao chegar aos 12 anos, as meninas e os meninos gostam de assumir a responsabilidade total de suas festas. São eles que organizam e convidam os amigos. Os pais devem manter-se um pouco afastados,

recebendo, naturalmente, os convidados, conversando um pouco, mas, também, retirando-se para outra sala, e deixando os jovens à vontade.

FESTAS CONVENCIONAIS — As festas de Natal, Ano Novo, Páscoa, devem ser celebradas dentro do âmbito familiar. São as que têm mais importância para a vida familiar, e deve-se prepará-las de forma que gravem na memória das crianças uma lembrança agradável de união familiar.

FICÇÃO — Vide **Imaginação**.

FIDELIDADE — Vem do latim *fides* (fé), mas significa o ato de vontade com promessa de manter-se perseverante quanto às convicções, quanto às idéias e ideais, no cumprimento das resoluções tomadas, no apóio e solidariedade a alguém, por qualquer ou por todos os aspectos. É sinônimo de **lealdade**.

FILANTROPIA — (Do gr. *philos* e *anthropos*, amor e homem, amor ao homem). a) A doutrina filantrópica surge com os estóicos gregos, e desenvolve-se, através de Sócrates, alcançando os romanos. Correspon- dia ao **cosmopolitismo**, sendo este termo mais de significado jurídico. Consistia essa doutrina na valorização do que há de universal no homem, próprio a cada região, ciclo cultural, etc. Pretende a **filantropia** pôr, acima das nacionalidades, a idéia da humanidade. O homem deve ser, antes de racional, um ser humano, e sentir-se solidário com todos os homens do mundo.

b) Na época moderna, o termo voltou a ser empregado, e no mesmo sentido encontramos a doutrina da **filantropia**, defendida pelos jesuítas.

c) Atualmente, o termo **humanitarismo** substitui **filantropia**, que, cada vez mais, é empregado no sentido de amor ao próximo, que se manifesta na realização de obras caritativas, de socorro, de auxílio, e na construção de instituições de caridade.

FILAUCIA — (Do gr. *Philautia*, que significa egoísmo, de *philos*, amante, e *autos*, de si mesmo).

Este termo é, contudo, usado na Filosofia em sentido positivo, embora não o seja sempre na literatura, onde aparece como sinônimo de egoísta, de jactancioso, impostor. Seu sentido filosófico é de amor

próprio, mas amor justo. Renouvier o usava, nesse sentido, opondo-lhe *misauçia*, como ódio a si mesmo.

FILHO MAIS VELHO — Vide Irmãos e Irmãs.

FILHO MÉDIO — Vide Irmãos e Irmãs.

FILHO ÚNICO (O) — Muitos casais, que têm um só filho, não devem considerar tal fato uma tragédia. Às vezes, um filho único traz certas vantagens, como pode trazer algumas desvantagens.

Os pais crêem que o filho único se torna exclusiva ao extremo em certos casos, pois lhe falta o contato constante com outras crianças. Esta falta deve ser suprida, convidando outras crianças, ou uma, que vá brincar em casa com o filho. Podem aproveitar umas férias, e levar junto outra criança, para que o filho tenha uma companhia. Desta forma, cria-se um ambiente cordial de companheirismo, que falta à criança que é filho único.

Os primos e outros parentes da mesma idade têm uma grande importância, pois as relações familiares devem ser mantidas para que se formem laços de amizade duradoura.

Cabe aos pais não dedicar uma atenção constante e excessiva ao filho único, de forma a não criar uma criança "problema", como se dizia antigamente. Atualmente se sabe, através de estudos e pesquisas, que os pais, com um filho só, não devem sentir-se preocupados, pois os problemas gerais e de reajuste são parecidos aos das outras crianças.

FILMES PARA CRIANÇAS — Toda criança deseja frequentar o cinema, e o problema consiste em que os filmes, produzidos com intenções comerciais, nem sempre se adaptam ao que é conveniente à criança. Contudo, já há uma linha de filmes culturais, educativos, para crianças, embora a maioria seja inadequada. A escolha dos programas deve ser feita unicamente pelos pais, e os que podem realizar cinema em casa devem escolher filmes de pequena metragem, adequados às crianças. As escolas devem organizar programas especiais para as crianças, convidando-as para assistirem a esses filmes, e também aos pais, a fim de que eles se familiarizem com a escolha melhor.

FILOSOFIA — Do gr. *philos*, amante, e *sophia*, saber. Diz-se que Pitágoras, perguntado sobre o que era, numa época em que muitos se chamavam de *sophoi* (pl. de *sophos*, sábio), respondeu: "Sou um amante do saber (*philosophos*)", um "amateur" (amador) do conhecimento, o que revelava uma humildade sublime. Deste modo, cunhou-se a palavra *philosophia*.

Há um saber comum e um saber especulativo, procurado, buscado.

O primeiro, o vulgar, chamavam os gregos de *doxa*, palavra que significa opinião, e o segundo chamavam de *epistême*, que é o saber especulativo, conforme a divisão proposta por Platão (filósofo grego, 428-348 a. C.). Desta forma, a **Filosofia** não era apenas o saber, nem um amor à sabedoria, mas um saber procurado, buscado, guiado, que tinha um método para ser alcançado, que era **reflexivo**.

A Filosofia, assim perdia em extensão, pois, já não abrangia todo o saber, mas ganhava em conteúdo, pois delimitava-se, contornava-se, precisava-se mais, tornava-se um saber teórico, reflexivo, especulativo, um saber culto. Este saber, culto, quer conhecer o que a realidade é.

A **Filosofia**, como saber racional, saber reflexivo, saber adquirido, é o conceito de Platão e de Aristóteles (filósofo grego, 384-322, a. C.), mas este acrescentou maior volume de conhecimentos, graças às investigações que fez.

No século XVII, afastam-se dela as chamadas ciências particulares, com objetos e métodos próprios, que a pouco e pouco vão adquirindo uma especialização cada vez maior, para constituírem-se em novas disciplinas independentes.

Mas a Filosofia permanece, no entanto, no corpo da Ciência, e forma uma síntese específica desta.

Por exemplo, na Matemática, há uma Filosofia da Matemática, aquela que estuda as idéias de número, de extensão, de tempo e de espaço matemáticos, como há uma Filosofia da Físico-química, que tem por objeto as idéias de força, substância, energia, extensão, extensidade e intensidade.

FIM — a) **Fim** é a meta ou o destino para o qual tende o agente quando move ou atua.

b) É o também o termo final, o limite final, o acabamento, término.

FIMOSE — Vide **Puericultura** — 12.º cap., § 14.

FINANÇAS FAMILIARES — Vide **Economia familiar**.

FISIOGNOMONIA — Ciência que ensina a conhecer o carácter dos homens e suas intenções pelas feições do rosto, pela fisionomia. Essa disciplina está hoje subordinada à **Caracterologia** (vide).

FLEUGMÁTICO — Temperamento que se caracteriza pela passividade e pela indolência afetivas. É uma espécie de **linfático**, mas com certa atividade medida. Vide **Caracteres**.

FOBIA — Temor exagerado, geralmente de fundo patológico, a algum estímulo determinado. É contrário de **mania** ou **filia**, e entra como sufixo na composição de muitas palavras, como **agorafobia**, **mêdo** aos lugares amplos etc. Vide **Mêdo**.

FLUOR — Segundo os recentes estudos, neste setor, os dentes conservam-se muito melhor quanto maior quantidade de flúor contiverem no esmalte.

Alguns especialistas recomendam a aplicação tópica, colocando o flúor diretamente sobre os dentes das crianças.

FOLGAR — Quase todas as crianças passam por períodos em que não querem fazer suas tarefas escolares e se o fazem, é com lentidão extrema. Há crianças que são muito lentas por temperamento. Os pais, neste caso, devem aceitar a possibilidade de que um ritmo, que eles consideram lento, possa ser normal para o filho. É normal que uma criança, com cinco ou seis anos, se vista com lentidão. De qualquer maneira, não se deve impor uma rapidez extrema, pois a criança, nesta idade, tem uma tarefa realmente difícil ante si, que é o de vestir-se e tomar banho. É preferível que ela o faça descansadamente, mas a leve a termo. Muitas vezes é falando que uma criança realiza qualquer trabalho. Neste caso, é preferível deixar que o faça desta forma.

FRACASSO ESCOLAR — Muitas vezes a criança não é capaz de fazer bem os seus trabalhos escolares, não alcançando o nível da classe de que faz parte.

Os pais, em geral, têm conhecimento de tais fatos por intermédio do boletim de notas, que lhes é entregue mensalmente. O primeiro passo é ir falar com os professores de forma a descobrir as razões, porque certas matérias oferecem dificuldade, e ver a forma de superar os obstáculos. Caso seja preciso, é conveniente tomar um professor particular, de forma que seja levado a cabo este trabalho de recuperação.

Muitas vezes convém um exame médico, para ver se não é portador de uma saúde precária, da visão ou ouvido defeituosos, etc.

Os motivos, que levam a uma criança não estar no nível desejado da classe, são vários. Citaremos alguns deles: a criança, que sente que se exige demasiado dela, com frequência, se abstém até antes de intentar o que lhe pedem; também o exemplo de um irmão ou irmã, que obtenham maiores êxitos, é outro motivo.

Em nenhum dos casos é aconselhável que os pais ajudem os filhos diretamente a fazer os deveres escolares; não obstante, é muito conveniente que discutam e comentem com eles sobre a matéria estudada. Manter sempre uma atitude de respeito e simpatia produz melhores frutos.

FRATERNIDADE — a) Diz-se da cooperação amiga entre pessoas pertencentes à mesma coletividade, associações ou não. As comunidades, que se devotavam à prática de atos de apoio-mútuo, chamavam-se **fraternidades** ou também **fraterias**. Muitas delas eram organizadas secretamente.

b) Dá-se, ademais, o nome de **fraternidade** ao sentimento que une amigavelmente pessoas entre si para a prática de atos de apoio-mútuo.

FRATERNAL — Derivado da palavra latina **frater**, usa-se comumente para significar irmão ou irmã.

FRATURAS — Vide **Puericultura** — 10.º cap., § 13.

FRENOLOGIA — Doutrina pela qual se afirma que as funções psíquicas estão localizadas no cérebro, e o grau

de desenvolvimento das mesmas se manifesta por proeminências da região indicada.

É o nome que se dá à teoria de Gall (1758-1812) e de Spurzheim.

FRUSTRAÇÃO — Vide **Êxito**. A frustração, que interessa à Ética estudar, é a que depende da vontade humana, com autonomia, portanto. As provas em favor da liberdade humana fundam-se nessa frustração. O ato elícito é o que procede imediatamente da vontade, e nela se realiza. A liberdade do ato humano caracteriza-se pelo poder agir ou não-agir. O ato só é livre se pode não ser feito por disposição, por determinação da vontade.

Pedagógicamente, a **frustração** é normal na vida da criança e por mais que se esforcem os pais e mestres, são inevitáveis os casos, e até normais. A **frustração** é fonte de uma resposta ativa, pois o homem, por ser frustrado, busca vencer os obstáculos que se lhe opõem. A criança procura saber para vencer a frustração, procura dominar também para vencê-la. Ela tem um papel imperativo, e muitas vezes a criança deve ser desafiada para que se esforce em vencer a dificuldade, pois só assim estimulará a sua capacidade de agir, o que cria óbices ao seu desenvolvimento psíquico. O que se deve evitar é a colocação de óbices superiores às forças da criança, pois, então, a frustração se tornará um fator de desequilíbrio emocional, por levá-la ao malôgro. O papel dos pais e mestres neste ponto consiste em colocar a criança em situação que ela possa, dentro de suas forças, vencê-la, pois não só estimulará a **auto-confiança**, como teremos preparado uma disposição estimulante, capaz de vencer os obstáculos inevitáveis, que todos nós teremos de enfrentar em nossa vida. Vide **Agressividade** e **Auto-confiança**.

FUMAR — Para muitos pais, o costume de fumar está em primeiro lugar ligado à idade e à saúde do filho. Muitos médicos consideram que fumar é daninho, principalmente para os jovens. Em qualquer caso, é preferível uma conversa amigável, e explicar ao jovem as vantagens e desvantagens de tal hábito.

FUNCIONAR PSÍQUICO — Vide **Introdução**.

FURTO — O conceito de **propriedade** é algo que surge na humanidade adulta e não na infantil das primeiras idades, e a sua conceituação é social e adquirida posteriormente. O sentimento da apropriação, porém, é inato, porque todo o ser necessita apropriar-se de bens para satisfazer suas necessidades naturais. Mas a criança julga natural apropriar-se do que pertence a outros. A formação do conceito de propriedade é uma grande constelação de esquemas, que começam a formar-se pelos esquemas de proibição. A princípio, ensina-se a criança a não tocar nisto ou naquilo, a não aproximar-se daqui ou dali, dizendo-lhe os perigos que oferecem, atemorizando-a até. A constelação esquemática da proibição é fundamental da esquemática da propriedade. Quando a criança “perde” um brinquedo (e os pais podem escondê-lo para ajudá-la a compreender certas relações), ela terá um início da formação do que é “meu”. “Onde está o seu brinquedo tal? Onde está o ursinho do nenê?” Quando a criança se apropria de um brinquedo de outro, é um erro julgar que comete uma ação má, porque nada sabe ela ainda do que é propriedade. Em vez de castigá-la, ou admoestá-la severamente, o que é muito prejudicial, porque não entende ela a extensão e significado do seu ato, o que se deve fazer é ensinar-lhe que isso é dela e aquilo é de outra. Dos quatro e meio anos em diante é que a esquemática infantil está apta a compreender, em seus aspectos mais gerais, a propriedade. Contudo, não é de admirar que a criança até de mais idade se apodere de um lápis, de um brinquedo de outra no colégio, e o traga para casa. Esses pequenos furtos necessitam ser examinados com cuidado, e é quando os pais devem intervir habilmente para evitá-los. Castigos exagerados não têm mostrado serem os mais eficientes, porque a criança não tem ainda uma noção muito clara do que é bom e do que é mau. Nunca, ante um caso desses, chamar o filho de ladrão, de gatuno, nem tampouco castigá-lo violentamente, porque, então, o colocará no índice dos “maus”, o que se deve evitar. É mister mostrar à criança que o ato que realizou é mau, e que pode perfeitamente saná-lo, devolvendo o que é de outro. O próprio pai poderá levar a criança a devolvê-lo a quem pertence, e o fará habilmente, sem humilhar a criança. O problema surge quando tais atos são repetidos. E em tal caso,

revelam algum defeito de adaptação. A criança deseja possuir as coisas, porque sente que aumenta o seu poder, sobretudo coisas que são para ela valiosas, por suas côres, por sua utilidade, como também pode surgir por sentir-se desmerecida ante os irmãos ou irmãs, que são favoritos dos pais. Quando tais furtos são habituais, estamos em face de um problema que deve ser examinado com cuidado, pois a sua gravidade pode estar a exigir a presença de um conselheiro, um mestre capacitado ou até de um psicólogo experiente. Note-se que muitas crianças gostam de praticar pequenos furtos, como em feiras, em fruteiras, mais pelo desejo da aventura, pelo risco que oferece, os quais podem, depois, atuar perigosamente, e ser o caminho da delinquência juvenil. Tais crianças devem ser encaminhadas para clubes juvenis, para sociedades excursionistas, aconselhadas a fazerem coleções de objetos; enfim, despertar-lhes um interesse por atividades mais sãs. Mas, o fundamental e importante, é o exemplo dos pais, as palavras justas sobre o mal que é o furto e, sobretudo, da parte da sociedade, em seus periódicos e meios de divulgação, uma constante propaganda contra tais atos, muitas vezes, ao contrário, exaltados, como vimos em nosso país, nessa fase de corrupção vitoriosa, de desonestidade desenfreada, que homens, que ocuparam altos postos de mando, foram os primeiros a exemplificar, abalando a educação e a boa vontade de mestres e pais.

FURÚNCULOS — Vide *Puericultura* — 12.º cap., § 8.

G

GAGUEIRA — É um defeito de linguagem que geralmente surge num determinado período da formação daquela, na criança, e que aponta a algum transcurso da personalidade. Há casos de deficiência constitutiva do aparelho vocal e todos eles devem ser tratados por especialistas na matéria. São, portanto, clínicos.

GÂNGLIOS — As pequenas massas de tecido linfático (nódulos linfáticos) podem inflamar-se, no decorrer de algumas infecções. Uma infecção localizada no braço, ou no peito, pode motivar o inchaço dos nódulos linfáticos das axilas. Se a criança apresenta inflamação ao longo do pescoço, ou debaixo das orelhas, ainda que as causas possam ser devidas a um simples catarro, das amígdalas ou papeiras, os pais devem levá-la a um médico para que tenham o diagnóstico seguro e o tratamento mais aconselhável.

GARGANTA IRRITADA (Faringite) — Nas crianças é muito comum a irritação na garganta e em geral passa com algum descanso e um comprimido. Nos jovens, pode ser indício de uma infecção ou sintoma de alguma doença. Se tiver febre alta e uma irritação muito forte, deve ser consultado o médico.

A prevenção de possíveis resfriados é de grande ajuda para evitar as irritações da garganta. As afecções frequentes e crônicas da garganta fazem suspeitar que as amígdalas são focos de infecção e, em geral, o médico recomenda a sua extirpação.

GASTOS DOMÉSTICOS — Vide *Finanças familiares*.

GATINHAR — Entre os oito e dez meses, o bebê costuma "gatinhar". Alguns o fazem por muito pouco

tempo, pois logo começam a andar, enquanto outros levam muito tempo neste exercício. Para tal é preciso que tenha espaço e os movimentos livres.

Esta é uma fase de "descobertas", e nela a criança descobre as coisas mais corriqueiras do lar, desenvolvendo, ao mesmo tempo, os seus músculos, que começam a ser empregados.

Deve-se, entretanto, prevenir os possíveis acidentes, como, por ex.: não deixar pequenos objetos serem tragados pelo bebê; tomadas elétricas, que devem ser cobertas com um esparadrapo; lâmpadas (abat-jours), que podem ser derrubados; móveis muito leves; cadeiras ou banquinhos, etc.

A roupa mais aconselhável é umas calcinhas bem largas e amplas, a fim de protegerem os joelhos do bebê, e deixar que se suje à vontade. Na hora do banho, será trocado e, não se deve deixar que retorne ao chão.

GÊMEOS — Existem três tipos de gêmeos: os **idênticos**, os **não-idênticos** e os de **sexos contrário**. Os idênticos provêm de um óvulo, o qual, no começo, fica dividido em duas partes iguais; os gêmeos não-idênticos são o resultado da fecundação quase simultânea de dois óvulos.

A possibilidade de um casal ter gêmeos é muito pequena. Parece que a possibilidade de os ter, é, em parte, devido à hereditariedade, e é mais frequente em algumas famílias ou raças, que em outras. Segundo as estatísticas, aproximadamente uma mãe, em cada noventa e sete, tem gêmeos. A idade em que é maior a probabilidade é dos trinta aos trinta e oito anos, na mulher.

Os cuidados, requeridos por gêmeos são maiores que os dos bebês nascidos em partos normais. Em geral um dos gêmeos tem de permanecer numa incubadora nos primeiros dias. Somente em raros casos pode a mãe amamentá-los.

É de grande importância que os gêmeos recebam atenções individuais. Os pais têm tendência a esquecer que se trata de duas pessoas, com sua individualidade, e cada um tem suas próprias necessidades. Assim é importante dar-lhes oportunidade e meios

para que desenvolvam a sua personalidade. É importante lembrar que não devem vesti-los igualmente e, sim, com roupas diferentes.

Numa família, onde além de gêmeos, há outros filhos, convém dar a atenção a todos, de modo a não se formarem ressentimentos e ciúmes.

GENEROSIDADE — A generosidade não consiste apenas em dar presentes aos outros e em repartir o que se tem. É também uma qualidade do espírito. A magnanimidade, a benevolência, a tolerância, a compaixão, a boa vontade para esquecer, todas estas virtudes estão analogadas com a generosidade.

É frequente considerar a generosidade como prodigalidade de presentes. Vide **Cardeais (virtudes)**.

GENES — (Do gr. *genes*, engendrado por...). Sufixo que entra na composição de muitas palavras para indicar:

a) engendrado por, o ter por origem, daí: **endógeno** (de origem interna); **alógeno** (de origem estranha); **autógeno** (produzido por si mesmo).

b) Segundo a natureza igual ou diversa: **homogêneo**, de natureza igual; **heterogêneo**, de natureza diferente.

c) Como o que engendra, exs.: **patogênico** (que produz a doença), **cancerógeno**, (que produz o câncer).

GENÉTICA — a) Como substantivo, o que estuda, e como adjetivo, o que se refere à origem e ao desenvolvimento de alguma coisa. Assim, a **antropogenética** estuda a origem e o desenvolvimento biológico e cultural do homem.

b) Nome que se dá à teoria da produção e da transformação dos seres vivos, tomados enquanto espécies.

c) Também é o estudo da hereditariedade pelo cruzamento de variedades bem definidas.

GÊNIO — a) Entre os gregos, o termo era usado para indicar o **daimon**, como a voz interior de que falava Sócrates.

b) Extraído do platonismo, foi, na época moderna, o nome dado àquele que revela dotes extraordinários de criação estética, ou a capacidade de realizações superiores no pensamento, bem como em todas as manifestações superiores da inteligência humana. Para Kant, o gênio cria as suas próprias regras.

Há, assim, gênios na Música, na Pintura, na Poesia, na Filosofia, na Religião, na Ciência, nas Artes militares, etc.

GERAÇÃO — A geração é a mutação do não-ser ao ser; é uma transmutação para a substância. É, portanto, a meta a ser atingida, e que termina na forma. Dá-se, não no tempo, mais *in instante*, como a corrupção. O sujeito da geração não é o que é gerado, mas a matéria do que é gerado. Em toda geração há, portanto, uma matéria que sofre a geração. Com a geração, algo é feito. Na geração, há, necessariamente, o que é gerado, e, conseqüentemente, um generante. A geração, quando substancial, não se dá no tempo; é instantânea. A geração implica a corrupção, pois o gerar de uma coisa é o corromper-se de outra. Na geração, há a passagem do não-ser para o ser; na corrupção, do ser para o não-ser. Quando alguma coisa é gerada, adquire um ser, mas o sujeito, que é gerado, tinha antes uma forma que deixou de ter; portanto, sofreu a passagem de um ser para um não-ser o que era, para ser outro, que antes não era. Geração e corrupção são opostos. (Vide *Mutação*).

GÉRMENS — As crianças gozam de certa resistência natural contra os micróbios, resistência esta que aumenta à medida que elas crescem. Os pais, que se preocupam com exagero sobre os germens, estão criando um ambiente de certa forma artificial, pois privar o bebê de levar qualquer objeto à boca é privar-lhe de uma forma de conhecimento. Naturalmente que são imprescindíveis os cuidados básicos de higiene, como, por ex.: lavar bem e constantemente os brinquedos ou objetos que a criança leva à boca; não deixar que à sua volta pululem insetos; impedir que ingira alimentos soltos no chão ou sobre qualquer superfície; etc.

Quando as crianças começam a ir à escola demonstram uma preocupação quanto a esses invisíveis germens. Cabe aos pais mostrar-lhes que eles existem

em qualquer lugar, e que é aconselhável manterem-se certas normas de higiene. Assim, quando se encontrarem em contacto com uma pessoa resfriada, convém não permanecerem muito perto dela.

GESTAÇÃO — (sintomas de perigo e outros sintomas) — Os sintomas abaixo mencionados devem ser levados prontamente ao conhecimento do obstetra. São eles: calafrios e febre; perda de sangue vaginal; entumescimento do rosto, dos olhos; fortes dores de cabeça ou abdominais; dor ou sensação de queimadura ao urinar; ruptura das membranas; ausência de movimentos do feto por mais de 24 horas.

Há, ainda, pequenos sintomas, que não têm grande importância, mas incomodam muito a grande maioria das gestantes. São eles:

1) **náuseas e vômitos**: seguem-se, em geral, logo após a falta da primeira menstruação. Com o passar dos dias, podem aumentar de intensidade, ou, em outros casos, desaparecer completamente. Nos casos em que o enjôo se torna muito forte, deve ser levado ao conhecimento do médico.

2) **Azia**: sensação de queimadura ardente no abdômen superior e abaixo do tórax. É acompanhada de vômitos ácidos e amargos. O tratamento mais indicado é uma colher de leite de magnésia ou uma pastilha, depois de cada refeição.

3) **Salivação excessiva**: comum nos primeiros meses, aumentando de intensidade nos últimos meses.

4) **Prisão de ventre**: muito comum durante a gestação. A falta de evacuação, durante um ou dois dias, não é prejudicial à gestante. Os médicos aconselham o uso diário de frutas, principalmente secas, como ameixas, figos e passas; exercícios moderados, mas diários.

5) **Distensão do estômago e dos intestinos**: dá-se devido aos gases provocando uma sensação de inchaço. Aconselha-se o uso de leite de magnésia, ao mesmo tempo que deve ser eliminado da alimentação alimentos que produzem gases (feijão, repolho, frituras e doces).

6) **Varizes**: podem desaparecer ou aumentar. As causas são várias, ou devido a efeitos fisiológicos normais ou a hereditários.

7) **Hemorragia nasal:** dá-se devido à secura da membrana da cavidade nasal, acometida de sangue temporariamente.

8) **Inchaço dos tornozelos e pernas:** procure-se usar sapatos um pouco maiores que os usuais, e imergir os pés em água fria, 2 vezes ao dia.

9) **Tonturas e desmaios:** caso se dêem frequentemente convém procurar o médico. Se forem esporádicos, descanse-se um pouco e aspire-se um vidro de sais ou amoníaco.

10) **Dor nas costas:** aumenta de intensidade no último trimestre. A cinta alivia, em muitos casos. Às vezes é aconselhável uma ligeira fricção com algum unguento e uma massagem.

11) **Insônia:** comum nos últimos meses, devido ao feto não estar numa posição confortável.

12) **Corrimento vaginal:** apresenta-se com cor amarelada. Dá-se devido à intensa atividade das glândulas cervicais. Caso se torne muito grosso e abundante, convém consultar o médico.

13) **Falta de ar:** devido ao diafragma que sobe pela pressão elevada no interior do ventre e também ao aumento do peso.

14) **Em caso de queda,** só há perigo se realmente a gestante se machucou. Se aparece uma hemorragia vaginal, e não há movimentos fetais, o médico deve ser procurado imediatamente.

GESTANTE (cuidados a serem mantidos) — O exercício mais aconselhável a uma gestante, aceito por unanimidade, é de uma caminhada diária e, se fôr possível, ao ar livre. Sabe-se que o oxigênio é muito importante para a limpeza do sangue.

Os exercícios muito fortes, e que obrigam usar força, não são aconselháveis. Muitos médicos aconselham a prática da natação, equitação e tênis, porém, não ao extremo.

As viagens: não são desaconselhadas, desde que o meio de transporte seja confortável. Caso já se tenha dado um aborto, devem ser eliminadas as viagens durante os três primeiros meses.

Guiar automóvel: não é prejudicial. No último trimestre não deve a gestante andar só, pois podem aparecer sintomas inesperados e terá necessidade de auxílio.

O repouso: é importante, e deve ser mantido durante os primeiros três meses, principalmente quando, então, é comum uma sonolência acompanhar a mulher durante grande parte do dia. Nos últimos meses, dar-se-á justamente o contrário, a insônia será companheira da gestante. É aconselhável um repouso diário de 30 minutos, principalmente após as refeições.

Os cuidados higiênicos a serem mantidos:

— **atenção com os seios:** devem sempre ser lavados e, principalmente, os mamilos. No último mês, procure segurar os mamilos entre os dedos, por um ou dois minutos para torná-los mais adaptados à sucção. Use "soutiens" em número maior, de forma a não machucar os seios ou apertá-los;

— **a cinta:** se fôr indicada pelo médico, deve ser usada;

— **o banho:** de chuveiro pode ser tomado até o último dia. Muitos médicos não aconselham o de imersão, outros, não têm nada a objetar. Só é proibido, quando se der o rompimento das membranas. As duchas fortes são proibidas;

— **a união sexual:** pode ser mantida durante os primeiros meses, só devendo ser abolida nas últimas quatro semanas. Alguns médicos aconselham que sejam interrompidas no 7.º mês;

— não é preciso o uso de preventivos nas relações;

— **os dentes:** sofrem muito com a gravidez.

Convém uma visita ao dentista e um tratamento cuidadoso, que irá ajudar a salvar muitos dentes que frequentemente se perdem;

— **as gengivas:** em algumas gestantes elas tendem a inchar; os tecidos tornam-se esponjosos, e sangram quando os dentes são escovados. É aconselhável que se friccione o polegar na gengiva, realizando, assim, uma ligeira massagem, que tornará a gengiva mais resistente, e fará o sangue fluir novamente;

— os cigarros e bebidas alcoólicas: devem ser usados com moderação. Caso a gestante sofra de pressão alta deve eliminar o uso do álcool;

— não erguer ou arrastar pesos, pois este esforço pode provocar um aborto;

— não subir escadas com rapidez;

— a **modificação glandular**, que se verifica neste período irá agir no aspecto físico da gestante. A pele torna-se mais oleosa; a transpiração excessiva; o cabelo mais seco ou mais oleoso. São precisos cuidados especiais, mantendo-se uma limpeza diária da pele com o uso de cremes apropriados para a sua perfeita lubrificação.

É aconselhável a aplicação de cremes ou óleos nas regiões mais propensas a se formarem estrias, como as coxas, o abdômem e os seios.

— A **maquilagem** deve ser discreta e o guarda roupa deve ser o mais funcional possível. Compre roupas apropriadas, e nunca as use apertadas ou incômodas.

— A **dieta**, quando for necessária, deve ser indicada pelo médico.

— O uso de sal deve ser feito com parcimônia. O sal provoca a retenção da água, causando, assim, o aumento do peso. Também é comum o inchaço nos pés, nos últimos meses. Nestes casos, o sal deve ser abolido totalmente.

— A gestante deve comer menos e mais seguido. Deve fazer refeições com quantidade pequena de alimento, mas com pouco período entre uma e outra. É necessário que realize as suas refeições com calma, procurando repousar após a sua finalização.

— Além dos cuidados corporais e fisiológicos, é importante que a gestante mantenha uma atitude psicológica sã. Não deve formar idéias "a priori"; isto é, desejar que o seu futuro bebê seja, por exemplo, do "sexo masculino". Esta atitude pode formar uma "fixação", que irá mais tarde prejudicar o bom desenvolvimento da criança.

Convém evitar, também, a tendência, aliás muito comum, nos pais, de quererem formar um modelo predeterminado e, depois, querer adequar nele a

criança. Convém lembrar que ela tem as suas características próprias, que precisam ser respeitadas.

Estas regras de **Higiene mental** devem ser observadas:

— Viver com simplicidade;

— Ser moderada em todas as coisas;

— Adquirir o domínio de si mesma; isto é, disciplinar-se, procurando evitar a dispersão, ao mesmo tempo que equilibra o emprego do tempo que dispõe nas suas atividades diárias;

— Afastar os sentimentos negativos, tais como a inquietação, o pessimismo, a inveja, o ódio, etc.

GINECÓLOGOS — Vide Especialistas.

GÍRIA — Muitos pais se preocupam que os filhos usem a gíria na sua linguagem, ou, então, palavras que pertencem ao seu grupo, e que aqueles desconhecem. Mas tudo isso é de certo modo inevitável. Contudo, o pai não pode permanecer indiferente totalmente. Se desaprovar totalmente certas palavras, que pertencem ao grupo, e proibir de usá-las, estará tentando desviar o filho dos seus companheiros, o que não obtém bom êxito. O que se deve fazer é corrigi-los, e não admoestá-los por usar tais termos, mostrando-lhes a conveniência de usar as palavras normais. O principal é não mostrar que estão escandalizados, mas apenas cooperar para corrigi-los. Aos poucos deixarão de usar tais termos. Numa época, como a nossa, em que se instaurou em nosso país uma especulação na baixa dos valores, em que se dê relêvo ao que não vale nada, em que heróis equívocos e indignos são apresentados como espécimes superiores, não é de admirar que jovens se impressionem com mediocridades, que exaltem tipos deficitários, que se elevam em pedestais, delinquentes ou loucos. Mas tudo isso é passível de ser combatido e modificado, dependendo do apoio de pais e mestres.

Se o jovem persiste em falar com pouca educação, certamente que tem algum conflito com os pais. Neste caso, nada adianta irritar-se com ele, mas ajudar que saia da situação em que está, desfazendo os motivos que geram tal situação. Nunca o pai deve conceber, caindo também no uso da gíria. Os filhos querem ver em seus pais modelos, e não meros

companheiros. Querem apenas que os pais os compreendam, mas não se tornem jovens como eles. Ao receber os amigos do filho, os pais devem tratá-los com segurança e respeito, e não maltratá-los, cooperando para ajudá-los também. Há, contudo, palavras de gíria que se tornam usuais, por serem bem construídas e por apresentarem inovações inteligentes. O que nunca os pais devem fazer é usar a gíria em casa, pois, com o seu exemplo, muito auxiliarão os filhos a modificarem-se.

GLÂNDULAS SEBÁCEAS — Vide Acne.

GLOBULINA GAMA — As globulinas são compostos químicos que se encontram no sangue. Um grande número delas foi separado do soro sanguíneo humano, graças a processos científicos e foram classificados na ordem do alfabeto grego: alfa, beta, gama, etc. Parece ser um importante fator na neutralização de substâncias estranhas no sangue a globulina gama, e que a sua administração pode efetivamente modificar, e até prevenir, o progresso do vírus do sarampo na corrente sanguínea.

Atualmente se estuda a sua aplicação para proteger contra infecções, e até como meio de imunização.

GLÓBULOS VERMEIHOS — Vide Anemia e Grupos sanguíneos.

GRAMÁTICA — a) Primitivamente, era a disciplina que estudava as regras gerais para a boa linguagem.

b) Modernamente, estuda as regras gerais, que as necessidades lógicas têm imposto aos indivíduos no emprêgo da linguagem.

A gramática geral estuda as regras gerais da linguagem, relativas a todas as línguas. A gramática comparada realiza o confronto das relações de semelhança e de diferença entre as diversas línguas. A gramática histórica estuda a história da formação das regras gramaticais.

GRAVIDEZ (Crenças) — Certas crenças, aliás muito difundidas, explicam que algumas manifestações anormais, tanto mentais como físicas, que irão se dar mais tarde na criança, são devidas a um choque, ou ao medo experimentado pela mãe durante o período de gestação. Entretanto, ainda não foi provado que

sensações muito fortes, experimentadas pela gestante, possam ser consideradas como motivos reais de anomalias do feto. Pode-se aceitar, entretanto, que um choque emocional muito forte repercuta na circulação sanguínea materna, ou no seu funcionamento glandular, chegando a exercer um efeito indireto no ser que está sendo gestado. Mas, uma relação direta entre mãe e filho não pode ser estabelecida com precisão. Casos, como o da mãe que durante o período gestativo tenha sentido vontade de comer uma fruta, e que não teve seu desejo satisfeito, aparecendo no filho a marca da fruta desejada, não são absolutamente aceitos pela ciência.

Pode-se afirmar com certeza que uma criança, gestada dentro de um corpo sã, portador de uma mente sã, naturalmente terá um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. Por isso toda mãe consciente de sua responsabilidade deve conhecer e obedecer aos preceitos de higiene, necessários para que se processe uma gestação normal.

A mãe deve, portanto, levar uma vida sã e cuidar tanto da sua alimentação como da sua higiene, além de manter o repouso prescrito e necessário.

GRAVIDEZ (aumento de peso) — O aumento de peso é devido a diversos fatores. **Primeiro:** os tecidos fetais, o bebê, a placenta e o líquido amniótico. **Segundo:** o crescimento fisiológico dos órgãos específicos, particularmente o útero, os seios e a circulação sanguínea, e, finalmente, a retenção de água nos tecidos e acumulação de uma quantidade excessiva de gordura.

O aumento, no período gestativo, varia de nove a doze quilos. Há mulheres que aumentam mais, mas é desaconselhável.

O aumento irá se distribuir desta forma:

Tecidos fetais e o bebê		3.400 grs.
Placenta		450 grs.
Líquido amniótico		900 grs.
Crescimento do útero		900 grs.
Os seios		700 grs.
		6.390 grs.

O restante de peso é água e gordura acumulados.

A média de aumento de peso, durante a gravidez, é de 1/2 quilo por mês, durante os três primeiros meses, 1.700 grs. durante o 4.º, 5.º e 6.º meses e 1.500 grs. nos últimos três meses.

GRAVIDEZ HIPERMATURAS E PREMATURAS — Os casos de gravidez que se prolongam além do tempo previsto são comuns. Não se sabe quais as razões para isto. Há bebês normais, que chegaram a nascer de 336 dias, o que é um verdadeiro recorde. Em geral, qualquer gravidez, que se prolongue por mais de 14 dias da data prevista para o nascimento, é chamada de hipermaturidade, e o bebê é **post-maturo** ou **hipermaturo**.

Da mesma forma, um bebê, que venha muito antes da data prevista, também merece cuidados especiais. Chama-se de **prematuro** qualquer recém-nascido que pese menos de dois quilos e meio ao nascer, independente do período de gravidez da mãe.

GRAVIDEZ (sintomas) — Vários sintomas anunciam a gravidez. Entre os mais importantes e mais fáceis de serem observados pela própria gestante encontram-se:

1) **ausência de menstruação**: a falta de uma regra mensal, após ter-se dado sua união sexual, traz consigo a suspeita de gravidez. Essa falta pode ser devida a diversas causas, como: choque emocional muito forte; fatores psicológicos; devido a um forte regime alimentício, etc.

Entretanto, além da falta da menstruação, se processará, devido ao aumento do volume do útero, um trabalho incessante da bexiga, que irá descarregar-se com mais frequência que a habitual.

2) **Alterações exteriores no corpo** como: olheiras, rosto inchado, abdômem caído, etc.

3) **Alterações psicológicas**, como: repentina mudança de temperamento; nervosismos inexplicáveis, etc.

4) **Maior secreção das glândulas salivares e maior sensibilidade do olfato e do ouvido**.

5) **Atividade alterada do funcionamento do estômago**: aparecimento de náuseas e vômitos, especialmente pela manhã.

6) **Alteração do tamanho dos seios**: aumentarão, durante os primeiros meses, dando uma sensação de inchaço. É comum latejarem, e os mamilos se tornarem mais sensíveis. Esta sensação irá diminuir após o terceiro mês.

7) **Ligeiras dores pelo corpo**.

8) **A pele sofrerá** modificações, pois aparecerão pequenas manchas à volta do nariz, pela testa e faces.

9) Depois da 20.ª semana aparecem, muito imperceptivelmente, no início, os primeiros movimentos do feto.

Qualquer destes sintomas pode ser considerado como prova de gravidez. O diagnóstico **positivo** é feito somente pelo exame médico ou uma prova de laboratório, (com a urina da paciente).

GRIPE OU "INFLUENZA" — Tanto a gripe como um simples resfriado são enfermidades altamente contagiosas e causadas por vírus, sendo, geralmente, acompanhadas pelos mesmos sintomas, como: calafrios, suores, distilação pelo nariz e dores de cabeça, nas costas, braços e pernas.

Antigamente, uma gripe era muitas vezes acompanhada de uma pneumonia. Hoje ela é prevenida com o uso de antibióticos, e sua gravidade é bem reduzida. Caso o paciente apresente febre por mais de dois dias, é aconselhável consultar-se o médico, pois pode ocorrer uma complicação.

Até nossos dias não se descobriu uma vacina que imunize por longo período contra a gripe. Durante um período epidêmico é aconselhável manter-se certas normas, como: dieta equilibrada, sono e repouso suficientes, vestir-se adequadamente, etc. Quanto às crianças, é conveniente mantê-las em casa, separando-as das aglomerações e de pessoas, que estão com a enfermidade.

A fase infecciosa e contagiosa da gripe segue um curso rápido; mas a criança deve permanecer de cama por vários dias, mesmo depois de ter passado a febre. É importante evitar que a criança se fatigue, a fim de que não se produza o estado de cansaço, tanto físico como anímico, que é provocado por esta en-

fermidade. Vide **Gripe em Puericultura** — 11.º cap., § 11.

GRUPOS MINORITÁRIOS — É comum existirem, em quase todos os países, pequenos grupos minoritários, de diferentes crenças raciais, nacionais ou religiosas, cujos membros estão, de certa forma, sujeitos a desvantagens econômicas e sociais.

Há países em que a segregação racial toma um carácter político, e acarreta um série de problemas, tanto sociais como emocionais.

A criança deve estar a par de que existe tal fato, e que certas pessoas, devido à cor da pele ou credo religioso, não são tratadas da mesma forma, que as outras. Mas, ao mesmo tempo em que a criança toma conhecimento de tal, é preciso ensinar-lhe que não deve tratar uma pessoa de forma diferente, devido a preconceitos de cor ou de religião.

GRUPOS SOCIAIS — Grupo social diz-se da conjunção de indivíduos humanos ligados, de qualquer modo, por um **térmo comum**, como a relação de mãe-filho, cujo **térmo comum** é a **maternidade**, a da família, cujo **térmo comum** é o bem da totalidade; a dos proletários, cujo **térmo comum** é o **salário**; uma fila de ônibus, cujo **térmo comum** é o uso do mesmo, etc. etc.

O **térmo comum** é um **térmo médio**, e indica a participação de vários indivíduos a um **interesse** (vide) ou a um **fim comum**.

Os grupos sociais são mais ou menos coerentes, segundo a intensidade de valor do **térmo comum**: **fidelidade**, **coacção**.

Quanto à coerência, podem os grupos sociais ser classificados em:

- a) grupos consistentes;
- b) grupos não consistentes ou efêmeros.

Estes grupos efêmeros são verdadeiras nebulosas sociais, desprezados muitas vezes pelos sociólogos.

Há os que se formam à base de simpatizantes; outros têm o seu núcleo em torno da propaganda

dirigida. Os seus contornos são pouco definidos. Eles surgem na vida social e se caracterizam por girar em torno de algumas pessoas (à base de simpatia, por exemplo).

Nos grupos formados em torno da propaganda dirigida, temos os constituídos pela **opinião pública**, grupos apaixonados às vezes, mas que facilmente se desfazem.

Nos grupos consistentes, pode-se observar uma série de condições, que revelam sua maior ou menor coerência, nas polémicas e discussões ardentes que se travam, sem romper sua estrutura, como se vê numa família, ou entre amigos.

São, inegavelmente, as relações complementares positivas que fundamentam tais grupos, o que é importante.

GRUPOS PARA JOGOS — As crianças, especialmente as do grupo escolar, não costumam ter companheiros para brincar nas horas do dia, que ficam livres da vida escolar.

É preciso dar-se às crianças, nas horas livres, um local para que brinquem. Se vão para fora de casa, é conveniente preparar um quarto na mesma, ou um pátio, no qual dispunham dos brinquedos mais necessários. Muitas vezes se formam grupos de crianças da mesma idade, e passam, assim, as horas que ficam livres dos deveres escolares.

GRUPOS SANGÜÍNEOS — Todos os indivíduos humanos, independentemente de raça, pertencem a um dos quatro grupos sangüíneos, com os quais cada um deles pode ser misturado para a transfusão e que são:

Grupo	Pode receber	Dar
A	A ou O	A ou AB
B	B ou O	B ou AB
AB	A, B, AB ou O	AB somente
O	somente O	todos

A transfusão de plasmas sangüíneos é tão efetiva como a transfusão de sangue completa. O plasma é a porção líquida, que fica no sangue, quando os cor-

púsculos são removidos. Pode usar-se independentemente do tipo de sangue.

GUIAR OS PAIS — Em nosso país ainda não se formou um serviço de consulta para guiar e aconselhar os os pais em distintas vicissitudes do crescimento dos filhos. Em determinados países, há serviços de informação municipal, escolas, centros religiosos, e pessoas treinadas, chamadas de “conselheiros”, que estão aptas a informar e aconselhar em situações críticas.